
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO HUMANO E
TECNOLOGIAS
LINHA: TECNOLOGIA, CORPO E CULTURA**

**FACEBOOK, IGUALDADE DE GÊNERO E EMPODERAMENTO
FEMININO NO CORFEBOL**

RENATA LAUDARES SILVA



**Rio Claro – SP
2021**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO HUMANO E
TECNOLOGIAS
LINHA: TECNOLOGIA, CORPO E CULTURA**

**FACEBOOK, IGUALDADE DE GÊNERO E EMPODERAMENTO
FEMININO NO CORFEBOL**

RENATA LAUDARES SILVA

Tese apresentada ao Instituto de Biociências do Câmpus de Rio Claro, Universidade Estadual Paulista, como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutora em Desenvolvimento Humano e Tecnologias.

**Rio Claro – SP
2021**

RENATA LAUDARES SILVA

**FACEBOOK, IGUALDADE DE GÊNERO E EMPODERAMENTO
FEMININO NO CORFEBOL**

Tese apresentada ao Instituto de
Biociências do Câmpus de Rio Claro,
Universidade Estadual Paulista,
como parte dos requisitos para
obtenção do título de Doutora em
Desenvolvimento Humano e
Tecnologias

Orientador: Prof. Dr. Afonso Antônio Machado
Coorientadora: Profa. Dra. Giselle Helena Tavares

Rio Claro – SP
2021

S586f

Silva, Renata Laudaes

Facebook, Igualdade de Gênero e Empoderamento Feminino no Corfebol / Renata Laudaes Silva. -- Rio Claro, 2021

168 f. : il., fotos

Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Instituto de Biociências, Rio Claro

Orientadora: Afonso Antônio Machado

Coorientadora: Giselle Helena Tavares

1. Facebook. 2. Igualdade de Gênero. 3. Empoderamento Feminino.
4. Corfebol. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca do Instituto de Biociências, Rio Claro. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

CERTIFICADO DE APROVAÇÃO

TÍTULO DA TESE: Facebook, igualdade de gênero e empoderamento feminino no Corfebol.

AUTORA: RENATA LAUDARES SILVA
ORIENTADOR: AFONSO ANTONIO
MACHADO COORIENTADORA: GISELLE
HELENA TAVARES

Aprovada como parte das exigências para obtenção do Título de Doutora em DESENVOLVIMENTO HUMANO E TECNOLOGIAS, área: Tecnologias nas Dinâmicas Corporais pela Comissão Examinadora:



Prof. Dr. AFONSO ANTONIO MACHADO (Participação Virtual)
Departamento de Educação Física / UNESP - Instituto de Biociências de Rio Claro / SP

Profa. Dra. ISABELA AMBLARD (Participação Virtual)
Departamento de Psicologia e Orientação Educacionais / Universidade Federal de Pernambuco

Profa. Dra. LUCIANA MARINS NOGUEIRA PEIL
(Participação Virtual) Departamento de Jogos /
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Prof. Dr. ERIK GIUSEPPE BARBOSA PEREIRA (Participação Virtual)
Programa de Pós Graduação em Educação Física / Escola de Educação Física e Desportos / UFRJ

Profa. Dra. NARA HELOISA RODRIGUES (Participação Virtual)
Unidade Divinópolis - MG / UEMG - Universidade do Estado de Minas Gerais

Rio Claro, 04 de novembro de 2021

AGRADECIMENTO

Agradeço à Deus por me conceder forças para iniciar e encerrar mais um ciclo em minha vida. Foram muitas provações e sem Ele, não seria possível chegar até aqui. Obrigada Pai.

Agradeço à minha família, meu pai (*in memoriam*), minha mãe, meus irmãos. A cada novo desafio, sei que torciam por mim. Meu muito obrigada! A minha cãopanheira fiel e escudeira, Frederica. Amor incondicional que me ajudou a superar grandes momentos de provação. Te amo para sempre.

Agradeço aos meus amigos, presentes de Deus em minha vida. Meu retorno à Rio Claro me fez perceber a importância e o significado da amizade sincera. Momentos incríveis que passamos juntos que ficarão guardados para sempre dentro do meu coração. Pessoas maravilhosas que me ajudaram neste processo de reconstrução enquanto mulher, me fazendo sentir segura e confiante para seguir meu destino. Minha gratidão particular a cada um(a). Com certeza, tornaram meu caminho mais leve e colorido. Vocês estarão sempre comigo.

Agradeço à Luciana Bortoleto, instrutora oficial da IKF (International Korfball Federation) e membro fundadora da FCESP (Federação de Corfebol do Estado de São Paulo) e à Alexandre Silva, dirigente e representante da FCERJ (Federação de Corfebol do Estado do Rio de Janeiro) por fornecer todo o conteúdo necessário acerca do Corfebol. Muito obrigada por todos os ensinamentos, pelas oficinas e pelas palestras.

Agradeço ao LEL – Laboratório de Estudos do Lazer/UNESP/Rio Claro e a todos os membros que me acolheram desde 2016, que se prontificaram a me ajudar a trilhar o caminho das pedras que viria pela frente. Muito obrigada a cada um de vocês, em especial às MIGAS Nara Heloisa Rodrigues e Elisângela Gisele do Carmo. Vou sentir falta da hora do “cafezin”. Momentos inesquecíveis que levarei para sempre comigo. Grandes trocas de ideias que me ajudaram em meu crescimento pessoal e profissional.

Ao professor Afonso Antônio Machado, meu orientador. Me sinto honrada em finalizar o doutorado sobe a sua tutela. Minha gratidão eterna por ter assumido essa empreitada comigo meu amigo. À professora Gisele Maria Schwartz, um agradecimento especial. Por todo um processo de acreditação e superação. À Giselle Helena Tavares, minha coorientadora, por todo o carinho, disposição, contribuição. Vocês foram fundamentais nesse processo de descobertas e possibilidades de crescimento e amadurecimento, tanto da tese, quanto meu. Obrigada. Aos membros da banca desta Tese, obrigada por aceitarem participar comigo deste momento, por todas as contribuições e atenção.

Agradeço à CAPES, por permitir a realização desta Tese, com financiamento e respaldo técnico. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Agradeço aos funcionários da UNESP, que me acompanharam neste processo, agradeço pelo apoio técnico, pelo carinho e pela dedicação. A todos aqueles que de alguma forma me ajudaram neste trabalho, minha eterna gratidão!

RESUMO

Este estudo, de natureza qualitativa, teve por objetivo, analisar a rede social *Facebook* como um recurso na difusão de valores de igualdade de gênero e empoderamento feminino no corfebol, único esporte coletivo misto no mundo. Para tanto, foram realizadas pesquisas dos tipos exploratória e descritiva, sendo adotados os delineamentos das pesquisas bibliográfica e documental. Na Etapa 1 deste estudo, focou-se na introdução geral, na justificativa e um levantamento bibliográfico acerca dos temas propostos, redes sociais, *Facebook*, gênero, empoderamento feminino e corfebol. A Etapa 2 resultou no Artigo 1, foi realizada uma revisão descritiva da literatura, a qual se desenvolveu por meio de uma busca em diversas bases de dados, via plataforma CAPES, resultando em 7 estudos elegíveis, sendo discutidos os aspectos metodológicos empregados e os principais conteúdos abordados. A Etapa 3, que resultou nos artigos 2 e 3, fez-se uso do *Facebook* para a coleta dos dados. Foram feitas duas buscas: (Busca 1) #korfball #corfebol #genderequality e (Busca 2) #korfball #corfebol #MixedGenderSport. Duas categorias foram criadas para analisar os dados coletados no *Facebook*. Categoria 1, formato das postagens (imagens, textos/*links* e vídeos) e a categoria 2, conteúdos abordados (igualdade de gênero e empoderamento feminino). A Etapa 4 fez alusão à elaboração e validação do instrumento utilizado nesta pesquisa, o qual foi avaliado e validado por um comitê de juízes, o qual findou em oito questões destinadas a obter informações sociodemográficas e 16 questões abertas e fechadas, destinadas a obter respostas mais elaboradas sobre a temática. Posteriormente, a Etapa 5, a qual resultou nos artigos 4 e 5, aplicou-se o questionário, o qual foi elaborado via o *Google Forms* à uma amostra de 12 atletas da seleção brasileira de corfebol. Os dados encontrados nesta etapa foram discutidos de acordo com as categorias 1, corfebol, igualdade de gênero e empoderamento feminino, a qual foi subdividida em três eixos temáticos: compreensão do(a)s atletas sobre igualdade de gênero; compreensão do(a)s atletas sobre empoderamento feminino e difusão do corfebol. E a categoria 2, interfaces entre o corfebol e o *Facebook*, esta foi subdividida em dois eixos temáticos: o papel do *Facebook* na difusão/disseminação do conhecimento sobre o corfebol e o *Facebook* como espaço de compartilhamento de conteúdo sobre gênero e empoderamento no corfebol. Todas as categorias de discussão das etapas anteriores foram elaboradas *a posteriori*, por meio da Técnica de Análise de Conteúdo. Após o desenvolvimento deste estudo, na Etapa 6, foi feito o fechamento da tese, levando em consideração todas as etapas mencionadas acima, as considerações finais, os apontamentos relacionados às limitações percebidas desta tese e elencadas sugestões para estudos futuros com base nas temáticas abordadas. Conclui-se que ao investigar as *hashtags* no *Facebook* no agrupamento e identificação dos conteúdos relativos às temáticas de empoderamento feminino, gênero e corfebol, pode-se perceber que essa ferramenta é uma importante aliada no que tange a agrupar as informações e que ajuda a divulgar o esporte e suas interfaces com as referidas temáticas. Pode-se constatar que, nas postagens e em seus diversos formatos (imagem, vídeo, texto/*link*), prevaleceram os conteúdos relativos às questões de gênero, no entanto, as informações pertinentes ao universo do empoderamento feminino não foram evidenciadas nos *posts*. Na tentativa de identificar o papel do *Facebook* na disseminação das temáticas relacionadas à igualdade de gênero e empoderamento feminino, na visão de atletas de corfebol do Brasil, pode-se aferir que o(a)s atletas possuem conhecimento acerca das questões de gênero e empoderamento feminino no âmbito da prática do corfebol.

Palavras-chave: Rede Social; *Facebook*; Corfebol; Gênero; Empoderamento.

ABSTRACT

This qualitative study aimed to analyze the social network Facebook as a resource in the dissemination of values of gender equality and female empowerment in Korfball, the only mixed team sport in the world. For this purpose, exploratory and descriptive research were carried out, adopting the outlines of bibliographic and documentary research. In Step 1 of this study, the focus was on the general introduction, justification and a bibliographic survey about the proposed themes, social networks, Facebook, gender, women's empowerment and Korfball. Step 2 resulted in Article 1, a descriptive literature review was carried out, which was developed through a search in several databases, via the CAPES platform, resulting in 7 eligible studies, discussing the methodological aspects used and the main contents covered. In Step 3, which resulted in articles 2 and 3, Facebook was used to collect data. Two searches were made: (Search 1) #korfball #korfball #genderequality and (Search 2) #korfball #korfball #MixedGenderSport. Two categories were created to analyze the data collected on Facebook. Category 1, post format (images, texts/links and videos) and category 2, content covered (gender equality and female empowerment). Step 4 alluded to the development and validation of the instrument used in this research, which was evaluated and validated by a committee of judges, which ended in eight questions designed to obtain sociodemographic information and 16 open and closed questions, designed to obtain more answers. elaborated on the theme. Subsequently, in Step 5, which resulted in articles 4 and 5, the questionnaire was applied, which was elaborated via Google Forms to a sample of 12 athletes from the Brazilian Korfball team. The data found in this stage were discussed according to categories 1, Korfball, gender equality and female empowerment, which was subdivided into three thematic axes: athletes' understanding of gender equality; Athletes' understanding of women's empowerment and the dissemination of Korfball. And category 2, interfaces between Korfball and Facebook, this was subdivided into two thematic axes: the role of Facebook in the dissemination/dissemination of knowledge about Korfball and Facebook as a space for sharing content about gender and empowerment in Korfball. All the discussion categories of the previous steps were elaborated a posteriori, through the Content Analysis Technique. After the development of this study, in Step 6, the thesis was closed, taking into account all the steps mentioned above, the final considerations, the notes related to the perceived limitations of this thesis and suggestions for future studies based on the themes addressed. It is concluded that when investigating hashtags on Facebook in the grouping and identification of contents related to the themes of female empowerment, gender and Korfball, it can be seen that this tool is an important ally when it comes to grouping information and that it helps to disseminate the sport and its interfaces with these themes. It can be seen that, in the posts and in their various formats (image, video, text/link), the content related to gender issues prevailed, however, the information pertaining to the universe of female empowerment was not evidenced in the posts. In an attempt to identify the role of Facebook in the dissemination of themes related to gender equality and female empowerment, in the view of Korfball athletes in Brazil, it can be inferred that athletes have knowledge about gender issues and empowerment women in the scope of the practice of Korfball.

Keywords: Social Network; Facebook; Korfball; Gender; Empowerment.

LISTA DE ABREVIATURAS

ANT	Actor-Network Theory
ARS	Análise de Redes Sociais
ARISF	Association of Recognized Sports Federations
BES	Body-Esteem Scale for Adolescents and Adults
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CEPAL	Comissão Econômica para América Latina e Caribe
COB	Comitê Olímpico Brasileiro
COI	Comitê Olímpico Internacional
CSSA	Clube dos Suboficiais e Sargentos da Aeronáutica
FAO	Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura
FAPESP	Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo
FBQ	Facebook Questionnaire
FCERJ	Federação de Corfebol do Estado do Rio de Janeiro
FCESP	Federação de Corfebol do Estado de São Paulo
FGD	Facebook gender divide
FIK	Federation International Korfball
F-SIAS	Facebook-Social Interaction Anxiety Scale
GAISF	The Global Association of International Sports Federations
IKF	International Korfball Federation
IOC	International Olympic Committee
IRC	Internet relay chat
IWGA	World Games Federation
LGBT	Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgêneros
MEC	Ministério da Educação
MVPA	Atividade física moderada-vigorosa
OIT	Organização do Trabalho
ONG	Organização não Governamental
ONU-Mulheres	Entidade das Organização das Nações Unidas voltada para a Igualdade de Gênero e Empoderamento das Mulheres
PACS	The Physical Appearance Comparison Scale
PSAFU	Psycho-Social Aspects of Facebook Use
PNPM	Plano Nacional de Políticas para as Mulheres

PNUD	Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
SIASSPS-12	Social Interaction Anxiety Scale and social phobia scale-12
SIAQ-A	Sociocultural Internalization of Appearance Questionnaire for Adolescents
STS	Science and Technology Studies
SESC	Serviço Social do Comércio
SPM	Secretaria de Políticas para as Mulheres
SRS	Sites de rede social
TAR	Teoria Ator-Rede
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UNESP	Universidade Estadual Paulista
WEB	World Wide Web
WEP's	Women's Economic Empowerment

SUMÁRIO

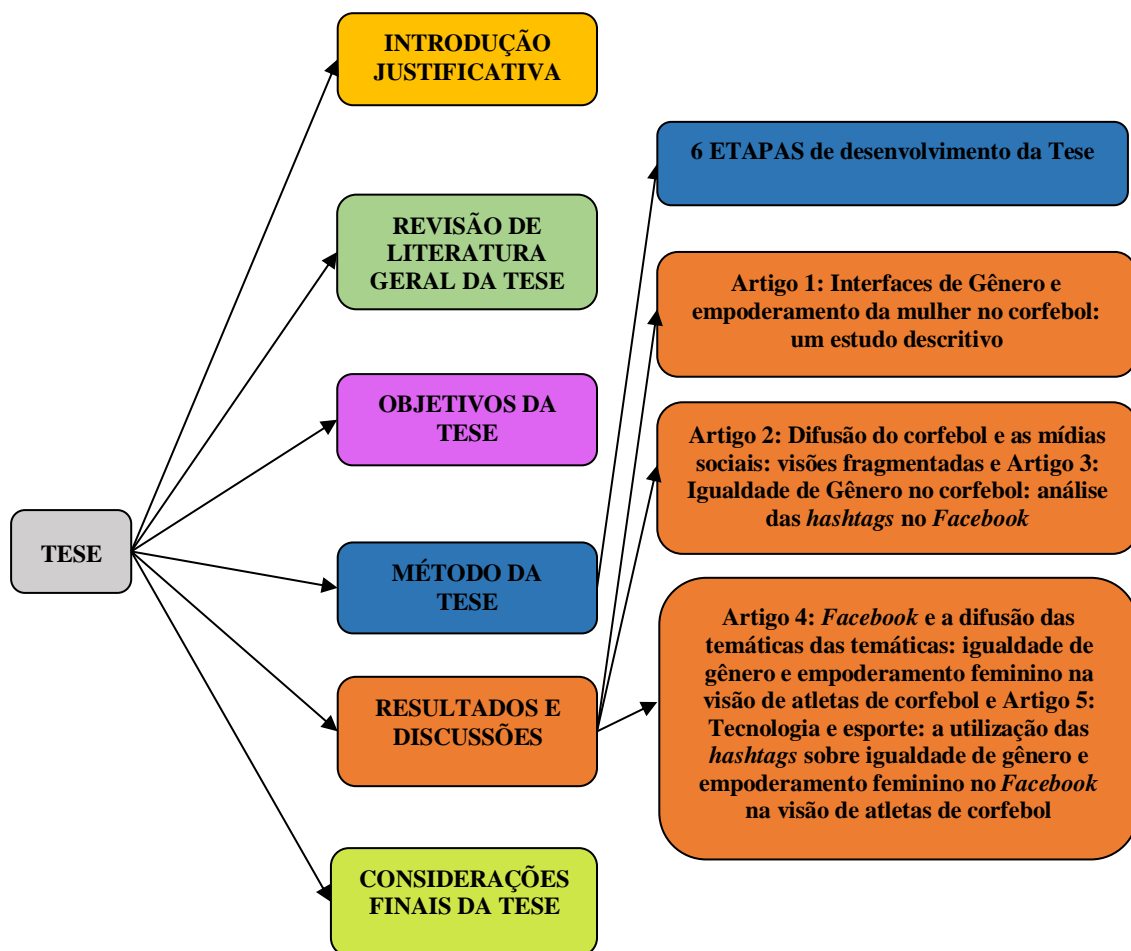
1 APRESENTAÇÃO E ORGANIZAÇÃO DA TESE	13
2 INTRODUÇÃO	14
3 JUSTIFICATIVA	18
4 REVISÃO DE LITERATURA GERAL DA TESE	20
4.1 Marco Teórico de Base e Método de Análise	20
4.2 Tecnologias e Internet	27
4.3 Sites de Redes Sociais	30
4.4 Facebook	32
4.5 Hashtags	35
4.6 Igualdade de Gênero no Esporte	39
4.6.1 Notas sobre o Empoderamento	46
4.7 Corfebol	52
4.7.1 Corfebol no Brasil	53
4.7.2 Corfebol e suas características únicas	57
5 OBJETIVOS DA TESE	63
5.1 Objetivo Geral	63
5.2 Objetivos Específicos	63
6 MÉTODO GERAL	64
6.1 O Princípios Éticos	64
6.2 Natureza da Pesquisa	64
6.3 Tipo de Pesquisa	64
6.4 Delineamento da Pesquisa	65
6.5 Coleta dos Dados	66
6.6 Instrumentos	66
6.7 Amostra	67
6.8 Descrição da Organização Geral da Tese	68
6.9 Análise do Dados	74
7 RESULTADOS E DISCUSSÕES	75
7.1 Artigo 1	75
7.2 Artigo 2	90
7.3 Artigo 3	98
7.4 Artigo 4	109
7.5 Artigo 5	127
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS DA TESE	133

8.1 Limitação do Estudo	136
8.2 Sugestão para Novos Estudos	137
REFERÊNCIAS DA TESE	137
APÊNDICE A	156
APÊNDICE B	158
APÊNDICE C	160
ANEXO A	163

1 APRESENTAÇÃO E ORGANIZAÇÃO DA TESE

A presente tese faz referência ao corfebol e as questões de gênero, por ser uma modalidade esportiva que conjuga a presença de atletas homens e mulheres na mesma equipe e o potencial do *Facebook* no que tange à difusão de valores de igualdade de gênero e empoderamento feminino, na visão de atletas de corfebol no Brasil. Para tanto, foi adotado o modelo de escrita por artigos (NASSI-CALÒ, 2016). A estrutura da tese foi composta pelos tópicos: Introdução/justificativa, Revisão de Literatura Geral da tese, Objetivos, Método Geral da tese, Resultados e Discussão – (cinco artigos científicos), sendo o primeiro artigo apresentado no Exame Geral de Qualificação e os demais, bem como, as Conclusões Gerais da tese, na defesa de Doutorado. Para facilitar o entendimento, uma ilustração da organização da tese é apresentada a seguir, conforme **Figura 1**.

Figura 1 – Ilustração da Organização da tese



Fonte: Elaborada pela autora (2021)

2 INTRODUÇÃO

Foi na escola que surgiram as primeiras sementes do futuro olhar acadêmico sobre o movimento, na presença do esporte e, com isso, as primeiras inquietações. Nas aulas de Educação Física, pude refinar os gestos, descobrir novas aptidões, compreender regras e, também, defrontar com as mais acirradas questões de preconceito, competitividade, discrepâncias de gênero, entre outros elementos, os quais, futuramente, viriam a fazer parte do meu universo de estudo. Neste contexto, temáticas que versavam sobre a população LGBT, a mulher no esporte, igualdade de gênero e a resignificação do seu papel social feminino na sociedade sempre foram inquietações abordadas em minhas produções científicas ao longo da minha carreira acadêmica.

Meu projeto de pesquisa inicial, para ingressar ao curso de doutorado no Departamento de Educação Física, no Programa de pós-graduação em Ciências da Motricidade da UNESP/Rio Claro/SP abordava a corrida de rua. Busquei discutir tal esporte e o empoderamento feminino, explorando o universo da corrida de rua no projeto “Vida Corrida”, desenvolvido em Capão Redondo/SP, liderado por Neide dos Santos. O projeto busca oferecer oportunidades para o redimensionamento sobre a inclusão social, a qualidade de vida, a saúde, a autoestima, assim como, a superação de uma infinidade de problemas vividos pelas moradoras do bairro por meio da prática esportiva. Esse projeto representa um suporte para que se promova o empoderamento. A história de vida dela me inspirou a desenvolver tal projeto que, infelizmente, não fora aceito pelo programa de pós-graduação.

Como havia outro Programa de pós-graduação, intitulado Desenvolvimento Humano e Tecnologias, resolvi partir para outro desafio, com um novo projeto de pesquisa. Minha ex-orientadora, em uma viagem à Portugal, deparou-se com uma modalidade esportiva chamada corfebol, cujas equipes eram formadas por homens e mulheres juntos, desde sua origem em 1902. Curiosa que sou, sem conhecer a modalidade, resolvi desenvolver meu projeto de pesquisa intitulado inicialmente de Redes sociais: notas sobre o empoderamento feminino e o corfebol”. Por meio de cursos, palestras, vídeos e a participação imprescindível da representante oficial do corfebol no Brasil e membro fundadora da FCESP – Federação de Corfebol do Estado de São Paulo, me auxiliando em todos os sentidos, consegui compreender a modalidade e suas interfaces com a igualdade de gênero no esporte.

Os mais diversos tipos de *Sites* de Redes Sociais (SRS), oriundos da evolução tecnológica estão inseridos no cotidiano das pessoas, de maneira onipresente. Por intermédio destes, o ser humano tem acesso a diferentes conteúdos, os quais perpassam os conhecimentos

gerais, ou os acadêmicos. O diferencial que eleva o *status* de um determinado SRS em detrimento a outros está centrado na imensa oferta de possibilidades de compartilhamento de informações e conteúdos variados, configurando, de forma colaborativa, maneiras diferenciadas e inovadoras de trocas de experiência, de oportunidades pessoais, profissionais, sociais e educativas.

Dentre os vários SRS, tem-se o *Facebook*, o qual têm sido considerado uma das maiores redes sociais do planeta e fornece, aos seus usuários, possibilidades de compartilhamento de imagens, ideias e fatos do cotidiano, de encontros virtuais, voltados para a interação social, assim como, um espaço de discussão de temas diversos e promoção de atividades (SILVA; SALGADO, 2016). Com relação a números, segundo Kemp (2020), em seu artigo para o *site We Are Social*, revelou que em abril de 2020, 3,81 bilhões usuários faziam uso de mídias sociais e destes, 2,5 bilhões de usuários estavam conectados à plataforma *Facebook*, dominando assim, o cenário social global. Estes dados vêm corroborar a abrangência e o potencial social das mídias sociais e, particularmente, o *Facebook* possuem no cotidiano das pessoas.

Uma ferramenta bastante utilizada nos SRS, inclusive no *Facebook*, são as *hashtags*. Elas representam marcações textuais aglutinadoras de assuntos comuns, as quais podem gerar um banco de informações sobre os mais variados assuntos (ALMEIDA, 2017). As diversas temáticas discutidas no âmbito das redes sociais, assim como, os conteúdos publicados, apenas recentemente são organizados mediante o uso de *hashtags*. Um símbolo # mais uma palavra-chave, permite que o *post* criado acerca daquele tema seja recuperado, ou, futuramente, buscado, gerando, com isso, uma interação dinâmica do conteúdo entre os usuários da rede social.

Lima (2017) evidenciou, em seu estudo, que o uso da ferramenta *hashtag* não se limita a dar expressividade a textos ou outras formas de escrita, mas também, reforça os discursos que se encontram presentes em imagens, as quais podem produzir efeitos que repercutem nos diversos setores da sociedade. O autor cita os SRS, como *Instagram*, *Twitter* e o *Facebook*, onde estas *hashtags* ocorrem. O ciberativismo nas mídias sociais tem gerado resultados positivos em termos de visibilidade, quer seja relacionado ao *marketing*, ou a causas sociais ou ao esporte, segundo Aroni et al. (2018), e a apropriação deste espaço se dá, inclusive, pelas redes sociais.

No contexto esportivo, um dos focos deste estudo, a modalidade referente ao corfebol, na tentativa de se fazer conhecido mundialmente, tem feito uso dessa ferramenta, no sentido de potencializar o esporte em SRS como o *Instagram*, o *Twitter*, o *Facebook*, entre outros, aliadas a diferentes estratégias de *marketing*, as quais elevam o *status* do esporte como catalisador de

mudanças e comprometido com causas diversas, no caso do interesse particular deste estudo, a igualdade de gênero. Exemplos de campanhas, como *#korfbalIsEquality* *#ThisGirlCan* *#MixedGenderSport*, são difundidos nos mais diferentes *sites* de rede social, cujo objetivo é torná-lo reconhecido mundialmente como um esporte que promove a igualdade de gênero e que traduz uma realidade diferenciada das outras, pois traz, em sua regra principal, mulheres e homens jogando em igualdade de condições, desde a sua origem.

O corfebol foi criado com o objetivo principal de suprir a lacuna existente de uma prática esportiva competitiva e, ao mesmo tempo, cooperativa, a qual meninos e meninas pudessem jogar juntos, em igualdade de condições (GUBBY, 2016). Alguns princípios tornam essa modalidade diferenciada dos outros esportes, como a formação das equipes mistas, em um jogo cooperativo, onde existe a alternância de funções e respeito mútuo em relação aos integrantes das equipes, pelo fato de haver pouco contato físico (GUBBY; WELLARD, 2015).

Diante do fato de o corfebol ser uma modalidade esportiva mista, cujas regras impõem a presença do gênero feminino jogando junto na mesma equipe, tornou-se necessário enfatizar que, para este estudo, não foi averiguado a questão da orientação sexual do(a)s atletas. É sabido que atualmente nos esportes de alto rendimento, a diversidade de gênero se faz presente nas quadras. Neste sentido, não se deve conceber a modalidade como exclusivamente direcionada para mulheres e homens cisgênero.

Em relação à produção de conhecimento cuja temática aborda o corfebol, no cenário internacional, este esporte tem sido foco de estudos em diferentes pesquisas. Em sua grande maioria, os trabalhos acadêmicos versam sobre os aspectos relacionados à Fisiologia (KOK; KLAASSEN; BACKX, 2011), à Biomecânica, (Der Does et al., 2017); à Traumatologia (BERGEN; REILINGH; DIJK, 2011); à Psicologia (DHAYAL PARVEEN; ASHOK KUMAR, 2013) entre outras áreas. Entretanto, estudos cujas interfaces perpassam as questões de gênero e o corfebol ainda são pouco explorados.

No entanto, tem-se como autores base sobre esta temática Crum (1988), Summerfield e White (1989), assim como, Thompson e Finnigan (1990), os quais são considerados pioneiros em relação às discussões sobre a temática na década de 1980 e suas descobertas são consideradas, até o presente momento, como fontes imprescindíveis, quando os assuntos são corfebol e a igualdade de gênero. Atualmente, uma referência nos estudos sobre o corfebol e suas relações com as questões de gênero é Laura Gubby (GUBBY, 2015; GUBBY; WELLARD, 2015; GUBBY, 2016), a qual vem adicionando aos estudos anteriores, contribuições atualizadas acerca do universo das questões ligadas à igualdade de oportunidades entre homens e mulheres no âmbito do esporte.

Quando se pretende pesquisar sobre essas questões de gênero no esporte, interfaceando com o corfebol e o uso de tecnologias, as restrições de estudos se tornam ainda maiores. Ainda não se tem com clareza, ou pouco se sabe, acerca da potencialidade do *site* de rede social *Facebook*, para contribuir na promoção e na difusão de mudanças atitudinais referentes ao universo das questões sociais que circundam as temáticas de gênero e corfebol, único esporte no mundo cujas equipes são exclusivamente mistas desde a sua origem e tem como premissa, a igualdade de condições entre os gêneros no âmbito esportivo, no entendimento dos próprios atletas. Com base nestas pontuações, este estudo centrou-se na perspectiva de contribuir com as reflexões sobre o potencial do *Facebook*, agregado à utilização de esportes com características mistas, como o corfebol, para ampliar a conscientização sobre os valores da igualdade de gênero no esporte e empoderamento da mulher.

3 JUSTIFICATIVA

As diversas mídias sociais têm se apresentado como poderosas ferramentas, no que tange a fomentar e disseminar conteúdos variados. Entre eles, estão presentes aqueles concernentes ao universo das discussões sobre gênero e suas interfaces. Porém, conforme a maneira como as informações são compartilhadas, elas podem limitar o poder de difusão. Considerando a importância de se divulgar o corfebol como uma modalidade esportiva que visa promover a igualdade de gênero, o estudo se justifica no sentido de propor um olhar mais denso sobre os estudos acadêmicos que versam sobre o corfebol e suas interfaces, no sentido de se averiguar os direcionamentos das pesquisas científicas que versam sobre a modalidade. Tem-se que, a importância de se buscar os rastros digitais deixados pelas *hashtags* no âmbito do *Facebook*, relacionadas à igualdade de gênero, empoderamento feminino no corfebol. Haja vista que as redes sociais têm sido utilizadas para diferentes fins e tem mecanismos que tendem a positivar ou negativar determinados conteúdos postados. Outro ponto importante é o modo como os atletas de corfebol fazem uso da rede social *Facebook*, e se estes fazem uso das *hashtags*, na marcação das postagens para exporem suas ideias e valores acerca dessas temáticas, buscando contribuir para novas reflexões voltadas para a maximização do empoderamento feminino no âmbito esportivo.

No âmbito do esporte, a mulher já vem marcando presença e demonstrando suas potencialidades, tanto no âmbito da prática esportiva, quanto em cargos de gestão (SILVA et al., 2017a; SILVA et al., 2017b). Entretanto, mesmo inserida em uma prática que a valoriza e prega igualdade de condições e oportunidades, podem ocorrer situações de desconforto, ainda geradas por resquícios da hegemonia masculina no esporte. Portanto, outra justificativa para este estudo se pauta em identificar possíveis elementos discriminatórios ou carregados de valores, os quais podem contribuir para minimizar a figura feminina no contexto desse esporte, presentes nas mensagens, imagens e vídeos difundidos nas páginas dos atletas, os quais farão parte deste estudo.

Assim, este estudo se processa na perspectiva de investigar a dimensão pública desse espaço de interação promovido pela rede social *Facebook*, para se compreenderem as relações que se estabelecem acerca das questões de igualdade de gênero e empoderamento feminino no esporte, evidenciando a ótica de atletas de corfebol, participantes dessa rede social e as postagens feitas com o uso da *hashtag*. Estes temas são bastante complexos e exigem atenção, quando associados a depoimentos e imagens favorecidos nas redes sociais, haja vista que o anonimato e a invisibilidade podem trazer inquietações, desafios e entraves ainda pouco explorados.

Este estudo ainda se justifica, por almejar contribuir com novas reflexões sobre o alcance da rede social *Facebook*, como potencial para a difusão de informações e discussões sobre

determinados esportes, mais precisamente, do único esporte coletivo praticado com equipes exclusivamente mistas, na visão de seus praticantes. O corfebol se apresenta como uma modalidade mista, na qual homens e mulheres jogam juntos em igualdade de oportunidades. Sendo assim, se propõe a romper com os padrões de gênero no esporte. Torna-se importante compreender esse universo, no sentido de se conhecerem os depoimentos e discursos emitidos nas postagens feitas pelo *Facebook*, bem como, por resposta direta a um instrumento de pesquisa referente a um questionário, elaborado especificamente para utilização com os atores sociais participantes desse esporte. O foco nesses depoimentos de atletas de corfebol do Brasil, além dos conteúdos expressos por eles nas postagens via *hashtag*, ainda se apresenta carente no âmbito acadêmico.

O olhar sobre estas relações pode favorecer novas estratégias a serem adotadas, para se dinamizarem mudanças de postura ainda estigmatizadas, acerca do papel feminino na sociedade e particularmente no contexto esportivo. Finalmente, esta reflexão se justifica, inclusive, no sentido de diminuir a carência de estudos focalizando as relações entre estas temáticas envolvendo redes sociais, *Facebook*, empoderamento feminino, gênero e corfebol, na linha do Desenvolvimento Humano e Tecnologias.

4 REVISÃO DE LITERATURA GERAL DA TESE

4.1. Marco teórico de base e Método de Análise

A presente tese adotou como marco teórico de base a Teoria Ator-Rede (TAR) ou *Actor-Network Theory* (ANT), aporte teórico-metodológico advindo da necessidade de constantes atualizações envolvendo a rede de interações mediadas pelas tecnologias, cujos olhares de Callon e Latour (1981) serviram de base para a configuração dessa teoria. Posteriormente, com as perspectivas de Law (1991), esta teoria pode ser remodelada e estudada de maneira criteriosa e atualizada. Em 2005, em um livro intitulado “*Reassembling the Social: An Introduction to Actor-Network Theory*”, Bruno Latour agrega novas dimensões a esse fenômeno, tendo, posteriormente sua obra traduzida para o idioma português “Reagregando o Social: uma introdução à Teoria do Ator-Rede” (LATOURE, 2012).

A TAR originou-se de um campo de pesquisa acadêmico denominado *Science and Technology Studies* (STS) (PRAUDE, 2015). O âmago desta teoria apresenta o dinamismo da vida social e da cultura contemporânea, explicando os diversos enfoques relacionados aos paradigmas da comunicação humana mediada pelas tecnologias. De acordo com essa teoria, segundo Delgado e Andrade (2019) há um entrelaçamento entre ciência, tecnologia, sociedade e os actantes, humanos e não-humanos, cujo conceito adotado originalmente é *actant*, termo proveniente da semiótica, conforme (LATOURE, 2000; PRAUDE, 2015; CERRETTO, DE DOMENICO, 2016; OLIVEIRA; PORTO, 2016; CAMILLIS, 2012). Estes são responsáveis pelas interações sociais, interagindo, se relacionando, promovendo associações e mediando as práticas sociais no contexto da era digital.

A tese transita em diferentes contextos, dentre eles o esportivo, as questões de gênero e igualdade de oportunidades entre homens e mulheres e o da tecnologia, mais precisamente, das mídias sociais, no caso, a rede social virtual *Facebook*. Este último representa um espaço híbrido e heterogêneo, no qual os actantes estabelecem elos associativos de sociabilidade, assim como, compartilham experiências e constroem textualidades. Segundo Latour (2005), uma das características da atualidade é ser permeada pela presença de objetos, os quais interagem com o ser humano, fazendo-se necessário uma releitura acerca do entendimento dos aspectos relativos à mediação do social.

Logo, o foco de análise da Teoria Ator-Rede está sempre na intermediação dos actantes, humanos e não-humanos, na mudança provocada pelas suas ações e na tradução dessas ações, nunca na existência de uma estrutura estática comum (LATOURE, 2005). Para os teóricos da

TAR, o símbolo existente entre os termos ator-rede evidencia esse contínuo e o termo translação evidencia essa natureza coletiva da teoria, segundo Latour.

Entre os construtos teóricos, a análise tipológica da TAR conceitua o *Facebook* como sendo uma rede sociotécnica, pelo fato de tomar em consideração elementos humanos e não-humanos em um processo relacional. O fato de promover conexões entre os actantes, a rede social virtual *Facebook* deixa de ser um espaço que transporta conteúdo para se estabelecer como um espaço que promove a mediação entre esses atores, induzindo-os a coexistirem no ciberespaço (OLIVEIRA, 2016).

No que tange à operacionalização metodológica e mecanismos de análise, a TAR valoriza os elementos qualitativos presentes na rede. Entre esses aspectos, esta teoria leva em consideração, os discursos reais e simbólicos, além dos culturais, advindos das perspectivas interpretativas dos actantes, buscando os melhores recortes do fenômeno. Esta possibilidade de tomar em consideração a interpretação favorece a reflexão e a descrição presentes ao longo do desenvolvimento metodológico, uma vez que estas emergem em sincronia (PRIMO, 2012).

Uma das grandes contribuições da TAR é a problematização, para que se possa descrever e interpretar, de modo consistente, os elementos da complexidade presentes na sociedade. Para tanto, a TAR, segundo Primo (2012) revigora a busca pelos rastros digitais proporcionados pelos indivíduos em forma de comportamentos, expressões verbais, imagens e os próprios diálogos e conflitos presentes nas interações.

De acordo Bruno (2012) Carlo Ginzburg, historiador italiano seria o precursor da ideia de que, por menores que sejam, os rastros deixados pela sociedade, possibilitam o entendimento e a compreensão, de maneira aprofundada, de fenômenos sociais. Dentre suas obras, tem-se “Mitos, emblemas, sinais” (1989) e “O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício” (2007) que, historicamente, embasam a técnica da rastreabilidade das ações. Nos tempos atuais, as pistas deixadas, quer sejam no espaço real de convivência humana, ou no âmbito da *Internet*, são rastros recuperáveis, os quais podem ser adquiridos por meio de documentos ou outras fontes.

Para Bruno (2012), os rastros digitais representam fragmentos ou pistas das ações humanas no ciberespaço, capazes de auxiliar a distinguir a importância de cada uma das interações presentes neste espaço. Com base nos rastros digitais, tem-se a possibilidade de fazer emergir a diversidade e a heterogeneidade as ações em rede. No entanto, Marres e Gerlitz (2016) chama a atenção para o fato de se ao investigar os rastros digitais no âmbito das plataformas de mídias sociais, como o *Twitter*, foco de seu estudo, os dados coletados carregam características deste local. Portanto, uma análise qualitativa dos dados tende a agregar valor social ao conteúdo dos achados.

Bruno (2012, p.694) ressalta quatro princípios da TAR relacionados ao rastro digital:

- a) Nenhum critério substancialista define de antemão o que é um ator;
- b) A ação nunca é individual, e sim coletiva e distribuída;
- c) Quando há ação, há rastro;
- d) O trabalho de descrição das redes implica seguir os rastros das ações, sendo a um só tempo cognitivo e político.

Estes princípios, ao serem adotados no presente estudo, auxiliam no processo de coleta de dados, pelo fato de permitir a visualização do comportamento das *hashtags* e seus atores, no ciberespaço, assim como, as suas interações. Os significados subjetivos presentes nessas interações podem ser visualizados por meio da utilização de dois procedimentos referentes ao mapeamento das *hashtags* e aplicação de questionário *online*.

Pesquisadores como McCord, Rodebaugh e Levinson (2014) procuraram averiguar as relações entre ansiedade social, ansiedade no *Facebook* e uso social do *Facebook*. Para isso, fez-se uso de diferentes questionários e escalas, como o *Facebook Questionnaire* (FBQ), *Social Interaction Anxiety Scale and social phobia scale-12* (SIASSPS-12), *Facebook-Social Interaction Anxiety Scale* (F-SIAS). Meier e Gray (2014) procuraram analisar a relação entre a imagem corporal e a atividade de meninas adolescentes no contexto social da rede social virtual *Facebook*. Fizeram uso do *Sociocultural Internalization of Appearance Questionnaire for Adolescents* (SIAQ—A), *The Physical Appearance Comparison Scale* (PACS), *Body-Esteem Scale for Adolescents and Adults* (BES), *Eating Disorder Inventory*, *Self-Objectification Questionnaire* e *Facebook Questionnaire* (FBQ).

Outros pesquisadores desenvolveram suas próprias ferramentas, como Bodroza e Jovanovic (2016), ao construírem um instrumento (questionário), *Psycho-Social Aspects of Facebook Use* (PSAFU), cujo objetivo era captar os processos mais profundos relacionados ao comportamentos dos usuários do *Facebook*, fazendo valer cinco dimensões do comportamento. McEwan et al (2014) desenvolveram e validaram uma escala, *Facebook Relational Maintenance*, a qual foi construída a partir de quatro estudos anteriores e buscavam mensurar os comportamentos humanos dos usuários do *Facebook* em termos da manutenção relacional na rede.

Pode-se perceber que a plataforma virtual *Facebook*, tem sido utilizada como espaço de coleta de dados, no qual o fenômeno social, pode ser explorado mediante diferentes ferramentas, no caso dos estudos citados, escalas e questionários. Diante do exposto, os dois procedimentos adotados pela presente tese permitiram seguir os rastros desses actantes, humanos e não-humanos, para compreender como esses coletivos sociotécnicos se constituem e dão significados aos espaços de mediação dessas interações.

No que tange às pesquisas no cenário nacional, nota-se que ainda é tímida a produção de estudos científicos brasileiros que fazem uso dessa teoria e seu aporte metodológico (DUARTE; TELES, 2017), mostrando-se assim, a importância de novos olhares sobre a TAR. Os autores brasileiros como Lemos (2013), Primo (2013), Holanda (2014) são considerados pioneiros na discussão da Teoria Ator-Rede no Brasil, seguindo os preceitos de Latour. São diversas as nomenclaturas direcionadas à TAR, tem-se sociologia das associações, sociologia da mobilidade, semiótica da materialidade, sociologia da tradução (OLIVEIRA; PORTO, 2016), uns mais conhecidos, outros menos, no entanto, são utilizados com o intuito de caracterizar a Teoria Ator-Rede. Segundo Latour (2005), a TAR está relacionada à conexão, à vinculação, os quais se tornam sinônimos que traduzem as suas ações no âmbito da cultural digital.

As primeiras discussões sobre o social relacionado às tecnologias data da década de 80 e duas obras são referências no embasamento dessas questões, *The Social Construction of Technological Systems*, de autoria de Bijker, Hughes e Pinch e *Social Shaping of Technology*, de autoria de MacKenzie e Wacjman, ambos organizados no campo da Sociologia. O foco de interesse destes estudos está centrado no fato de que as tecnologias foram estabelecidas tanto no contexto social quanto político, e essa construção sociocultural da tecnologia se deu por meio de arranjos sociotécnicos (FERRATTI; FERREIRA; SACOMANO NETO, 2018).

As relações e interações ocorridas acerca dos objetos que interagem com os humanos, o social entendido como coletivos de humanos e não-humanos, os quais formam associações ou redes, ou mais precisamente, formando atores-rede (MACKENZIE; WAJCMAN, 1999). Neste sentido, o social é fortemente caracterizado pelo hibridismo, haja vista que este é formado por elementos não-humanos (natureza/tecnologia) e humanos (cultura/corpo) (LATOUR, 2005).

Por intermédio da TAR, descontrói-se a visão tradicional da Sociologia, a qual considera que os aspectos contextuais explicam os fenômenos sociais, valorizando o humano em detrimento do objeto, não-humano (CAVALCANTE ET AL.; 2017). Os objetos, sob a luz da TAR se encontram totalmente integrados às nossas práticas, constituindo-se assim, uma cadeia sóciotécnica que envolve nossas ações. Essas cadeias de associações entre humanos e não-humanos vai além do envolvimento entre humano e objeto (DELGADO; ANDRADE, 2019).

Alguns conceitos e pressupostos evidenciados por Latour (2005), relativos à TAR são pertinentes e ajudam a compreender os elementos que edificam essa teoria. Dentre eles tem-se os actantes, humanos e não-humanos, os quais são os mediadores das ações, possuem os

mesmos pesos e se equilibram em termos de funções exercidas no campo da mediação. Tem-se os intermediários, os quais não alteram as mensagens, apenas às transportam.

Quanto ao termo associação, é a resultante da relação entre os actantes e os intermediários. Translação ou tradução, faz relação ao fato das transformações sofridas pelos actantes (humanos e não-humanos), gerando associações, estando estes em movimento, são rastreáveis. Por inscrição, entende-se a visualização dos dados, a exposição visual destes produtos sociotécnicos que, segundo Latour, fazem relação aos rastros digitais. Por controvérsias, tem-se as tensões geradas por meio deste incessante movimento de associações, as quais, estabilizam e desestabilizam num fluxo contínuo de mudança, organização e reorganização. Essas controvérsias, quando estabilizadas, configuram às caixas-pretas, que podem vir a ser abertas, caso novas controvérsias sejam criadas. E quanto ao termo rede, este é evidenciado a seguir (LATOUR, 2005).

Quando, no âmbito das discussões sobre o conceito de rede, este pode estar atrelado a diferentes teorias e evidenciando diversos sentidos. Venturini, Munk e Jacomy (2018, p.11) apontam em seu texto a complexidade em se distingui-las e aponta três possíveis aplicações do termo. No âmbito da Teoria Ator-Rede, na Análise de Redes Sociais e nas Redes Digitais. Os autores evidenciam quatro possibilidades de uso. “(...) (metáfora conceitual, técnica de análise, conjunto de dados e sistema sociotécnico)”. No que tange a Teoria Ator-Rede (TAR), tem-se rede sociotécnica como construto teórico, concebendo os actantes (humanos e não-humanos) enquanto atores das interações híbridas e heterogêneas e na Análise de Redes Sociais (ARS), tem-se redes sociais, reconhece apenas um ator social e as concebe como de maneira homogênea.

A Teoria Ator-Rede, segundo Lemos (2013, p.160)

“... propõe a superação das dicotomias modernas entre sociedade – natureza, sujeito – objeto, instituindo um pensamento que reconhece apenas híbridos. Consequentemente, não há um meio que seja uma ‘ampliação’ ou ‘extensão’ do homem. O que define o sujeito, ou ‘o homem’, é exatamente as associações com outros actantes. Ser sujeito é ser sujeito em rede, em um ‘meio’”.

A crítica acerca da Teoria Ator-Rede centra-se em algumas questões, como enfatizam Delgado e Andrade (2019). De ordem ética, questionamentos relacionados ao fato de igualar humanos e não-humanos em relação ao seu *status* e em termos analíticos, dar poder igual de ação aos objetos e ao ser humano. No entanto, essas pontualidades à tornam uma teoria diferenciada em relação às outras teorias. As críticas são necessárias no sentido de apontar

pontos frágeis de uma teoria que está se estruturando, rejuvenescendo a visão científica, do olhar para as relações entre humanos e não-humanos, o que é natural e o que é social numa sociedade digital e mediada pela tecnologia.

Mesmo diante de questionamentos concernentes à sua estrutura e análise do fenômeno social, a Teoria Ator-Rede, têm sido utilizada com bastante frequência em diferentes campos do saber. Na Educação (OLIVEIRA; PORTO, 2016), no Turismo (DELGADO; ANDRADE, 2019), na Saúde (CAVALCANTE ET AL., 2017), no contexto da Educação Física e do Esporte, estudiosos como Ribeiro, Alves e Martins (2018) investigaram como se dá a construção do conhecimento por parte dos alunos de Educação Física (atores humanos) e as plataformas digitais de aprendizagem Edmodo (atores não-humanos) no contexto do Meio Ambiente. No âmbito das práticas lúdicas, os jogos e as tecnologias foram temáticas discutidas sob a luz da TAR (MELO; OLIVEIRA, 2016).

Na comunicação (LE MOS, 2013) e no contexto das redes sociais virtuais, o *Facebook* têm sido foco de estudos de diferentes autores, cuja abordagem metodológica perpassa pelo viés da Teoria Ator-Rede. Tem-se os estudos de Light e McGrath (2010) que discorreram sobre os valores éticos e morais presentes na rede social, Silva (2011) analisou a dinâmica sócio-técnica do desenvolvimento de aplicativos sociais, Kang (2012) relatou sobre o poder do ativismo na rede social *Facebook*, Bucher (2013) evidenciou as questões sobre a sociabilidade *online* no *Facebook*, Jurno e D'Andréa (2015) analisaram o *feed* de notícias do *Facebook* enquanto uma construção social híbrida.

Diante do exposto, pode averiguar que ao fazer-se uso da rede social virtual *Facebook*, como espaço social em construção a partir das interações e compartilhamento de diferentes conteúdos, ao explorar as ferramentas disponibilizadas pela rede social, como as *hashtags*, tem-se um universo a ser explorado, no qual actantes interagem e promovem associações por meio dos laços sociais ali criados. A mediação ocorrida entre homem - máquina - ambiente virtual/real configura-se como um espaço rico em elementos pertinentes e que podem ser analisados à luz da Teoria Ator-Rede proposta por Bruno Latour.

De acordo com Jurno e D'Andréa (2015), o *Facebook* é considerado um ambiente sócio-técnico, espaço híbrido e constituído de vários atores, *posts*, *memes*, vídeos, usuário da página, ferramentas como as *hashtags* e a possibilidade de marcar pessoas nos *posts*, os quais não estão contidos nas suas redes de socialização. Dentre estes tem-se às agências, às empresas e às instituições responsáveis financeiramente pela possibilidade de poder mostrar os *posts* na interface da rede, no caso, o *feed* de notícias. Os aplicativos disponíveis nos *smartphones*, os

quais promovem uma leitura e visualização diferenciadas da página quando em um aparelho remoto, no caso um computador de mesa.

Outro elemento importante presente neste espaço heterogêneo são as textualidades evidenciadas no *Facebook*, quer sejam no *feed* de notícias, quer seja por meio de *posts*, os quais são únicos e não estão presos a tempo/espaço, haja vista que novos conteúdos são postados a todo instante e graças ao algoritmo (não-humano) que agencia todas as informações ali expostas, novas interações e laços são criados. Segundo Jurno e D'Andréa (2015), pode-se inferir que a rede é onde vai emergir o social, pelo fato de ser esta considerada espaço-tempo da ação, na qual as associações/conexões acontecem, realizadas pelos atores.

Em termos metodológicos, segundo Ferratti, Ferreira e Sacomano Neto (2018), pode-se aferir que, a Teoria Ator-Rede, tem-se sido utilizada em estudos de redes heterogêneas e sua análise qualitativa dos dados, valorizando os discursos e linguagens simbólicas, permeadas pela cultura e liberdade de interpretação, elementos que a difere de outros tipos de teorias, como a ARS (Teoria de Análise de Redes Sociais), a qual se prende ao estudo de redes homogêneas e a análise quantitativa dos dados. A TAR, por se tratar de uma rede híbrida, mesclando elementos humanos e não-humanos, ocorre uma combinação de diferentes atores, valorizando assim, a diversidade e multiplicidades de processos interacionais, haja vista seu caráter descritivo.

Diante do exposto, para que um trabalho científico atenda as expectativas e se enquadre nos pressupostos da Teoria Ator-Rede, Latour (2012) aponta três critérios, os quais precisam ser evidenciados no estudo. O primeiro critério aponta o papel dos não humanos na rede. Este ponto foi contemplado, haja vista que a rede social virtual *Facebook* confluência variados actantes e redes (SILVA, 2011) e exerce um papel fundamental na presente tese, sendo um mediador, enquanto programa (PRIMO, 2012). O segundo critério versa sobre o contexto em qual se encontra o social, se este encontra estável ou é uma variável que se movimenta de modo constante. Este teste também foi contemplado no estudo, no sentido de que o social – compreendido pela discussão das questões de gênero e empoderamento feminino por meio das *hashtags*, se encontra em plena ebulição, pelo fato que as associações textuais sempre estarão em movimento, por meio das conexões estabelecidas entre os actantes (GONZALES; BAUM, 2013) e o terceiro critério, o qual aponta que, toda desconstrução de um fato deve revelar algo novo na recomposição do social. Essa questão também é contemplada na tese, no instante em que uma análise criteriosa dos dados coletado no campo virtual, no contexto da plataforma quanto nos discursos dos atletas, poderão promover novos olhares sobre as questões pertinentes ao estudo.

4.2. Tecnologias e Internet

A evolução tecnológica promoveu e ainda promove grandes transformações nos mais variados setores da sociedade, como na saúde, na educação, no âmbito do trabalho e no contexto do lazer, da recreação e do entretenimento (SCHWARTZ; SILVA, 2017). Atualmente, os aparatos tecnológicos se encontram inseridos no cotidiano das pessoas sob diferentes formas, por meio de *smartphones*, *ipads*, *notebooks*, *netbooks*, *smart TV* de alta definição, entre outros, aproximando os universos real e virtual.

Vários estudos científicos têm sido elaborados, tendo por base, os elementos relacionados às tecnologias e suas aplicações no cotidiano, facilitando os processos intervencionistas, no caso da área médica, como as tecnologias assistivas (CARVALHO et al., 2018), promovendo as comunicações e aprimoramento dos saberes na educação, como instrumento e ferramenta pedagógicos, no caso, as diferentes plataformas e aplicativos, que promovem a inclusão e cujos conteúdos complementam as atividades desenvolvidas nas salas de aula (SILVA et al., 2018a; TEIXEIRA et al., 2017; MACHADO, 2008).

No âmbito esportivo, as tecnologias atuam na otimização de resultados, como roupas e materiais tecnologicamente desenvolvidos (VAZ, 2016). Vários esportes têm se beneficiado com as inovações tecnológicas, que auxiliam, desde as análises estatísticas relacionadas ao desempenho do atleta ou da equipe, assim como, os aspectos biomecânicos das habilidades motoras, entre outras (SARRUGE, 2018). O *coaching digital*, atrelado às tecnologias *wearable*, tem levado muitos jovens e adultos a dispensar a assessoria de um treinador, pessoa física, por esses recursos disponíveis em formato de aplicativos em seus *smartphones* ou relógios (PUCIHAR, et al., 2018). No âmbito da aprendizagem das práticas esportivas nas escolas, como o atletismo, já existem *softwares* e vídeos disponíveis no *site Youtube*, os quais fomentam as mais diversas modalidades de esportes, facilitando o aprendizado (PASSINI; MATTHIESEN, 2017).

Com a evolução tecnológica, tem-se a agilidade e ganho de tempo em relação aos processamentos das informações (CURSINO, 2017). Segundo Martino (2014), o compartilhamento de dados se deu, originalmente, em meados de 1950 e 1960, durante a guerra fria, em operações militares americanas e, aos poucos, seu uso foi liberado para a troca de informações nas universidades e, por fim, aberto ao público comum. Segundo esse autor, graças aos avanços que modernizaram os processadores de alta velocidade, deu-se a estruturação de teias de conexões, que viria a se tornar o que atualmente se conhece por *internet*.

No Brasil, mais precisamente nos anos de 1994 e 1995 o acesso à rede e aos computadores tornou-se uma realidade no cotidiano das pessoas, haja vista que, nos anos 90, o acesso era restrito e seu uso direcionado às instituições de ensino, como universidades e órgãos públicos (MARTINO, 2014). Atualmente, as mídias digitais, assim como a *internet*, fazem parte do dia a dia das pessoas, sendo que o seu acesso não se restringe ao uso de computadores, já que as tecnologias móveis permitem o acesso à rede de diferentes locais, promovendo o alcance aos conteúdos disponibilizados na *web*.

Kemp (2020), o número de usuários de *internet* no mundo inteiro, conforme dados coletados em abril de 2020 revelam 4,54 bilhões de pessoas conectadas. E quanto ao tipo de tecnologia mais utilizado, 5,19 bilhões de pessoas fazem uso de celulares, segundo o autor. Curiosamente, segundo o autor, em 2020, cada usuário passou em média, 100 dias *online* e destes, gastou conectado à *internet* 6 horas e 43 minutos de seu dia. No Brasil, entre a população de 16 a 64 anos de idade, gastou em 2020 em média, 9hs e 17 minutos conectados, atingindo o terceiro lugar no *ranking*, ficando atrás das Filipinas e África do Sul.

De acordo com o relatório anual fornecido pelos sites *We Are Social* e *Hootsuite*, acerca do mundo digital, coletados em janeiro de 2021 e disponibilizados pela agência Amper, houve um aumento significativo de novos usuários da *internet*, atingindo 4,66 bilhões de pessoas no mundo todo com acesso a mesma, assim como um aumento do acesso às mídias digitais, passando de 4,20 bilhões de novos usuários globalmente. Esse aumento pode estar atrelado à pandemia causada pelo Covid-19, de acordo com a agência Amper (AMPER, 2021).

A busca por conteúdos variados e acesso ao mundo virtual é uma realidade observada pelo relatório acima e as razões primárias que levam os usuários à rede *internet* são diversificadas. Com percentual de 63,0%, a busca por informações se mantém no topo, seguida pelas relações sociais e familiares, como manter contato com amigos e família, com 54,3% e a busca de atualização acerca das novidades e eventos, com percentual de 55,6%.

A *internet* propicia a seus usuários uma imersão ao mundo virtual em poucos segundos e está em constante evolução, haja vista as grandes diferenças entre as *web* 1.0, que se caracterizava pela estaticidade das páginas e sua ferramenta de comunicação, o *e-mail*, para a *web* 2.0, a qual se caracteriza pelas redes sociais, pela interatividade e por fomentar a colaboração e o uso democrático, possibilitando o compartilhamento de informações e conteúdos, de maneira cooperativa, culminando para a construção de uma inteligência coletiva (LÉVY, 2010). Com a *web* 3.0, o próximo estágio de evolução, segundo Koo (2009), culminará em sistemas que serão capazes de agir sozinhos, mediante alimentação e retroalimentação de suas fontes, fazendo uso da inteligência artificial, ou, como evidenciam Barbosa e Souza

(2017), a *web 3.0* irá promover, para além das interações sociais e ligações entre os seres humanos, uma ligação aprofundada das informações que se encontram *online*. Tsekeris (2018) corrobora os autores e acrescenta à discussão a *web 4.0*, a qual na visão do autor, representa a quarta revolução industrial. Esse advento está alterando, de maneira rápida, a estrutura, a natureza, o caráter e dinâmica da comunicação. As competências básicas e transversais em literacia digital será o divisor de águas para se prosperar nessa sociedade hiperconectada segundo Tsekeris (2018).

Para Castells (2004), a *internet* não se configura apenas como uma tecnologia, mas sim, como uma ferramenta tecnológica e um meio de disseminar o poder da informação, assim como, a produção de conhecimentos e a competência de unir-se em rede, em qualquer esfera da atividade humana. Assim, Lévy (2010) aponta essa nova cultura, a qual se instaura nesses novos espaços, atualmente, vinculada a diferentes mídias sociais, integrando a *cibercultura*. E neste contexto, os impactos promovidos por esse encurtamento entre fronteiras (virtual/real – tempo/espaço) foi analisado por Vieira (2006, p.4), o qual relatou:

“O tempo-espaço social na pós-modernidade ganhou novas significâncias com a rápida evolução das técnicas microeletrônicas. O tempo-espaço cibernético foi produzido por tecnologias evolutivas em realidades antecedentes. Na verdade, o mundo real é o mundo da existência viva e nela a espécie humana é produtora permanente de novas realidades. O cibernético é uma realidade que flui pelas cibervias e se concretiza na virtualidade de imagens, signos e símbolos. Ao formar imagens e significados, o virtual se torna uma forma de realidade que opera mensagens instantâneas numa extraordinária compressão do tempo-espaço. No mundo cibernético não há mais tempo longo e distância longa, mas o tempo instantâneo e a presença virtual. O tempo virtual coloca em temporalidade espaços distantes, produzindo efeitos concomitantes aos fluxos econômicos, sociais, políticos e culturais.”

Diante do exposto, pode-se evidenciar que a sociedade atual está cada mais vez mais dependente do uso, de maneira mais intensa, do tempo/espaço virtual, e essa imersão no mundo virtual, amparado por diferentes tecnologias, traz à tona uma discussão importante acerca das consequências do uso, para o bem ou para o mal, desses recursos midiáticos. Ou seja, por meio de um *click* no espaço cibernético, estar-se-á promovendo trocas de saberes e conhecimento, interações sociais como também, contribuindo para a propagação de conteúdos impróprios de cunho moral e ético não condizentes com os valores sociais vigentes (WEISS, 2019). Neste sentido, para minimizar essas questões, torna-se necessário uma legislação clara e objetiva, voltada para a análise dos mais variados crimes cibernéticos, os quais, muitas vezes, envolve postagens nas redes sociais.

4.3 Sites de Redes Sociais

A sociedade conectada, que faz uso das tecnologias em todas as dimensões, é característica pelo que Castells (2003) concebe como sociedade em rede, a qual faz uso da capacidade e facilidade de receber e repassar conteúdos de maneira rápida, independente do lugar que se encontra, devido às tecnologias e dispositivos móveis, com acesso à *internet*. Isto possibilita o uso das mais diversas ferramentas.

Nessa conjuntura tecnológica, encontram-se as redes sociais (CASTELLS, 2004), as quais, de maneira onipresente, preenchem espaços nos diferentes discursos, tanto acadêmicos, quanto em outras instâncias. Assim, o sucesso das redes sociais se concentra na imensa oferta de possibilidades de partilha da informação e de conteúdos que, de maneira colaborativa, representam inovadoras formas de oportunidades pessoais e profissionais (BARBOSA; SOUZA, 2017), com também educativas (MACHADO, 2008).

Recuero (2009), em sua obra intitulada *Redes Sociais na Internet*, promoveu uma discussão aprofundada sobre o fenômeno das redes sociais e seu surgimento, tipos de redes sociais existentes e seus atores e tipos de conexões construídas. A autora enfatizou que os atores sociais são conhecidos pelos nós da rede, sendo que estes, por meio de perfis em diferentes plataformas de interação virtual, deixam rastros sociais (foto, textos, relatos pessoais) de seus acessos, os quais ficam dispersos no *ciberespaço*, podendo ser facilmente captados por outros atores, fomentando, assim, as interações que independem de tempo e espaço.

No que concerne às conexões, no contexto das redes sociais, estas são estabelecidas por meio dos laços sociais construídos por meio das interações sociais entre os atores. Por fim, Recuero (2009) enfatizou que as conexões são o foco principal das pesquisas, quando se analisa redes sociais e que suas mudanças ou alterações modifica a base dessas comunidades virtuais.

Segundo Araújo (2004), as interações sociais, mediadas pelas novas tecnologias, se dão no *ciberespaço* e essas podem ser classificadas sob duas nomenclaturas: síncrona e assíncrona. O que diferencia uma da outra é a construção temporal em relação às respostas de uma mensagem. Na comunicação síncrona, os atores sociais envolvidos estão *online* e a possibilidade de resposta em tempo real se concretiza. Têm-se como exemplos, os *chats* ou aplicativos de mensagens. A outra forma de comunicação, denominada assíncrona, está relacionada às mensagens enviadas por meio do uso de *e-mails* ou fóruns, cujas interações entre os atores não necessariamente acontecem em tempo real, as respostas podem ocorrer de maneira *offline*, ou serem emitidas em um momento posterior à ação.

Recuero (2014) evidencia que as comunicações anteriormente expostas são mediadas pelas diferentes tecnologias, as quais favorecem experiências significativas aos atores e grupos sociais que, por meio de aplicativos, promovem a troca e compartilhamento de conteúdo e de informações variadas, assim como, diferentes tipos de *mídias*, documentos, imagens, músicas, vídeos, entre outros. Têm-se como exemplo dessas redes digitais de comunicação, os *sites* de rede social (SRS).

Segundo Boyd e Ellison (2007), os *sites* podem ser concebidos como serviços disponibilizados pelos navegadores de rede, os quais autorizam os usuários a criarem um perfil público individual, a estruturarem uma lista com outras pessoas com as quais irão partilhar uma conexão e a visualizarem suas conexões e as criadas por outras pessoas. Têm-se como exemplos dessas plataformas de interação social virtual o *Facebook*, *MySpace*, *Instagram*, *Twitter*, entre outras. Esses SRS causaram uma revolução em termos de redes sociais, promovendo diferentes formas de interação social e inovadoras maneiras de se estar conectado. Esses *sites* trouxeram contribuições significativas, tanto em termos de situá-los no cenário digital, quanto à instauração das conexões associativas (RECUERO, 2009).

De acordo com a teoria das redes do sociólogo Mark Granovetter, desenvolvida no ano de 1973, essas conexões associativas estão intimamente ligadas à dinâmica das redes sociais e aos laços sociais ali construídos e reconstruídos. Granovetter (1973) procurou estudar a força destes laços formados nas redes sociais, aos quais denominou de laços fortes e laços fracos. Segundo o sociólogo, caso o usuário fizesse uma lista com todos os seus contatos, estes poderiam ser classificados por meio de categorias, como “melhores amigos”, “amigos” e “conhecidos” e o que diferencia esses agrupamentos são as forças desses laços.

Granovetter (1973) descreveu, em seu estudo, que essas forças são mensuráveis e estão atreladas a três condições: tempo despendido com o contato, a força do vínculo emocional e a intimidade e confiança recíprocos, no entanto, essas características não são fixas e podem sofrer alterações. Os laços fortes remetem às conexões e interações sociais entre os usuários com maiores vínculos emocionais e que possuem maior grau de intimidade e confiança, como família e amigos. Os laços fracos fazem relação às pessoas cujo círculo remete a “conhecidos” ou “amigo de amigos”. Os vínculos emocionais e o grau de intimidade são mais baixos.

Para Granovetter (1973), os laços fracos seriam responsáveis pelas “pontes” ou interconexões e a sua responsabilidade na circulação da informação é maior do que o poder dos laços fortes. Segundo o autor, têm-se muito mais pessoas presentes no círculo de “conhecidos” ou “amigo de amigos”, sendo que, quantitativamente, o número de pontes é maior, o que amplia

o número de pessoas que podem ver, curtir e compartilhar determinadas mensagens ou informações.

Um conteúdo publicado nas redes sociais tende a permanecer arquivado, no entanto, pode ser encontrado, por meio de ferramentas presentes nos SRS e pode ser reproduzido e replicado por usuários presentes na lista de contatos, mesmo que os atores sociais não se encontrem no modo *online*. Essas informações tornam-se públicas e são difundidas via as “pontes” entre os mais diversos grupos que se encontram em universos socialmente distantes (FIALHO, 2014).

Diante do exposto, os diálogos mediados pelo computador “[...] nascem de conversações entre pequenos grupos que vão sendo amplificadas pelas conexões dos atores, adquirindo novos contornos e, por vezes, novos contextos.” (RECUERO, 2012, p.123). Ultrapassando os limites dos mais variados SRS, estas interações, as quais podem acontecer de maneira síncrona ou assíncrona, no *ciberespaço*, independem de tempo e espaço, podendo ser recuperadas e compartilhadas entre os mais diferentes grupos e atores sociais. Neste interim, segundo Santaella (2013), cada vez mais as redes digitais exercem um papel importante no cotidiano e na vida humana, abarcando as dimensões psíquica, sociocultural, política e econômica. Várias páginas são criadas com o intuito de promover um determinado produto, pessoa ou tornar conhecido certo conteúdo, ou no sentido de despertar a sociedade para temas sensíveis que dominam os grandes meio de comunicação, é o que parece acontecer com o *Facebook*.

4.4 Facebook

Atualmente, o *Facebook* lidera o *ranking* dos SRS, graças ao número de pessoas conectadas. Este *site* passou a ser considerado, atualmente, uma das maiores redes sociais do planeta e fornece aos seus usuários um espaço de compartilhamento de imagens, ideias e fatos do cotidiano, de encontros virtuais, voltados para a interação social, assim como, um espaço de discussão de temas diversos e promoção de atividades (SILVA; SALGADO, 2016).

No contexto acadêmico, o *Facebook* tem sido tema de diferentes pesquisas, como na Psicologia (BLEASE, 2015; DIAS; CASTILLO; CASTILLO LÓPEZ, 2017), na Educação (PESSOA; PANIAGO, 2018; LINHARES; CHAGAS, 2015), na Sociologia (MESCH, 2017; ABBAS; MESCH, 2016), na Educação Física e Esportes (LINKER et al., 2018; FERNANDEZ-RIO, BERNABE-MARTÍN, 2018; PEDROSO et al., 2017). Sua aplicabilidade tem sido

ratificada nos mais diferentes âmbitos, como espaço de coleta de dados (COSTA, 2018; BUZZI et al., 2016) e divulgação científica (BARBOSA; SOUZA, 2017) entre outros.

O *Facebook* é considerado uma rede social que pode ser utilizada como ferramenta da *web 2.0* (SILVA; SALGADO, 2016) e se encontra fundamentada em sete princípios divulgados pela primeira vez no primeiro trimestre de 2018. Essa decisão foi tomada mediante uma lei restritiva da Europa, a qual entrou em vigor em 25 de maio de 2018, restringindo a maneira como as empresas colhem, arquivam e utilizam dados pessoais dos usuários (ALVES, 2018).

O núcleo criado especificamente para as questões de privacidade junto aos usuários da rede social foi um marco para a empresa, segundo o *site Facebook* (2018a). Os sete princípios fazem relação ao controle de privacidade por parte dos usuários; clareza acerca da forma como os dados dos usuários serão utilizados pela empresa; maior privacidade em relação aos produtos oferecidos pela rede aos usuários; atualização constante das ferramentas que mantêm as informações dos usuários seguras; liberdade de publicar e excluir informações por parte dos usuários; constantes alterações da rede almejando melhorias e a rede se responsabiliza por quaisquer problemas que venham comprometer a privacidade das informações dos usuários em relação à segurança dos dados.

Para fins de compreensão acerca das estruturas que compõem o *Facebook*, Miranda e Rocha (2018) elencaram alguns de seus principais recursos e espaços de divulgação. Têm-se, segundo os autores, o perfil, a *fanpage* ou página de fãs, o grupo, as mensagens/bate-papo, o *feed* de notícias, a *timeline*, o curtir/reagir e eventos. Para os autores, o *site Facebook*, além de prover o usuário com todas essas opções funcionais e interativas, este espaço tem sido visto com bons olhos pela comunidade científica, no que tange à mobilização social, favorecendo trocas importantes de experiências entre os mais diversos tipos de usuários.

Em relação a números, segundo Kemp (2020), em seu artigo para o *site We Are Social*, revelou que em abril de 2020, 3,81 bilhões usuários faziam uso de mídias sociais e destes, 2,5 bilhões de usuários estavam conectados à plataforma *Facebook*, dominando assim, o cenário social global. Segundo o autor, 98,2% acessaram o *site* em diferentes tipos de celulares, 78% acessaram o *site* somente via celular, 20% fizeram uso do *site* via computadores e celulares e 1,8% dos usuários do *Facebook* fizeram uso via dispositivos fixos, como computadores e *notebooks*. Dados recentes coletados em janeiro de 2021 e disponibilizados pelos *sites We Are Social* e Hootsuíte via agência Amper (2021) confirmam os números fornecidos pelo autor acima e apontam ser o *Facebook*, a rede social mais acessada do mundo, seguida pelo *Youtube* e *WhatsApp*.

De acordo com as estatísticas evidenciadas por Kemp (2020), Índia, Estados Unidos, Indonésia e Brasil são os países que, com base no número de usuários, possuem o maior número de contas no *Facebook*. O público brasileiro atingiu um patamar de 120 milhões de usuários em abril de 2020 conectados à maior rede social (KEMP, 2020). Estes dados vêm corroborar a abrangência e o potencial social que a *internet* e, particularmente, esta rede social possui no cotidiano das pessoas.

Ao situar a presença da mulher no âmbito das redes e das mídias sociais, Hamann (2013) apontou que a participação feminina atingiu um percentual de 74% das mulheres que possuem acesso à *internet* em redes sociais, em relação à masculina, com 70% de acesso. Os dados estatísticos fornecidos por Kemp (2020), corroboram a informação acima e fornecem informações coletadas em vários países, inclusive o Brasil, em relação ao gênero dos usuários de redes sociais, todas as faixas etárias revelaram um acréscimo do público feminino, conectados às redes sociais em relação ao público masculino. Navarro (2020) afirmou por meio de dados coletados em parceria com o *site Statista* em fevereiro de 2020 que, 54% dos usuários do *Facebook* eram do público feminino e 46% masculino.

Pesquisadores têm direcionado o olhar para as questões de gênero no contexto das redes sociais. Garcia et al. (2018), em estudo pioneiro, exploraram a divisão de gênero no *Facebook*, em diferentes países e as interfaces com alguns setores sociais, como a economia, a educação e a saúde. Os autores fizeram uso de uma ferramenta, o *Facebook Gender Divide* (FGD), uma métrica composta de dados de mais de 1,4 bilhões de usuários, dispersos em 217 países e tiveram acesso a interessantes dados dos aspectos relativos à desigualdade de gênero, de forma global.

Garcia et al. (2018) evidenciaram que o FGD compila os indicadores de igualdade de gênero nos diferentes cenários da sociedade, como na educação e na saúde e os aspectos relativos às oportunidades econômicas, a exemplo da questão do emprego. Os autores apontam que o uso das diferentes mídias sociais denota um valor agregado para as mulheres, em relação às taxas de igualdade econômica de gênero. Os resultados da pesquisa de Garcia et al. (2018) indicam que SRS *online* podem atuar na redução das barreiras que impedem as mulheres ao acesso à informação, assim como, promover a diminuição no impacto econômico em relação à divulgação de possibilidades de oportunidades. O estudo ainda revela que, ao se unirem por meio de grupos no âmbito do *Facebook*, a população feminina se empodera da plataforma de maneira ativa e com maior rapidez, em relação à população masculina e esta rede social digital pode contribuir no sentido de conectar mais mulheres em prol de assuntos como empregos, moradia, entre outros. De acordo com os autores, as mulheres ainda se defrontam com uma

grave discriminação sistêmica nos mais variados setores da sociedade e, por meio das mídias digitais, estas encontram oportunidades para preencher as lacunas em espaços digitais como o *Facebook*.

A comunicação em rede está promovendo uma revitalização da democracia e essas novas comunidades virtuais, as quais firmam suas moradias nesse ciberespaço (SANTAELLA, 2001), fazem uso da rede, como um canal, inclusive, para desabafos e protestos. Os discursos proferidos nesses grupos sociais virtuais promovem articulações, apoios e estímulos a causas coletivas, tornando-se um braço de força e mobilização, capaz de gerar transformações efetivas junto às causas levantadas. Diante de tamanha potência em termos de alcance territorial, possibilidade de gerar conexão com as pessoas, promover a interação social, divulgar conteúdos e informações, o *Facebook* se mostra um *site* de rede social popular e abrangente. Segundo estudos recentes, como o de Bashingwa (2020), afirmam ser o *Facebook* um importante *site* no que tange a transmitir conteúdos informacionais. O autor analisou a rede e as questões relacionadas ao *Covid-19* e assegurou ser o *site* um gerador de comunicação positiva em informar os usuários acerca da pandemia.

No entanto, diante da fugacidade com as notícias circulam nas redes sociais, há de se ter cuidado com as falsas notícias ou *fake news*, as quais camufladas de conteúdos estrategicamente pensados sobre o formato, o tamanho e qual público a ser atingido, geram incertezas para o leitor sobre a veracidade de seu conteúdo, classificado como preocupantes (AYMANN, FOERSTER E GEORG, 2017). Para os autores, para fins de controlar essa disseminação de informações falsas em redes sociais, deve-se analisar as fontes que originaram a postagem e ler atentamente o conteúdo, ir adiante do primeiro e segundo parágrafos em caso de textos e, ao se tratar de outro formato de *post*, analisá-lo com prudência antes compartilhar.

De acordo com o relatório fornecido pelos *sites We Are Social/Hootsuite* (2021), acerca das *fake news* e a desinformação, disponibilizadas tanto na *internet* quanto nas redes sociais, o Brasil segue líder em termos de preocupação com esses conteúdos falsos ou informações incorretas encontradas na *internet*. Segundo o relatório, quando foca-se em gênero, as mulheres até 54 anos, tem maior preocupação com a desinformação/*fakenews* em relação aos homens.

O *ciberespaço* é um ambiente profícuo em termos circulação de diferentes conteúdos e, nesse sentido, as redes sociais se tornam um espaço fértil para dialogar e trocar informações e conteúdos pertinentes a discursos de gênero, entre outros assuntos, fazendo uso de diferentes ferramentas, como é o caso das *hashtags*.

4.5 Hashtags

O símbolo # (*hash* em inglês) mais *tag*, que, em português tem a tradução “etiqueta”, possui várias nomenclaturas, jogo da velha, cerquilha, suspenso em partituras musicais e a apropriação da ferramenta *hashtag* nas redes sociais, de maneira efetiva, se deu a partir de uso, pela primeira vez, na rede social *Twitter*, em 2007 (ALMEIDA, 2017). No entanto, seu primeiro uso, para fins de marcação de determinadas palavras ou expressões a uma mensagem no cenário digital, data da década de 1980, em um *chat* da *web*, conhecido por “*internet relay chat*” (IRC). Atualmente, seu uso expandiu para outros SRS e firmou-se como uma ferramenta efetiva na organização de conteúdo, tendo-se como exemplos, o *Instagram*, *Google+*, *Youtube* e o *Facebook* (ARAÚJO; SILVA, 2018).

Ao se criar uma *hashtag*, esta é transformada em *hiperlink*, o qual possibilitará o direcionamento e a visualização, de maneira rápida, dos conteúdos e grupos de pessoas, as quais se interessam por determinados tópicos ou assuntos (ALMEIDA, 2017). Isto contribui para aglutinar pessoas em torno de temas comuns. Atenta-se para o fato de que o termo *hashtag* não foi um mecanismo criado pela rede *Twitter*; já que este se originou de uma necessidade dos usuários em aglutinar assuntos comuns em um mesmo lugar.

As diversas temáticas discutidas no âmbito das redes sociais, assim como, os conteúdos publicados, apenas recentemente são organizados mediante o uso de *hashtags*. Um símbolo # mais uma palavra-chave, por exemplo, empoderamento feminino, isto é #empoderamentofeminino, permite que o *post* criado acerca daquele tema seja recuperado, ou, futuramente, buscado, gerando, com isso, uma interação dinâmica do conteúdo entre os usuários da rede social.

Um exemplo, são os movimentos sociais, os quais têm utilizado a *internet* como uma parceira no fomento de suas causas e objetivos e por meio dessas ferramentas, têm somado ganhos importantes, como visibilidade e reconhecimento. Diversos pesquisadores têm direcionado seu olhar para esses movimentos: na militância contra o assédio sexual #MexeuComUmamexeuComTodas (ROMEIRO; SILVA, 2018), #EuNãoMereçoSerEstuprada (RODRIGUES; LUVIZOTTO, 2014), no âmbito da política o #VemPraRua, #ImpeachmentJá, #NãoVaiTerGolpe (CHAGAS, 2018), no cenário de segregação racial #SomosTodosMaju #SentiNaPele (LIMA, 2017), no âmbito esportivo, contra a desigualdade de gênero #LikeAGirl, #GirlsCan #TipoMenina (RODRIGUES, 2016; DELUCHI, 2016).

De acordo com Roy (2016), os diversos tipos de preconceitos, estereótipos, agressões e assédios aos quais as mulheres estão expostas, não são novidades, para a autora, o acesso à informação sim e, por meio do uso das *hashtags*, assume-se uma forma diferenciada de poder

e este se dá pela conexão virtual. O poder aqui referenciado se dá pela união, na junção de forças, no sentido de promover a equidade de gênero por meio das diferentes mídias sociais. A autora evidencia as diferentes *hashtags* ligadas à disseminação da igualdade de gênero e promove um aporte histórico das campanhas e os benefícios advindos delas em prol da causa da igualdade de oportunidades entre os gêneros. Tem-se, como exemplo: #HeForShe, #MeToo #TimesUp. Para a autora, o uso das *hashtags* revela o poder da voz, da comunicação e da promoção de uma catarse, por se saber que a mulher, vítima de qualquer tipo de violência, não se encontra só. Outra possibilidade em relação ao uso desta ferramenta é trazer o público masculino para a conversa, situando-o em termos de acesso à informação correta.

Lima (2017) evidenciou, em seu estudo, que o uso da ferramenta *hashtag* não se limita a dar expressividade a textos ou outras formas de escrita, mas também, reforça os discursos que se encontram presentes em imagens, as quais podem produzir efeitos que repercutem nos diversos setores da sociedade. O autor cita SRS, como *Instagram*, *Twitter* e o *Facebook*. O *ciberativismo* nas mídias sociais tem gerado resultados positivos em termos de visibilidade, quer seja relacionado ao *marketing* ou a causa social. Os discursos são agrupados sob diferentes formas, por meio de uma ou de um conjunto de palavras, as quais promovem, de maneira rápida, a dispersão no *ciberespaço* de conteúdos que dizem respeito a um coletivo de experiências (REZENDE; NICOLAU, 2014).

Uma prática utilizada pelo *marketing*, “*femvertising*”, junção do *feminism* (feminino) e o termo *advertising* (publicidade), tem chamado a atenção de vários pesquisadores (HSU, 2018; HAMLIN; PETERS, 2018) e faz relação às campanhas publicitárias contemporâneas que fazem uso de temas feministas, promovendo produtos variados, tendo como pano de fundo, o empoderamento e emancipação feminina. Um exemplo de sucesso no campo do *marketing* é a campanha de uma empresa americana o qual um de seus produtos, da linha de absorventes femininos, fez uso da *hashtag* globalmente conhecida, “*#LikeAGirl¹*”, “como uma garota” sua tradução, visando a aumentar a autoconfiança na população adolescente, público este, na visão de Condon (2014), o qual não se encontra presente na maioria das discussões sobre gênero e o papel da mulher na sociedade. Segundo a autora, essas campanhas abrem um espaço importante na promoção de informações e convida esse público a se engajar, de maneira crítica, em questões ligadas ao universo do empoderamento de seu corpo.

No entanto, autores como Silverman (2017) e Rogers (2017) se mostram céticos e preocupados, em relação ao aspecto do feminismo exposto nas mercadorias a serem divulgadas

¹ <https://www.youtube.com/watch?v=XjQBjWYDTs>

pelas mais diversas *mídias*, promovendo, por meio das *hashtags*, uma leitura do empoderar-se da mulher, de maneira enviesada, denotando confusões quanto aos valores reais explícitos na campanha, em que, não se tem claro se está havendo empoderamento da mulher, ou exploração da mesma. Um dos aspectos explorados no estudo de Hamlin e Peters (2018) é sobre as questões presentes nos diálogos feministas, os quais versam sobre o pessoal e político em termos do empoderamento individual, refletindo nas transformações sociais e o que as campanhas têm repassado, por meio do *femvertising*, é que empoderamento da mulher está atrelado ao produto, sendo que a imagem deste é fortalecida. Segundo Hsu (2018), por meios das estratégias de *marketing*, sendo uma delas o *femvertising*, os profissionais têm procurado retratar, de forma realista, quem são as meninas e as mulheres atuais, enfatizando em suas campanhas a transcendência das divisões de gênero e procurando valorizar quais são os anseios dessa população.

Recuero (2009) evidenciou, em seu livro “Redes Sociais na Internet”, um conteúdo interessante acerca dos *memes* e das redes sociais e a relação destes com manutenção, difusão e propagação de informações, com os conteúdos que ainda se mantêm vivos no *ciberespaço* e quais desapareceram. A autora cita os estudos de Dawkins, realizado em 1979, e o de Blackmore, em 1999, os quais descreveram as características: longevidade (persistentes e voláteis), fecundidade (epidêmicos e fecundos), fidelidade das cópias (replicadores, metamórficos e miméticos), presentes nos *memes* relacionados a sua sobrevivência no âmbito virtual. A autora acrescenta outra característica relacionada ao alcance (globais e locais).

Segundo a autora, um olhar aprofundado acerca dos elementos e características provenientes dos *memes*, revela a existência de valores que são construídos e disseminados nos SRS. Autoridade, popularidade e influência, são alguns exemplos de valores citados pela autora, que podem ser construídos ou desconstruídos, devido às características do *ciberespaço*. Os atores sociais, que de maneira individual ou coletiva, são dotados de intencionalidade no sentido promover e propagar informações, e estes não as fazem de maneira casual mas sim, com base na carga de valores trazidas por determinados temas e conteúdos a serem divulgados.

De acordo com o estudo de Van Peborgh (2010), a *web 2.0* trouxe mudanças consideráveis no que tange à mobilização e ao engajamento humanitário, por meio das redes sociais. Essas ferramentas de comunicação interativas geram conteúdos, histórias e experiências, os quais promovem o agrupamento de pessoas, por meio de ações coordenadas, lutando por causas coletivas.

Na perspectiva das discussões de diferentes temas no âmbito das redes sociais, Loiseau e Nowacka (2015) acreditam ser esta uma poderosa fonte para chamar a atenção sobre as

questões de gênero, dos direitos das mulheres e, com isso, alavancar os compromissos com a igualdade de oportunidades. As autoras enxergam nas tecnologias, nas *mídias* sociais e nos SRS, a oportunidade para ampliar o campo de ação na elaboração de Políticas Públicas, assim como, uma poderosa ferramenta, ao fazer uso das *hashtags* para mobilizar o público diante das diferenças de gênero, em todos os setores da sociedade, inclusive no esporte.

No entanto, pouco se conhece sobre a potencialidade dessa rede em relação à efetiva promoção e divulgação de mudanças de atitudes e valores concernentes ao universo de algumas questões sociais recentes, haja vista que discussões de gênero, violência doméstica, o preconceito contra a mulher negra e a mulher no esporte, são exemplos atuais, há pouco incorporados nesse espaço virtual e, ainda, timidamente discutidos no âmbito do *Facebook*. Pode-se perceber com uso da ferramenta *hashtag*, que as construções de contextos são possíveis, graças as possibilidades de aglutinação de conteúdos semelhantes e também pelo fato do *Facebook* permitir fazer, por meio dos botões de curtir, comentar e compartilhar conteúdo, tornando-se um interessante ponto de referência para a coleta de informações no âmbito das redes sociais.

4.6 Igualdade de Gênero no Esporte

Ao discorrer sobre as questões de gênero na atualidade faz-se necessário pensá-las sob diferentes perspectivas assim como os atores e suas áreas de produção de conhecimento. Torná-se imprescindível ampliar o conceito de gênero, tensioná-lo com os outros marcadores sociais, como classe/raça. Analisar a categoria gênero, de maneira isolada, limita análises mais aprofundadas sobre os processos de produção de desigualdade. Por isso a importância de criar mais coletivos ou grupos que foquem essas questões, no sentido de gerar representatividade e visibilidade. Tem-se as discussões no âmbito dos movimentos sociais, à exemplo, a comunidade LGBT, que englobam lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros, tais como as políticas públicas, aspectos educacionais voltados para a diversidade sexual no contexto escolar entre outros (VIANNA, 2018), Cunningham (2015) aborda em suas produções acadêmicas as temáticas de gênero, focando sobre a diversidade e inclusão no âmbito esportivo, da comunidade LGBT, questões como o preconceito e a discriminação que ainda precisam ser superadas.

Outros espaços de discussão cuja temática perpassa as questões de gênero é o esportivo. O esporte é reconhecido globalmente pelo seu papel social, o qual preza pela promoção da educação, saúde, desenvolvimento individual, interação social e pelo favorecimento de diálogos entre as mais diversas culturas, independentemente de cor, raça, sexo, religião, orientação

política, ou outros aspectos. Os debates acadêmicos atuais sobre a temática gênero e suas interfaces com o esporte têm elevado o teor das discussões, abarcando outros conteúdos, no sentido de promover novos olhares sobre a diversidade de gênero presente nos diversos contextos sociais (GOELLNER, 2009). Diante dos acontecimentos mundiais e em específico, no Brasil, acerca de práticas violentas sobre as individualidades de grupos minoritários, sobre os termos gênero e sexualidade, acredita-se ser a escola, principalmente, as aulas de Educação Física, um espaço primordial na formação, educação e sensibilização dos indivíduos, promovendo assim, uma cultura de convivência.

Segundo Nicolino e Paraíso (2018), esses acontecimentos mencionados têm contribuído para o silenciamento da ação pedagógica e no contexto da Educação Física escolar, as discussões ainda versam sobre a desigualdade de gênero no âmbito das atividades físicas e esportivas, em aulas separadas por sexo, as quais perpetuam a segregação entre os gêneros (GOIS TINOCO et al, 2016).

No contexto das práticas corporais em tempos passados, os corpos eram cunhados segundo um processo que valorizava os aspectos biológicos. O corpo masculino, concebido pelos atributos da força, da destreza e dotado de habilidade, símbolo de potência enquanto a figura feminina, tinha seu corpo subentendido como dócil, frágil e sensível, construído para fins de reprodução.

Diante do exposto, as diferenças entre homens e mulheres no esporte podem ser explicadas sob duas óticas: pelas diferenças biológicas e estruturais, as quais, em definitivo, tendem a corroborar as performances diferenciadas entre os atletas masculinos e femininos e a escassa elaboração de políticas públicas que incentivem a entrada da mulher para o âmbito esportivo (CAPRANICA et al, 2013). Outros elementos colaboram para essas dissonâncias entre os gêneros no esporte, como as questões sociais e políticas (GUBBY; WELLARD, 2015), o baixo investimento financeiro, assim como de patrocinadores (MEZZADRI et al., 2014) e a falta de oportunidades, aspectos que afetam diretamente a participação da mulher a uma variedade maior de esportes, ou em cargos esportivos e de gestão (RUBIO et al., 2016).

As diferenças entre as mulheres e os homens sempre existiram, nos mais diversos espaços, ora sendo injustos e inaceitáveis em alguns e legítimos em outros. No caso dos esportes que envolvem competição e classificados como de alto rendimento, as diferenças de gênero são frequentemente apontadas como resultantes de fatores biológicos naturais. A puberdade pode ser citada como um exemplo, as capacidades físicas diferem entre homens e mulheres, no caso, nos homens, as capacidades físicas sobressaem às das mulheres (BOICHÉ et al., 2014).

Segundo os autores Chalabaev et al. (2013) e McRae (2016), as diferenças biológicas entre os gêneros podem ser de origem natural ou ambiental, pois dependem do grau de experiências motoras vividas pela criança ou adolescente, o que refletirá na sua atuação esportiva. No entanto, essas diferenças, segundo os autores, também podem ser explicadas pelos processos sociais e, portanto, eles compartilham da ideia de que fatores psicossociais devem ser levados em consideração, quando se discutem essas diferenças. Para compreender essas afirmativas, esses autores apresentam as bases da Psicologia dos Estereótipos, a qual se caracteriza pelas crenças compartilhadas sobre as características pessoais, ou traços de personalidade, ou determinados comportamentos de grupo.

O ponto central dessa teoria enfatiza que a realidade social é construída pelas crenças sociais, ou seja, as diferenças sexuais no contexto esportivo existem, porque os próprios atletas acreditam em sua existência. Assim, ao internalizarem esses estereótipos, ocorrem alterações de comportamento e autoconceito, desfavorecendo as suas reais capacidades.

De acordo com a pesquisa de Boiché et al. (2014) e Chalabaev et al. (2013), os estereótipos de gênero podem ser socialmente transferidos às crianças e adolescentes, ou pelo meio cultural ao qual se encontram inseridos. Para os autores, as fontes originárias desses estereótipos são as mais diversas, porém, geralmente, são a comunidade, os professores e os pais. Estes últimos assumem uma função de suma importância, haja vista que, diante das habilidades ou falta destas, os filhos os têm como base e espelho. Estas ideias são incrementadas com a visão exposta na pesquisa científica de Hively e El-Alayli (2014), uma vez que, para esses autores, os estereótipos de gênero tomam forma e se concretizam na mídia, pois existem grandes diferenças em relação aos aspectos das coberturas esportivas durante as transmissões de jogos, na carência de investimentos ou subsídios reduzidos quanto ao fomento de programas de inserção da mulher no esporte, assim como, a falta de apoio por parte de pais e treinadores.

Essas disparidades em relação à igualdade de gênero, quer seja no ambiente esportivo, ou no mercado de trabalho, têm chamado a atenção de organizações internacionais, as quais, mobilizadas pelas gritantes diferenças socioeconômicas e carências de políticas públicas efetivas, têm criado mecanismos, como estatutos, projetos e leis, que visam despertar, na sociedade, atitudes proativas para a equidade nas relações entre homens e mulheres, assim como, fomentar discussões tendo como foco principal as temáticas de gênero, empoderamento feminino e esporte (PINTO; ANDRADE JÚNIOR; LUZ, 2014).

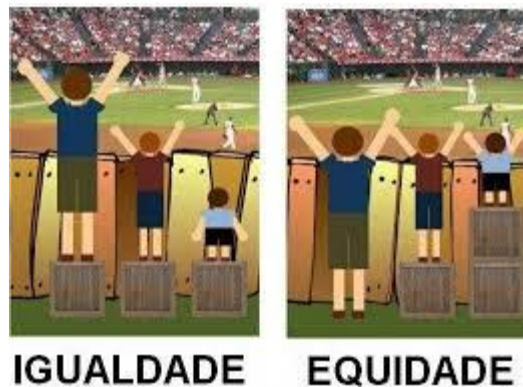
É fato que a invisibilidade feminina foi rompida com o advento do artigo quinto da Constituição Federal de 1988, que versa sobre a igualdade de direitos e obrigações entre homens e mulheres. No entanto, em termos de esclarecimento, sentiu-se a necessidade de esclarecer

dois conceitos acerca do entendimento de igualdade de gênero e equidade de gênero. Ambos estão relacionados, as palavras são semelhantes, porém, possuem significados distintos e sua aplicabilidade na prática também é diferente.

Alves (2016) evidenciou em seu artigo que, por igualdade de gênero entende-se que o ser humano, independentemente de sua orientação sexual, é dotado de liberdade no que tange a fazer suas escolhas e desenvolver suas capacidades individuais. Ou seja, os direitos, as responsabilidades e as oportunidades devem ser iguais para o ser humano, não dependendo de qual gênero este pertença. E a equidade, para o autor é o meio para se chegar lá, significa ações justas de tratamento conforme as necessidades de ambos, representada na **figura 2**.

Rompe-se com a teoria de igualdade assegurada pela lei estabelecida pela constituição e passa-se para um nível de aplicabilidade. Subentende-se que, o tratamento pode variar, pode ser igual ou diferente, mas que seja equivalente, promover o equilíbrio na sociedade em relação aos direitos e deveres, as oportunidades, as divisões justas de tarefas e cargos de gestão, salvaguardando as diferenças individuais de cada sujeito.

Figura 2 – ilustra a diferença entre os termos:



Fonte: Aparecida (2020)

As mudanças atitudinais são um passo para que se concretize essa justiça. Assim, os mais diversos órgãos internacionais visam promover ações políticas de inserção da mulher no mercado de trabalho e tem como premissa, o fortalecimento da população feminina, para que essa possa assumir posições nos mais diversos cenários. Assim, a igualdade de condições sociais e econômicas, ou seja, a equiparação entre homens e mulheres no cenário econômico só será possível, se a mulher começar a assumir cargos de poder e de decisão (BRAUNER, 2015).

No Brasil, têm-se consolidadas algumas ações, como o Plano Nacional de Políticas para as Mulheres (PNPM), criado pela Secretaria de Políticas para as Mulheres (SPM) (BRASIL, 2013). Atualmente, por meio do decreto nº 9.417, datado de 20 de junho de 2018, a Secretaria Nacional de Políticas para Mulheres e o Conselho Nacional dos Direitos da Mulher da

Secretaria de Governo da Presidência da República foram transferidos para o Ministério dos Direitos Humanos, cabendo a este elaborar, sistematizar, estabelecer as diretrizes e desenvolver políticas públicas voltadas para as mulheres, no que concerne à igualdade de oportunidades e direitos (BRASIL, 2018).

Este Plano é referente a um instrumento elaborado a partir de discussões entre governo e sociedade civil, visando essa equiparação e preza pelos seguintes eixos norteadores: autonomia feminina em todos os setores; igualdade entre os gêneros em todos os âmbitos; respeito à diversidade e combate a todas as formas de discriminação; por um estado laico; universalização de serviços e benefícios ofertados pelo estado; maior participação da mulher na elaboração de políticas públicas e transversalidade como eixo norteador das políticas públicas (BRASIL, 2013). O conteúdo desse instrumento preza por efetivas contribuições no campo das políticas públicas relacionadas às questões de gênero, “[...] numa clara demonstração do protagonismo das mulheres na construção de um projeto de sociedade mais justa, mais equânime e democrática” (BRASIL, 2013, p.7).

Dos dez capítulos que compõem o PNPM (2013-2015), o oitavo capítulo discorre sobre as dimensões da cultura, esporte, comunicação e mídia. No contexto do esporte e do lazer, algumas pontuações se fazem necessárias. Quando o documento fora lançado, estava prestes a ocorrer no Brasil dois megaeventos – a Copa do Mundo de Futebol em 2014 e os Jogos Olímpicos e Paraolímpicos em 2016. Estes eventos poderiam mudar o rumo da história, em relação à inserção feminina brasileira no mundo esportivo (BRASIL, 2013).

Tendo em vista esses acontecimentos, a ONU-Mulheres, aliada a uma Organização Não Governamental denominada ONG *Women Win*, criada para desenvolver o empoderamento de mulheres por intermédio do esporte, em parceria com o Comitê Olímpico Internacional (COI) e com o Comitê Olímpico Brasileiro (COB), lançaram o programa – Uma Vitória Leva à Outra². Esse Programa visa promover a igualdade de gênero, empoderamento e liderança para mulheres, por meio das práticas esportivas e foi lançado no Rio de Janeiro, em outubro de 2015. Como um projeto piloto, visou atender, em primeira instância, 2500 meninas, com idades entre 10 e 14 anos, no ano de 2016, concomitantemente à realização dos Jogos Olímpicos.

O projeto tem por objetivo criar espaços seguros, onde essas meninas possam praticar esportes e participar de oficinas temáticas, duas vezes por semana, em horários contrários ao período escolar, ministradas por psicólogas, pedagogas ou assistentes sociais da comunidade. Os temas desenvolvidos nesse projeto abordam a autoestima, liderança, saúde, direitos sexuais,

2 <http://www.onumulheres.org.br/destaques/uma-vitoria-leva-a-outra/>. Acesso em 12 ago. 2018.

reprodutivos, empoderamento e eliminação da violência contra as mulheres e meninas e educação financeira. Com resultados positivos, esse projeto desembarcou no mês de novembro de 2016, em João Pessoa/PB, segundo estado a receber essa metodologia relacionada ao Programa Uma Vitória Leva à Outra³. Esse programa é desenvolvido em outros 25 países pela ONG - *Women Win*, com parcerias locais, e foi adaptado para ser implementado no Brasil, conforme a realidade brasileira.

Vieira (2016), assim como Hancock, Lyras e Ha (2013), acreditam que a participação feminina em esportes pode ajudar a quebrar estereótipos de gênero, melhorar a autoestima das mulheres e contribuir para o desenvolvimento de habilidades de liderança. Por este motivo, torna-se premente planejar, construir e desenvolver projetos, os quais possam vir a se tornarem leis e que assegurem essa maior participação da mulher nos diversos âmbitos da sociedade.

Em outros países, como nos Estados Unidos, projetos que visam à igualdade de oportunidades nos diferentes espaços, sobretudo em programas educacionais, sociais, ou no contexto esportivo, já são realidade. O *Title IX*, nos Estados Unidos, por exemplo, representa uma legislação norte-americana instituída há quarenta anos, sendo conhecida por incentivar a entrada da mulher nos contextos educacionais e esportivos, derrubando as barreiras impeditivas que discriminam o público feminino, assim como, por favorecer a abertura de portas para os diversos programas educacionais, para ambos os sexos, além de proporcionar discussões atualizadas sobre a violência na escola, como o *bullying*, o *cyberbullying* e sobre sexualidade e gravidez na adolescência (TITLE IX, 2016).

Essa lei é aplicada às instituições que recebem assistência do governo e, como o esporte é valorizado no contexto educacional americano, colégios e universidades se adequaram às novas legislações, fomentando maior participação feminina no esporte. Um ponto interessante a ser relatado sobre essa Lei é a relação com os Jogos Olímpicos de 2012, na cidade de Londres. A delegação dos Estados Unidos foi composta, naquele ano, pela presença esmagadora feminina, em relação aos atletas do sexo masculino, fato esse ligado diretamente com a Lei criada em 1972, a qual provocou uma revolução nas práticas esportivas do país (PARTHUN, 2012).

Outro exemplo de legislação a ser observado, ocorrido recentemente na Inglaterra, é relativa ao Código para a Governança Esportiva, criado em outubro de 2016, tendo, entre suas regras principais, a inclusão e a diversidade de gênero no esporte. A regulamentação foi criada

3 <http://www.onumulheres.org.br/noticias/nos-jogos-escolares-da-juventude-uma-vitoria-leva-a-outra-fara-oficinas-para-estudantes-e-professores-de-joao-pessoa-sobre-empoderamento-de-meninas-pelo-esporte/> . Acesso em: 12 ago. 2018.

por duas estatais, *UK Sport* e *Sport England* e lista uma série de exigências que devem estar adequadas até 2017, para que as organizações desportivas inglesas recebam o aporte financeiro, ou seja, dinheiro público. Dentre as mais diversas exigências, o documento estabelece, ainda, uma cota de 30% da participação de cada sexo nos conselhos e nas posições de comando, assim como transparência com o trato público (SPEECHLYS, 2016).

Pode-se notar que, tanto nos Estados Unidos, quanto no Reino Unido, existe certa rigorosidade quando se trabalha com órgãos públicos e financiamentos vindo dos mesmos. Cobra-se pela transparência quanto às normas e regras ao lidar com o dinheiro público. Diferentemente dos projetos que fazem uso de verbas públicas no Brasil, a falta de planejamento, diretrizes e metas, assim como, de programas eficientes e contínuos, são alguns dos adversários encontrados pelo caminho. A má gestão ou ausência dela configura esse cenário que segrega e efetiva as desigualdades (COSTA; SILVA, 2013). Diante desse fato, Brauner (2015) corrobora os autores anteriormente citados e evidencia que, ainda se tem muito que avançar para a implementação de políticas públicas capazes de provocar mudanças na situação social e econômica, na qual a mulher se encontra inserida.

Nesse sentido, o conhecimento teórico-científico produzido acerca das temáticas gênero e esporte, assim como, os progressos nos cenários das políticas públicas, referentes à elaboração de projetos e leis que assegurem a atuação feminina, nas mais diferentes esferas da sociedade e no âmbito esportivo, só serão nivelados, quando as discussões transcenderem os muros locais e adotarem uma perspectiva global. Para Capranica et al. (2013), reconhecer que os fatores culturais, sociais e políticos influenciam sobremaneira o acesso da mulher ao meio esportivo, já é um começo para a equidade de gênero no esporte.

Hargreaves (2000) apontou uma questão interessante sobre a relação esporte e mulher. Para o autor, nos esportes de alto rendimento, ou mesmo nos esportes considerados de elite, a inserção do público feminino se dá de maneira diferenciada. Essas mulheres se encontram inseridas em um contexto social diferente, onde problemas sociais são minimizados pelo aporte financeiro, diferentemente da população feminina, a qual se encontra inserida em um universo paralelo, onde seu *status* de vida é regido pela pobreza, pelas mazelas e carências sociais, educacionais, habitacionais e sanitárias, em que o esporte é considerado irrelevante diante dessas questões. Assim, segundo o autor, os projetos sociais que fazem uso do esporte como ferramenta de transformação social, precisam caminhar juntos com outros projetos sociais, os quais visam à promoção do bem-estar e qualidade de vida das pessoas menos favorecidas.

O esporte, portanto, ao ser concebido como um fenômeno construído de maneira social e cultural, assume um papel importante na sociedade, a qual se encontra em constante

transformação, assim como o contexto das práticas esportivas, que, diante de sua heterogeneidade, transmite valores conforme suas diferentes maneiras de se manifestar. Isto mostra a importância de explorar seus sentidos, significados e ressignificados (FRANCO, 2016).

As atividades esportivas, diante da gama de possibilidades e práticas, são consideradas catalisadoras de mudanças e de transformação social, sejam elas vivenciadas individualmente ou coletivamente, visando à performance ou à qualidade de vida, ou incorporadas ao âmbito escolar, estas podem proporcionar ganhos positivos, no que tange aos aspectos biopsicossociais do ser humano (BALAGUÉ et al., 2016). Essas mudanças perpassam o universo do empoderamento feminino, onde elementos positivos têm sido evidenciados, como o desenvolvimento de habilidades e capacidades que levam à maior independência da mulher, ou seja, um controle maior sobre sua própria vida (SIMARD; LABERGE; DUSSEAULT, 2014; SAMIE et al., 2015). Alves (2016, p.630) corrobora os autores e afirma que: “O empoderamento das mulheres – de todas as gerações – é um anseio cada vez maior das organizações da sociedade civil e um processo que avança nas diversas instâncias de poder dos Estados nacionais”.

Diante das transformações (econômicas, sociais, culturais e ambientais) que a sociedade atual vem atravessando, discorrer sobre questões relativas ao universo do empoderamento feminino, assim como promover ações que visem reduzir as desigualdades de gênero, configura um importante passo rumo à uma sociedade mais organizada e civilizada, em termos de equiparação de oportunidades.

4.6.1 Notas sobre o Empoderamento

Ao direcionar o olhar para temas relevantes discutidos atualmente na sociedade sobre as questões de gênero, movimentos sociais e minorias, é fato deparar-se com o termo empoderamento. Sua origem deriva da palavra da língua inglesa, “*empowerment*”, a qual se refere a autorizar, dar poder, permitir, ou capacitar. Porém, tal conceito é limitado, haja vista que, devido a algumas de suas características, como fluidez e maleabilidade, se atenta a atender às necessidades e expectativas individuais e/ou coletivas de diferentes grupos ou atores sociais (MARINHO; GONÇALVES, 2016; BAQUERO, 2012).

Em termos de significação, em 1977, Julian Rappaport, psicólogo americano e autor de prestígio no âmbito das discussões sobre empoderamento no cenário internacional o conceitua como sendo um valor positivo, com base no qual o indivíduo possui poder sobre suas próprias

ações, sendo, também, aplicável na sociedade. Esse conceito elaborado pelo autor é apresentado a seguir:

The concept suggests both individual determination over one's own life and democratic participation in the life of one's community, often through mediating structures such as schools, neighborhoods, churches, and other voluntary organizations. Empowerment conveys both a psychological sense of personal control or influence and a concern with actual social influence, political power, and legal rights. It is a multilevel construct applicable to individual citizens as well as to organizations and neighborhoods; it suggests the study of people in context (RAPPAPORT, 1987, p.121)⁴

Nota-se que o conceito de empoderamento do autor revelou uma necessidade de fornecer ferramentas a determinados grupos sociais, os quais se encontravam em regime de opressão, para que estes obtivessem condições de crescer e se desenvolver, rumo à autonomia e obtenção de voz ativa (RAPPAPORT, 1987). No Brasil, tem-se um dos precursores e expressão máxima em relação ao termo empoderamento, cunhado a partir da visão de Rapaport, Paulo Freire, versando sobre questões sociais e sua relação com as classes oprimidas e opressoras, cuja apropriação do termo remete ao entendimento da conquista da liberdade por parte dos grupos que se encontravam em estados de submissão e dependência a órgãos dominantes, ou seja, para Freire (1977), o empoderamento deveria partir do indivíduo em situação de opressão, sendo esse um processo político, contextualizado e comprometido com as transformações sociais. Porém, se faz necessário pensar, como enfatizou Berth (2018) em sua obra, sobre qual poder estar-se-á referendando pelo cunho do termo empoderamento, haja vista que implica ao fato de darmos poder a alguém.

Outros pesquisadores de diferentes áreas do conhecimento também discutem a temática do empoderamento em seus estudos, sendo que, atualmente, dentre eles tem-se Perkins e Zimmerman (1995), Gohn (2004), Horochovski e Meirelles (2007), Kleba e Wendausen (2009), Baquero (2012), Campos et al. (2017) e Silva et al. (2018b). Pelo viés das Ciências Sociais, este fora relacionado aos mais diferentes espaços de ação social: familiar, comunitário, escolar e de minorias. Independentemente do campo acadêmico, saúde, serviço social, psicologia ou educação, os valores presentes dentro do processo de empoderamento devem ter por base a

⁴ Tradução nossa sobre o conceito de empoderamento elaborado por Rappaport (1987). O conceito sugere uma determinação individual tanto sobre a própria vida como a participação democrática na vida de uma comunidade, muitas vezes por meio de estruturas intermediárias, tais como escolas, bairros, igrejas e outras organizações voluntárias. Empoderamento transmite tanto um sentido psicológico de controle pessoal ou influência como uma preocupação com a influência social real, poder político, e os direitos legais. É uma construção multinível aplicável aos indivíduos cidadãos, bem como a organizações e bairros; sugere o estudo das pessoas no contexto (tradução nossa).

visão do poder compartilhado. Zimmerman (2000) sustenta essa visão e enfatiza os conteúdos pertinentes ao universo do empoderamento perpassando a autonomia e emancipação dos indivíduos e, elementos como a autoconfiança e a capacidade crítica adquiridos, os quais favorecem a saída de posições de impotência e resignação pré-determinadas socialmente, para condutas proativas.

O empoderamento, revestido pelo viés da educação e dos direitos humanos se torna uma importante ferramenta geradora de mudanças nas relações sociais, contribuindo, por meio da construção da autoimagem e confiança positiva, para a aquisição de pensamento mais crítico, comprometimento de cada indivíduo com o grupo e favorecimento da tomada de decisão e ação (BRAUNER, 2015; STROMQUIST, 1995). Nesse sentido, ao empoderar um indivíduo, uma organização ou comunidade, estar-se-á emancipando-os e fortalecendo-os no que tange à aquisição de voz ativa, visibilidade e influência sobre determinadas ações.

Neste contexto, a Organização das Nações Unidas (ONU), mais precisamente, a ONU-Mulheres, juntamente com O Pacto Global, também procura atuar na promoção da equidade de gênero e o empoderamento da mulher em atividades sociais e econômicas. As organizações têm promovido uma campanha global para que as empresas adotem os 7 princípios de empoderamento da mulher, criado em 2010. São eles:

“Estabelecer liderança corporativa sensível à igualdade de gênero, no mais alto nível. Tratar todas as mulheres e homens de forma justa no trabalho, respeitando e apoiando os direitos humanos e a não-discriminação. Garantir a saúde, segurança e bem-estar de todas as mulheres e homens que trabalham na empresa. Promover educação, capacitação e desenvolvimento profissional para as mulheres. Apoiar empreendedorismo de mulheres e promover políticas de empoderamento das mulheres através das cadeias de suprimentos e marketing. Promover a igualdade de gênero através de iniciativas voltadas à comunidade e ao ativismo social. Medir, documentar e publicar os progressos da empresa na promoção da igualdade de gênero.” (ONU-Mulheres, 2020).

Essa iniciativa objetiva promover parcerias com empresas visando a incorporação de estratégias em seus negócios, ou seja, valores e práticas que visem à equidade de gênero e ao empoderamento das mulheres. Para o ingresso da empresa nesse pacto, os sete princípios – as WEP’s, (Women’s Economic Empowerment) têm que ser aplicados em formato de políticas e programas, dentro de um prazo de 18 meses.

Ainda neste contexto, Marinho e Gonçalves (2016) discutiram em seu estudo, sobre as estratégias de empoderamento da mulher no cenário da América Latina e evidenciaram que este elemento se encontra atrelado à inserção feminina ao âmbito do trabalho e o aumento da renda. Outra estratégia faz relação ao acesso da informação sobre os papéis de gênero no contexto

sociocultural, ou seja, com base em seu cotidiano, no sentido de se fazer refletir, de maneira crítica, sobre seu papel social ocupado. Uma última estratégia faz alusão às práticas grupais como dispositivo de intervenção, no que tange as suas especificidades, por exemplo, com mulheres vítimas de violência doméstica, o conteúdo abordado no grupo era voltado para disseminação de informação sobre os direitos da mulher. Diante do exposto, as autoras enfatizaram que, mediante as diferentes formas de trabalhar os conteúdos relacionados ao empoderamento feminino, todas estão apoiadas no rompimento do desequilíbrio de poder entre os gêneros.

Ao longo dos anos, o conceito de empoderamento esteve relacionado a diferentes abordagens. Stromquist (1995) relacionou o empoderamento sob quatro aspectos, nos quais todos possuem o mesmo peso em termos de importância. O enfoque cognitivo está atrelado à uma visão crítica da realidade, a abordagem psicológica faz relação as questões ligadas à autoestima, o enfoque político direciona para uma consciência acerca das desigualdades de poder, habilidade em se organizar e gerar mobilização e, a última, a econômica, a geração de renda e inserção no campo de trabalho.

Acerca da abordagem psicológica. Zimmerman (1995) foi um dos precursores a sugerir uma estrutura nomológica, relacionando construtos teóricos e medidas observáveis. Para o autor, o empoderamento em nível psicológico se baseia em três categorias. A primeira delas diz respeito ao componente intrapessoal, o qual salienta o domínio sobre a percepção de controle, domínio específico sobre a autoeficácia, o controle motivacional e a percepção de competências. A segunda categoria aborda o componente interacional, formado pela consciência crítica, compreensão sobre agentes causais, desenvolvimento de habilidades, transferência de habilidade de outros domínios e a mobilização de recursos. A terceira categoria está relacionada com o componente comportamental, evidenciado pelo envolvimento comunitário, participação organizacional e condutas de enfrentamento. Com base nesse modelo, o autor salienta que o empoderamento psicológico não se traduz, apenas, em uma construção intrapessoal, mas, aborda fatores interacionais e comportamentais, ampliando sua percepção de habilidades e competências, as quais podem ser aplicadas, de maneira crítica, nos diversos setores da sociedade.

Esta estrutura, segundo Lim e Dixon (2018) tinha como intuito compreender com maior clareza as formas como a participação em âmbito esportivo podem afetar o cotidiano e favorecer o empoderamento feminino. Ao promover práticas esportivas estruturadas no modelo sugerido por Zimmerman (1995), meninas e mulheres estariam adquirindo autonomia em relação a suas capacidades de criação, construção e manutenção das competências pessoais, habilidades

cognitivas e comportamentais, necessárias para a resolução de problemas e tomadas de decisão em seu cotidiano.

Outras teorias sobre empoderamento da mulher podem ser evidenciadas no estudo de Parpart (2013). A autora desenvolve pesquisas cujas temáticas versam sobre as questões de gênero e empoderamento das mulheres africanas, as quais estão geograficamente inseridas em zonas de conflito, caracterizadas por uma organização social machista, que pratica a violência de gênero, cerceando a liberdade de expressão feminina, calando seus anseios e inviabilizando ações empoderadoras, haja vista que a sociedade civil é passiva diante da situação vivida nessas regiões de conflito. Em seu estudo, esta descreve sobre os silêncios coletivos, os quais podem fortalecer a posição das mulheres em um mundo socialmente marcado pela discriminação e desigualdade de gênero, assim como, o silêncio pode estar atrelado a uma forma de resistência, sendo, portanto, bem aceito, como forma de protesto. Diante deste fato, a teoria de Parpart vai de encontro às teorias feministas que versam que o silêncio pode vir a representar impotência e incapacidade. No entanto, em regiões como essa anteriormente evidenciada, a política do silêncio é uma das estratégias de sobrevivência, proteção e espaço de renegociação da violência de gênero.

Em um estudo piloto, Seal e Sherry (2018) aplicaram os conteúdos presentes na teoria desenvolvida por Parpart em um grupo de meninas jovens na Papua, Nova Guiné, que participavam de um projeto social, cujo esporte ofertado era o Cricket. As autoras evidenciaram uma transformação em relação ao despertar para a criticidade e autonomia, em diferentes âmbitos, dentre eles os aspectos da saúde, desigualdade de gênero e a violência contra a mulher.

O estudo de Tom e Praveen (2018) discorre sobre o esporte como catalisador de mudanças, seu poder de transformação e aliado no processo de empoderamento de meninas e mulheres, quando desenvolvidos junto aos programas esportivos no âmbito das comunidades e populações menos favorecidas economicamente. Para os autores, os programas esportivos desenvolvidos nestes contextos envolveriam agentes comunitários, famílias e o público masculino nas discussões sobre as questões de gênero. O saldo positivo advindo desses programas, em relação ao empoderamento feminino, faz relação à quebra dos padrões de desigualdade entre homens e mulheres, redução as barreiras impeditivas de mobilidade e acesso aos mais diversos espaços e equipamentos de lazer, os quais oportunizarão o desenvolvimento nos níveis físico, intelectual e social dessa população. Os autores ainda acreditam que a aquisição de conhecimento e a aprendizagem de valores por meio da prática esportiva podem ser replicadas no cotidiano, como maior envolvimento e engajamento na vida social e política, em seu entorno.

Outro estudo sobre os aspectos do empoderamento e o esporte foi o de Turner e Maschi (2015), enfatizando que o empoderar-se está centrado na capacidade de se fazer escolhas e na possibilidade de transformar essas escolhas em ação, podendo ser estudado a partir de grupos dominados, ou sujeitos à dominação. Os autores apontaram três contribuições da prática esportiva para o empoderamento feminino. A primeira faz relação ao desenvolvimento de metas e a perseverança em realizá-las, ou seja, a experiência positiva no esporte e aplicação dessas competências na vida pessoal. A segunda contribuição gira em torno da aquisição de resistência em relação às influências externas negativas. Diante dos riscos eminentes aos quais poderão estar expostas, estas mulheres se tornaram mais persistentes e confiantes, quanto a seguirem em frente. A terceira e última contribuição apontada pelos autores, trata-se da compreensão sobre o empoderamento como uma capacidade dinâmica, a qual se molda conforme as experiências adquiridas. Seria como um sentimento pessoal fortalecido, o qual independe de mudanças na estrutura social, pois a estrutura interna se encontra empoderada e consegue enxergar os obstáculos como desafios e oportunidade de crescimento.

Autores como Paul, Steinlage e Blank (2015) identificaram, em seus estudos, que o empoderamento feminino pode ser compreendido de maneiras diferentes, conforme o esporte praticado, pois o campo esportivo carrega ainda consigo, valores morais e sociais culturalmente estabelecidos. Diante de três modalidades esportivas de contato físico, o patins sobre rodas, as artes marciais e o *rugby*, praticados por mulheres, os autores puderam constatar que o esporte favorece a aquisição de elementos que contribuem para o empoderamento feminino. A imagem corporal modificada positivamente, por meio da aquisição de um corpo forte e saudável, a descoberta do poder que ressignifica atitudes e comportamentos e o crescimento da confiança e autoestima, repercutiram na vida pessoal e profissional dessas atletas.

Outras fontes de empoderamento podem ser evidenciadas nos estudos de Hargreaves (2000) e de Mackay e Dallaire (2013). Os autores relataram que, atitudes proativas contribuem efetivamente para esse fortalecimento, à medida que as mulheres desafiam e alteram os padrões de desigualdade no esporte, assim como, a criação de espaços esportivos alternativos femininos, para que a mulher se sinta segura para a vivência da atividade e maior divulgação das experiências positivas no esporte por parte das praticantes, apontando elementos como a motivação, significados da prática e o impacto desse envolvimento na construção e fortalecimento do seu eu interior e sua identidade. Posturas como estas atuam na consolidação de ações e são vistas como catalisadoras de mudanças e atitudes.

Mesmo que este modelo conceptual tenha auxiliado a compreender alguns desses fatores relacionados com os aspectos psicológicos do empoderamento feminino por meio do esporte,

ainda restam lacunas a serem preenchidas sobre este conhecimento. Estas lacunas são referentes a, pelo menos, duas situações. Uma delas diz respeito à identificação exata dos mecanismos que possam ser generalizados e que permitam gerar o empoderamento a partir da prática esportiva. A segunda se refere ao processo como estas vivências no esporte limitam ou promovem a transferência do empoderamento para outras esferas da vida. Diante desses apontamentos, os quais salientam a necessidade constante de se lutar pela igualdade de gênero e pelo empoderamento feminino por meio da prática esportiva, uma lacuna ainda permanece a ser compreendida, quando se toma ao foco um esporte como o corfebol, o qual, desde a sua origem, reforça a inclusão feminina para o contexto das vivências corporais esportivas, como um elemento imprescindível a sua realização.

4.7 Corfebol

A modalidade esportiva corfebol, de origem holandesa, surgiu em 1902, a partir de um jogo sueco denominado *Ringball*. Seu idealizador, Nico Broekhuyesen, um professor de Educação Física, buscava um esporte que pudesse ser vivenciado por crianças, jovens e adultos de ambos os sexos, trazia, assim, a mulher para o contexto das práticas esportivas, fato que não era comum e nem ao menos aceito pela sociedade da época (DOSSIER DE KORFBAL, 2016; GUBBY; WELLARD, 2015).

Essa modalidade esportiva foi inserida nas séries iniciais das escolas holandesas pelo professor, cujo objetivo inicial era ocupar o tempo ocioso das crianças e adolescentes e, com isso, mantê-las distante dos problemas sociais vigentes na época entre os jovens. O sucesso dessa modalidade se deu por dois motivos, sendo eles relativos à religião protestante e à revolução industrial. No que tange à religião protestante, esta apostou no esporte jogado de maneira mista, por atender às suas reivindicações relativas à coeducação. No caso da revolução industrial, o interesse foi despertado, por causa do aumento da delinquência juvenil, devido ao número de horas que os pais eram obrigados a trabalhar, cerca de 12 horas de trabalho pesado, o que obrigava as escolas a lidar com muitos alunos ao mesmo tempo (CRUM, 2014). Em seu formato original, o corfebol era jogado com 24 alunos, 12 em cada lado, ou seja, um esporte que pregava a inclusão, desde seus primórdios em relação ao número de pessoas jogando juntos.

Devido à boa aceitação, a modalidade esportiva corfebol expandiu-se. Em 1903, criou-se a primeira Associação Holandesa de corfebol. Em 1920 e 1928, durante os Jogos Olímpicos de Antuérpia e Amsterdã, a modalidade foi apresentada como esporte demonstrativo. Em 1933, deu-se a criação da *Federation International Korfbal* (FIK), a qual, mais tarde, em 1982,

passou a ser *International Korfball Federation* (IKF). Em 1946, o corfebol se expandiu pela Europa, Inglaterra, França, Alemanha e os demais continentes. Em 1952, ocorreram os primeiros jogos *indoor* na Holanda, sendo esta a forma mais jogada atualmente em todo o mundo, haja vista que, em sua forma original, o corfebol é um esporte praticado ao ar livre (DOSSIER DE KORFBAL, 2016).

De acordo com a IKF (2018b), desde o ano de 1933, a federação assumiu a responsabilidade de organização do corfebol em todo o mundo. Atualmente, possui 69 membros em todos os continentes. A IKF é reconhecida pelo *International Olympic Committee* (IOC) desde 1993, é membro da *Association of Recognized Sports Federations* (ARISF), é membro da *The Global Association of International Sports Federations* (GAISF) e membro do *World Games Federation* (IWGA). O corfebol é um dos esportes que se encontra presente na programação dos Jogos Mundiais desde 1985. De acordo com a federação internacional, há mais de 85 anos, o corfebol se vangloria de ser o único esporte de equipe formado por gênero misto. A IKF, em termos midiáticos, divulga, de maneira ampla, seus conteúdos em diferentes tipos de mídia. Têm-se os *sites*, tais como: www.ikf.org e <https://www.worldkorfball.org/>, assim como os *sites de redes sociais* (SRS), *Facebook*, *Instagram*, *Twitter* e *Youtube* para que os usuários possam seguir a federação em diferentes plataformas e ter acesso às informações em tempo real.

Atualmente, segundo a federação, o corfebol está presente em 10 países da África, 10 países da América Latina e da América do Sul, 15 países da Ásia, em 32 países da Europa e 2 países da Oceania. Dos países de Língua Portuguesa, nos quais a modalidade já é praticada, tem-se Portugal, Moçambique, Guiné-Bissau, Guiné-Equatorial, Brasil, Angola, Timor Leste, Cabo Verde, Macau, São Tomé e Príncipe IKF (2018a), sendo em Portugal que ela recebeu maior adesão de atletas (CRUM, 2014).

4.7.1 Corfebol no Brasil

No que concerne ao Brasil, a divulgação do corfebol no território brasileiro se deu na década de 1980. Um grupo de professores de Educação Física, formados pela Universidade Gama Filho, em viagem à Holanda, descobriu um esporte, no qual as equipes eram formadas por homens e mulheres, trabalhando a cooperação e contribuindo para a igualdade de gênero no esporte, deslumbrados com o corfebol, resolveram difundi-lo no Brasil (CAVALHEIRO, 2017).

De início, algumas equipes foram formadas em escolas, como o Colégio Anglo Americano, na praia de Botafogo/RJ, em clubes, como a equipe apoiada pela Associação Atlética Light, situada na região do Grajaú/RJ e a vivência do esporte dentro das universidades às quais os professores se encontravam inseridos (CAVALHEIRO, 2017). Um marco na história brasileira do corfebol no Brasil foi sua apresentação durante o Primeiro Congresso Brasileiro e Pan Americano de Esporte para Todos, ocorrido em Curitiba/PR, em 1982, segundo Bortoleto, (2018). No entanto, devido à falta de crédito por parte das instituições e órgãos esportivos, não houve investimento e patrocínio para a divulgação do corfebol por parte dos professores pioneiros, encerrando as atividades relacionadas ao esporte.

De acordo com Fortuna (2008) e Cavalheiro (2017), em 1998, Marcelo Soares, ainda aluno de graduação do curso de Educação física, na Universidade Castelo Branco/RJ, teve contato com o corfebol e, diante da afinidade e empatia com a modalidade esportiva, resolveu apresentá-la aos alunos de uma comunidade em Pilares/RJ, chamada Fernão Cardin, na qual trabalhava. Em um evento chamado Favela-Bairro, um projeto modelo de políticas públicas no combate à miséria e à pobreza, desenvolvido junto à prefeitura do Rio de Janeiro, Marcelo conseguiu elevar a modalidade esportiva ao segundo lugar entre os esportes desenvolvidos dentro deste projeto. Sem material oficial, o professor realizou um trabalho de divulgação efetivo, por meio de matérias em jornais e vivências da modalidade nos mais diferentes espaços e locais.

Em 1999, o professor Marcelo Soares entrou em contato com a *International Korfball Federation* (IKF), mostrando interesse em oficializar a modalidade aqui no Brasil. De acordo com Cavalheiro (2017), a pessoa responsável em fazer a mediação entre a federação internacional e a possível oficialização aqui no Brasil, foi Sandra Vedder. Neste ínterim, por meio de professores precursores em termos de pesquisa sobre o referido esporte aqui no Brasil, Ângelo Vargas e Moacyr Bastos, que tinham um contato em Portugal, o professor Mario Godinho, deram-se as primeiras aproximações entre os dois países. O professor Mario Godinho foi referência em termos da modalidade esportiva, sendo responsável pelo crescimento do corfebol em Portugal (NCB, 2018) e a semelhança em relação ao idioma, facilitou a aproximação entre os interesses brasileiros na divulgação do cno Brasil, tendo como parceiros, os portugueses, os quais estavam bastante adiantados com o esporte.

Nos anos seguintes, deu-se o processo de divulgação do esporte nos mais variados espaços e locais no estado do Rio de Janeiro. No ano de 2001, o Clube dos Suboficiais e Sargentos da Aeronáutica (CSSA), localizado em Cascadura, bairro da zona norte do Rio de Janeiro, se firmou como um dos primeiros locais com equipes praticantes de corfebol da

América do Sul. Em 2002, foi realizado o primeiro curso de formação em corfebol no Brasil. Dois representantes da Federação Portuguesa de corfebol, os professores Nuno Ferro e Jorge Ramos, vieram ao Brasil ver o andamento da modalidade e aplicar os conhecimentos relacionados ao esporte para estudantes de graduação da Universidade Castelo Branco. O entusiasmo foi tamanho por parte dos alunos de Educação Física que se deu também, a primeira clínica de formação, sobre o esporte junto aos atletas do CSSA/RJ (CAHUÊ, 2008; CAVALHEIRO, 2017). Carmo (2012) evidencia que, em 2002, o professor Marcelo Soares, foi firmado como o primeiro representante da modalidade esportiva cno Brasil e primeiro árbitro da modalidade reconhecido pela Federação Internacional de Corfebol (IKF).

O ano de 2003 foi considerado um ano ímpar em relação às conquistas brasileiras do corfebol. Marcelo Soares é nomeado técnico e recebe o título de representante oficial da modalidade aqui no Brasil. Ao assumir este posto, também assumiu a tarefa de divulgar e trabalhar a modalidade em toda a América do Sul, por meio de uma carta emitida pela IKF. Durante o congresso promovido pela IKF todos os anos, esse ocorrido em Amsterdam, Holanda em 2003, o Brasil é reconhecido como membro oficial e conquista a posição de número 41º na lista de membros praticantes da modalidade. Diante deste fato, o Brasil recebe a permissão de poder participar de competições oficiais promovidas pela IKF, assim como, pelo COI (CARMO, 2012). Ainda em 2003, por intermédio do coordenador do SESC Santo Amaro, Mauricio Del Nero, a modalidade corfebol é apresentada no estado de São Paulo (CAVALHEIRO, 2017).

De acordo com Bortoleto (2018), os eventos ligados ao corfebol, como vivências para demonstrar o esporte em vários estados e cidades, cursos de arbitragem e cursos introdutórios sobre a modalidade esportiva foram realizados em parceria com a federação internacional, principalmente nos estados do Rio de Janeiro e, posteriormente, no estado de São Paulo. Segundo a autora, em 2012, houve o interesse em aprofundar os conhecimentos em relação ao esporte e uma equipe formada com 8 pessoas do Rio de Janeiro e 1 pessoa apenas de São Paulo, viajaram para Portugal. O intuito da viagem era a realização de um curso de formação, o qual incluía Treinamento Nível I e II e um curso de Arbitragem, foi ministrado pelo técnico e árbitro de corfebol, Jorge Alves, representante oficial da modalidade em Portugal. Vários eventos esportivos ocorreram durante o curso e a experiência adquirida voltou na bagagem e foi aplicada em suas cidades. O saldo positivo dessa viagem foi a criação das federações carioca e paulista de corfebol.

No Rio de Janeiro, criou-se a Federação de Corfebol do Estado do Rio de Janeiro (FCERJ), em 2012, a qual se encontra inscrita como representante do esporte no Brasil (FCERJ,

2018a), cuja sede se encontra na capital do estado. Em 2013, a Federação de Corfebol do Estado de São Paulo (FCESP) foi criada, cuja sede está situada na cidade de Americana, interior de São Paulo (FCESP, 2018).

Ambas as federações têm se empenhado em divulgar e difundir, de maneira intensa, a modalidade esportiva. Segundo Bortoleto (2018), a seleção brasileira adulta está sob a direção de Jorge Alves, técnico português, representante legítimo da Federação Internacional de Corfebol. Parcerias têm sido feitas com a federação holandesa e a federação internacional, intermediada pelo senhor Jorge Alves, representante atual da modalidade corfebol no Brasil. Iniciativas como intercâmbios de atletas holandeses ou dos países que fazem fronteiras com o Brasil, propiciaram a realização de cursos e oficinas de formação, amistosos entre os atletas brasileiros e de outras nacionalidades, o que tem fortalecido e encorajado a seleção brasileira a buscar novos horizontes e a se destacar no cenário mundial.

Em 2012, surgem os Campeonatos Estaduais, Brasileiros e a Taça Rio, mobilizando atletas em três categorias. Tem-se a formação das equipes de base, SUB16 e SUB19 e, na cidade de Americana, ocorreu o primeiro campeonato brasileiro de corfebol, com equipes de São Paulo e Rio de Janeiro (FCERJ, 2018). De acordo com Bortoleto (2018), no ano de 2013, três brasileiros são nomeados e reconhecidos como instrutores oficiais, aptos a aplicar cursos de formação, são eles: Daniel Rivillini, Thadeu Ferreira e Luciana Bortoleto. No ano de 2014, a cidade de Americana/SP, recebeu o Primeiro Campeonato Panamericano de Corfebol, categoria sênior. O evento foi um marco para o corfebol brasileiro, haja vista que contou com a presença ilustre do atual presidente da IKF, Jan Fransoo. Três países participaram desse evento, Brasil, Colômbia e México. O Brasil sagrou-se campeão, sob a orientação do Técnico Jorge Alves e conquistou a vaga para o Campeonato Mundial, ocorrido na Bélgica em 2015.

O ano de 2015 foi especial, em termos de participação do Brasil em eventos internacionais. Sob a orientação da professora de Educação Física e treinadora Luciana Bortoleto, a seleção SUB19 participou em Leeuwarden, Holanda, do Campeonato Mundial SUB19. No mesmo ano, a equipe sênior brasileira participou da 10ª edição do Campeonato Mundial de Corfebol, em Antuérpia, na Bélgica (BORTOLETO, 2018). Nos anos seguintes, 2016 e 2017, o Brasil veio trabalhando arduamente a modalidade esportiva corfebol, por meio de campeonatos estaduais, intercâmbios de atletas, cursos de formação e arbitragem e demonstrações do esporte nos mais diversos locais e cidades, no âmbito do lazer e escolar.

No início de 2018, houve mais participações internacionais e o Brasil foi se destacando. Segundo Bortoleto (2018), a participação brasileira na 2ª edição do Campeonato Panamericano Sênior, realizado na cidade de Cali, na Colômbia e a medalha de bronze conquistada, mostraram

que o trabalho com as equipes tem surtido efeito. O Campeonato Mundial, o qual ocorrerá na África do Sul em 2019, assegurou a participação dos vencedores medalhistas de ouro e prata, no entanto, pode haver a possibilidade de abrirem uma janela para a participação brasileira. O Brasil também marcou presença no Campeonato SUB19 europeu de corfebol, disputado em Leeuwarden, Holanda.

4.7.2 Corfebol e suas características únicas

O corfebol é considerado a única modalidade esportiva no mundo jogada de maneira mista (IKF, 2011), em que, homens e mulheres atuam juntos na mesma equipe, demonstrando a possibilidade de se jogar de maneira igualitária, em igualdade de condição (CRUM, 2014). O corfebol tem se mostrado como um espaço onde as relações de gênero podem ser trabalhadas, contribuindo para a incorporação de conceitos relativos ao respeito, à cooperação e não violência entre os sexos.

O corfebol é regido por alguns princípios, como a cooperação, a não violência, jogo misto, alternância de funções, habilidades técnicas e a coeducação (GUBBY, 2016). Essa última é a marca principal do esporte, pois garante a igualdade de funções durante o jogo, assim como, a partilha e cooperação, tendo ambos os gêneros competindo lado a lado e visando ao mesmo fim. O objetivo é arremessar uma bola, que possui 68 a 71 cm de circunferência e pesa entre 425/475 gramas, em um cesto, cujo formato mede 25 cm de altura e um diâmetro entre 39 a 41 cm, preso a um poste que se encontra a uma altura de 3,5 metros do chão. Dois postes são fixados, um em cada lado da quadra. O campo de jogo é retangular e mede 40X20 metros, dividido em duas partes iguais e ganha o jogo quem mais cestas fizer. Muda-se de zona de ataque, quando dois gols forem marcados, mudando, também, a função dos jogadores. As equipes são formadas por 8 jogadores, sendo 2 homens e 2 mulheres na zona de ataque e 2 homens e 2 mulheres na zona de defesa. O jogo consiste em 2 tempos, cada um com duração de 25 minutos de tempo real, separados por um intervalo de 10 minutos (BORTOLETO, 2018; DOSSIER DE CORFEBOL, 2016).

Quanto às regras que compõem o corfebol, um fato interessante nesse esporte, o qual garante a igualdade e elimina a injustiça, as mulheres marcam as mulheres e os homens marcam os homens, enfraquecendo as vantagens esportivas tradicionais, como força, altura, velocidade, entre outras (DOSSIER DE CORFEBOL, 2016; GUBBY; WELLARD, 2015). Outras três regras importantes que direcionam para a construção igualitária de gênero no esporte são mostradas a seguir.

De acordo com Crum (2014), a primeira regra é a obrigatoriedade de haver a participação da mulher na equipe, a qual é formada por oito atletas, sendo quatro do gênero masculino e quatro do gênero feminino. A segunda regra, do contato físico controlado, prega a não violência. Durante o momento do passe, deve-se manter a distância de mais ou menos um metro do adversário, para fins de interceptação da bola, ou seja, enquanto a bola está no ar, não podendo tocar o adversário, além da marcação ser feita por gênero, meninos marcam meninos e meninas marcam meninas, respeitando, assim, as características fisiológicas de cada sexo e gerando igualdade de oportunidades no jogo. A terceira regra, jogar em cooperação, se mostra como uma interessante maneira de fazer com que todos os atletas toquem na bola, pois é proibido caminhar, correr ou driblar com a bola.

Essa obrigatoriedade do toque faz com que o atleta pense na equipe como um todo e não apenas em si mesmo (CRUM, 2014). Assim, diante desses elementos, pode-se evidenciar que se trata de um esporte praticado em equipe, onde a integração dos gêneros torna-se inquestionável, devido ao fato de ser um jogo estruturado para diluir as vantagens ligadas às capacidades motoras, como velocidade, agilidade, altura ou força, favorecendo oportunidades iguais entre homens e mulheres (DOSSIER DE CORFEBOL, 2016).

Diferentes pesquisas têm sido produzidas sob a temática do corfebol e suas interfaces com as questões de gênero no cenário internacional. Autores como Crum (1988), Summerfield e White (1989) e Thompson e Finnigan (1990) foram os pioneiros em relação às discussões sobre a temática na década de 1980, oitenta e suas contribuições são consideradas, até o presente momento, como fontes imprescindíveis quando o assunto é corfebol e igualdade de gênero. No âmbito das pesquisas desenvolvidas no Brasil, poucas referências podem ser citadas, no sentido de trabalhos aprofundados sobre a temática, no entanto, têm-se algumas pesquisas científicas, monografias pioneiras que o abordam no âmbito das práticas escolares e as questões de gênero.

Dentre as referências, tem-se o estudo de Leal e Oliveira (2006) apresentou a discussão acerca da inserção do corfebol no âmbito das aulas de Educação Física escolar, com base nos Parâmetros Curriculares Nacionais, os quais fomentam aulas coeducativas. Em uma entrevista com Marcelo Soares, um dos responsáveis pela difusão do corfebol no Brasil, o entrevistado aponta a longa jornada de divulgação do esporte, onde homens e mulheres jogam juntos numa mesma equipe, nos mais diferentes espaços, mostrando as peculiaridades do corfebol (FERNANDO, 2006).

Em sua monografia de conclusão de curso em Educação Física, Cahuê (2008) discorreu sobre a importância de trabalhar a integração entre meninos e meninas em aulas de Educação Física Escolar e apresentou uma modalidade esportiva que, até então, desconhecida para a maior parte dos professores que atuavam nas escolas, o corfebol. O autor aponta os Parâmetros Curriculares

Nacionais e enfatiza a necessidade de trabalhar a inclusão e igualdade de gênero no âmbito das práticas corporais. Fortuna (2008) discorreu em sua monografia acerca da socialização entre os gêneros, no contexto das aulas de Educação Física Escolar. Diante do fato das aulas tradicionais enfatizarem as diferenças de habilidades e competências, o corfebol agrega valores positivos e incita a igualdade de oportunidades entre meninos e meninas.

Lazzari (2012 e 2012a) propõe a criação de uma unidade didática para trabalhar as questões relativas à temática de gênero no âmbito das aulas de Educação Física Escolar. A produção didática, direcionada à professores de Educação Física, foi construída após reunião com professores da rede de ensino de escolas estaduais paranaenses. O esporte adotado como tema principal da unidade didática foi o corfebol, haja vista que, devido suas premissas, a igualdade de oportunidades, a integração e a inclusão entre os gêneros, pode vir a contribuir efetivamente para uma prática docente inclusiva e mais igualitária. Carmo (2012) partindo da mesma ideia de Lazzari, também promoveu a confecção da produção didático-pedagógica, cujo público alvo são alunos do 9º ano do ensino fundamental. Diante dos conflitos entre os gêneros nas aulas de Educação Física, a unidade didática visa promover discussões acerca da temática da desigualdade e discriminação sofrida pelas meninas.

Garcia e Sepulveda (2021, p.85549) teceram considerações interessantes acerca do ensino do corfebol na escola e alegam ser, o chão de quadra, um espaço dominado pelos meninos e carregado de valores patriarcais. Sendo assim, o corfebol, por ser um esporte diferenciado, de caráter emancipatório, que promove a igualdade de oportunidades entre os jogadores, subvertendo o comportamento padrão, segundo os autores, determinado para meninos e meninas. O estudo também enfatiza que as meninas se sentiram mais empoderadas diante da prática do corfebol, pois o “(...) discurso produzido a partir desse esporte (...) não reconhece o imperativo da diferença sexual”.

Gubby (2015) salienta que este esporte é capaz de atuar na reconstrução dos espaços e concepções socioculturais de gênero. A autora realizou uma pesquisa etnográfica, com meninos e meninas que praticavam o corfebol e os resultados apontaram para a incorporação dos saberes ligados às regras e convivência em grupo. Ficou evidenciado, inclusive, que a competição, de maneira igualitária, contribuiu para apreensão de valores, os quais puderam ser aplicados na vida pessoal. Portanto, as reflexões concernentes ao universo do esporte repercutiram no cotidiano dos atletas e as velhas concepções ligadas aos estereótipos de gênero foram reconstruídas. Também foi ressaltado que notas sobre o respeito à mulher como pessoa e sobre sexo, foram incorporadas (WELLARD, 2016), assim o corfebol se apresentou como um instrumento de intervenção, capaz de estabelecer os limites biológicos de cada um, respeitando o espaço individual na sociedade, dentro de um novo conceito de participação de gênero. O corfebol é uma modalidade esportiva coletiva mista que não se encaixa no modelo heteronormativo, pois ele questiona e rompe com a

performatividade de gênero, desconstruindo o que já está estabelecido. Esta prática representa uma resistência aos padrões normativos das modalidades esportivas tradicionais, pois ela motiva atitudes, desenvolve valores e ações contra as desigualdades entre gêneros, empodera sob o ponto de vista do gênero, construindo essa relação de igualdade.

Uma pesquisa realizada sob o comando do ex-presidente da federação australiana de corfebol, Roy Kirkby, buscou averiguar a importância do corfebol na melhoria das relações de gênero e se este contribuía para a equidade do mesmo. A pesquisa foi aplicada a jogadores, treinadores, árbitros, pessoas ligadas à administração e professores de Educação Física, sendo realizada em 25 países, obtendo 240 respostas no total. De acordo com a pesquisa, a maior parte dos entrevistados, que incluía meninos, meninas, homens e mulheres, afirmaram a percepção de mudanças positivas nas relações de gênero, ao praticar o corfebol. Ambos os sexos de sentiram mais aceitos, sob o ponto de vista do gênero oposto, a cooperação na realização de atividades conjuntas foi evidenciada. Houve a aceitação dos papéis de liderança pelo outro gênero, assim como, maior afinidade e envolvimento social e afetivo com o gênero oposto. Segundo o autor da pesquisa, são necessários outros estudos, que enfatizem o potencial do corfebol como um espaço democrático que contribui para a igualdade de gênero, que, conjuntamente favorece, por meio de seus conteúdos disseminados, a equidade de gênero (KIRKBY, 2016).

Diante dos elementos que compõem o corfebol, das regras que o classificam como um espaço facilitador das discussões que permeiam o universo das questões de gênero, algumas pontuações acerca do empoderamento por meio dessa prática esportiva podem ser contextualizadas. A primeira é a perspectiva do empoderar-se por meio da conquista de habilidades físicas, pois este desenvolve as mais diversas capacidades motoras, ganhos nos aspectos psicológicos e sociais, como autoconfiança, socialização e prazer em desfrutar de novas experiências. Há, inclusive, o empoderar-se no que tange aos aspectos do trabalho em equipe. As habilidades individuais são valorizadas, porém, somente em equipe é que ela acontece. Há cooperação entre os jogadores, treinadores, gerentes, administradores e torcedores, os quais caminham juntos para o fortalecimento da equipe e o sucesso. O empoderar-se no componente mental é concernente à consciência tática, a qual se torna peça fundamental nesse esporte, pois permitirá jogadas explorando pontos fortes de uma equipe, em detrimento das fraquezas de seus adversários. Essa capacidade de executar um plano tático e a rapidez de raciocínio são tão importantes, quanto a aptidão física e a técnica. Portanto, há a possibilidade de empoderar-se por meio da igualdade de gênero (BE INVOLVED, 2018).

O corfebol, é o único esporte praticado exclusivamente por equipe mista no mundo e tem, na sua origem, a inclusão de meninos e meninas, promovendo, assim, o aprendizado e a incorporação de valores e lições para a equidade de gênero, tanto nos meios educacionais, quanto na sociedade de maneira geral. O corfebol possibilita a aquisição das mais diversas habilidades, proporcionando apreensão de valores éticos e morais, que conferem poder, tanto aos meninos, no que tange a sua relação com as meninas e estas, em relação a sua autopercepção de mulher, digna de respeito perante à sociedade (GUBBY, 2016).

Diante do exposto, nota-se que o *status* dado ao corfebol, esporte distinto em termos de seus objetivos e atributos únicos quando o assunto é a participação de homens e mulheres, além de sua promoção ao longo dos anos e a sua disseminação pelos cinco continentes, tem sido tarefa árdua, por parte da IKF e por parte dos representantes legais, nos mais diversos países (GUBBY, 2016). Segundo Fransoo (2003), a internacionalização do corfebol é diferenciada em relação aos outros esportes coletivos, como o futebol, que injeta no mercado milhões de dólares por ano, sendo que o corfebol não atinge os cem mil euros anuais. Segundo o presidente da *International Korfball Federation*, o esforço em difundi-lo globalmente esbarra em alguns entraves culturais, no caso de países que proíbem a participação da mulher no esporte, e financeiros, no caso de muitos países não terem condições de pagar pelo próprio equipamento e a federação internacional não dispor de verbas que auxiliem neste processo. Assim, essas lacunas em relação ao desenvolvimento e difusão do corfebol quando comparado aos outros esportes com origens próximas, como o basquete, têm sido reconhecidas e trabalhadas por meio de diferentes estratégias, sendo umas delas, os SRS.

Este esporte vem fazendo uso das *hashtags* #corfebol, #korfball, #ikf, entre outras, no sentido de potencializar o termo junto às redes sociais e, mais especificamente, campanhas aliadas às estratégias de *marketing*, como #KorfballIsEquality #ThisGirlCan #MixedGenderSport, entre outras, nos mais diferentes *sites* de rede social, no sentido de torná-lo reconhecido mundialmente como único esporte que promove a igualdade de gênero e que traduz uma realidade diferenciada das outras, pois traz, em sua regra principal, a inclusão feminina junto à masculina. Pereira, Ramalho e Paiva (2013) conferem à *internet*, um *status* de geradora de saber e empoderamento, ao fomentar sua efetiva atuação nos campos da cognição conectiva (SANTAELLA, 2010). Assim, a união de forças, no caso, o poder das redes sociais e o poder do esporte, no que tange à divulgação e mudanças de comportamento e na promoção da igualdade de gênero, podem ser beneficiados, em um meio que atinge milhões de pessoas, com uma velocidade descomunal (CASTELLS, 2003).

Essa potencialização das redes sociais para junção de pessoas com ideias e objetivos comuns, para fins de mobilização social, difere totalmente das tendências que apregoam o individualismo e isolamento das pessoas conectadas. Recuero (2009) discorre sobre essas questões e relata, em seus estudos, sobre valores inerentes aos laços criados nas redes sociais e aponta o capital social, o qual se cerca de elementos como reciprocidade, confiança, aspecto cívico, obrigação moral e consenso, como fatores de ligação entre os membros da rede, promovendo o coletivo. Apoiando-se nessas premissas, para se compreender mais detalhadamente esse contexto, algumas inquietações se fizeram presentes:

1. O que tem sido produzido/discutido referente às interfaces de gênero e empoderamento da mulher no Corfebol no âmbito do conhecimento científico?
2. Como os atletas de corfebol, os quais curtem, comentam e compartilham conteúdos e produções, que permeiam a era da cultura participativa, enxergam a rede social *Facebook* como espaço para as discussões sobre igualdade de gênero e empoderamento feminino no esporte?
3. Por meio da análise de postagens, em formatos variados, postados no *Facebook*, é possível compreender as conexões estabelecidas sobre os temas do empoderamento feminino e da igualdade de gênero no esporte?
4. Qual a visão de atletas de corfebol, os quais fazem parte da rede social *Facebook*, acerca da igualdade de gênero e empoderamento feminino no esporte?
5. De que maneira as redes sociais podem interferir no processo de empoderamento feminino?

Todas essas inquietações foram as geradoras desse estudo, no intuito de ampliar as reflexões acerca das relações entre a potencialidade da rede social *Facebook* e a compreensão da visão de atletas de corfebol do Brasil sobre empoderamento feminino e igualdade de gênero no esporte.

5 OBJETIVOS DA TESE

5.1 Objetivo Geral

Analisar a rede social *Facebook* como um recurso na difusão de valores de igualdade de gênero e empoderamento feminino no corfebol, único esporte coletivo misto no mundo.

5.2 Objetivos Específicos

- a) Investigar a produção de conhecimento científico referente às interfaces de gênero e empoderamento da mulher no corfebol.
- b) Averiguar no *Facebook*, quais conteúdos relacionados ao corfebol estão sendo disseminados por meio das *hashtags*.
- c) Analisar de que maneira os usuários do *Facebook* utilizam a *hashtag* na organização dos conteúdos relacionados ao corfebol e as questões relacionadas à igualdade de gênero e em quais formatos se dão essas postagens nesta rede social.
- d) Analisar, na visão de atletas de corfebol do Brasil, como este(a)s utilizam a *hashtag* no *Facebook* na difusão da modalidade e se este(a)s postam *hashtags* com as temáticas da igualdade de gênero e do empoderamento feminino no corfebol.

6 MÉTODO GERAL

6.1 Princípios éticos

Para o desenvolvimento da referida tese, inicialmente submeteu-se o projeto para avaliação do Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos da Universidade Estadual Paulista, Campus de Rio Claro, São Paulo, Brasil. O mesmo foi avaliado e aprovado sob o número do parecer 2.318.775 (ANEXO A).

6.2 Natureza da Pesquisa

O estudo é de natureza qualitativa, devido ao fato de a preocupação recair no aprofundamento da compreensão de determinado problema social, como expõem Goldenberg (2015) e Richardson (2017). Os autores afirmam que a pesquisa qualitativa valoriza os depoimentos dos atores sociais envolvidos, assim como, os discursos e seus conteúdos e que as abordagens qualitativas centram atenção na dinâmica das relações sociais, explorando o universo dos significados, crenças e valores. Isto permite o conhecimento das facetas do processo social, ainda não evidenciadas. Moro (2011) pontua também que, pesquisas qualitativas podem vir a requerer recursos estratégicos utilizados em pesquisas quantitativas, os quais possam auxiliar na apresentação dos dados percentuais e frequência de aparecimento das mesmas respostas.

6.3 Tipo de pesquisa

O estudo foi desenvolvido, fazendo uso das pesquisas, exploratória e descritiva. A pesquisa exploratória tem por objetivo familiarizar-se com um assunto ainda pouco conhecido e explorado. Além disto, procura investigar o universo da população a ser analisada, no sentido de se evidenciarem os problemas e, posteriormente, apresentarem-se possíveis soluções, como apontam Gil (2016) e Matias-Pereira (2016). De acordo com Gil (2016), este tipo de pesquisa envolve levantamento de bibliografias, documentos, para se conhecer, de maneira aprofundada o fenômeno estudado.

Pesquisas descritivas buscam descrever, de maneira aprofundada, segundo Triviños (2009) e Gil (2016), os fatos e fenômenos de uma determinada realidade e, pesquisas deste tipo, procuram estabelecer relações entre as variáveis associadas ao objeto estudado. Em essência, segundo Paré e Kitsiou (2017), uma pesquisa descritiva, pode vir a afirmar que as descobertas

traduzem o estado da arte de um determinado fenômeno. Estas seguem procedimentos sistemáticos, extraindo características importantes a serem analisadas, tais como ano da publicação, metodologias utilizados nos estudos, técnicas usadas para a coleta dos dados entre outros.

6.4 Delineamentos da Pesquisa

De acordo com Gil (2016), torna-se necessário em uma pesquisa científica, definir o seu delineamento, para que se possa, com clareza e objetividade, confrontar a teoria relacionada ao problema com a realidade advinda dos dados coletados. Assim, subentende-se que seja a delimitação de uma pesquisa, o planejamento da mesma em sua dimensão mais ampla, abrangendo a diagramação, a previsão de análise e a interpretação dos dados. Assim, tem-se dois grandes grupos de delineamentos, segundo o autor, cujo dados são captados de maneiras diferenciadas. São eles, as fontes de papel, como é o caso das pesquisas bibliográfica e documental e as informações repassadas pelas pessoas.

Para o delineamento do presente estudo optou-se pela utilização de pesquisa bibliográfica, pesquisa documental e estudo de campo, levando em consideração as necessidades envolvidas em cada etapa da pesquisa. Com relação à pesquisa bibliográfica, esta se desenvolve a partir de materiais já elaborados, ditos fontes secundárias, como evidencia Gil (2016), os quais já foram analisados por outros pesquisadores. Tem-se a exemplo, os livros, os artigos científicos, as teses e dissertações, etc. Um ponto positivo desse tipo de pesquisa faz relação a amplitude de cobertura em relação ao fenômeno.

Aliada a pesquisa bibliográfica, adotou-se também a pesquisa de caráter documental. Ambas as pesquisas (bibliográfica e documental) são semelhantes em alguns pontos, porém, o que as difere são as fontes. Em pesquisas documentais, os materiais ainda não foram analisados ou podem ser reelaborados de acordo com os objetivos específicos da pesquisa (GIL, 2016). Neste caso, em relação à pesquisa documental, fontes como cadernos e manuais elaborados pela FCESP foram analisados.

O estudo de campo também foi um delineamento utilizado neste estudo. Neste tipo de pesquisa, tem-se que o investigador adentra ao universo da população a ser estudada com o intuito de obter informações amplas e detalhadas. É um tipo de delineamento com maior flexibilidade quanto as mudanças e alterações em suas estruturas, incluindo a possibilidade de reformular objetivos durante a pesquisa, caso seja necessário (GIL, 2016).

6.5 Coleta de dados

De acordo com Richardson (2017), existem uma série de técnicas de coleta de dados no âmbito das pesquisas de natureza qualitativa. Objetiva-se com essas técnicas, a obtenção de informações dos participantes, tendo por base, seus conhecimentos e percepções acerca de determinados assuntos. Assim, a técnica de coleta de dados utilizada neste estudo foi um questionário autoaplicado, via a plataforma *online*, *Google Forms*. Tal instrumento consistiu em um roteiro com questões abertas e fechadas, elencadas em uma sequência lógica e aplicado de maneira uniforme a todos os entrevistados, de modo individual, via o aplicativo de *Smartphone*, *WhatsApp*, permitindo assim, a captação dos saberes e ideias dos participantes a serem pesquisados (LAVILLE; DIONNE, 2016).

6.6 Instrumentos

Para o desenvolvimento da pesquisa exploratória, foi utilizado como instrumento para a coleta de dados, um questionário. Esta técnica de investigação, segundo Gil (2016) é formada por um conjunto de questões, as quais podem ser abertas ou fechadas, aplicadas aos respondentes, para fins de captação de informações das mais variadas naturezas, traduzindo assim, os objetivos da pesquisa em formato de questões específicas. Dentre as funções relacionadas a esse instrumento, tem-se, a descrição de determinadas características de grupos sociais como também, a medição de variáveis relativas a esses grupos.

Tem-se que, na construção de um questionário, atentar-se para uma série de cuidados, como enfatiza Gil (2016), tais como: eficácia do instrumento em relação aos objetivos, conteúdos das questões, número e ordem das questões, elaboração das alternativas, apresentação do instrumento (instruções e uma carta introdutória, apresentando como se deve responder o mesmo) e um pré-teste. Dar atenção aos itens evidenciados, as chances de êxito com o questionário são maiores, segundo o autor, pois trata-se de um procedimento técnico e como tal, cada detalhe conta. Segundo Gil (2016), os questionários podem ser autoaplicáveis, que foi o caso do presente estudo, não necessitando da presença do pesquisador.

Sendo assim, o tipo de questionário escolhido para esse estudo é caracterizado como autoaplicado, no qual os entrevistados decidem o momento adequado para responder as indagações aferidas a eles. A combinação de diferentes questões (abertas e fechadas), fez-se necessária pelo fato de que, por meio das perguntas fechadas buscou-se coletar as informações

sociodemográficas e por meio das questões abertas, buscou-se as informações aprofundadas acerca da temática em questão (RICHARDSON, 2017).

Segundo Richardson (2017), o uso de questionários tem suas vantagens e desvantagens. Dentre as vantagens, tem-se a rapidez e uniformidade na aplicação, o anonimato, facilitando à expressão de opiniões. Quanto as limitações, tem-se o fato do retorno dos questionários, os quais podem não atingir os 100% das respostas. Tem-se também os problemas da validade e da confiabilidade das informações contidas nas respostas. Construído o instrumento, este passou por uma banca de juízes avaliadores, formada por professores doutores, no sentido de se assegurar a sua aplicabilidade na coleta do dados.

Quanto ao questionário em si (APENDICE A), o primeiro item fez relação à caracterização da amostra (gênero, idade, estado civil, escolaridade, renda salarial, profissão/ocupação, tempo de prática de corfebol e frequência de prática). Quanto as questões, estas foram agrupadas em duas categorias: Categoria 1 - corfebol, igualdade de gênero e empoderamento feminino, que procurou averiguar a compreensão do(a)s atletas sobre igualdade de gênero, empoderamento feminino e a difusão do corfebol. Quanto a Categoria 2 - interfaces entre o corfebol, *Facebook* e a ferramenta *hashtag*, procurou-se investigar o papel do *Facebook* na difusão/disseminação do conhecimento sobre o corfebol e o *Facebook* como espaço de compartilhamento de conteúdo sobre gênero e empoderamento no corfebol.

6.7 Amostra

A amostra deste estudo se caracterizou como não probabilística e por conveniência (RICHARDSON, 2017). As amostragens por conveniência são utilizadas com frequência em pesquisas exploratórias segundo Lune e Berg (2017). As amostras selecionadas para este estudo fazem alusão aos 70 *posts* coletados no *Facebook*, por meio da ferramenta # e à 12 participantes, sendo seis atletas homens e seis atletas mulheres de corfebol da seleção brasileira, que se dispuserem a participar do estudo e a assinarem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

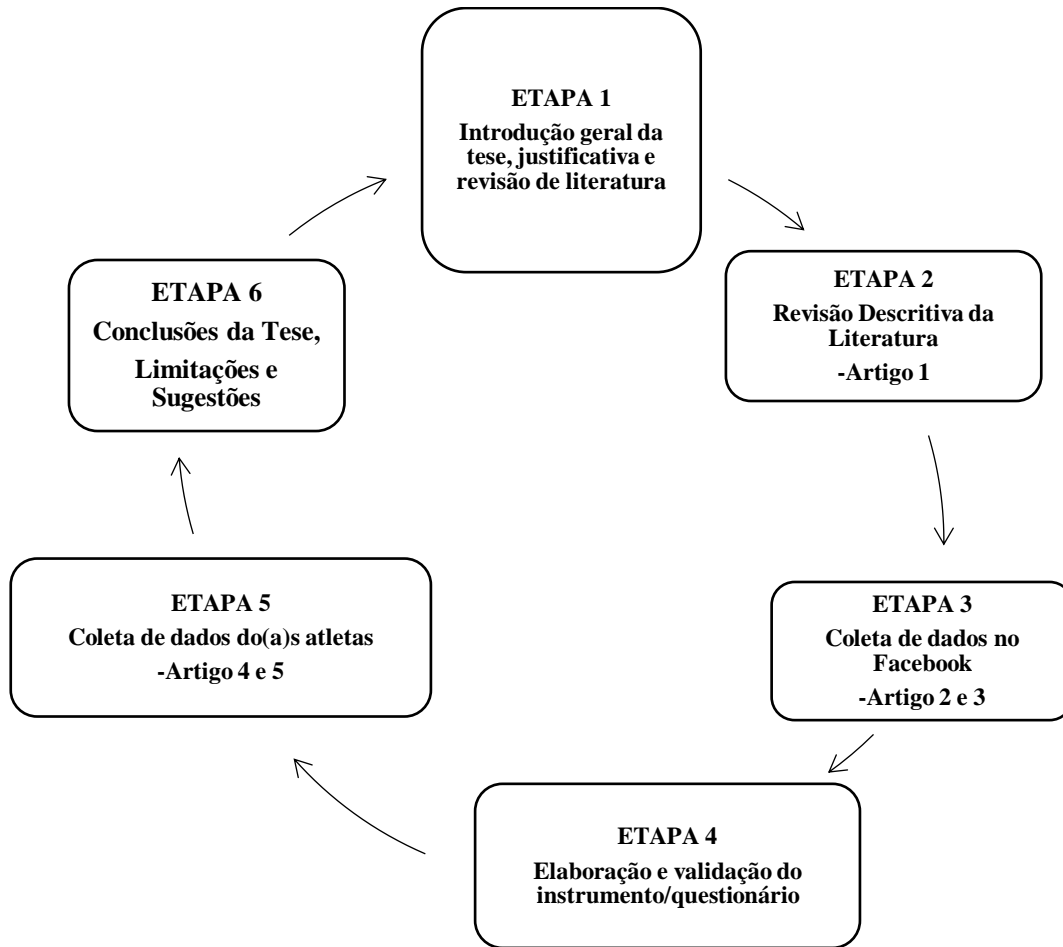
A definição do tamanho da amostra de participantes para o estudo seguiu as recomendações sugerida por Marshall et al (2013), com base na qual os autores evidenciam que, para as pesquisas qualitativas não incorrerem no risco de saturação dos dados, tem-se que estipular um tamanho ideal de entrevistas. Galvin (2015) em seu estudo evidenciou que entre 8 e 17 entrevistas individuais por locus de pesquisa é o suficiente. Foi realizado o pré-teste, para averiguação e funcionamento do instrumento final.

A justificativa para a escolha por atletas da seleção brasileira de corfebol, formada por atletas das federações dos estados do Rio de Janeiro e de São Paulo, centrou-se no fato de haver apenas uma equipe que participa dos campeonatos mundiais. O corfebol é um esporte de alto rendimento e tem, como grandes potências mundiais, os times holandeses e belgas (GUBBY, 2016). No entanto, no Brasil, os atletas ainda são amadores, praticam o corfebol por amor ao esporte e não recebem aporte financeiro para poderem investir na carreira de atleta. Esta modalidade ainda está se estruturando, em termos de se tornar uma modalidade esportiva conhecida nacionalmente. Este ainda não tem o reconhecimento do Comitê Olímpico Brasileiro, não dispõe de uma Confederação Brasileira de Corfebol, apenas as duas federações, paulista e carioca, conforme evidenciou a representante oficial da modalidade no Brasil (informação verbal).

6.8 Descrição da organização geral da tese

Para o desenvolvimento da tese, adotou-se algumas etapas, as quais foram compostas por diferentes aspectos e estratégias, conforme apresentado na **Figura 3**, mostrada a seguir:

Figura 3 – Fluxograma das etapas percorridas para o desenvolvimento do estudo.



Fonte: Elaborada pela autora (2021)

A primeira etapa da tese, **Etapa 1**, consistiu na elaboração da introdução geral da tese, elencando a justificativa e a problemática do estudo. Por meio de uma pesquisa exploratória, desenvolvida com base no delineamento da pesquisa bibliográfica, buscou-se na literatura, materiais já elaborados, tais como teses, dissertações, livros e artigos sobre os conteúdos propostos da pesquisa, a saber: tecnologias e internet, *sites* de redes sociais, *Facebook*, *hashtags*, igualdade de gênero no esporte, empoderamento feminino, corfebol no Brasil e no mundo e suas características que o torna um esporte diferenciado, único esporte coletivo misto.

Após este levantamento, a **Etapa 2**, contou com a realização de uma revisão aprofundada da literatura, a qual se desenvolveu por meio de uma pesquisa bibliográfica em diversas bases de dados, via plataforma Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Também foi utilizada a ferramenta de busca, *Google Scholar*, disponibilizada pela plataforma, buscando-se os artigos de periódicos científicos nacionais e internacionais que versavam sobre as temáticas propostas da pesquisa.

As bases de dados consultadas para este estudo, disponíveis no Portal de Periódicos CAPES/MEC (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) do Ministério

da Educação, são mostradas a seguir. Quanto às áreas do conhecimento, buscou-se nas Ciências da Saúde (Educação Física e Esportes), Humanas (Sociologia, Educação e Psicologia) e Multidisciplinar (Interdisciplinar) pelas bases *EBSCO (Academic Search Premier – ASP, CINAHL, SocINDEX with Full Text, SPORTDiscus with Full Text, MEDLINE)*, *Webofscience*, *ScienceDirect* e *Scopus*. Utilizou-se também a ferramenta de busca *Google Scholar*, para fins de averiguar a existência de artigos não disponibilizados nas bases citadas, mas que tivessem acesso aberto online. Para a realização da pesquisa, foram adotadas as seguintes palavras-chave como estratégia de busca: *korfball* OR *corfebol* AND *gender* AND *power*. Como resultado da combinação dos termos, chegou-se ao número geral de 579 artigos, os quais, após aplicados os critérios de inclusão e exclusão, resultaram 7 artigos potencialmente importantes para a discussão, os quais findaram no Artigo 1, já publicado no periódico *Cadernos Pagu*, avaliação Capes/Qualis - Educação Física – B3 e Interdisciplinar – A1, em Janeiro de 2020.

Com relação à **Etapa 3**, a qual foi desenvolvida por meio de pesquisas descritiva e exploratória. Os dados foram coletados via Internet, no campo de pesquisa do *Facebook*, durante o período de 1 de agosto de 2019 a 15 de agosto de 2019. Foram feitas duas buscas: (Busca 1) *#korfball #corfebol #genderequality* e (Busca 2) *#korfball #corfebol #mixedgendersport*. Os *posts* foram coletados de maneira manual, ou seja, sem a utilização de *softwares* ou ferramentas métricas, utilizadas para monitorar as diferentes redes sociais e os mesmos foram salvos por meio de um *software* da *Microsoft Word*, processador de texto produzido pela *Microsoft Office*.

Duas categorias foram criadas para analisar os dados coletados na rede social *Facebook*. Com relação à **categoria 1**) formato das postagens, foram criadas três subcategorias, as quais foram separadas em três grupos: 1.1) imagens, 1.2) textos/*links* e 1.3) vídeos. O grupo 1.1) imagens compreendia (imagem/álbum, imagem/montagem, imagem/fotos e imagem/infográfico). A **categoria 2**) conteúdos abordados foi subdividida em duas subcategorias, 2.1) igualdade de gênero e a 2.2) empoderamento feminino. O presente estudo apoiou-se na classificação elaborada por Carvalho (2014), em relação aos formatos de postagens. A autora evidenciou cinco formatos de publicações no *Facebook*: imagens, imagens/textos (memes), os vídeos, *links* de *sites* e textos. No entanto, para a conveniência da coleta de dados sobre a temática, neste estudo adotou-se a seguinte classificação de postagens: imagem (foto/álbum, ilustração, infográfico, montagem), *links*/textos (*link* com texto URL, *link* com imagem) e vídeos (*auto play* ou *link* para o *site Youtube*).

Para a análise dos vídeos, o embasamento teórico se deu a partir do estudo de Rodrigues (2015), a qual analisou vídeos do *site Youtube*® e a figura do idoso. Para a análise das imagens, adotou-se como base o estudo de Oliveira (2016), que analisou imagens de atletas no *Instagram*.

Foi elaborado um protocolo de análise de imagens e de vídeos para se pudesse examinar com mais detalhes os dados coletados. Quanto ao protocolo de análise das imagens, este foi dividido em quatro itens. Os componentes presentes nas imagens (atletas, prevalência de gênero, presença de treinadores(a)s/árbitro(a)s e família/amigos. O local de registro da imagem (centro de treinamento, praia, quadra/ginásio, gramado e outros). O momento da foto (trabalho/jogo, descanso, lazer e outros) e por último, a presença de *hashtags* (quantidade e quais as *hashtags* usadas). Quanto ao protocolo de análise de vídeos, este consistiu em apenas um item de avaliação, características dos vídeos, as quais faziam relação tipo de vídeo (reportagem, vídeos de imagens e filmes, propagandas, entrevistas e outros), tempo de duração e prevalência de gênero.

A coleta de dados resultou inicialmente em 1269 *posts*. Destes, 359 *posts* faziam alusão à Busca 1 #*korfball* #*corfebol* #*genderequality* e 910 *posts* referentes à Busca 2 #*korfball* #*corfebol* #*mixedgendersport*.

Quanto à B1) #*korfball* #*corfebol* #*genderequality*, dos 359 *posts* coletados, 318 foram excluídos por estarem repetidos. Restaram 41 *posts*, dos quais 9 foram excluídos por serem *posts* compartilhados, restando, assim, 32 *posts* da B1).

Quanto à B2) #*korfball* #*corfebol* #*mixedgendersport*, a qual obteve um total de 910 *posts*, 831 foram excluídos por estarem repetidos. Restaram 79 *posts*, dos quais 15 foram excluídos, por serem *posts* compartilhados de outra fonte, restando, assim, 64 *posts* da B2). Assim, somando-se as duas *hashtags*, obteve-se 96 *posts*.

No entanto, percebeu-se que, em um mesmo *post*, as *hashtags* das duas buscas (B1 e B2) se faziam presentes, gerando duplicidade de materiais. Assim, 51 *posts* estavam relacionados à B1), 19 *posts* relacionados à B2) e 26 *posts* faziam relação às duas *hashtags* B1) e B2). Deste modo, 13 *posts* foram excluídos por estarem repetidos, restando 83 *posts*. Aplicado um último critério que excluía os vídeos relacionados à partida ou momentos do corfebol, 13 *posts* foram excluídos da amostra. Sendo assim, a amostra final deste estudo foi composta de 70 *posts* para análise, os quais findaram nos Artigo 2, publicado no periódico Coleção e Pesquisa em Educação Física, avaliação Capes/Qualis – Educação Física – B4 e Interdisciplinar – B4 e Artigo 3, publicado na Revista Conexões, avaliação Capes/Qualis – Educação Física – B4 e na e Interdisciplinar – B4.

Com relação à **Etapa 4**, a qual faz alusão à validação do instrumento utilizado nesta pesquisa. A necessidade desta validação centrou-se no fato de assegurar que as questões presentes no instrumento fossem adequadas ao atendimento do objetivo proposto pelo estudo, de modo que, cada uma das questões tivesse maior clareza e relevância. Para tanto, ficou estabelecido a criação de um Comitê de Juízes, compostos por docentes atuantes na área da Educação Física, conhecedores das temáticas abordadas no estudo, os quais foram convidados a participar da pesquisa, na avaliação e validação destes dois instrumentos, seguindo os preceitos de recomendados por Pasquali (2010).

De início, foi enviada uma Carta Convite, conforme APENDICE B, via e-mail, para 11 professores, convidando-os à participar da validação do instrumento. No entanto, devido ao prazo de 15 dias para o retorno das considerações, apenas cinco juízes puderam fazer parte do processo. Diante do aceite, foi encaminhado novamente, o documento contendo o perfil da amostra, abrangendo os dados dos respondentes relativos ao gênero, idade, escolaridade, profissão, tempo de prática. Além destes dados, continha um manual para a avaliação do instrumento e os itens que compunham o questionário em si. Em um primeiro momento, solicitou-se do juiz que aferisse uma nota de 1 a 5 para cada questão, com base em dois critérios: clareza e relevância. Clareza quanto ao fato da questão se estava formulada de forma objetiva e compreensível e, relevância, no que tange a importância da questão para atingir o objetivo proposto pelo estudo. Assim, cada item do questionário deveria ser avaliado de acordo com esses cinco critérios, conforme o nível de pertinência para cada questão, considerando “1” se o item fosse inadequado, “2”, se fosse pouco adequado, “3”, se fosse aceitável, “4” se fosse adequado e “5” se fosse muito adequado e satisfizesse completamente o critério.

Em seguida, foi exposto aos avaliadores, as duas categorias de análise, criadas *à priori*, e mediante a compreensão dessas categorias, por parte dos juízes, foi pedido à eles que marcassem um “x” a categoria na qual cada questão melhor se adequasse. Assim, ao final do instrumento de avaliação, os juízes poderiam através de um espaço aberto, para fazer sugestões, alterações ou tecer comentários acerca das questões. Após as considerações feitas pela banca de juízes, deu-se início às leituras e adequações sugeridas.

Nenhum item do questionário ficou com pontuação abaixo de três. Sendo assim, todos os itens foram mantidos. No entanto, sugestões no que tange a melhoria da redação e de perguntas as quais não faziam parte do instrumento, foram acatadas, elevando assim, o número de questões em relação ao questionário inicial, que tinha 13 questões. Após a elaboração da versão final do questionário, o qual findou em oito questões destinadas a obter informações sociodemográficas e 16 questões abertas e fechadas, destinadas a obter respostas mais

elaboradas sobre a temática. Houve a aplicação prévia do instrumento a dois atletas, conforme evidencia Richardson (2017), na tentativa de verificar determinados aspectos dos conteúdos presentes no questionário e compreensão, por parte dos entrevistados. Sua importância também está centrada no fato de haver um tempo hábil para possíveis correções e redirecionamentos dos elementos a serem investigados.

A **Etapa 5** versou sobre uma pesquisa descritiva e delineamento referente a um estudo de campo (GIL, 2016), o qual procurou analisar o papel do *Facebook* na difusão das temáticas relacionadas à igualdade de gênero e o empoderamento feminino, na visão de atletas de corfebol do Brasil. Para tanto, aproveitou-se uma oportunidade em que os atletas do estado do Rio de Janeiro e São Paulo estavam reunidos em Americana, interior de São Paulo, para o Campeonato Brasileiro de Corfebol 2018, que se realizou nos dias 8 e 9 de dezembro de 2018. No dia 8 foi apresentado a pesquisa, seus objetivos e mediante a aceitação em participar do estudo, pegou-se a assinatura dos atletas. Ficou acordado que o questionário seria enviado em um momento posterior aquela conversa inicial. Neste mesmo dia, deu-se a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (APENDICE C), para obtenção da anuência dos participantes, seguindo-se os procedimentos éticos e garantindo-se sigilo absoluto das informações coletadas, as quais serão utilizadas apenas para fins acadêmicos foi coletada.

Após essa etapa, foi aplicado aos atletas um questionário autoaplicado para a coleta dos dados (RICHARDSON, 2017). Fez-se uso de uma ferramenta do *Google*, o *Google Forms*. Tal dispositivo é gratuito e possibilita a criação de formulários *online*, no entanto, faz-se necessário que o usuário tenha uma conta no *Google* para criá-lo. Essa ferramenta pode ser acessada por diferentes equipamentos tecnológicos, como celulares. Criado o formulário, é gerado um *link* que foi enviado para o(a)s atletas via *WhatsApp*. As tecnologias de informação tornaram-se aliadas, devido a popularização destas e as quais podem ser acessadas de diferentes locais, são atrativas e promovem o acesso rápido às respostas, quase em tempo real (ARAÚJO et al., 2019). Os dados obtidos com a aplicação do questionário aos atletas resultaram nos Artigos 4, publicado na Revista *Hipótese*, avaliação Capes/Qualis – Educação Física – B4 e Interdisciplinar – B4 e o Artigo 5, publicado no periódico *Coleção e Pesquisa em Educação Física*, avaliação Capes/Qualis – Educação Física – B4 e Interdisciplinar – B4.

Na última, **Etapa 6**, foi feito o fechamento da tese, levando em consideração todas as etapas mencionadas acima, as considerações finais, os apontamentos relacionados às limitações percebidas desta tese e elencadas sugestões para estudos futuros com base nas temáticas abordadas.

6.9 Análise dos Dados

Os dados advindos de ambas às pesquisas, descritiva e exploratória foram analisados descritivamente por meio da Técnica de Análise de Conteúdo proposta por Bardin (2017). Para a autora, trata-se de uma técnica representativa na análise das comunicações, fazendo uso de procedimentos sistemáticos e objetivos para descrever e interpretar os conteúdos presentes em mensagens e/ou indicadores. Desta forma, a técnica escolhida para a análise dos dados busca os conteúdos necessários para enriquecer a leitura e ultrapassar as incertezas. Para tanto, as respostas provenientes da entrevista serão agrupadas em categorias temáticas elaborados a posteriori.

A Técnica de Análise de Conteúdo, segundo Bardin (2017) desenvolve-se a partir de três fases distintas. A pré-análise, formada pela leitura flutuante e preparação do material coletado, sendo caracterizada pelo primeiro contato com os documentos a serem analisados. É a fase da organização e início da sistematização dos dados amostrais, garantindo assim, as etapas seguintes. A segunda fase do método faz relação à exploração do material e é caracterizada pela sua complexidade e sistematização. Refere-se à codificação, por meio da qual se faz o recorte e escolha das unidades de registro, a enumeração e classificação, relacionada à escolha das categorias. O tratamento dos dados, última fase, objetiva validar e dar significado aos resultados obtidos, por meio da inferência e a interpretação das informações. As informações são codificadas por meio de ordem, escolha de categorias e análise temática.

A Técnica de Análise de Conteúdo proposta por Bardin (2017) foi utilizada em todos os artigos resultantes dessa tese. Foram seguidos todos os passos de análise e interpretação de dados provenientes desta técnica. Sendo assim, os resultados são mostrados a seguir. Cada artigo possui metodologia e procedimentos próprios, construídos mediante objetivos específicos, os quais complementaram o objetivo geral da tese, que visou analisar a rede social virtual *Facebook* como um recurso na difusão de valores de igualdade de gênero e empoderamento feminino no corfebol, único esporte coletivo misto, que preza pela igualdade de gêneros no contexto esportivo.

7 RESULTADOS E DISCUSSÕES

7.1 Artigo 1

O artigo 1, intitulado “**Interfaces de gênero e empoderamento da mulher no Corfebol: uma revisão descritiva**”, foi elaborado, finalizado e submetido ao periódico Cadernos Pagu, cuja avaliação Capes/Qualis - Educação Física – B3 e Interdisciplinar – A1 e apresentado no meu exame de qualificação, como resultado parcial da tese. O artigo, cujo objetivo foi investigar a produção de conhecimento científico referente às interfaces de gênero e empoderamento da mulher no Corfebol e **já se encontra publicado** na referida revista, na data de 17 de janeiro de 2020. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8664342>

Interfaces de gênero e empoderamento da mulher no Corfebol: uma revisão descritiva*

Renata Laudares Silva**

Gisele Maria Schwartz***

Resumo

Baseado na perspectiva de igualdade de gênero no esporte, o estudo investigou a produção de conhecimento sobre as interfaces de gênero e empoderamento da mulher no Corfebol. Os resultados indicam a predominância de estudos sobre igualdade de gênero no âmbito dos esportes de alto rendimento, assim como no contexto das aulas de Educação Física. Porém, não há artigos diretamente relacionados às interfaces de gênero e empoderamento da mulher no Corfebol na literatura acadêmica. Conclui-se que há uma premência na produção de conhecimentos considerando a temática, para minimizar esta lacuna.

Palavras-chave: Igualdade de Gênero, Empoderamento, Esporte, Corfebol.

* Recebido em 07 de dezembro de 2018, aceito em 17 de janeiro de 2020.

** Doutoranda em Desenvolvimento Humano e Tecnologias, Mestre em Ciências da Motricidade e Bacharel em Educação Física pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Unesp, Rio Claro, São Paulo, Brasil e pesquisadora do Laboratório de Estudos do Lazer, Departamento de Educação Física, Unesp, Rio Claro, SP, Brasil. renata.laudares@gmail.com /0000-0002-0200-799X

*** Professora Adjunta aposentada na Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Unesp, Rio Claro, São Paulo, Brasil e pesquisadora do Laboratório de Estudos do Lazer, Departamento de Educação Física, Unesp, Rio Claro, SP, Brasil. gisele.schwartz@unesp.br / 0000-0003-1599-5314

Gender Interfaces and Women's Empowerment in Korfball: A Descriptive Review

Abstract

Based on the perspective of gender equality in the sport, the study investigated the production of knowledge about gender interfaces and women's empowerment in Corfebol. The results indicate the predominance of studies about gender equality in the high-performance sports context, as well as in the context of Physical Education classes. However, there is no articles directly related to gender interfaces and women's empowerment in Corfebol. It is concluded that there is an urgency in the production of knowledge considering the theme, to minimize this gap.

Keywords: Gender Identity, Power (Psychology), Sport, Korfball.

Introdução

O esporte é considerado uma ferramenta catalisadora de mudanças atitudinais positivas para o público feminino, graças à possibilidade de promover a melhoria da autoestima, da confiança, da autossuperação e da autonomia, elementos importantes, os quais contribuem efetivamente para o empoderamento da mulher (Lim; Dixon, 2018). Entretanto, esses efeitos podem variar, ou mesmo não serem positivos, dependendo do tipo de prática corporal, induzindo ou reforçando elementos contrários como a submissão ou a impotência feminina (Schulenkorf; Sherry; Rowe, 2016).

Com uma perspectiva igualitária, o Corfebol desde sua origem, preconizou a participação de ambos os gêneros. Essa modalidade esportiva traduz uma realidade diferenciada de outras práticas, pois traz em sua regra principal, a inclusão feminina junto à masculina, ou seja, os times são formados por homens e mulheres os quais desfrutam juntos da experiência de praticarem a mesma modalidade (International Korfball Federation, 2011). Este esporte é regido por alguns princípios como a cooperação, a não violência, jogo misto, alternância de funções, habilidades técnicas e a coeducação. Pelo fato de a marcação dos atletas durante as jogadas ser feita por gênero, isto é, homens marcam homens e mulheres marcam mulheres, as vantagens esportivas tradicionais como força, altura, velocidade entre outras são enfraquecidas, havendo mais equilíbrio nas *performances* (Dossier de Korfball, 2018; Gubby; Wellard, 2016).

Estes elementos são encontrados apenas no Corfebol e fomentam o encorajamento para romper com estereótipos de segregação da mulher no campo esportivo, assim como, tendem a contribuir para uma possível mudança de conceito em relação à presença dos gêneros, feminino e masculino, em equipes esportivas (Gubby, 2015; Gubby; Wellard, 2016), incitando o empoderamento feminino. As ações contra as desigualdades entre gêneros no esporte, mais fortemente elencadas no passado porém, ainda presentes de diversas maneiras, tiveram que passar por um processo de reflexão profunda, surgindo inclusive novas perspectivas de abordagem no contexto esportivo (Singh; Naidoo, 2017).

Ao visar atuar nesta perspectiva de inclusão, equidade de gênero e empoderamento da mulher nas práticas esportivas e nas atividades físicas, o Comitê Olímpico Internacional (COI), por meio de ações e projetos que estão presentes na Agenda 2020, promove e incentiva a igualdade de gênero nos diversos esportes, inclusive, em cargos de gestão esportiva ou com a inclusão de provas com equipes mistas, assim como, com cobranças junto às federações internacionais no cumprimento dessas recomendações (Lapchick, 2016).

A ONU-Mulheres, aliada a uma Organização Não Governamental denominada ONG *Women Win*, criada para desenvolver o empoderamento de mulheres por intermédio do esporte em parceria com o Comitê Olímpico Internacional (COI) e com o Comitê Olímpico Brasileiro (COB), lançaram o programa – Uma Vitória Leva à Outra. Esse Programa visa à promoção da igualdade de gênero, empoderamento e liderança para mulheres por meio das práticas esportivas e foi lançado no Rio de Janeiro, em outubro de 2015. Atualmente, integrou-se à ONU-Mulheres, o Fundo ELAS e a implementadora EMPODERA, fomentando ações multiplicadoras e impulsionadoras do empoderamento de meninas por meio do esporte (Onu-Mulheres, 2019).

Ainda que já se conheçam alguns programas e ações voltadas para a equidade de gênero nos diversos setores da vida social, inclusive no âmbito da educação com políticas educacionais brasileiras que especificam esta abordagem (Balieiro, 2017), voltadas às interfaces entre gênero e a divisão sexual no trabalho (Araujo, 2017), os avanços no campo das políticas públicas concernentes à criação de projetos e leis que efetivamente garantam a participação da mulher nos mais diversos setores da sociedade (Aguião, 2017) só serão equalizados quando as discussões ultrapassarem os muros locais e assumirem uma perspectiva global. Isto decorre do fato de que, em um cenário absolutamente pluralizado, as discussões de gênero ultrapassam as questões relativas aos estudos das feminilidades e masculinidades, perpassando o universo das identidades plurais de gênero (Butler, 2014).

No meio acadêmico, as pesquisas científicas têm abordado a temática de gênero com enfoques variados. No entanto, quando esta é associada à modalidade esportiva Corfebol, a ênfase recai sobre os artigos científicos relacionados aos aspectos fisiológicos, biomecânicos, metabólicos, nutricionais (Kok; Klaassen; Backx, 2011; Bergen; Reilingh; Dijk, 2011; Der Does *et alii*, 2016), e aspectos psicológicos (Dhayal Parveen; Ashok, 2013). Contudo, no campo sociológico e educacional, ainda é tímida a produção do conhecimento que tem como foco principal as interfaces das questões de gênero e do empoderamento da mulher em um esporte peculiar, com características mistas, tornando este um importante desafio para a presente pesquisa.

Ao longo dos anos, abordagens relacionadas ao empoderamento feminino foram discutidas nas mais variadas áreas do conhecimento, como na área da saúde (Santos *et alii*, 2018), da economia (Cornwall, 2018), da sociologia (McDonald, 2015) e sua prática pode ser observada nos mais variados espaços de ação social, dentre eles o familiar, o escolar e de minorias. Turner e Maschi (2015) relaciona o empoderamento a uma ferramenta transformadora no campo das relações sociais, promovendo a construção do pensamento crítico e o favorecimento de tomada de decisão, ação e conscientização. Para os autores, trata-se de um sentimento pessoal fortalecido, o qual independe de mudanças na estrutura social, pois a estrutura interna se encontra empoderada no momento em que se consegue enxergar os obstáculos como desafios e oportunidades de crescimento.

Hargreaves (2000) discorreu sobre o empoderamento da mulher no esporte e apontou em seu estudo que o rompimento, pelas mulheres, de padrões de desigualdade no âmbito das práticas corporais e esportivas, fortemente marcadas pela hegemonia masculina, as tornará mais seguras para vivenciar as práticas esportivas, assim como, para divulgar suas experiências positivas no esporte. Esse autor ainda ressalta elementos como a motivação, os significados da prática e o impacto desse envolvimento, como aspectos importantes na construção e fortalecimento do eu interior e da identidade.

Diante do exposto, este estudo centrou-se na perspectiva de contribuir com as reflexões sobre a utilização de esportes com características mistas, em específico o Corfebol, o qual desde a sua origem traz a inclusão feminina para o contexto das vivências corporais esportivas, para ampliar a conscientização sobre os valores da igualdade de gênero no esporte. Para tanto, objetivou-se investigar a produção de conhecimento científico referente às interfaces de gênero e empoderamento da mulher no Corfebol.

Procedimentos metodológicos

O presente estudo, de natureza qualitativa foi desenvolvido por meio de uma revisão descritiva da literatura, a qual procura fazer um aporte das pesquisas já realizadas sobre a temática proposta e promover a ampliação e a construção de releituras aprimoradas destes estudos (Gomes; Caminha, 2014). Esta revisão foi realizada em um período temporal compreendido entre o dia 1 de agosto de 2017 até o dia 31 de dezembro de 2017, obedecendo a um conjunto de critérios de inclusão e exclusão.

Como critérios de inclusão, ficaram estabelecidos: artigos abertos e na íntegra, disponíveis para *download* e leitura na plataforma. Artigos publicados em qualquer ano. Como critérios de exclusão: artigos não científicos, como leis, legislações e regras, matérias de jornal e revistas sem caráter científico. Artigos científicos que abordavam temáticas relacionadas aos aspectos fisiológicos e

biomecânicos (lesões), ao metabolismo e à nutrição ligados ao Corfebol e artigos que versavam sobre gênero e esporte de maneira geral - se o Corfebol não era o foco principal.

As bases de dados consultadas para este estudo, disponíveis no Portal de Periódicos CAPES/MEC (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) do Ministério da Educação, são mostradas a seguir. Quanto as áreas do conhecimento, buscou-se nas Ciências da Saúde (Educação Física e Esportes), Humanas (Sociologia, Educação e Psicologia) e Multidisciplinar (Interdisciplinar) pelas bases EBSCO (*Academic Search Premier – ASP, CINAHL, SocINDEX with Full Text, SPORTDiscus with Full Text, MEDLINE*), *Webofscience, ScienceDirect e Scopus*. Utilizou-se também a ferramenta de busca *Google Scholar*, para fins de averiguar a existência de artigos não disponibilizados nas bases citadas. Para a realização da pesquisa, foram adotadas as seguintes palavras-chave como estratégia de busca: *korfball OR corfebol AND gender AND power*. Como resultado da combinação dos termos, chegou-se ao número geral de 579 artigos.

Resultado e discussão

Diante do total de 579 manuscritos, ao serem aplicados os critérios de inclusão foram excluídos 36 artigos, os quais se encontravam repetidos em mais de uma base de dados, bem como, 536 artigos que não atenderam aos critérios estabelecidos. Destes 536 manuscritos, 206 versavam sobre leis, legislações, regras, manuais de curso/treinamento, matérias de jornal e revistas de divulgação, porém, sem caráter científico. Outros 175 artigos abordavam as questões de gênero e esporte de maneira geral e o Corfebol não era o foco principal dos estudos, sendo, apenas, citado como um esporte entre tantos outros jogados por equipes. Outros 130 artigos abordavam temáticas relacionadas aos aspectos fisiológicos e biomecânicos, como no caso de lesões, rompimentos de ligamentos, problemas ligados ao sistema muscular, ósseo e circulatório, como também relativos às questões de metabolismo/nutrição ligadas ao esporte; 25 artigos potencialmente apropriados para fazer parte da amostra se encontravam fechados, sem acesso livre para a leitura, resultando, assim, 7 artigos importantes selecionados nesta revisão descritiva da literatura.

Quanto aos critérios de análise dos artigos selecionados, foram levados em consideração os nomes dos autores, o ano de publicação, o delineamento metodológico, os objetivos, os principais resultados e conclusões. Diante da análise dos sete artigos encontrados, em relação à categoria 1- **estratégias metodológicas** dos manuscritos, estudos exploratórios de natureza qualitativa sobressaíram. Os instrumentos utilizados para a coleta de dados fazem relação às observações, questionários e entrevistas, elementos estes que se encontram inseridos dentro dos delineamentos utilizados nos estudos, como as pesquisas documentais e etnográficas, as quais tiveram os dados analisados de maneira descritiva. Diante deste cenário, constatou-se que os manuscritos procuraram valorizar e interpretar as realidades sociais investigadas, as ações humanas e as significações que os atores sociais conferem a elas.

A categoria 2- **principais conteúdos abordados**, almejou explorar os artigos selecionados, na tentativa de promover um debate acerca dos diferentes enfoques dados às temáticas do presente estudo. Os dados são apresentados no Quadro 1, a seguir.

Quadro 1 – Categoria de análise "Principais conteúdos abordados" - objetivos, principais resultados e conclusões.

Autor/Ano	Objetivo	Principais Resultados	Conclusões
Crum (1988)	Investigar se o corfebol corrobora a afirmativa da Federação Internacional de Corfebol (IKF), a qual afirma ser o esporte um passaporte para a coeducação	-Gestão esportiva fortemente masculina – mulher sub-representada em cargos menores; -Quanto ao status do jogador em relação à maior pontuação, os	-Os esportes coeducacionais, como o corfebol, podem auxiliar na minimização do processo de segregação sexual no esporte, a qual ainda prevalece nos esportes tradicionais.

		<p>dados para as equipes mostraram igual distribuição de posições e <i>status</i> para ambos os gêneros.</p> <p>-As mulheres tendem a rejeitar a ideia da superioridade masculina no esporte enquanto os homens tendem a concordar com a ideia.</p> <p>-Quanto às atitudes, os jogadores homens de corfebol têm maior respeito pelas mulheres no esporte.</p>	<p>-O sistema tático do corfebol favorece a divisão igual de funções entre os gêneros dentro do jogo.</p> <p>-A elevação do estatuto do desporto feminino e a humanização do esporte têm mais chances em um esporte coeducacional como corfebol, do que em outros esportes coletivos.</p>
Summerfield; White (1989)	Averiguar a afirmativa de que o corfebol praticado na Grã-Bretanha é um esporte igualitário	<p>-A análise dos documentos evidenciou que os homens são protagonistas, enquanto as mulheres assumem posição secundária.</p> <p>-A produção científica evidenciou que cerca de 55% dos artigos e 65% dos editores convidados foram escritos por homens, comparado com 18% e 12% pelas mulheres.</p> <p>-Os cargos de gestão ainda são ocupados pelo público masculino, 2 para 1, ficando as mulheres sub-representadas.</p> <p>-Foi evidenciado, que no Korfball da Grã-Bretanha, todas as equipes tinham homens como capitães e treinadores e que a desigualdade de gênero é fortemente presente em vários segmentos do jogo.</p> <p>-As capacidades físicas masculinas sobressaíram às femininas.</p>	<p>-A desigualdade de gênero foi percebida em todas as linguagens e materiais ilustrativos dos documentos analisados, revelando que no esporte, o papel masculino é proeminente em relação à mulher.</p> <p>-Tanto os jogadores de corfebol, quanto os técnicos e treinadores, necessitam criar políticas e estratégias que assegurem a igualdade de oportunidades entre os gêneros.</p> <p>-As relações de poder patriarcal ainda sobressaem quando se fala de jogos com equipes mistas. A superioridade masculina no esporte ainda corrobora para práticas de exclusão e subordinação da mulher no esporte.</p>
Acker <i>et alii</i> (2010)	-Investigar o potencial de formas de jogo modificadas para promover a equidade entre os sexos no envolvimento com a atividade física dos alunos de 13 anos durante lições de coeducação.	<p>-Constatou-se a promoção da igualdade de condições usando formas de jogo modificadas, fornecendo quantidades iguais de <i>feedback</i> e comentários positivos para ambos os sexos, o corfebol torna-se</p>	<p>-Constatou-se que os jogos de invasão modificados produziram um envolvimento maior na atividade física por parte dos alunos. Estes resultados suportam a sugestão de que o uso de formas de jogo modificadas tem o potencial de atingir os objetivos da atividade</p>

	<p>-Comparar os níveis de MVPA (moderate to vigorous physical activity) entre aulas separadas por sexo e coeducacional com e sem agrupamento de habilidades.</p>	<p>uma atividade adequada, no sentido de estimular os níveis MVPA das meninas dentro das aulas coeducativas. -Os resultados mostraram que a porcentagem de MVPA foi significativamente maior entre meninas (69,9%) quando comparadas aos meninos (56,8%) e esse foi o caso de todos os contextos. -Para o grupo formado com apenas um tipo de sexo, 55,0% das gravações de frequência cardíaca excederam o valor limiar para MVPA; para aulas coeducativas com e sem agrupamento de habilidades, as porcentagens foram significativamente maiores com valores de 68,1% e 65,5%, respectivamente. -O nível mais baixo de MVPA médios dos meninos pode estar relacionado aos aspectos motivacionais. É possível que os meninos foram menos receptivos quanto a trabalhar um esporte, como o corfebol, que prega a igualdade de oportunidades pois se sentiram ameaçados quanto a exercer o papel de liderança numa atividade neutra.</p>	<p>física no contexto das aulas de Educação Física. -Concluiu-se que, sob condições específicas, jogos de invasão podem ser aplicados como um instrumento coeducacional para elevar os níveis MVPA, os quais correspondem com as diretrizes de atividade física para ambos sexos. -O corfebol se mostrou ser uma atividade que possibilita a igualdade de oportunidades entre os sexos.</p>
<p>Bottenburg; Vermeulen (2011)</p>	<p>Investigar a razão de o corfebol, mesmo sendo semelhante ao basquete em vários pontos, manter-se como um esporte local em seu país de origem, enquanto o basquete experimentou um <i>boom</i> global.</p>	<p>-O basquete se espalhou pelo continente americano e pelos países da América do Sul antes da primeira guerra mundial e o corfebol se limitou a Europa; -Os professores holandeses não promoveram o corfebol internacionalmente e, até a segunda guerra mundial, o corfebol não havia saído do continente europeu;</p>	<p>-Concluiu-se que o diferencial para que o basquetebol atingisse níveis globais em relação ao corfebol, é em suma, graças às diferenças nos contextos sociais e culturais. Os esportes e suas regras são adaptados conforme valores sociais vigentes na época. -Pela sua característica coeducativa, diferenciando da maioria dos esportes praticados por equipes divididas por gênero, o corfebol foi projetado intencionalmente</p>

		<p>-As atitudes propagadas pelo corfebol o tornaram único, assim como as premissas em relação às questões de igualdade entre os gêneros;</p> <p>-Os processos ligados à esportivização, globalização e comercialização ainda não corroeram as estruturas e alicerces sobre os quais o corfebol ainda se sustenta;</p>	<p>por professores para alunos do sexo masculino e feminino nas escolas e passou a ser visto como uma opção esportiva diferente aos esportes tradicionais comercializados, como o futebol e esportes menos tradicionais no âmbito das escolas, como tênis e hóquei em campo.</p> <p>-Houve a mercantilização dos esportes altamente rentáveis, como futebol, basquete entre outros e o corfebol se prendeu às tradições.</p>
Gubby; Wellard (2015)	<p>Descobrir as maneiras em que as questões de gênero foram negociadas, contestadas ou recriadas numa equipe de corfebol júnior e examinar em que medida o corfebol contribui para a promoção da igualdade de oportunidade entre os gêneros.</p>	<p>-Os dados foram analisados sob categorias: interpretações de gênero na quadra de corfebol; uniformes dos jogadores; questões relacionadas à masculinidade e feminilidade e as diferenças entre meninos e meninas.</p> <p>-Quanto ao formato de jogo, o corfebol parecia incentivar a igualdade entre os sexos na quadra.</p> <p>-Alguns jogadores acreditavam que os meninos tinham vantagens físicas no esporte e que, provavelmente, eram mais fisicamente assertivos ou agressivos que as meninas na mesma situação.</p> <p>-Alguns jogadores relataram que alguns esportes desenvolvidos nas aulas de Educação Física são de predomínio masculino e o corfebol parece ser uma resposta potencial para o problema.</p>	<p>-Percebeu-se que a compreensão das questões relacionadas a gênero estava baseada em normas sociais tradicionais; quanto ao vestuário, os <i>shorts</i>-saia usados pelas meninas indicavam papéis sociais de gênero e os termos masculinidade e feminilidade e suas relações com atributos ou ações corporais foram identificados no estudo.</p> <p>-Quanto às diferenças, estas foram remetidas às características físicas e às características entre os esportes tradicionais.</p> <p>-Concebido para encorajar meninos e meninas a participar em condições equitativas, refutar a violência e formar um jogo igualitário, o corfebol se mostrou um esporte ímpar.</p>
Antônio Pereira <i>et alii</i> (2016a)	<p>Examinar as experiências de oito atletas de elite portugueses, valorizando as experiências subjetivas e qualitativas dos próprios esportistas e os principais agentes socializadores que desempenham um papel</p>	<p>-Categorias elencadas pelo estudo - agentes de socialização primária; os pais, os professores de Educação Física e treinadores, amigos.</p> <p>-Quanto aos pontos fortes do esporte, estes são caracterizados pelas</p>	<p>-Os picos e as vagas percebidas das carreiras dos ex-atletas de elite giravam em torno do sucesso competitivo, derrota / perda e falha em alcançar os resultados previstos e o início e efeitos da lesão.</p> <p>-A valorização dos relatos de ex-atletas e suas experiências</p>

	fundamental em seu sucesso esportivo, nos pontos altos e baixos em suas jornadas para o sucesso na carreira.	vitórias, no entanto, funcionam em curto prazo, já o sacrifício e a dedicação são elementos que, em longo prazo, promovem o sucesso na carreira esportiva. -Quanto aos pontos fracos, não obter resultados (incluindo derrotas esportivas) e experiências de lesões.	de vida, relacionadas ao esporte, servem de pano de fundo para as novas gerações de atletas, as quais podem se orientar e aprender sobre suas capacidades, via aspectos subjetivos evidenciados nos relatos. -Importância de mais pesquisas qualitativas, sob o viés da sociologia do esporte, haja vista que, a grande maioria dos trabalhos, valoriza aspectos biomecânicos e fisiológicos.
Paixão (2017)	Relatar a vivência de uma proposta de práticas pedagógicas por acadêmicos do curso de licenciatura em Educação Física, vinculados ao Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência da Universidade Federal de Viçosa, numa escola da rede pública estadual na cidade de Viçosa, MG.	-A prática intervencionista resultou em pontos positivos no que tange à inserção de uma nova modalidade no contexto escolar; -Destacaram a importância do planejamento coletivo e a preparação de ações pedagógicas, evitando situações imprevisíveis; -As questões de gênero trabalhadas com os acadêmicos em relação ao corfebol instigaram reflexões e situações que ocorriam durante os momentos de intervenção na escola.	-O corfebol promoveu inúmeros desafios, como também proporcionou experiências e aprendizagens acerca do referido esporte, pouco difundido no Brasil e, por conseguinte, nas aulas de Educação Física. - No tocante às questões de gênero, percebeu-se que, nas discussões nas reuniões com o grupo, sobre situações ocorridas durante a intervenção, a superioridade masculina não se concretizou, devido ao esporte promover a igualdade de oportunidades entre os gêneros, assim como, pelas meninas, que se viram interagindo com os meninos durante a experiência.

Fonte: Elaborado pelas autoras (2019)

Nessa categoria sobre os **principais conteúdos abordados**, no primeiro item, **objetivos**, quatro manuscritos (Crum, 1988; Summerfield; White, 1989; Acker *et alii*, 2010; Gubby; Wellard, 2016) procuraram averiguar sobre o Corfebol e suas possíveis contribuições à igualdade de gênero e nos processos de coeducação. Os autores teceram reflexões importantes sobre o Corfebol e promoveram indagações sobre este ser um esporte que contribui para a igualdade de oportunidades entre os gêneros.

Ao levarem em consideração as aulas de Educação Física quando vivenciadas em sistema de coeducação, a tendência, segundo Mattos (2014), é diminuir ou quebrar o *status quo*, o qual, geralmente promove a desigualdade nas relações de gênero no contexto esportivo. Gonçalves (2017) evidenciou pontos positivos em relação às aulas coeducativas de Educação Física, enfatizando que diante do convívio de ambos os sexos, em diferentes atividades esportivas, meninas e meninos terão oportunidades de desenvolver o respeito e a romper com estereótipos.

No entanto, Wood e Garn (2016) revelaram que diversos esportes tiveram suas regras modificadas, para que a participação feminina pudesse se concretizar. Comumente chamados de esportes “*coed*”, tem-se o *softbol*, o futebol americano e o futebol de bandeiras, como atividades exemplo. Entretanto, o cenário que se mostra encoberto por essa bandeira “*coed*”, em nada contribui para a igualdade e equalização entre os gêneros no esporte; ao contrário, corrobora para edificação de estereótipos, de acordo com os autores. A fragilidade da presença feminina é evidenciada nesses

esportes, devido às regras modificadas e posições assumidas durante a prática, subalternas e inferiores.

Ainda neste contexto escolar, o estudo desenvolvido por Paixão (2017) procurou quebrar a hegemonia das modalidades tradicionais esportivas nas aulas de Educação Física escolar, promovendo a vivência do Corfebol. O autor acredita que os esportes mistos tendem a promover a desconstrução de valores e crenças construídos socialmente acerca das qualidades físicas de homens e mulheres. Em conformidade, Dos Anjos (2016) enfatizou que as práticas esportivas não convencionais, no caso o Corfebol, ao serem vivenciadas nas aulas de Educação Física, tendem a promover a igualdade de oportunidades entre os gêneros. O autor relatou ainda que o Corfebol, diante de seus princípios, promove a inclusão dos alunos que não dispõem de grandes habilidades em esportes coletivos.

Outro manuscrito analisado, de caráter teórico, se propôs a investigar os motivos de ambos esportes coletivos, Basquete e Corfebol, com suas semelhanças em vários pontos, terem seguido trajetórias diferenciadas, tanto geograficamente quanto socialmente, ao longo dos tempos (Bottenburg; Vermeulen, 2011). Atento às transformações sociais, os esportes tendem a se reinventar ou promover modificações em suas estruturas, de forma a acompanhar o ritmo das mudanças da sociedade moderna (Pereira *et alii*, 2016b). Neste sentido, os autores da pesquisa analisada buscaram evidências na literatura para explicar esse fenômeno ocorrido com ambos os esportes.

Dentre os objetivos analisados, o estudo de Pereira *et alii* (2016a) manteve o foco nas experiências subjetivas e qualitativas de oito atletas de alto nível e quais os principais agentes socializadores que desempenharam um papel fundamental na carreira profissional. Sob o viés das Ciências Sociais e não da *performance* em si, estes puderam discorrer sobre os principais elementos relacionados ao Corfebol de alto rendimento. Rubio (1999) evidenciou em seu estudo, que a área da Psicologia do Esporte, responsável pelas pesquisas acerca do treinamento e otimização da *performance* de atletas e equipes fornecendo assistência psicológica aos profissionais, ao se unir às outras grandes áreas do conhecimento, como Sociologia, Antropologia, Filosofia entre outras, compõem a conhecida Ciências do Esporte, a qual valoriza os aspectos sociais, educacionais e clínicos do contexto esportivo.

Pode-se perceber que os principais objetivos analisados fizeram relação às seguintes temáticas: Corfebol e gênero no âmbito dos esportes de alto rendimento, no contexto escolar, nas aulas de Educação Física e um estudo teórico comparativo de duas modalidades esportivas, o Corfebol e o basquete, cuja discussão perpassa o viés da globalização esportiva.

Quanto aos **principais resultados**, três manuscritos versaram sobre as diferenças de capacidade física entre homens e mulheres. No estudo de Crum (1988), os atletas masculinos corroboram a ideia da existência dessa superioridade, enquanto que as atletas mulheres discordam. No manuscrito analisado de Summerfield e White (1989), as capacidades físicas puderam ser evidenciadas via o processo de observação das equipes. Estas ficaram evidentes nos fundamentos observados (passe, arremesso, penalidades, saída de bola). O estudo de Gubby e Wellard (2016) constatou que, na visão dos jogadores, os meninos tinham mais vantagens físicas em relação às meninas.

As desigualdades entre os gêneros no contexto esportivo se dão por dois motivos, segundo Capranica *et alii* (2013): 1) as diferenças biológicas e estruturais de homens e mulheres, as quais definitivamente corroboram para as diferentes *performances* e 2) a falta de políticas públicas que favoreçam a entrada da mulher ao meio esportivo. Outros fatores contribuem para essas discrepâncias entre os gêneros, como os de ordem social e política, carência de incentivos, de patrocínios e de oportunidades, que influenciam diretamente na participação feminina em uma variedade menor de esportes, ou em cargos esportivos e de gestão.

Os esportes tradicionais coletivos classificados como de invasão, a exemplo, o handebol, o basquete, o futebol, os quais ainda possuem equipes femininas e masculinas separadamente, tendem a acentuar as diferenças entre os gêneros. Essa separação pode vir a contribuir para a reprodução das desigualdades e reforçar estereótipos masculinos (Hargreaves; Anderson, 2014).

A integração de homens e mulheres em equipes esportivas representa um avanço no que tange à desconstrução social do gênero, segundo Channon *et alii* (2015). Os autores apontam que as experiências vivenciadas, quer sejam no contexto dos treinamentos, ou em situações de jogo,

favorecem mudanças de atitude que repercutem em outros setores, como o social, o pessoal e, até mesmo, no âmbito do trabalho, relacionado ao reconhecimento das diferentes capacidades e habilidades femininas. O Corfebol, desde sua criação, se mostra como um espaço no qual homens e mulheres jogam em igualdade de oportunidades e condições. As diferenças relacionadas aos atributos físicos e as habilidades são desconstruídas, as relações de gênero podem ser trabalhadas, devido ao fato de o esporte contribuir para a valorização e a incorporação de conceitos relativos ao respeito, à cooperação e a não violência entre os sexos (Crum, 2014).

Dois estudos relataram sobre a gestão esportiva marcada fortemente pela participação masculina, cabendo à figura feminina a sub-representação em cargos de menor prestígio (Crum, 1988; Summerfield; White, 1989). Atualmente, esses dados ainda vigoram (Zanatta *et alii*, 2018). A baixa participação feminina em cargos de liderança e chefia são verificados em vários setores do esporte, em federações e confederações e também, quando se focalizam as organizações olímpicas, como o Comitê Olímpico Internacional (COI).

Dois manuscritos apontaram resultados relacionados aos aspectos da igualdade de gênero no Corfebol. O estudo de Crum (1988) revelou a existência de um equilíbrio em termos de pontuação nos jogos, mostrando uma distribuição igual entre as posições assumidas no jogo. Acker *et alii* (2010) verificou que o Corfebol se mostrou como um espaço que permite promover e possibilitar experiências únicas e oportunidades iguais entre os meninos e meninas. Esses dados foram corroborados no estudo de Gubby e Wellard (2016), no qual os autores constataram elementos interessantes em relação às discussões de gênero no âmbito do Corfebol, a divisão e as regras do jogo em quadra contribuíam para a igualdade de gênero, a dominância masculina não foi identificada quanto à natureza vocal do jogo, o que caracteriza que as meninas sobressaíram aos meninos em termos de comando de jogo dentro da quadra.

No contexto das aulas de Educação Física escolar, o estudo de Paixão (2017) gerou resultados positivos em relação à inserção de um esporte não convencional nas aulas de Educação Física, no sentido de promover experiências únicas e catalisadoras de mudanças de atitude frente à desigualdade entre homens e mulheres no âmbito das práticas corporais. Diante da vivência do Corfebol realizadas por alunos de uma escola da rede pública, os futuros professores de Educação Física puderam enxergar e refletir sobre questões de gênero no contexto escolar, assim como, se apropriar dos conteúdos disseminados por esse esporte, para fins de criação de planos de atividades condizentes com as mudanças de valores na sociedade atual.

Já o manuscrito de Acker *et alii* (2010) revelou dados a respeito dos níveis de atividades físicas de intensidade moderada a vigorosa (MVPA), por meio da vivência do Corfebol entre meninos e meninas nas aulas de Educação Física, os quais foram analisadas sob dois vieses: aulas coeducativas e separadas por gênero. Os resultados mostraram que o nível de atividade física foi significativamente maior entre meninas (69,9%) quando comparadas aos meninos (56,8%) em ambos os casos – turma em sistema coeducacional e turma separada por gênero. O nível mais baixo de MVPA médio dos meninos pode estar relacionado aos aspectos motivacionais. Segundo os autores, é possível que os meninos tivessem sido menos receptivos quanto a trabalhar com o Corfebol, os mesmos sentiram-se ameaçados quanto a exercer o papel de liderança numa atividade neutra. Carvalho *et alii* (2016) analisou os níveis de MVPA em adolescentes, de ambos os gêneros no contexto da prática esportiva nas aulas de Educação Física escolar e sinalizou que as meninas são mais ativas fisicamente que os meninos.

O estudo de Pereira *et alii* (2016a) na área da Psicologia do Esporte gerou resultados importantes. Os responsáveis pelo sucesso esportivo dos atletas, ou mais precisamente, os agentes de socialização primária, são a família (pais em particular), os professores de Educação Física (também atuam como treinadores em alguns casos) e os amigos. Esses resultados também foram encontrados por Santos e Duarte (2018), acerca das estruturas sociais como a família, principalmente os pais e a escola, as quais são responsáveis pela iniciação e consolidação de futuros atletas. Os pontos fortes, caracterizados pelas vitórias, e os fracos, não obtenção de resultados e derrotas no esporte, foram citados no estudo.

A pesquisa realizada por Bottenburg e Vermeulen (2011) evidenciou, com base nos três princípios relacionados à teoria da popularização diferencial dos esportes, que a evolução de um determinado esporte é um processo estruturado que se desenvolve em relação à mudança social. As práticas esportivas (Basquete e o Corfebol) promovem diferentes interpretações e estão sujeitas a se diferenciarem geograficamente, socialmente e ao longo do tempo. A construção do significado é um processo contínuo, influenciado pela mudança das relações sociais entre países e classes sociais, entre homens e mulheres, jovens e idosos, pessoas de diferentes regiões e grupos étnicos.

A mercantilização do Basquete se deu segundo Bottenburg (2016), pelo fato de o Basquete ter modernizado suas regras, expandido sua prática de forma rápida por todos os continentes e alcançado incentivos financeiros. O Corfebol, no entanto, manteve-se preso às suas regras e aos seus princípios, esporte tradicional, provinciano, que valorizava a participação da mulher em equipes mistas e, devido a esses fatores, não promoveu a disseminação deste, de forma global.

Miranda Filho e Santos (2014), em seu estudo sobre a tríade mídia, tecnologia e mercantilização esportiva, fornecem dados na tentativa de compreender esses processos ligados à expansão de determinados esportes. O fato de algumas modalidades esportivas adquirirem *status* diferenciado de outras, possui estreita relação com essa tríade evidenciada pelos autores. Os esportes de maneira geral possuem estreitas relações com o universo midiático, interferindo de maneira ativa na visão de como são passados para a sociedade. A espetacularização do esporte, segundo os autores, promove o crescimento e o conhecimento sobre determinada prática esportiva, tornando-a comerciável e enfatizando-a como produto de consumo.

No entanto, algumas ações têm sido feitas atualmente no sentido de divulgar todos os eventos esportivos de Corfebol: a Federação Internacional de Corfebol (International Korfball Federation, 2018) fechou um acordo com o *The Olympic Chanel*, em junho de 2018, órgão que atuará em parceria com a *International Korfball Federation* (IKF). Esta plataforma transmite conteúdos esportivos e informações variadas sobre os diferentes eventos esportivos, via canais de TV e outras mídias. Outros meios de comunicação também são destacados no estudo de Nurminen (2017), em relação à divulgação de determinados esportes. A autora enfatiza que as redes sociais diversas, como *Facebook*®, *Instagram*®, entre outras, são ferramentas importantes na divulgação e propagação de conteúdos, no caso específico da sua tese, o *Floorball no World Games*, evento que antecede os Jogos Olímpicos. O Corfebol marca presença neste evento, considerado trampolim para as Olimpíadas, pois ganha visibilidade e se faz presente globalmente.

Quanto às **Conclusões**, pode-se constatar que a maior parte dos manuscritos analisados compartilhou do fato de o Corfebol ser um esporte que auxilia na promoção da igualdade de oportunidades entre os gêneros, na minimização de atitudes preconceituosas em relação à participação da mulher em atividades esportivas. Dentre os manuscritos que creditam ao Corfebol essas premissas, tem-se o estudo de Crum (1988), o qual enfatizou ser este um meio interessante de juntar meninos e meninas na mesma equipe, favorecendo mudanças atitudinais em relação à segregação da mulher no âmbito das práticas esportivas. Para o autor, as regras, o sistema tático e as premissas expostos pelo Corfebol favorecem a divisão igualitária de funções dentro do jogo. Os esportes coeducacionais tendem a valorizar a participação feminina no esporte, além de ações e atitudes respeitadas em relação ao ser humano.

O estudo de Acker *et alii* (2010) concluiu ser este um esporte que promove a igualdade de oportunidades entre os gêneros e enfatizou que jogos de invasão, como o Corfebol, se mostraram um espaço adequado para o incentivo à prática de atividade física dentro das aulas de Educação Física, assim como para estimular a participação das meninas neste contexto. Os autores reforçaram que o fato de incitar de maneira equilibrada a igualdade de condições, *feedbacks* e comentários positivos para ambos os sexos em jogos de invasão, pode auxiliar na promoção da equidade entre os sexos, como também, estimular os níveis de MVPA das meninas no contexto das aulas coeducativas. Em estudos recentes com jogadoras de Corfebol, Sanjay (2017) identificou que o esporte promove uma série de elementos contribuintes para o desenvolvimento integral do ser humano, perpassando os aspectos psicológicos, sociológicos e biológicos. O Corfebol, segundo o autor, além promover o

desenvolvimento de estratégias de jogo, atua diretamente na promoção de uma vida mais ativa propiciando um nível intenso de atividade física.

O estudo de Paixão (2017), no tocante às questões de gênero, enfatizou que nas aulas de Educação Física, o Corfebol promoveu a participação de meninos e meninas em igualdade de condições e que a superioridade masculina não se concretizou, o que acontece, segundo o autor, nos esportes tradicionais vivenciados nas aulas. Houve um aprendizado, por parte dos alunos de curso de graduação em licenciatura em Educação Física, sobre a temática de gênero no âmbito das práticas corporais. Barros, Oliveira e Rosário (2018) propõem em seu estudo a inserção de esportes diferenciados dos tradicionais ofertados no âmbito escolar, ressaltando a importância de se ministrarem práticas corporais esportivas vivenciadas em outras culturas, em outros países, como o Corfebol, o *rugby*, o *badminton*, baseball, entre outras, contribuindo para a formação do aluno.

Gubby e Welard (2016) concluíram, em sua pesquisa, que o Corfebol foi criado no sentido de incentivar a inclusão de meninos e meninas em igualdade de condições, como também, rejeitar qualquer tipo de violência, verbal ou física nas práticas esportivas. No entanto, o entendimento sobre o universo das questões de gênero para os atletas de seu estudo estava baseado em normas e padrões sociais tradicionais, os quais puderam ser constatados nas atitudes destes dentro e fora das quadras. Os autores sinalizaram alguns pontos que contradizem essa premissa de neutralidade de gênero. Um exemplo, pode ser referente aos uniformes das atletas de Corfebol, uma vez que o *shorts*-saia, na visão das atletas, confere símbolos indicativos de papéis de gênero tradicionais. Os termos feminilidade/masculinidade e suas relações com os atributos ou ações corporais foram identificados nas falas dos atletas.

Sailors (2016) enfatizou que os esportes praticados sob a forma mista ou sob a bandeira “*coed*” ainda reforçam a segregação e a desigualdade entre os gêneros no âmbito esportivo. Para vivenciar essas modalidades, são criadas regras para equalizar as condições entre os atletas no entanto, estas acabam por reafirmar a superioridade masculina e reforçar estereótipos, abrindo espaço para a misoginia, contribuindo com as manifestações de discriminação sexual, hostilidade e androcentrismo. O autor possui uma visão diferenciada da maioria dos pesquisadores que acreditam nos valores presentes nesses esportes coeducativos (Messner, 2002; McDowell; Schaffner, 2011).

Um estudo se contrapõe ao fato de o Corfebol ser considerado uma prática esportiva que fomenta a igualdade entre os gêneros. Segundo o estudo britânico de Summerfield e White (1989), o Corfebol é um esporte diferenciado desde sua origem, pois promove a experiência esportiva entre os gêneros numa mesma equipe, no entanto, os valores emoldurados na sociedade em relação às estruturas de gênero reaparecem no espaço de quadra. Os autores concluíram ser este um esporte ainda fortemente marcado pelo patriarcalismo e pelo poder masculino em termos de capacidades físicas e habilidades motoras. A desigualdade de gênero se mostrou evidente durante a análise de diferentes documentos, observações de equipes e constataram que a figura masculina é proeminente em relação à da mulher. O manuscrito dos autores ainda apresentou um ceticismo em relação ao empoderamento da mulher por meio do Corfebol, assim como, de maneira geral, nos outros esportes mistos. A superioridade masculina reflete a natureza humana em si e esta sobressai à feminina, segundo esses autores.

No entanto, Paul, Steinlage e Blank (2015) constataram que, mediante o esporte praticado pelas mulheres, o empoderamento feminino pode ser entendido de forma diferenciada, haja vista que, no âmbito das práticas esportivas, este ainda está atrelado a valores morais e sociais culturalmente estabelecidos. Os autores evidenciaram que as mulheres praticantes de patins sobre rodas, de artes marciais e de *rugby*, assimilaram elementos relacionados ao empoderamento feminino, no sentido de que estas perceberam mudanças positivas em sua imagem corporal, como a aquisição de um corpo forte e saudável. A descoberta do poder, o qual ressignifica atitudes e comportamentos e promove o crescimento da confiança e autoestima, repercutiu na vida pessoal e profissional dessas atletas.

Considerações finais

O presente estudo procurou investigar a produção de conhecimento científico referente às interfaces das questões de gênero e empoderamento da mulher no contexto do Corfebol. Constatou-se, com a busca da produção científica sobre as temáticas, que nenhum artigo abordava todos os assuntos simultaneamente. As questões relativas à igualdade de gênero foram evidenciadas nos esportes de alto rendimento, assim como, no âmbito das aulas de Educação Física, no entanto, elementos relativos ao empoderamento feminino não foram encontrados na literatura analisada pelo presente estudo.

No contexto desta revisão, os achados versavam sobre o Corfebol e o fato do esporte atuar de maneira positiva, na promoção da igualdade de oportunidades entre os gêneros no contexto esportivo. Esta premissa se mostra atual no sentido das discussões sobre a participação e o empoderamento da mulher, por meio do esporte (Lim; Dixon, 2018). É fato que as práticas esportivas, sejam elas praticadas de maneira individual ou coletivamente, objetivando o alto rendimento ou não, inseridas ou não no ambiente educacional, são as mais diversas e atuam como catalisadoras de mudanças ao proporcionar ganhos positivos no que tange aos aspectos psicológicos, biológicos e sociais (Balagué *et alii*, 2016).

A fundação Canterbury Korfbal constatou que o empoderamento no Corfebol é possível, e este se encontra em diferentes níveis, podendo ser obtido na aquisição de competências e habilidades físicas, no que tange ao ganho de autonomia e autoconfiança (Korfbal Canterbury, 2018). O trabalho em equipe, assim como a cooperação, elementos fortemente presentes nas partidas de Corfebol, fomentam um diálogo constante entre os atletas. O empoderamento também pode ser ratificado por meio da igualdade de oportunidades entre os gêneros, haja vista a existência de regras de alternância de funções na partida, a exemplo do ataque e da defesa.

Não foi levado em consideração durante a ocasião da busca nas bases de dados, determinado período no tempo, demonstrando com isso que as datas não importavam e sim, o acesso aos manuscritos e seus conteúdos. Três décadas separaram o primeiro manuscrito analisado, de Crum (1988) do estudo desenvolvido por Paixão (2017). Neste interim, pode-se constatar uma interessante evolução dos elementos que permeiam as discussões de gênero no âmbito das práticas esportivas. No entanto, poucos estudos têm direcionado seu foco para o Corfebol. De acordo com Gubby (2016), existe uma lacuna relacionada às pesquisas acadêmicas contemporâneas, cujo foco central seja as discussões sobre a igualdade de gênero no Corfebol. A autora revelou em seu estudo que as produções científicas que versaram sobre essas temáticas são datadas de 20 anos atrás, revelando, com isso, a importância do presente estudo.

Com relação aos aspectos metodológicos da pesquisa, constatou-se que os estudos exploratórios, de natureza qualitativa predominaram. Concernente aos instrumentos empregados nas coletas de dados, percebeu-se a utilização de questionários e entrevistas, assim como o uso da técnica de observação. Estes elementos se encontram inseridos dentro dos delineamentos utilizados nos estudos, como as pesquisas documentais e etnográficas, os quais tiveram os dados analisados de maneira descritiva. Diante deste quadro, constatou-se que os manuscritos procuraram valorizar e interpretar as realidades sociais investigadas, as ações humanas e as significações que os atores sociais conferem a elas.

Algumas limitações estiveram presentes neste estudo. Quanto à amostra, o número de artigos capturados nas bases de dados foi bastante reduzido. Este fato pode estar atrelado aos critérios de inclusão/exclusão estabelecidos, uma vez que, na dependência de se encontrarem trabalhos científicos produzidos especificamente sobre as temáticas desta revisão, o retorno de pesquisas científicas foi limitado. Ao longo da busca nas bases de dados, alguns artigos estavam em idiomas diferentes do inglês, como em holandês, chinês, alemão, entre outros, decorrentes de países que possuem uma ligação forte com o Corfebol na atualidade.

As discussões apresentadas neste estudo apontam direções variadas e fomentam um terreno fértil a ser explorado por diferentes áreas do conhecimento. A temática de gênero no âmbito das práticas corporais estimula diálogos pertinentes e atuais a serem ainda construídos em diferentes espaços da sociedade, juntamente com as tecnologias, as quais facilitam o acesso à informação e à propagação de conteúdos que promovam a equidade de oportunidade entre os gêneros. Sugerem,

também, novas pesquisas, com outros termos de busca e a utilização de outras bases de dados, contribuindo ainda mais para a compreensão desta relevante temática.

Referências bibliográficas

- ACKER, Ragnar van, *et alii*. Sex equity and physical activity levels in coeducational physical education: exploring the potential of modified game forms. *Physical Education and Sport Pedagogy* (15), Abingdon, 2010, pp. 159-173.
- AGUIÃO, Sílvia. Quais políticas, quais sujeitos? Sentidos da promoção da igualdade de gênero e raça no Brasil (2003 - 2015). *cadernos pagu* (51), Campinas, 2017, pp. 1-54 [<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n51/1809-4449-cpa-18094449201700510007.pdf> – acesso em 07 ago 2018].
- ARAUJO, Anna Bárbara. Gênero no mundo do trabalho. *cadernos pagu* (51), Campinas, 2017, pp. 1-13 [<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n51/1809-4449-cpa-18094449201700510024.pdf> – acesso em 07 ago 2018].
- BALAGUÉ, Natàlia, *et alii*. Sport science integration: An evolutionary synthesis. *European Journal of Sport Science* (17), Champaign, 2016, pp. 51-62. [https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/17461391.2016.1198422?casa_token=rnUncSPF9tEAAAAA%3Ac8_6wzKzvFtzUCUT9fbpDlavfc2kpal_vXA5S3KelkdcjUSzctsRGE1xyPv2ZJUcoER3sYzmFDLg1m4 – acesso em 07 ago 2019].
- BALIEIRO, Fernando de Figueiredo. A “guerra” contra o gênero: reações às últimas décadas de políticas de promoção da igualdade de gênero no Brasil. *cadernos pagu* (51), Campinas, 2017, pp. 1-09 [<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n51/1809-4449-cpa-18094449201700510022.pdf> - acesso em 07 ago 2018].
- BARROS, Glhevysson dos Santos; OLIVEIRA, Paulo Sérgio Pimentel de Oliveira; Rosário, Victor Hugo Rodrigues. Educação física e esporte: contribuições ao esporte da escola. *Semioses* (12), Rio de Janeiro, 2018, pp. 56-65.
- BERGEN, Christiaan J. A. van; REILINGH, Mikel; DIJK, Niek C. Tertiary osteochondral defect of the talus treated by a novel contoured metal implant. *Knee Surgery, Sports Traumatology, Arthroscopy* (19), New York, 2011, pp. 999-1003 [https://www.researchgate.net/publication/50401425_Tertiary_osteochondral_defect_of_the_talus_treated_by_a_novel_contoured_metal_implant – acesso em 20 ago 2019].
- KORFBALL Canterbury. Be involved in korfbal. 2018. [<http://www.korfballcanterbury.co.nz/be-involved.html> - Acesso em 27 ago 2018].
- BOTTENBURG, Maarten van. Além da difusão: o esporte e sua reconstrução em contextos transculturais. *Recorde: Revista de História do Esporte* (9), Rio de Janeiro, 2016, pp. 1-18.
- BOTTENBURG, Maarten van; Vermeulen, Jeroen. Local korfbal versus global basketball: A study of the relationship between sports' rule-making and dissemination. *Ethnologie Française* (41), Paris, 2011, pp. 633-643.
- BUTLER, Judith. Regulações de Gênero. *cadernos pagu* (42), Campinas, 2014, pp. 249-274.
- CAPRANICA, Laura, *et alii*. The gender gap in sport performance: equity influences equality. *International Journal of Sports and Physiology and Performance* (8), Champaign, 2013, pp.99-103.
- CARVALHO, Francisco, *et alii*. Haverá diferenças dos níveis de Atividade Física entre os rapazes e as raparigas adolescentes nos vários contextos de prática? *Boletim Sociedade Portuguesa de Educação Física* (40), Linda-a-Velha, 2016, pp. 91-99.
- CORNWALL, Andrea. Beyond “Empowerment Lite”: Women's Empowerment, Neoliberal Development and Global Justice. *cadernos pagu* (52), Campinas, 2018, pp. 1-30 [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332018000100202&lng=pt&nrm=iso&tlng=en – acesso em 07 ago 2018].
- CHANNON, Alex, *et alii*. The promises and pitfalls of sex integration in sport and physical culture. *Sport in Society* (19), Abingdon, 2015, pp. 1111-1124.
- CRUM, Bart. A Critical Analysis of Korfbal as a " Non-Sexist Sport". *International Review for the Sociology of Sport* (23), Thousand Oaks, 1988, pp. 233-241.
- CRUM, Bart. *Conceitos de Corfebol*. Holanda, KNKV, 2014.

- DER DOES, Henrike Teunisje Dorothé van, *et alii*. Injury risk is increased by changes in perceived recovery of team sport players. *Clinical journal of sport medicine* (27), New York, 2016, pp. 46-51.
- DHAYAL PARVEEN, Tejpal; ASHOK, Kumar. A comparative study on personality level of national and international Korfball players. *International Journal of Behavioural Social and Movement Sciences* (2), Bagla/Rahya Suchani, 2013, pp. 52-55.
- DOS ANJOS, Fernando Coelho. Corfebol nas aulas de educação física: uma possibilidade de esporte coletivo. In: *Anais do V Congresso Estadual De Educação Física Escolar e II Congresso Nacional De Educação Física Escolar*, Rio Claro: UNESP, 2016.
- DOSSIER DE KORFBAL. Departament D'Educació Física IES Joan Coromines. 2018. [<http://blocs.xtec.cat/castells/files/2008/03/dossier-korfbol.pdf> - acesso em 15 dez 2018].
- GOMES, Isabelle Sena; Caminha, Iraquitan Oliveira. Guia para estudos de revisão sistemática: uma opção metodológica para as ciências do movimento humano. *Movimento* (20), Porto Alegre, 2014, pp. 395-411.
- GONÇALVES, Eduarda dos Passos. Gênero nas aulas de educação física: investigando o comportamento dos estudantes. Trabalho de conclusão de curso em Educação Física, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.
- GUBBY, Laura. Embodied practices in korfball. In: WELLARD, I. *Researching Embodied Sport: Exploring Movement Cultures*. Abingdon, Routledge, 2015, pp. 86-99.
- GUBBY, Laura. Can sport provide a space for gender equality? A qualitative study of children who play korfball. Tese (Doutorado em Filosofia), Canterbury Christ Church University, 2016.
- GUBBY, Laura; WELLARD, Ian. Sporting equality and gender neutrality in korfball. *Sport in Society* (19), Londres, 2016, pp. 1171-1185.
- HARGREAVES, Jennifer. *Heroines of Sport: The Politics of Difference and Identity*. New York, Routledge, 2000.
- HARGREAVES, Jennifer; ANDERSON, Eric. Sport, gender and sexuality: surveying the field. In: HARGREAVES, J.; ANDERSON, E. *Routledge handbook of sport, gender and sexuality*. Abingdon, Routledge, 2014, pp. 03-18.
- International Korfball Federation. Statutes 2011. 2011. [<http://ikf.org/wp-content/uploads/2015/10/IKF-Statutes-2011-final-revised-version.pdf> - acesso em 15 mai 2018].
- International Korfball Federation. IKF joins Olympic Channel. 2018. [<https://ikf.org/ikf-joins-olympic-channel/> - acesso em 18 jul 2018].
- KOK, H.; KLAASSEN, R.; BACKX, F. Effort thrombosis: A case report on a professional korfball player. *Sport en Geneeskunde* (44), Utrecht, 2011, pp. 20-25 [https://www.researchgate.net/scientific-contributions/2089427120_R_Klaassen – acesso em 20 ago 2019].
- LAPCHICK, Richard. Gender report card: 2016 international sports report card on women in leadership roles. Institute for Diversity and Ethics in Sport, University of Central Florida. 2016. [<http://nebula.wsimg.com/0e5c5c3e23367795e9ec9e5ec49fc9b2?AccessKeyId=DAC3A56D8FB782449D2A&disposition=0&alloworigin=1> - acesso em 20 jun 2018].
- LIM, So Youn; DIXON, Marlene A. A conceptual framework of sport participation and women's empowerment. *Managing Sport and Leisure* (1), Abingdon, 2018, pp. 1-15.
- MATTOS, Michele Ziegler de. Aulas mistas na Educação Física: tensões e contradições. Dissertação de Mestrado, Educação Física, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2014.
- MCDONALD, Mary G. Imagining neoliberal feminisms? Thinking critically about the US diplomacy campaign, 'Empowering Women and Girls Through Sports'. *Sport in Society* (18), Abingdon, 2015, pp. 902-922.
- MCDOWELL, Jacqueline; SCHAFFNER, Spencer. Football, it's a man's game: Insult and gendered discourse in The Gender Bowl. *Discourse & Society* (22), Thousand Oaks, 2011, pp. 547-564.
- MESSNER, Michael A. *Taking the field: Women, men and sports*. Minnesota, University of Minnesota Press, 2002.
- MIRANDA FILHO, Vamberto Ferreira; SANTOS, Igor Sampaio Pinho. Mídia, mercadorização esportiva e o movimento de popularização do MMA. *Pensar a Prática* (17), Goiânia, 2014, pp. 865-877.

- NURMINEN, Minna. Social media campaign for the International Floorball Federation in connection to The World Games. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Gestão do Esporte e Lazer), Haaga-Helia University of Applied Sciences, Helsinquia, 2017.
- ONU-Mulheres. ONU Mulheres e parceiros impulsionam empoderamento de meninas por meio do esporte. 2019. [<https://nacoesunidas.org/onu-mulheres-e-parceiros-impulsionam-empoderamento-de-meninas-por-meio-do-esporte/> - acesso em 03 out 2019].
- PAIXÃO, Jairo Antônio. Corfebol na escola: uma proposta extracurricular de práticas pedagógicas por acadêmicos do curso de licenciatura em educação física. *Scientific Electronic Archives* (10), Sinop, 2017, pp. 96-103.
- PAUL, John; Steinlage, Carolyn; BLANK, Sharla. Sport and bodily empowerment: female athletes experiences with roller derby, mixed martial arts and rugby. *Journal of Alternative Perspectives in the Social Sciences* (6), Flórida, 2015, pp. 402-438.
- PEREIRA, Antônio, *et alii*. Journeys of Portuguese athletes to sporting success: the peaks and troughs. *Journal of Physical Education and Sport* (2), Pitesti, 2016a, pp. 397-406.
- PEREIRA, Bruna Opieco, *et alii*. O esporte e a Indústria Cultural: A espetacularização e mercantilização do esporte na sociedade líquido-moderna. *The Journal of the Latin American Socio-cultural Studies of Sport* (6), Curitiba, 2016b, pp. 1-10.
- RUBIO, Katia. A psicologia do esporte: histórico e áreas de atuação e pesquisa. *Psicologia: ciência e profissão* (19), Brasília, 1999, pp. 60-69.
- SAILORS, Pam R. Off the beaten path: should women compete against men? *Sport in society* (19), Abingdon, 2016, pp. 1125-1137.
- SANJAY. Relationship between emotional intelligence and performance of Korfball player of Haryana. *International Journal of Physiology, Nutrition and Physical Education* (2), Nova Delhi, 2017, pp. 107-110.
- SANTOS, Luís Lucas Oliveira; DUARTE, Suênia de Lima. O entrelaçar dos fios na formação de João Júnior: a contribuição da família na formação de um atleta. *Revista Redfoco* (5), Pau dos Ferros, 2018, pp. 1-10.
- SANTOS, Etiele Ortiz, *et alii*. Avaliação de empoderamento: considerações teórico-metodológicas aplicadas ao campo da saúde. *Revista da Escola de Enfermagem da USP* (52), São Paulo, 2018, pp. 1-8, nov. 2018.
- SCHULENKORF, Nico; SHERRY, Emma; ROWE, Katie. Sport for development: An integrated literature review. *Journal of Sport Management* (30), Champaign, 2016, pp. 22-39.
- SINGH, Tina Lee; NAIDOO, Logan. D. Assessing gender inequality in South Africa: a case study of women in sports management. *Journal of Research in Business, Economics and Management* (8), Lausanne, 2017, pp. 1407-1428.
- SUMMERFIELD, Karen; WHITE, Anita. Korfball: A model of egalitarianism? *Sociology of Sport Journal* (6), Champaign, 1989, pp. 144-151.
- TURNER, Sandra G.; MASCHI, Tina M. Feminist and empowerment theory and social work practice. *Journal of Social Work Practice* (29), Londres, 2015, pp. 151-162.
- WOOD, Zacharias C.; GARN, Alex C. Leveling the playing field? Perspectives and observations of coed intramural flag football modifications. *Sociology of Sport Journal* (33), Champaign, 2016, pp. 240-249.
- ZANATTA, Thaís Camargo, *et alii*. O perfil do gestor esportivo brasileiro: revisão sistemática da literatura. *Movimento (ESEFID/UFRGS)* (24), Porto Alegre, 2018, pp. 291-304.

7.2 Artigo 2

O segundo artigo, intitulado “Difusão do corfebol e as mídias sociais: visões fragmentadas”, cujo objetivo procurou averiguar no *Facebook*, quais conteúdos relacionados ao Corfebol estão sendo disseminados por meio das *hashtags*, **foi submetido, aceito e publicado** no periódico *Coleção e Pesquisa em Educação Física*, v. 20, n. 1, 2021. Avaliação

Capes/Qualis – Educação Física – B4 e Interdisciplinar – B4. Disponível em:
<https://fontouraeditora.com.br/periodico/home/viewArticle/1549>

DIFUSÃO DO CORFEBOL E AS MÍDIAS SOCIAIS: VISÕES FRAGMENTADAS

Renata Laudares Silva¹
 Giselle Helena Tavares²
 Afonso Antônio Machado¹

¹Universidade Estadual Paulista – DEF - UNESP – Rio Claro/SP
²Universidade Federal de Uberlândia - FAEFI-UFU – Uberlândia/MG

Resumo

O corfebol é um esporte coletivo e sendo a única modalidade exclusivamente mista desde a sua origem, cujas equipes são formadas por quatro homens e quatro mulheres, favorecendo, assim, a igualdade de oportunidades entre os gêneros. Tem por princípios promover a inclusão, o respeito, a cooperação e a colaboração, incorporando valores e contribuindo para as mudanças de atitude sobre a presença feminina no contexto esportivo. As diferentes mídias tem investido em diferentes estratégias de tornar essa modalidade difundida globalmente, focando principalmente na igualdade de gênero. Sendo assim, este estudo procurou averiguar no *Facebook*, quais conteúdos relacionados ao Corfebol estão sendo disseminados por meio das *hashtags*. Pode-se constatar que, nas postagens e em seus diversos formatos (imagem, vídeo, texto/*link*), prevaleceram os conteúdos relativos às questões de gênero, no entanto, as informações pertinentes ao universo do empoderamento feminino não foram evidenciadas nos *posts*. O *Facebook* mostrou ser um espaço fecundo à difusão de conteúdos, haja vista ser umas das plataformas de interação social mais acessada do planeta. Tornam-se prementes novos olhares acerca do empoderamento da mulher no âmbito esportivo, no que tange às interfaces de conteúdos disseminados no ciberespaço.

Palavras-chave: *Hashtag*. Facebook. Corfebol. Igualdade de gênero. Empoderamento feminino

DIFFUSION OF CORFEBOL AND SOCIAL MEDIA: FRAGMENTED VIEWS

Abstract

Korfball is a collective sport and is the only exclusively mixed sport since its origin, whose teams are made up of four men and four women, thus favoring equal opportunities between genders. Its principles are to promote inclusion, respect, cooperation and collaboration, incorporating values and contributing to changes in attitude about the presence of women in the sports context. Different media has invested in different strategies to make this modality globally disseminated, focusing mainly on gender equality. Therefore, this study sought to ascertain on *Facebook*, which contents related to Korfball are being disseminated through *hashtags*. It can be seen that, in the *posts* and in their different formats (image, video, text / link), the contents related to gender issues prevailed, however, the information pertinent to the universe of female empowerment was not evidenced in the *posts*. *Facebook* proved to be a fruitful space for the dissemination of content, given that it is one of the most accessed social interaction platforms on the planet. New perspectives on the empowerment of women in sports are pressing, with regard to the interfaces of content disseminated in cyberspace.

Keywords: *Hashtag*. Facebook. Korfball. Gender equality. Feminine empowerment

INTRODUÇÃO

O corfebol é o único esporte exclusivamente misto desde a sua origem. Criado em 1902, tem por princípios, promover a inclusão, o respeito, a cooperação e a colaboração, valorizando o aprendizado e a incorporação de valores, no âmbito educacional como também na sociedade de maneira geral. Trata-se de um esporte coletivo, cujas equipes são formadas por quatro homens e quatro mulheres, sendo que, a distribuição em campo se dá com dois homens no ataque ou na defesa e duas mulheres no ataque ou na defesa. A marcação é feita por gênero, ou seja, homens marcam homens e mulheres marcam mulheres, diminuindo assim, as desigualdades relacionadas as capacidades físicas e, a cada dois pontos marcados, troca-se o campo de jogo e inverte-se a função dos jogadores em quadra, favorecendo assim, a igualdade de oportunidades entre os gêneros (GUBBY, 2016).

Essa característica única do corfebol, ter a presença feminina junto à masculina, o faz ser um esporte que, mesmo tendo sido criado em 1902 é moderno em sua concepção de ter a presença da mulher na equipe, fato este que, não havia sido constatado em nenhuma modalidade esportiva coletiva até então. Segundo Bottenburg (2016), atentas às transformações por quais a sociedade moderna vem passando, as diferentes modalidades esportivas procuram se reinventar, quer seja estruturalmente quanto modificando suas regras, na tentativa de acompanhar as mudanças sociais, culturais e tecnológicas. Diante desse fato, o corfebol, procura manter intacto suas regras principais assim como suas premissas, as quais versam, principalmente pela igualdade de gênero e a inclusão feminina no esporte e, busca acompanhar essas rápidas transformações pelas quais passa a sociedade.

Esta modalidade esportiva, embora seja praticada nos cinco continentes, principalmente na Europa, sua origem e na Ásia, vem traçando estratégias de modo a ganhar território, no sentido de vir a ser praticada em mais países e se tornar conhecida globalmente. A federação têm investido em outras fontes de divulgação, sendo uma delas, as transmissões via plataformas online, como é o caso da parceria fechada com o The Olympic Channel, que faz cobertura e transmissão de eventos relacionados ao corfebol.

Nurminen (2017) evidenciou em seu estudo que a indústria esportiva reconheceu o potencial advindo das redes sociais e apontou que as diversas mídias sociais existentes atualmente, as quais são formadas por diferentes plataformas digitais, como é o caso do *Facebook* e do *Instagram* podem atuar como meios importantes, tanto na divulgação quanto na propagação de eventos esportivos, atingindo um público cada vez maior e mais ávido de conteúdos instantâneos.

Segundo o relatório global digital 2019, elaborado pelo *We Are Social* em parceria com a *Hootsuite*, o *Facebook* se mantém no topo da lista como a plataforma de mídia social mais acessada do planeta. Com relação ao Brasil, os dados revelam que 66% da população brasileira são usuárias de redes sociais, sendo o Brasil, o quarto país mais ativo em relação ao acesso à rede social. Concernente ao gênero dos usuários no Brasil, 53% são mulheres e 47% são homens.

Silva Júnior (2018) chama a atenção para o advento da segunda tela, ou seja, os consumidores de transmissões esportivas televisivas, além de acompanhar a transmissão de um determinado esporte, este aciona uma segunda tela, ou seja, conectam-se às diferentes mídias sociais, por meio das *hashtags*, centralizando desta maneira, as discussões pertinentes a determinados conteúdos. No relatório emitido pelo *Facebook*, esses dados são corroborados, haja vista que 90% das pessoas dizem fazer uso de outros equipamentos para acompanhar as partidas esportivas e, 79% fazem uso do celular como segunda tela (*FACEBOOK IQ*, 2019).

O uso do símbolo # seguido de termos ou palavras-chave se transformam em *hiperlinks* no interior da rede, promovem a aglutinação de um determinado assunto. Assim, os diferentes conteúdos podem ser mais facilmente localizados no ciberespaço, promovendo, de forma instantânea, acesso à informação.

O *Facebook* disponibiliza uma estrutura de publicação e compartilhamento de informações e conteúdos que, tanto as marcas esportivas, as federações e clubes podem vir a fazer uso na tentativa de formar opiniões, gerar mudanças de comportamento ou alterar posturas ligadas a atitudes e valores, assim como disseminar o esporte mundialmente. No entanto, ainda não se tem claro, de que maneira os conteúdos relacionados ao Corfebol são disseminados no *Facebook* e, principalmente, de que maneira a *hashtag* é utilizada na aglutinação dos *posts*. Assim, o presente estudo tem por objetivo, investigar, no âmbito da rede social *Facebook*, como a igualdade de gênero e empoderamento feminino no corfebol têm sido veiculadas nas *hashtags* relacionadas à essas temáticas.

MÉTODOS

O presente estudo é de natureza qualitativa e foi desenvolvido por meio de pesquisas descritiva e exploratória. Os dados catalogados foram analisados por meio da Técnica de Análise de Conteúdo

proposta por Bardin (2017). Os dados foram coletados no *Facebook*, durante o período de 1 a 15 de agosto de 2019. Foram feitas duas buscas: (Busca 1) #korfball #corfebol #genderequality e (Busca 2) #korfball #corfebol #mixedgendersport. Os *posts* foram coletados de maneira manual, ou seja, sem a utilização de *softwares* ou ferramentas métricas, utilizadas para monitorar as diferentes redes sociais e os mesmos foram salvos por meio de um *software* da *Microsoft Word*, processador de texto produzido pela *Microsoft Office*.

Foram criadas duas categorias para analisar os dados, sendo a categoria 1, Formato das postagens e a 2, conteúdos abordados, **Quadro 1**. Para tanto, para a conveniência da coleta de dados sobre a temática, neste estudo adotou-se a seguinte classificação de postagens: imagem (foto/álbum, ilustração, infográfico, montagem), *links*/textos (*link* com texto URL, *link* com imagem) e vídeos (*autoplay* ou *link* para o site *Youtube*).

Quadro 1 – Categorias e Subcategorias

Categoria 1) Formato das postagens
Subcategoria 1.1) Imagem
1.1) Imagem/álbum
1.2) Imagem/montagem
1.3) Imagem/fotos
1.4) Imagem/infográfico
Subcategoria 1.2) Textos/Links
Subcategoria 1.3) Vídeos
Categoria 2) Conteúdos abordados
Subcategoria 2.1) Igualdade de gênero
Subcategoria 2.2) Empoderamento feminino

Fonte: Elaborado pelos autores (2019)

Como critérios de inclusão, foram consideradas as postagens as quais continham os três termos referentes a cada uma das buscas, bem como, *posts* originais postados em qualquer data, em qualquer idioma e formato. Quanto aos critérios de exclusão, foram eliminados os *posts* repetidos, os *posts* compartilhados e os vídeos que faziam referência às transmissões de partidas de Corfebol, ou que enfatizavam determinados momentos de uma partida, como tiros diretos, cobrança de penalidade, arremessos, etc.

Resultados e discussão

A coleta de dados resultou inicialmente em 1269 *posts*. Destes, 359 *posts* faziam alusão à Busca 1 #korfball #corfebol #genderequality e 910 *posts* referentes à Busca 2 #korfball #corfebol #mixedgendersport. Quanto à B1) #korfball #corfebol #genderequality, dos 359 *posts* coletados, 318 foram excluídos por estarem repetidos. Restaram 41 *posts*, dos quais 9 foram excluídos por serem *posts* compartilhados, restando, assim, 32 *posts* da B1). Quanto à B2) #korfball #corfebol #mixedgendersport, a qual obteve um total de 910 *posts*, 831 foram excluídos por estarem repetidos. Restaram 79 *posts*, dos quais 15 foram excluídos, por serem *posts* compartilhados de outra fonte, restando, assim, 64 *posts* da B2). Assim, somando-se as duas *hashtags*, obteve-se 96 *posts*.

No entanto, percebeu-se que, em um mesmo *post*, as *hashtags* das duas buscas (B1 e B2) se faziam presentes, gerando duplicidade de materiais. Assim, 51 *posts* estavam relacionados à B1), 19 *posts* relacionados à B2) e 26 *posts* faziam relação às duas *hashtags* B1) e B2). Deste modo, 13 *posts* foram excluídos por estarem repetidos, restando 83 *posts*. Aplicado um último critério que excluía os vídeos relacionados à partida ou momentos do corfebol, 13 *posts* foram excluídos da amostra. Sendo assim, a amostra final deste estudo foi composta de 70 *posts* para análise.

Quanto à origem das publicações, todos os *posts* foram postados pela Federação Internacional de Corfebol (IKF) que, na rede social virtual *Facebook*, se encontra sob o endereço @korfball.org. Este dado pode estar atrelado ao fato de ser um órgão responsável pela divulgação, nos diferentes canais, dos assuntos relacionados ao Corfebol.

Os primeiros resultados da **categoria 1) formato das postagens**, averiguou-se que, referente à *subcategoria 1.1) imagens*, constatou-se 40 imagens/fotos concentradas em 9 álbuns, 15 imagem/montagem, 10 imagem/fotos e 1 imagem/infográfico. No que concerne à *subcategoria 1.2) textos/links*, apurou-se 2 textos/*link* com imagem. Na *subcategoria 1.3) vídeos*, dois itens compõem a amostra, sendo no formato *autoplay*, o qual abre diretamente quando o *post* é visualizado.

De acordo com Berto e Gonçalves (2011), no âmbito digital, principalmente via o *Facebook*, são diversas as maneiras de se promover a comunicação e, dentre os recursos disponíveis, têm-se as imagens, os vídeos e os textos. A associação desses elementos garante a interação e a facilitação do diálogo entre os usuários, assim, estas podem vir a ser interpretadas e reinterpretadas engrandecendo o processo comunicacional no âmbito do ciberespaço.

Com relação as *hashtags* que acompanhavam as postagens constatou-se que foram utilizadas 406 *hashtags*, sendo 135 em imagem/fotos, 105 em imagem/álbum, 150 em imagem/montagem e 16 em imagem/infográfico. Perceberam-se algumas variações quanto ao número de *hashtags* usadas na marcação dos *posts* de imagem, estas variaram de oito a 20 *hashtags* por postagem. Até 9 *hashtags* por *post*, foi o item que chamou a atenção. Pode-se constatar que, no caso de álbum, as *hashtags* estavam dispostas na chamada do *post* de capa e não aparecia nas fotos individuais do álbum, assim, essas foram catalogadas uma vez, quando apareceram no *post*.

A *hashtag* (#korfball), nome do esporte em inglês, apareceu com uma frequência de 40 vezes. As *hashtags* (#korfbal, #corfebol, #korfbol, #corfbol) também apareceram com uma frequência alta, de 35 vezes cada. Notaram-se formas diferenciadas de se escrever o nome do esporte, tanto em português, quanto em inglês. Pode-se evidenciar, com a análise dos *posts*, que esse grupo de *hashtags* era usado concomitantemente. Segundo Moura e Mandaji (2014), diante desse fenômeno da *Folksonomia*, o usuário tem a liberdade de criar a *tag* e quantas sejam necessárias para o seu produto.

A *hashtag* #mixedgendersport apareceu com uma frequência de 27 vezes e #genderequality apareceu 20 vezes. Essas temáticas também se mostraram escritas de outras maneiras, porém enfatizando o caráter pelas quais foram criadas, as questões da igualdade de gênero e por ser o corfebol um esporte formado por equipes mistas (#mixedsport (6); #mixedteamsport (1); #equalityinsports (1)).

Outro grupo de *hashtags* ficou em evidência em alguns *posts*. Postagens realizadas no Dia Internacional da Mulher, 8 de março, estavam sob as *hashtags* (#march8; #iwd2019; balancefor better). Temas ligados às questões de gênero, como a violência contra a mulher, a igualdade de oportunidades entre homens e mulheres e o empoderamento feminino nos diversos contextos, têm sido evidenciados nos diferentes canais midiáticos. Cada vez mais, os setores ligados ao esporte, à cultura, à educação entre outros, têm fomentado essas temáticas e dado abertura para dialogar sobre esses temas tão atuais.

No que tange à discussão da **categoria 2), conteúdos abordados**, esta foi subdividida em duas subcategorias, 2.1) *igualdade de gênero* e 2.2) *empoderamento feminino*. Com relação aos dados, estas duas subcategorias foram analisadas aglutinando os três formatos de *posts* encontrados, imagens, textos e vídeos e os resultados são evidenciados a seguir.

Com relação à *subcategoria 2.1) igualdade de gênero*, procurou-se identificar, nas postagens, elementos que corroborassem as premissas do corfebol, esporte que, desde a sua origem, atua como um difusor e equalizador das questões de gênero no âmbito das práticas esportivas. Para uma análise mais precisa, fez-se uso dos elementos textuais/hiperlinks presentes nas chamadas de texto utilizadas nas postagens do *Facebook*, estes ajudam a compreender o conteúdo presente nos *posts*.

De acordo com Bourina e Dunaeva (2019, p.110), estas novas maneiras de comunicação, mediadas pelas tecnologias, têm configurado uma inovação no gênero hipertextual, cuja natureza híbrida, promove uma transmutação na forma de dialogar com o leitor. As chamadas de texto contêm informações importantes, que ajudam na compreensão dos elementos presentes nas postagens, corroborando o olhar do pesquisador na interpretação das imagens e dos atores presentes no *post*, assim como, as possibilidades de inserção de *links* que encaminham para texto de origem, para fins de acesso ao conteúdo original. Para as autoras, "(...) o uso de tecnologias interativas de hipertexto leva a uma mudança nos padrões de compreensão e assimilação do conhecimento, os quais estão relacionados à interpretação visual da imagem, forma e cor."

Esse fato pode ser corroborado no *post* 1, no qual aparecem o presidente do Comitê Olímpico Internacional e a diretora geral da UNESCO, os quais firmam um acordo para trabalhar os valores olímpicos, como educação, igualdade de gênero e a questão do *doping*. Porém, essas informações só foram possíveis, devido à chamada de texto do *post* no *Facebook*, tagueado pelas *hashtags* #genderequality e #mixedgendersport e ao se acessar o *link* que direcionava para o texto completo, presente em outra rede social, o *Twitter*®.

Foi constatado que as questões ligadas à igualdade de gênero no campo esportivo estavam fortemente estampadas nos *posts* de imagem/foto/montagem. A campanha criada pelo canal "Korfball.org" de comunicação e transmissão de conteúdos da *International Korfball Federation* (IKF) para o Dia Internacional da Mulher, sob a *hashtag* #IDW2019, com o tema "*Discovery Korfball: The mixed-gender sport*", publicou uma série de *posts* com frases de impacto em relação à igualdade de oportunidades e à equidade entre homens e mulheres, principalmente no campo esportivo, por ser o

corfebol, o esporte à alavancar essa temática. As frases evidenciadas nos *posts* são: “*Let’s forge a more gender-balanced world!*”, “*A balance world is a better world*”, *Happy International Women’s Day!*”, “*Balance drives a better working world!*”, “*Take action for equality*” e “*Balance drives a better working world*”. Essas postagens denotam o poder das novas formas de comunicação e quanto estas podem atuar na educação e nas mudanças de valores. Abaixo segue um exemplo de *post* da campanha.

Podem-se constatar, nos textos com *links*, as questões relativas à igualdade de gênero, tanto nas chamadas de texto, quanto no corpo do texto, quando acessado o hipertexto. O *post* 15, formato texto/*link* com imagem enfatizou as questões de gênero, no que tange às experiências de meninas com os esportes e o quanto estes ainda fazem prevalecer elementos caracterizados pelo machismo e diferenças físicas. No texto das autoras, ao se procurar identificar as percepções de meninas e meninos quanto às práticas esportivas, percebeu-se que as questões de gênero relativas à desigualdade eram convenientes aos meninos, assim como, às experiências dentro e fora da escola.

O *post* 15 reverberou essas informações, porém, a imagem presente no *link* não é visível, quando acessada a página no *Facebook*, somente quando se abre o *link* no *site*. Percebeu-se também, com a leitura do texto, que as oportunidades de as mulheres adentrarem para as organizações esportivas e assumirem cargos de gestão ainda são tímidas, mas vêm aumentando.

Ainda é enfatizado o quanto uma legislação eficiente, que capta recursos por meio de impostos e estes, de maneira clara, são aplicados em várias áreas, dentre elas, a do esporte, reverberam em projetos sociais que trabalham o esporte como catalizador de mudanças atitudinais. Sotiriadou e De Haan (2019) também fizeram um levantamento sobre a relação entre gênero, liderança e governança e evidenciaram um ambiente favorável aos homens, no qual a hegemonia masculina ainda persiste.

O *post* 58, formato vídeo, evidenciou o corfebol de praia, no qual meninos e meninas podem jogar juntos, em um momento de descontração. As crianças, desde a infância, se forem incentivadas a jogar/brincar juntas, conseguem diluir as diferenças de capacidade e habilidades e essas aquisições voltadas ao respeito à igualdade são aplicadas ao longo da vida, tanto no âmbito profissional, quanto pessoal. A oferta igual de oportunidades e de escolhas forma cidadãos conscientes, mais propensos a combaterem as disparidades entre os gêneros (NEPOMUCENO; MONTEIRO, 2019).

Assim, o *post* 82, formato de vídeo, apontou essas questões tão fortemente apresentadas pelo corfebol em relação à igualdade de oportunidades dadas a meninas e meninos, no que tange as experiências no esporte. Durante a exibição do vídeo, podem-se constatar os valores presentes em esportes coletivos e como estes são fundamentais para transformar o ambiente no qual meninos e meninas se encontram. A igualdade de oportunidades é propiciada pelo corfebol, no que tange às suas regras, como o respeito às meninas e suas características físicas, assim como, a limitação do contato físico entre os atletas. De acordo com Goellner *et al.*, (2010), os espaços sociais nos quais as práticas esportivas e de vivências do contexto do lazer acontecem, são caracterizados por produzirem e reproduzirem elementos da cultura humana relacionados à feminilidade e à masculinidade. Quando as relações de poder nestes âmbitos se apropriam das diferenças biológicas para legitimar as desigualdades entre meninos e meninas, tem-se a construção de muros que separam os sexos, masculino e feminino, segundo as autoras.

Com relação à *subcategoria 2.2) empoderamento feminino*, esta foi analisada atrelando os três formatos de *posts* encontrados, imagens, textos e vídeos. Segundo a Organização das Nações Unidas Brasil (ONU), o esporte é uma ferramenta de transformação social que pode vir a romper com os estereótipos relacionados ao gênero, e que a prática esportiva atua positivamente na autoestima, no desenvolvimento de habilidades e capacidades de liderança, elementos estes intimamente ligados ao empoderamento feminino.

Assim, com a análise dos *posts*, percebeu-se o empoderamento de meninas e mulheres em diferentes contextos, como também, de diferentes públicos, embora nenhuma *hashtag* foi localizada, fazendo uso dos termos relacionados ao empoderamento.

Segundo a fundação Canterbury Korfbal (2019), existe uma profunda relação entre o corfebol e empoderamento de maneira geral, seja ele de crianças, adultos, populações específicas, ou outros, os quais puderam ser evidenciados nos *posts* analisados. Segundo a fundação, o empoderamento pode ser trabalhado por meio da aquisição de competências e habilidades físicas disseminadas pelo corfebol, confluindo para o ganho de autonomia e autoconfiança. O *post* 57 enfatizou essa questão, ao abordar um técnico e sua equipe, trabalhando elementos táticos. O empoderamento é ratificado no corfebol por meio do trabalho mental e da consciência tática, ambos tão importantes quanto o aspecto da aptidão física e da técnica, pois foca-se na exploração dos pontos fortes de uma equipe e no conhecimento dos pontos fracos da equipe adversária. O empoderamento por meio da igualdade de gênero, por ser o único esporte com equipes mistas do mundo, fomenta a inclusão e os valores iguais entre os gêneros.

O empoderamento também pode ser promovido, segundo a fundação Canterbury Korfbal (2019), por meio da diversão, da socialização e da amizade. O fator família é um elemento único, quando se fala de corfebol no mundo, aspecto que pode ser evidenciado via o *post* 12, no qual a imagem revela um casamento na praia, cujos atores presentes são amigos/atletas e um bebê. Em qualquer lugar onde existe a tradição de se jogar o esporte, seja ele de alto rendimento ou não, haverá pessoas que prezam pelos valores disseminados pelo corfebol.

Assim, o empoderamento foi evidenciado em imagens, quando focalizada a presença feminina em funções ou cargos de comando no esporte, no caso, o *post* 14, no qual tem-se na imagem, um trio de arbitragem de corfebol formado por mulheres. Também o *post* 73 evidencia uma árbitra, enfatizando essa conquista da mulher no âmbito esportivo. A chamada de texto realçou o quanto é significativo para o ser humano seguir um sonho e realizá-lo, no caso, a arbitragem feita por uma mulher.

O empoderamento também foi evidenciado nos *posts* de formato textos/*link* com imagens. O *post* 15 relatou elementos importantes que ajudam nessa questão do empoderamento de meninas e mulheres no esporte, dentre eles, o patrocínio, a cobertura da mídia e a inserção da mulher em cargos de gestão. Wicker; Cunningham e Fields (2019) discorreram sobre essas questões referentes à cobertura midiática e patrocínio e à mulher no esporte e evidenciou a falta de interesse, por parte dos meios de comunicação, em cobrir eventos esportivos femininos, promovendo, assim, a invisibilidade da mulher nas competições esportivas. Os autores ainda salientaram que, acerca de cargos de gestão, quando as mulheres começam a ocupar cargos ou assumir papéis de liderança no campo esportivo, estas se tornam referências para outras mulheres, abrindo o caminho para que a sub-representação feminina em cargos de gestão diminua.

Outra forma de empoderamento evidenciada nos *posts* faz relação à formação de árbitros, treinadores e divulgadores do corfebol em diferentes partes do mundo, principalmente, em regiões mais afastadas e carentes de uma série de fatores, dentre eles, acesso ao esporte e seus valores. Parcerias entre a IKF e Universidades promovem a imersão de técnicos/árbitros nessas regiões, os quais assumem a responsabilidade de formar divulgadores da modalidade. Os *posts* 22, 50 e 42, representam esse trabalho na Tanzânia e Kenya, no continente africano e o *post* 2, na Costa Rica. Essas imersões levam à aprendizagem de esportes com características diferenciadas, as quais fomentam valores que promovem a equidade de gênero. Muitas vivências são realizadas junto às comunidades ou escolas que abrem as portas para que os futuros difusores do corfebol possam aplicar seus conhecimentos e habilidades (*post* 50, *post* 2). Nessas vivências, percebeu-se o empoderamento de crianças e jovens, os quais aparecem nas imagens dos *posts*.

Elementos ligados ao empoderamento de pessoas com necessidades especiais também foram evidenciados nas postagens. O *post* 29 evidencia essa questão. Na análise das imagens, percebeu-se uma vivência de corfebol aplicada a diferentes pessoas com deficiência, dentre eles pessoas cadeirantes, com síndrome de *down*, entre outras. Os equipamentos utilizados no corfebol possibilitam e facilitam as experiências corporais das pessoas com algum tipo de deficiência, como pode ser observado como exemplo os postes com os cestos que podem ser rebaixados para as pessoas cadeirantes ou com mobilidade reduzida. Essas adaptações, assim como as características intrínsecas ao esporte, como a cooperação e a inclusão integram as pessoas com deficiência e atuam para o rompimento de barreiras físicas impeditivas à prática esportiva, como também, atuam positivamente no aumento da autoestima dessas pessoas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos dados analisados, pode-se perceber que as *hashtags* no *Facebook*, no que tange à organização dos conteúdos disseminados no âmbito da rede social, ainda são utilizadas com parcimônia, diferente de seu uso em outras plataformas (*Twitter* ou *Instagram*), nas quais já se encontram consolidadas. As *tags* relacionadas à temática de gênero e suas interfaces foram evidenciadas nas postagens, no entanto, *tags* relacionadas ao empoderamento não foram localizadas, mostrando, com isso, um espaço a ser explorado pelos grupos de pesquisadores e entusiastas que discutem a temática de empoderamento da mulher no contexto do esporte.

Embora seja este um assunto bastante evidenciado nos diferentes canais de comunicação, quando se tenta focalizar o empoderamento da mulher por meio do esporte, sendo este tomado como uma ferramenta de transformação social e catalizador de mudanças atitudinais. O fato de não haver *tags* fomentando o corfebol como um esporte que pode vir a contribuir para o empoderamento feminino, não significa que não existe essa possibilidade, haja vista que os elementos constituintes do corfebol tendem a fortalecer e capacitar os mais diversos públicos, dentre eles o feminino.

Pode-se dizer que as mídias sociais, cada uma com sua lógica interna de funcionamento, seja na divulgação de textos, imagens, vídeos ou símbolos, devido à facilidade de manipulação e acesso,

via *smartphones*, *tablets* e *notebooks*, com o advento da banda larga, concederam vozes às pessoas comuns e, principalmente, às pessoas ou grupos socialmente excluídos. A *hashtag* é uma ferramenta poderosa e pode ser utilizada de diferentes formas, tanto positivamente, quanto negativamente.

Diante dessas premissas, constatou-se o quanto as *hashtags*, no *Facebook* ainda podem ser exploradas e utilizadas para fins variados. O fato de não haver *hashtags* com conteúdo relativo ao empoderamento feminino no âmbito das postagens analisadas na rede social, relativas ao corfebol, evidencia uma lacuna a ser explorada, relacionada à temática em questão no contexto do *Facebook*.

No entanto, o estudo possui algumas limitações, dentre elas o recorte temporal relacionado à coleta dos dados na rede social. Outra limitação faz relação a forma de coleta dos dados, que foi manual. Tem-se atualmente, ferramentas de análise de mídia social, usadas no rastreamento de *hashtags*. O *Facebook* tem as suas próprias ferramentas de métrica. A plataforma disponibiliza o *Facebook Insights*, o *Facebook Creator* e o *Facebook Ads*. Alguns sites disponibilizam diferentes ferramentas, como o “*keyhole*”, “*top hashtags*”, “*LikeAlyzer*”, “*howsociable*” dentre outras, no entanto, tem-se que, algumas dessas ferramentas não tem seu acesso livre e gratuito, o que, pode vir a inviabilizar a coleta de dados no âmbito acadêmico, haja a vista a carência de recursos financeiros.

Referências

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2017.

BERTO, M.; GONÇALVES, E. Diálogos online: intersemioses do gênero Facebook. **C-Legenda - Revista do Programa de Pós-graduação em Cinema e Audiovisual da Universidade Federal Fluminense**, Rio de Janeiro, v.2, n.25, p.100-110, out. 2011.

BOTTENBURG, M. Além da difusão: o esporte e sua reconstrução em contextos transculturais. **Recorde: Revista de História do Esporte**, Rio de Janeiro, v.9, n.1, p.1-18, jan./jun. 2016.

BOURINA, H.V.; DUNAEVA, L.A. Role of hypertext in teaching foreign languages. **E-Learning and Digital Media**, Thousand Oaks, v.16, n.2, p.110-121, fev. 2019.

CANTERBURY KORFBALL. **Be involved in korfball**. Disponível em: <<http://www.korfballcanterbury.co.nz/be-involved.html>>. Acesso em: 12 set. 2019.

FACEBOOK IQ. **The changing profile of sports fans around the world**. Disponível em: <<https://www.facebook.com/business/news/insights/the-changing-profile-of-sports-fans-around-the-world#>>>. Acesso em: 19 fev. 2019.

GOELLNER, S.V. et al. Lazer e gênero nos programas de esporte e lazer das cidades. **LICERE - Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, Belo Horizonte, v.13, n.2, p.1-20, jun. 2010.

GUBBY, L. **Can sport provide a space for gender equality? A qualitative study of children who play korfball**. 2016. 327f. Tese (Doutorado em Filosofia) - Sport Science, Tourism and Leisure, Canterbury Christ Church University, Kent, Inglaterra, 2016. Disponível em: <<https://repository.canterbury.ac.uk/download/a2a918646f420a702b06b12777441701d719f1abe4b6bc41945d72336e7cb7e8/3490795/Gubby.pdf>>. Acesso em: 11 set. 2019.

MOURA, K.F.; MANDAJI, C.F.S. A relação das hashtags com as palavras de ordem presentes nas Manifestações Brasileiras de 2013. **Anais... CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUL**, 15., p. 1-14, Palhoça, UNISUL, 2014.

NEPOMUCENO, L.B.; MONTEIRO, N.S. Desigualdades de gênero no esporte: narrativas sobre o lugar da mulher no surfe. **Revista Brasileira de Psicologia do Esporte**, Brasília, v.9, n.2, p.101-116, jul. 2019.

NURMINEN, M. **Social media campaign for the International Floorball Federation in connection to The World Games**. 2017. 68f. Monografia (Programa de Graduação em Gestão de Esportes e Lazer) - Haaga-Helia University of Applied Sciences, Helsinque, Finlândia, 2017. Disponível em: <https://www.theseus.fi/bitstream/handle/10024/135494/Nurminen_Minna.pdf?sequence=1>. Acesso em: 12 set. 2019.

SILVA JUNIOR, J.R. et al. **Hashtag Touchdown: Análise da Utilização da Segunda Tela nas Transmissões de Futebol Americano pela ESPN**. 2018. 70f. Monografia (Bacharel em Jornalismo) - Faculdade de Educação/Curso de Jornalismo, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2018.

Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/23887/1/HashtagTouchdownAnalise.pdf>. Acesso em: 12 set. 2019.

SOTIRIADOU, P.; DE HAAN, D. Women and leadership: advancing gender equity policies in sport leadership through sport governance". **International Journal of Sport Policy and Politics**, Abingdon, v.11, n.13, p.365-383, mar. 2019.

WICKER, P.; CUNNINGHAM, G.B.; FIELDS, D. Head coach changes in women's college soccer: an investigation of women coaches through the lenses of gender stereotypes and the glass cliff. **Sex Roles**, New York, p.1-11, 2019. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s11199-019-01022-2#citeas>. Acesso em: 17 set. 2019.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES).
Av. 84A, 280, apto. 65, Torre 2, Cond. Parque das Arvores
Jardim Parque Residencial
Rio Claro/SP
13506-121

7.3 Artigo 3

O terceiro artigo, intitulado “Igualdade de gênero no corfebol: análise das *hashtags* no *Facebook*” cujo objetivo foi analisar de que maneira os usuários do *Facebook* utilizam a *hashtag* na organização dos conteúdos relacionados ao corfebol e as questões relacionadas à igualdade de gênero e em quais formatos se dão essas postagens nesta rede social, **foi submetido, aceito e publicado** na Revista Conexões, avaliação Capes/Qualis – Educação Física – B4 e na e Interdisciplinar – B4. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/8663527>



DOI 10.20396/conex.v

Seção de Publicação do artigo: Artigo Original

Igualdade de gênero no corfebol: análise das *hashtags* no *Facebook*

RESUMO

Objetivo: Analisar de que maneira os usuários do *Facebook* utilizam a *hashtag* na organização dos conteúdos relacionados ao corfebol e as questões relacionadas à igualdade de gênero e em quais formatos se dão essas postagens nesta rede social. **Metodologia:** Buscou-se as *hashtags* #Korfboll #Corfebol #GenderEquality e #MixedGenderSport no

Facebook e as mesmas foram analisadas sob a Técnica de Análise de Conteúdo no período de 1 a 15 de agosto de 2019. **Resultados e discussão:** os resultados geraram duas categorias: *hashtags* utilizadas na marcação das postagens e conteúdos abordados – igualdade de gênero. **Considerações Finais/Conclusão:** Pode-se perceber que o Facebook se mostrou um espaço interessante no que tange à difusão de conteúdos relacionados às questões de gênero e as *hashtags* neste contexto, foram ressignificadas.

Palavras-chave: Corfebol. Hashtag. Facebook. Igualdade de gênero.

Gender equality in korfball: analysis of hashtags on Facebook

ABSTRACT

Objective: To analyze how Facebook users use the hashtag in the organization of content related to korfball and issues related to gender equality and in what formats these posts are made on this social network. **Methodology:** We searched for the hashtags #Korfball #Corfebol #GenderEquality and #MixedGenderSport on Facebook and they were analyzed using the Content Analysis Technique from 1 to 15 August 2019. **Results and discussion:** the results generated two categories: *hashtags* used to mark posts and content covered - gender equality. **Final Considerations/Conclusion:** It can be seen that Facebook has proved to be an interesting space in terms of the dissemination of content related to gender issues and *hashtags* in this context have been re-signified.

Keywords: Korfball. Hashtag. Facebook. Gender Equality.

Igualdad de género en korfball: análisis de hashtags en Facebook

RESUMEN

Objetivo: Analizar cómo los usuarios de Facebook utilizan el hashtag en la organización de contenidos relacionados con el korfball y temas relacionados con la igualdad de género y en qué formatos se realizan estas publicaciones en esta red social. **Metodología:** Se buscaron los *hashtags* #Korfball #Corfebol #GenderEquality y #MixedGenderSport en Facebook y se analizaron mediante la Técnica de Análisis de Contenido del 1 al 15 de agosto de 2019. **Resultados y discusión:** los resultados generaron dos categorías: *hashtags* utilizados para marcar publicaciones y contenido cubierto - igualdad de género. **Consideraciones finales/Conclusión:** Se puede apreciar que Facebook ha demostrado ser un espacio interesante en cuanto a la difusión de contenidos relacionados con la temática de género y los *hashtags* en este contexto han sido ressignificados.

Palabras Clave: Korfball. Hashtag. Facebook. Igualdad de género.

INTRODUÇÃO

Criado na Holanda por um Profissional de Educação Física, em 1902, o corfebol é o único esporte coletivo exclusivamente misto desde a sua origem. Modalidade esportiva jogada com equipes formadas por quatro homens e quatro mulheres, sendo a marcação feita por gênero, ou seja, homem marca homem e mulher marca mulher, favorecendo desta forma a igualdade de oportunidades entre os gêneros (GUBBY, 2016). Além desta questão, o corfebol preza pelos princípios da inclusão, do respeito, da cooperação e da colaboração, contribuindo assim, com mudanças de valores no que tange aos aspectos educacionais como também em outros contextos sociais.

O corfebol, desde sua criação, em tempos anteriores as discussões de gênero e a presença feminina no esporte, se mostrou uma modalidade esportiva diferenciada das outras tradicionais, como também antecipada à essas discussões. No entanto, ainda é um esporte pouco conhecido. Neste sentido, a Federação Internacional de Corfebol (IKF) têm investido potencialmente na divulgação da modalidade, principalmente, no âmbito das redes sociais, promovendo um ativismo digital para fins de torná-lo mais conhecido globalmente (IKF, 2020).

Garcia del Barrio (2016) e Nurminen (2017) neste sentido, evidenciaram que a indústria esportiva identificou o potencial vindo das diferentes mídias, no que tange a impulsionar os eventos relacionados às diversas modalidades esportivas, gerando engajamento, promovendo a interação com os fãs e marcas esportivas. Os autores ainda enfatizaram que as redes sociais, como o *Facebook* e o *Instagram*, podem atuar positivamente na divulgação e na popularização de eventos esportivos, conquistando um público cada vez maior e mais ávido de conteúdos instantâneos.

A rede social *Facebook* dispõe de um sistema de publicação de conteúdos e compartilhamento de informações, como também, fornece a *hashtag* na marcação dessas postagens. A rede aderiu a esse sistema em 2013 e de acordo com Cordeiro (2019, p. 24-25), tamanha foi a aceitação e uso da mesma que estas adquiriram novos usos e significados. Para a autora,

[...]. As hashtags que eram ferramentas de catalogação, agora articulam uma bagagem sígnica, carregam em cada enunciado uma historicidade social e linguística, está redigida pelos próprios usuários nas redes sociais digitais, que não se desvinculam, não se desapareçam, ainda que o leitor não precise retomar cada enunciado já produzido para compreender e se inserir na trajetória.

A ferramenta *hashtag* é utilizada em diferentes redes sociais, como o *Instagram* e o *Twitter*, onde nasceu e, por meio dela, os usuários etiquetam seus conteúdos e os compartilham. Para Romeiro e Silva (2018), essas *taggs* organizam

os assuntos, contribuindo desta forma para a difusão das informações *taggeadas*, assim como na recuperação destes *posts* em um momento posterior.

No âmbito do *Facebook*, os usuários possuem autonomia para *taggear* os conteúdos ou informações na rede, liberdade essa relacionada a marcação de produtos conforme lhes convier, criando termos seguidos das *hashtags*, os quais estão relacionados com as suas postagens. Neste contexto, áreas como o marketing e gestão da informação ligadas ao setor esportivo das federações e dos clubes, podem vir a fazer uso dessa estrutura, no que concerne ao fato de formar opiniões, promover mudanças de comportamento, gerar engajamento ou alterar posturas ligadas a atitudes e valores, disseminar o esporte de forma global. No entanto, pouco se sabe sobre a ferramenta *hashtag* no âmbito do *Facebook* como difusora desses conteúdos e na organização dessas postagens. Neste sentido, é pretensão deste artigo analisar de que maneira os usuários do *Facebook* utilizam a *hashtag* na organização dos conteúdos relacionados ao corfebol e as questões relacionadas à igualdade de gênero e em quais formatos se dão essas postagens na rede.

MÉTODOS

O estudo é caracterizado como sendo de natureza qualitativa e o mesmo foi desenvolvido fazendo uso das pesquisas descritiva e exploratória. Os termos buscados concomitantemente no campo "pesquisa" do *Facebook* foram #Korfball #Corfebol #GenderEquality e #MixedGenderSport.

Todos os dados foram coletados de maneira manual e salvos no *software* da *Microsoft Word*, processador de texto da *Microsoft Office*, para serem analisados em uma etapa posterior. O período da coleta de dados na rede social *Facebook* se deu entre 1 a 15 de agosto de 2019.

Os critérios de inclusão englobavam os posts que continham os termos aqui listados, korfball, corfebol, genderequality e mixedgendersport, os posts originais postados em qualquer data, idioma e formato. Quanto aos critérios de exclusão, descartou-se os posts repetidos e compartilhados.

A Técnica de Análise de Conteúdo (TAC) foi utilizada para analisar os dados coletados, seguindo os preceitos de Bardin (2017). Assim, foram elaboradas duas categorias para facilitar a análise dos dados. Categoria 1), *hashtags* utilizadas na marcação das postagens e categoria 2), conteúdos abordados – igualdade de gênero. Para analisar os dados coletados, o presente estudo apoiou-se na classificação elaborada por Carvalho (2014), a qual evidenciou cinco formatos de *posts* no *Facebook* (imagens, imagens/textos (memes), vídeos, *links* com *sites* e textos. Sendo assim, criou-se as seguintes categorias: imagem (foto/álbum, ilustração, infográfico, montagem), *links*/textos e vídeos. Para fins de uma análise

mais precisa, atentou-se para a leitura das chamadas de texto. Elementos textuais/*hiperlinks* presentes nessas chamadas ajudam a compreender imagens e vídeos postados no *Facebook*.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os dados foram coletados durante 15 dias e resultaram em 1269 postagens, as quais foram salvas para que, num período posterior, analisadas. Aplicados os critérios de inclusão e exclusão, 70 postagens foram selecionadas, estando adequadas para compor a amostra final do estudo.

Segundo Berto e Gonçalves (2011) a comunicação no âmbito das redes sociais, no caso, do *Facebook*, pode-se se dar de diferentes maneiras e, dentre os recursos disponíveis, têm-se as imagens, os vídeos e os textos. Para os autores, a combinação desses elementos pode vir a assegurar a interação e a facilitação do diálogo entre os usuários, como também, estas podem vir a ser interpretadas e reinterpretadas engrandecendo o processo comunicacional no âmbito do ciberespaço.

Sendo assim, quanto a categoria 1) *hashtags* utilizadas, pode-se perceber que, no contexto pesquisado, resultou em 406#. Estas estavam distribuídas em *posts*, cujos formatos são listados a seguir: 135# em imagem/fotos, 105# em imagem/álbum, 150# em imagem/montagem e 16# em imagem/infográfico. Percebeu-se algumas variações quanto ao número de *hashtags* usadas na marcação dos *posts* de imagem, estas variaram de oito a 20 *hashtags* por *post*.

Constatou-se num primeiro momento que a *hashtag* (#Korfbol), termo em inglês do esporte foi citado 40 vezes e o termo em português (#Corfebol) 35 vezes. Outras maneiras de se referenciar a modalidade esportiva também foram encontradas via as *hashtags* (#korfbal, #Korfbol, #Corfbol) também foram mencionadas com frequência de 35 vezes cada. Notou-se que as cinco *hashtags* acima citadas foram utilizadas concomitantemente nos *posts*. Para Moura e Mandaji (2014), o usuário no âmbito da rede social, ao *taggear* uma postagem, este tem autonomia na criação da *tagg* assim como no uso desta, podendo escrevê-la de variadas formas. Corrêa e Santos (2018) afirmaram que se trata de uma característica da *Folksonomia* a variedade de etiquetas em diferentes idiomas, demonstrando, com isso, a flexibilidade em atribuir termos a conteúdos distintos.

O corfebol traz consigo algumas premissas tidas como a base da modalidade, como a cooperação, a inclusão e a integração. Estas também foram evidenciadas e se encontravam *taggeadas* nos *posts*. As *hashtags* #Cooperation, foi citada duas vezes, #Inclusive e #Integration foram citadas uma vez cada. Outras *taggs* foram evidenciadas nas postagens, enfatizando valores do esporte, como (#SocialValues, #FollowYourDreams, #BeActive), ações contra o doping

(#KeepKorfballClean), propaganda dos campeonatos mundiais (#ECUP2020, #EKC2018, U21WKC2018), *taggs* relacionadas aos países, como (#CostaRica, #Kenya, #Africa, #Hungary, #China), entre outras tantas.

Quando relacionadas ao contexto de gênero, várias foram as *hashtags* evidenciadas, dentre elas tem-se a #MixedGenderSport que apareceu com uma frequência de 27 vezes, #GenderEquality com 20 vezes de incidência, #MixedSport, seis vezes, #MixedTeamSport, #EqualityInSports e #RacingToGenderEquality, uma vez cada. Essas temáticas, quando relacionadas ao corfebol, enfatizam as questões da igualdade de gênero no contexto esportivo, por se tratar de uma modalidade esportiva formada por equipes mistas. Ainda versando sobre a temática de gênero, outro grupo de *hashtags* ficou em evidência em algumas postagens. Notou-se na semana a qual se comemora o Dia Internacional da Mulher, 8 de março, *posts* relativos a esse fato, como a #March8, #IWD2019 e #BalanceForBetter, apareceram cinco vezes cada. De acordo com Santos (2018), grandes campanhas têm enfatizado que as mulheres podem praticar esportes e ações como essas, ajudam a quebrar padrões normativos de gênero. Tem-se como exemplos, as *taggs* #LikeAGirl e #ThisGirlCan, consideradas campanhas de sucesso que alavancaram o uso dessa ferramenta # nas redes sociais virtuais.

Outras ações também ajudam a romper barreiras e quebrar tabus relacionados à mulher. Temas ligados às questões de gênero, como a violência contra a mulher, a igualdade de oportunidades entre homens e mulheres e o empoderamento feminino nos diversos contextos, têm sido evidenciados nos diferentes canais midiáticos (FORNARI *et al.*, 2019). E de acordo com Cordeiro (2019. p. 24),

[...]. Num cenário de ascensão e ressignificação de ferramentas, extensões e operações, as redes sociais ainda constroem sua posição e funcionalidades para os usuários. Considerando suas remodelações, tanto no modo utilitário quanto no valorativo, o Facebook suscita estudos, sobretudo, no que tange à linguagem e às enunciações que se propagam pelas conexões da rede.

Com relação à discussão da categoria 2), conteúdos abordados - igualdade de gênero, levou-se em consideração, para análise dos *posts*, os formatos das postagens, como as imagens, os textos e os vídeos. Tentou-se detectar nas postagens elementos que legitimavam os princípios apregoados pelo corfebol, modalidade esportiva que, desde a sua origem, atua como um difusor e equalizador das questões de gênero no âmbito das práticas esportivas (GUBBY, 2016, SILVA *et al.*, 2019).

Para fins de captar as informações almejadas, contribuindo assim, para uma análise mais precisa, atentou-se para a leitura das chamadas de texto, ou seja, os dizeres que encabeçam os *posts*. Elementos textuais/*hiperlinks* presentes nessas

chamadas ajudam a compreender imagens e vídeos postados no *Facebook*. Segundo Bourina e Dunaeva (2019, p.110),

[...] o uso de tecnologias interativas de hipertexto leva a uma mudança nos padrões de compreensão e assimilação do conhecimento, os quais estão relacionados à interpretação visual da imagem, forma e cor.

Pode-se assim interpretar a fala dos autores que, mediadas pelas tecnologias, novas formas de comunicar se fazem presentes, como é o caso dos hipertextos que se configuram como uma inovadora forma de se dialogar com o leitor. Por sua natureza híbrida, transcende e promove uma alteração no que tange a comunicação no âmbito virtual. As chamadas de texto evidenciam informações significativas que auxiliam na compreensão dos elementos presentes nos *posts*, reafirmando o olhar do observador na interpretação das imagens, assim, como dos atores presentes nas postagens. A inserção de *links* nas chamadas de texto abrem novos hiperdocumentos ou texto de origem, para fins de acesso ao conteúdo original.

Para fins de compreensão, cada *post* foi categorizado dentro dos três tipos de formatos apontados anteriormente, no entanto, seria inviável fazer o registro de cada um para o presente artigo. Então, optou-se por narrar cada uma das postagens mencionadas na discussão. Como é o caso do *post* 1, formato imagem/foto, cujos atores são o presidente do Comitê Olímpico Internacional (COI), Thomas Bach e a diretora geral da UNESCO, Audrey Azoulay, ambos afirmaram um acordo para trabalhar os preceitos olímpicos, no caso, a educação, a igualdade de gênero e temática do *doping*. As informações aqui expostas foram captadas por meio da chamada de texto do *post* no *Facebook*, que fez uso das *hashtags* #GenderEquality e #MixedGenderSport, como também, acesso à um *link* que levou a abertura do *twitte*, onde se encontrava maiores informações.

A temática que versava sobre a igualdade de gênero no esporte também foi encontrada nas postagens (*post* 67, 78, 79, 80, 81), cujo formato era de imagem/foto/montagem. Várias ações foram criadas pelo canal "Korfbol.org", responsável pela área de comunicação e de transmissão de conteúdos da Federação Internacional de Corfebol (IKF). Em comemoração ao Dia Internacional da Mulher, sob a *hashtag* #IDW2019, com a temática "Discovery Korfbol: The mixed-gender sport", uma série de postagens contendo frases de impacto em relação à igualdade de oportunidades e à equidade entre homens e mulheres no campo esportivo. Esses *posts* indicaram o poder dessas inovadoras maneiras de se comunicar e o quanto essas campanhas podem auxiliar na educação e gerar mudanças de valores (NUNES, 2017). As imagens podem ser visualizadas na figura 1.



Figura 1: Posts da campanha em comemoração ao Dia Internacional da Mulher. Fonte: Korfball.org (2019)

O *post 15*, formato *texto/link* com imagem destacou questões relacionadas à gestão esportiva e as barreiras encontradas pelas mulheres ao buscarem oportunidades de inserção às organizações esportivas, na obtenção de melhores salários e acesso à cargos de gestão. A pesquisa tece considerações acerca do quanto uma legislação eficiente, que capta recursos por meio de impostos e estes, de maneira clara, são aplicados em várias áreas, dentre elas, a do esporte, reverberam em projetos sociais que trabalham o esporte como catalizador de mudanças atitudinais.

Neste contexto, Zanatta *et al.* (2018) apontaram em seu texto que o perfil do gestor esportivo no Brasil ainda é formado por homens e que os comitês olímpicos, órgãos dos setores públicos e privados ligados ao esporte e secretarias, entre outros espaços, ainda são ocupados por homens. Cunningham *et al.* (2018) discorreram sobre a sub-representatividade feminina em relação à ocupação das funções, treinadora ou assistente esportiva. Vários são os motivos que contribuem para a não permanência da mulher nesses cargos, dentre eles, as diferenças de gênero e a baixa expectativa de crescimento na carreira.

Autores como Sotiriadou e Haan (2019) discorreram sobre as relações entre gênero, liderança e governança e apontaram ser este ainda um ambiente favorável aos homens e enfatizaram que a hegemonia masculina ainda persiste neste campo. No entanto, Rubio (2016) evidenciou que ações têm sido implementadas no que tange promover à igualdade de oportunidades entre os gêneros no esporte e na gestão do mesmo. Dentre essas, tem-se a agenda 2020 (IOC, 2014), a qual ressalta compromissos e recomendações, as quais tratam da promoção da

igualdade de gênero no campo da gestão no esporte, da inclusão de modalidades com equipes mistas, entre outras recomendações.

O *post* 82, formato de vídeo, mostra uma partida de corfebol numa escola e enfatizou a promoção do esporte como uma ferramenta para trabalhar a igualdade entre os gêneros no campo esportivo como de transformação social em todo o mundo. Paixão (2017) e Dos Anjos (2016) discutiram sobre as experiências de inserção do corfebol nas aulas de Educação Física e enfatizaram em seus estudos que as modalidades mistas tendem a romper com a hegemonia dos esportes tradicionais na escola e atuar na promoção da igualdade de oportunidades entre os gêneros. O corfebol, na visão dos autores ajudam a romper com valores e crenças construídos socialmente sobre as capacidades e habilidades de meninos e meninas procedimentos metodológicos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao finalizar a análise dos dados, pode-se constatar que as *hashtags* analisadas neste estudo, exerceram sua função de aglomerar os conteúdos semelhantes nos *posts*, além do fato de promover uma ressignificação acerca da ferramenta no âmbito do *Facebook*. Pode-se perceber também que, ao longo das postagens, grupos de *hashtags* foram utilizadas na marcação dos *posts*, evidenciando uma estratégia de *marketing* no que tange a promover importantes discussões acerca da temática de gênero e suas imbricações com o corfebol.

Percebeu-se que as postagens realizadas pelos usuários do *Facebook* concernentes ao corfebol e suas interfaces com as questões relacionadas à igualdade de gênero se concentravam nos formatos de imagens, vídeos e textos/*links*. O uso dessa ferramenta atua efetivamente no que tange a promover o esporte no âmbito da rede social analisada. O potencial das *hashtags* também pode ser constatado quando no fato dessas atuarem positivamente na modificação da forma de comunicação das pessoas, tornando-se ferramenta na busca de conteúdos e informações e promovendo maneiras inovadoras de engajamento nos mais variados temas.

É fato que algumas plataformas de interação social, como o *Facebook*, com o passar do tempo, modificam suas interfaces, alteram ferramentas e recursos específicos no sentido de acompanhar as transformações pelas quais essas mídias estão sujeitas. Neste sentido, o comportamento do usuário diante dessas mudanças tendem a se alterar, na tentativa de assimilar e compreender essas transformações. Portanto, diante da ferramenta analisada neste estudo, as *hashtags*, estas também são passíveis de sofrer alterações, se fazendo assim, necessário novos estudos acerca de seu comportamento e seu uso no âmbito do *Facebook*.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Finance Code 001.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2017.

BERTO, Matheus; GONÇALVES, Elizabeth. Diálogos online: intersemioses do gênero Facebook. *C-Legenda - Revista do Programa de Pós-graduação em Cinema e Audiovisual da Universidade Federal Fluminense*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 25, p.100-110, out. 2011. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/ciberlegenda/article/view/36887>

BOURINA, Helena V.; DUNAEVA, Larisa A. Role of hypertext in teaching foreign languages. *E-Learning and Digital Media*, Thousand Oaks, v. 16, n. 2, p. 110-121, fev. 2019. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/2042753019828358>

CARVALHO, Andrezza Bento. *Facebook infection: marketing de conteúdo e fatores que geram o envolvimento dos utilizadores*. 2014. 180 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação, Marketing e Publicidade) - Escola de Comunicação, Arquitetura, Artes e Tecnologias de Informação da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa, Portugal, 2014.

CORDEIRO, Ana Luiza. *A resignificação das hashtags no Facebook: análise da organização das enunciações*. 2019. 169 f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2019.

CORRÊA, Renato Fernandes; SANTOS, Raimunda Fernanda dos. Análise das definições de folksonomia: em busca de uma síntese. *Perspectivas em Ciência da Informação*, Belo Horizonte, v. 23, n. 2, p. 1-32, abr./jun. 2018. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-99362018000200001&script=sci_arttext&tlng=pt

CUNNINGHAM, George B.; AHN, Na Young; ANDERSON, Arden J.; DIXON, Marlene A. Gender, coaching, and occupational turnover. *Women in Sport and Physical Activity Journal*, Champaign, v. 26, n. 2, p. 1-35, jan. 2018. Disponível em: <https://journals.humankinetics.com/view/journals/wspaj/27/2/article-p63.xml>

DOS ANJOS, Fernando Coelho. Corfebol nas aulas de educação física: uma possibilidade de esporte coletivo. In: CONGRESSO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR, 5 E

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR, 2., 2016, Rio Claro. *Anais...* Rio Claro: UNESP, 2016. p.65.

FORNARI, Lucimara Fabiana; LOURENÇO, Rafaela Gessner; FONSECA, Rosa Maria Godoy Serpa; SANTOS, Danyelle Leonette Araújo; EGRY, Emiko Yoshikawa. Perspectiva de gênero nas reportagens sobre mulheres atletas nos jogos olímpicos Rio 2016. *Texto e Contexto Enfermagem*, Florianópolis, v. 28, e20180170, jul. 2019. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-07072019000100348&script=sci_arttext&lng=pt

GARCIA DEL BARRIO, Pedro. Measuring empathy feelings in football through media value. *Revista de Psicología del Deporte*, Barcelona, v. 25, n. 1, p. 37-42, 2016. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/2351/235146293009.pdf>

GUBBY, Laura. *Can sport provide a space for gender equality? A qualitative study of children who play korfball*. 2016. 327 f. Tese (Doutorado em Educação) - Sport Science, Tourism and Leisure, Canterbury Christ Church University, Kent, Inglaterra. Disponível em: <https://repository.canterbury.ac.uk/item/88713/can-sport-provide-a-space-for-gender-equality-a-qualitative-study-of-children-who-play-korfball>

IOC. International Olympic Committee. *Olympic Agenda 2020 - 20+20 Recommendations*. 07 december 2014. Disponível em: <https://stillmed.olympic.org/media/Document%20Library/OlympicOrg/Documents/Olympic-Agenda-2020/Olympic-Agenda-2020-20-20-Recommendations.pdf>

IKF. Internacional Korfbal Federation. *Open Call – IKF Marketing and Communication Committee*. 20 outubro 2020. Disponível em: <https://korfbal.sport/open-call-ikf-marketing-and-communication-committee/>

MOURA, Keren Franciane; MANDAJI, Carolina Fernandes da Silva. A relação das hashtags com as palavras de ordem presentes nas Manifestações Brasileiras de 2013. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUL, 15., 2014, Palhoça. *Anais...* Palhoça: UNISUL, 2014. p. 1-14. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/sul2014/resumos/R40-1334-1.pdf>

NUNES, Raquel Sabóia. *Publicidade e educomunicação: uma análise de percepção em comentários digitais da campanha "meninas fortes" Nescau*. 2017. 67 f. Trabalho de Conclusão do Curso (Graduação em Publicidade e Propaganda) - Universidade Federal do Pampa, São Borja, RS, Brasil, 2017.

NURMINEN, Minna. Social media campaign for the International Floorball Federation in connection to The World Games. 2017. 68 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Sports and Leisure Management) - Haaga-Helia University of Applied Sciences, Helsinque, Finlândia, 2017. Disponível em https://www.theseus.fi/bitstream/handle/10024/135494/Nurminen_Minna.pdf?sequence=1

PAIXÃO, Jairo Antônio. Corfebol na escola: uma proposta extracurricular de práticas pedagógicas por acadêmicos do curso de licenciatura em educação física. *Scientific Electronic Archives*, Rondonópolis, v. 10, n. 5, out. 2017, pp. 96-103. Disponível em: <http://sea.ufr.edu.br/index.php?journal=SEA&page=article&op=view&path%5B%5D=363&path%5B%5D=pdf>

ROMEIRO, Nathália; SILVA, Franciéle C. G. A Folksonomia das hashtags como instrumento de militância contra o assédio sexual no Facebook: Avaliação da hashtag#mexeucumamexeucumtodas. *RBBB. Revista Brasileira de Biblioteconomia e*

Documentação, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 215-232, maio/ago. 2018. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/782>

RUBIO, Katia. Agenda 20+ 20 e o fim de um ciclo para o Movimento Olímpico Internacional. *Revista USP*, São Paulo, n. 108, p. 21-28, jan./fev./mar. 2016. Disponível em: <http://www.periodicos.usp.br/revusp/article/view/118234>

SILVA, Renata Laudares; CARMO, Elisangela Gisele; RODRIGUES, Nara Heloisa; PACHECO, José Pedro Scarpel; FUKUSHIMA, Raiana Lídice Mor.; SCHWARTZ, Gisele Maria. Ações criativas com materiais alternativos como estratégia de ensino do corfebol. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA E MOTRICIDADE HUMANA, 11 e SIMPÓSIO PAULISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, 17., 2019, Rio Claro. *Anais...* Rio Claro: Editora Realize, 2019. p. 1-2. Disponível em <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/29861>

SOTIRIADOU, Popi; HAAN, Donna. Women and leadership: advancing gender equity policies in sport leadership through sport governance. *International Journal of Sport Policy and Politics*, Abingdon, v. 11, n. 13, p. 365-383, mar. 2019. Disponível em: https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/19406940.2019.1577902?casa_token=X5CtNLKtRCUAAAAA%3ALRbgTBvVrFm1PJQjjI3u7aUh_1eI0meh1MFjI7DixRjCM1q-5YRKHXoJjjLYaz2iQd42YEWpxo-hmw

ZANATTA, Thaís C.; FREITAS, Daiane M.; CARELLI, Filipe G.; COSTA, Israel T. O perfil do gestor esportivo brasileiro: revisão sistemática da literatura. *Movimento (ESEFID/UFRGS)*, Porto Alegre, v. 24, n. 1, p. 291-304, jan./mar. 2018. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/73803>

7.4 Artigo 4

O quarto artigo, intitulado “Facebook e a difusão das temáticas: igualdade de gênero e empoderamento feminino na visão de atletas de corfebol”, cujo objetivo foi analisar o papel do *Facebook* na difusão das temáticas relacionadas à igualdade de gênero e o empoderamento feminino, na visão de atletas de corfebol do Brasil, **foi submetido, aceito e publicado na Revista Hipótese, avaliação Capes/Qualis – Educação Física – B4 e Interdisciplinar – B4.**

FACEBOOK E A DIFUSÃO DAS TEMÁTICAS: IGUALDADE DE GÊNERO E EMPODERAMENTO FEMININO NA VISÃO DE ATLETAS DE CORFEBOL

FACEBOOK AND THE DIFFUSION OF THEMES: GENDER EQUALITY AND FEMALE EMPOWERMENT IN THE VISION OF KORFBALL ATHLETES

FACEBOOK Y LA DIFUSIÓN DE TEMAS: IGUALDAD DE GÉNERO Y EMPODERAMIENTO FEMENINO EN LA VISIÓN DE LAS ATLETAS CORFEBOL

Renata Laudares Silva⁵

⁵Mestre. Departamento de Educação Física/IB/UNESP/Rio Claro/SP. renatalaudares@gmail.com. <https://orcid.org/0000-0002-0200-799X>

Giselle Helena Tavares⁶
Afonso Antônio Machado⁷

Resumo: Analizou-se o papel do Facebook na difusão das temáticas relacionadas à igualdade de gênero e o empoderamento feminino, na visão de atletas de corfebol do Brasil. Estudo qualitativo que fez-se uso de um questionário aplicado à 12 atletas de corfebol do Brasil. Os dados foram analisados descritivamente por meio da Técnica de Análise de Conteúdo. Os resultados evidenciaram que o(a)s atletas possuem conhecimento acerca das questões de gênero e empoderamento feminino no corfebol, enfatizaram ser o Facebook uma importante ferramenta na divulgação da modalidade e das temáticas, igualdade de gênero e empoderamento feminino da mulher no corfebol.

Palavras-chave: Esporte. Corfebol. Empoderamento feminino. Igualdade de gênero. Facebook.

Abstract: The role of Facebook in the dissemination of themes related to gender equality and female empowerment was analyzed, in the view of corfbal athletes in Brazil. Qualitative study that used a questionnaire applied to 12 Korbball athletes from Brazil. Data were descriptively analyzed using the Content Analysis Technique. The results showed that the athletes have knowledge about gender issues and female empowerment in Korbball, they emphasized that Facebook is an important tool in the dissemination of the sport and the themes, gender equality and female empowerment of women in Korbball.

Keywords: Sport. Korbball. Female empowerment. Gender equality. Facebook.

Resumen: Se analizó el papel de Facebook en la difusión de temas relacionados con la igualdad de género y el empoderamiento de las mujeres, en opinión de los deportistas de corfbal en Brasil. Estudio cualitativo que utilizó un cuestionario aplicado a 12 atletas de Korbball de Brasil. Los datos se analizaron de forma descriptiva mediante la técnica de análisis de contenido. Los resultados mostraron que las deportistas tienen conocimiento sobre temas de género y empoderamiento femenino en Korbball, enfatizaron que Facebook es una herramienta importante en la difusión del deporte y los temas, igualdad de género y empoderamiento femenino de las mujeres en Korbball.

Palabras-clave: Deporte. Korbball. Empoderamiento femenino. Igualdad de género. Facebook.

Envio 09/02/2018

Revisão 09/03/2018

Aceite 09/04/2018

Introdução

Por mídias sociais entende-se um conjunto de aplicativos da Internet, cujos conceitos se encontram embasados da WEB 2.0, a qual possibilita a criação e o intercâmbio de conteúdos variados, muitos dos quais, concebidos pelo próprio usuário (Kaplan; Haenlein, 2010). Dentre os vários tipos de mídias sociais, como os *blogs/microblogs (Twitter)*, os sites utilizados para compartilhar conteúdos multimídia (Youtube, Instagram) e as redes sociais, a exemplo, o *Facebook*, objeto de análise desse estudo.

Conforme Iosifidis e Nicoli (2019), o *Facebook* promoveu uma revolução no processo comunicacional e impactou profundamente a vida das pessoas. Este foi

⁶Profª Drª. Faculdade de Educação Física e Fisioterapia. FAEFI-UFU Universidade Federal de Uberlândia/MG. gi_htavares@yahoo.com.br <https://orcid.org/0000-0001-7369-4398>

⁷Profº Drº. Departamento de Educação Física/IB/UNESP/Rio Claro/SP. afonsoa@gmail.com <https://orcid.org/0000-0002-5669-5425>

lançado em 2004 e os números relacionados as contas abertas na plataforma, como os acessos dos usuários diariamente ultrapassam a casa dos bilhões de indivíduos conectados à rede. Segundo Kemp (2020), dentre as plataformas sociais de interação e comunicação mais usadas no mundo, o *Facebook* continua a ser o site de rede social mais popular da web, com cerca de 2,5 bilhões de usuários ativos mensais.

Esta plataforma vem sendo utilizada com bastante frequência na área acadêmica. No campo da Educação (Pessoa; Paniago, 2018; Linhares; Chagas, 2015), na Sociologia (Mesch, 2017; Abbas; Mesch, 2016), na Educação Física e Esportes (Linker *et al.*, 2018; Fernandez-Rio, Bernabe-Martín, 2018; Pedroso *et al.*, 2017) e sua aplicabilidade têm sido ratificada nos mais diferentes âmbitos, como espaço de coleta de dados (Costa, 2018; Buzzi *et al.*, 2016) e divulgação científica (Barbosa; Souza, 2017).

Autores como Garcia *et al.* (2018), em estudo pioneiro sobre as questões de gênero no âmbito das redes sociais, exploraram a divisão de gênero no *Facebook*, em diferentes países e as interfaces com alguns setores sociais, como a economia, a educação e a saúde. Fizeram uso da ferramenta *Facebook Gender Divide* (FGD), uma métrica composta de dados de mais de 1,4 bilhões de usuários, dispersos em 217 países e tiveram acesso a interessantes dados dos aspectos relativos à desigualdade de gênero, de forma global. Os autores evidenciaram que o FGD compila os indicadores de igualdade de gênero nos diferentes cenários da sociedade, como na educação e na saúde e os aspectos relativos às oportunidades econômicas, a exemplo da questão do emprego.

Vários movimentos sociais tem se utilizado das redes sociais no fomento de suas causas e têm somado ganhos importantes, como visibilidade e reconhecimento. Algumas campanhas podem ser evidenciadas: na militância contra o assédio sexual #MexeuComUmamexeuComTodas (Romeiro; Silva, 2018), no cenário de segregação racial #BlackLivesMatter (Ince, Rojas, Davis, 2017), no esporte, contra a desigualdade de gênero #LikeAGirl, #GirlsCan (Rodrigues, 2016; Deluchi, 2016) são alguns exemplos.

Neste sentido, Loiseau e Nowacka (2015) apostam nas redes sociais como uma poderosa fonte de se evidenciar as questões de gênero, dos direitos das mulheres e, com isso, alavancar os compromissos com a igualdade de oportunidades. As autoras enxergam nas tecnologias, nas mídias sociais e nas redes sociais, uma importante ferramenta para mobilizar o público diante das diferenças de gênero, em

todos os setores da sociedade, inclusive no esporte. Oliveira (2019) e Perez e Ricoldi (2019) corroboram as autoras e evidenciam que trata-se de um feminismo da *hashtag*, o qual visa promover um ativismo acerca das temáticas relacionadas às questões de gênero. E que estas são características da quarta onda do feminismo, a qual tem como ambiente de discussão, o espaço digital.

Segundo Cooky e Antunovic (2020) esse formato novo de promover conhecimento, via o ativismo digital, acerca das narrativas de gênero no âmbito do esporte, tende a promover um rompimento da hegemonia masculina que vem norteando os conteúdos evidenciados pelas diferentes canais esportivos. Para as autoras, ao dar voz as atletas e suas histórias, tem-se o fortalecimento de diferentes coletivos.

Diante do exposto, pode-se perceber que, as ferramentas disponibilizadas pelo *Facebook* tendem a mostrar que as construções de contextos são possíveis, os quais permitem fazer comentários, compartilhamentos, ou, apenas, curtir o conteúdo, tornando-se um interessante ponto de referência para a coleta de informações acerca da temática de gênero no âmbito esportivo. No entanto, pouco se conhece sobre a potencialidade da rede social *Facebook* no que tange à promover discussões efetivas no campo de gênero, das questões relativas à igualdade de oportunidades e empoderamento feminino da mulher no esporte.

Ao focar a questão igualitária no contexto esportivo, o corfebol preconiza a participação de ambos os gêneros, pois traduz uma realidade diferenciada de outras modalidades esportivas, haja vista que os times são formados por homens e mulheres, a marcação dos atletas se dá por gênero, enfraquecendo as prerrogativas tradicionais do esporte e promovendo um equilíbrio nas performances, como força, altura, velocidade (Gubby; Wellard, 2016). De acordo com os autores, estas são características únicas do corfebol e podem romper com o pensamento binário de masculinidade e de feminilidade hegemônica no campo das práticas corporais, tornando-as mais inclusivas e possivelmente alcançáveis, no que tange a igualdade de oportunidades entre os gêneros no esporte.

Diante dessas questões, tornou-se interessante analisar o papel do *Facebook* na difusão das temáticas relacionadas à igualdade de gênero e o empoderamento feminino, na visão de atletas de corfebol do Brasil.

Metodologia

Esta pesquisa é de natureza qualitativa e foi desenvolvida por meio de pesquisa exploratória. Fez-se uso de um questionário autoaplicado para a coleta dos dados (Richardson, 2017) via a plataforma *on-line*, *Google Forms*, a qual gerou um *link* que foi enviado para o(a)s atletas via *WhatsApp*. As tecnologias de informação tornaram-se aliadas, devido a popularização destas e as quais podem ser acessadas de diferentes locais, são atrativas e promovem o acesso rápido às respostas, quase em tempo real (Araújo *et al.*, 2019).

A técnica de amostragem utilizada neste estudo se caracterizou como não-probabilística e por conveniência. A amostra foi composta de 12 participantes, jogadores de corfebol da seleção brasileira, sendo seis atletas do gênero masculino e seis atletas do gênero feminino, que se dispuserem a participar do estudo, o qual foi aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) sob o parecer de número: 2.318.775 e assinarem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

O material coletado foi analisado descritivamente e os dados foram analisados por meio da utilização da Técnica de Análise de Conteúdo proposta por Bardin (2017). Para tanto, as respostas provenientes do questionário foram agrupadas em duas categorias temáticas elaborados *à priori*. A categoria 1, corfebol, igualdade de gênero e empoderamento feminino, a qual foi subdividida em três eixos temáticos: 1.1) Compreensão do(a)s atletas sobre igualdade de gênero, 1.2) Compreensão dos atletas sobre empoderamento feminino e 1.3) Difusão do corfebol. Quanto a categoria 2, Interfaces entre o corfebol e o *Facebook*, esta foi subdividida em dois eixos temáticos: 2.1) O papel do *Facebook* na difusão/disseminação do conhecimento sobre o corfebol e 2.2) O *Facebook* como espaço de compartilhamento de conteúdo sobre gênero e empoderamento no corfebol.

Resultados e Discussão

A análise dos depoimentos teve como base as respostas provenientes do questionário aplicado aos atletas da seleção brasileira de corfebol de ambas as federações, as quais se localizam nos estados do Rio de Janeiro e de São Paulo. Constatou-se que, quanto a faixa etária, esta variou entre 17 à 32 anos. Concernente ao estado civil, todo(a)s o(a)s atletas são solteiro(a)s. Quanto à escolaridade, cinco atletas possuem Ensino Superior Incompleto, cinco atletas possuem Ensino Superior Completo e dois atletas possuem Ensino Médio Completo.

Estes atletas não se dedicam exclusivamente à modalidade. Exercem outras profissões para se manterem financeiramente. Concernente à frequência da prática do corfebol, oito atletas praticam duas vezes por semana, um atleta afirmou praticar uma vez por semana, um atleta afirmou praticar três vezes por semana, um atleta afirmou praticar semanalmente e um atleta afirmou praticar mensalmente.

Quanto a renda salarial, 41,66% do(a)s atletas afirmaram não possuir renda; 41,66% da amostra relataram que ganham de um à dois salários mínimos e 16,66% da amostra evidenciaram que recebem de três à quatro salários mínimos mensais. Os dados relativos à profissão exercida, constatou-se que 41,66% da amostra são professo(a)res de Educação Física; 41,66% de estudantes; 8,33% de estudantes do Ensino Superior e 8,33% da amostra são autônomo(a)s. Quanto ao tempo de prática, este variou entre 2 e 9 anos.

Como alegado anteriormente, as respostas foram agrupadas em duas categorias temáticas elaborados à priori, de acordo com os temas, conforme já explicitado nos procedimentos para a análise dos dados. Torna-se premente enfatizar que algumas questões tiveram mais de uma resposta, alterando, dessa forma, o valor percentual e que, as informações apresentadas são referentes aos dados que obtiveram maior incidência de respostas.

Com relação à **categoria 1)** Corfebol, igualdade de gênero e empoderamento feminino, discutiu-se os eixos temáticos - compreensão dos atletas de corfebol sobre igualdade de gênero, empoderamento feminino e a difusão do corfebol. Igualdade de gênero na visão do(a)s atletas está relacionada às questões dos direitos e condições igualitárias para ambos, assim como a não existência de diferenças acerca das oportunidades entre homens e mulheres. Subentende-se aqui a compreensão, mesmo que de maneira não tão aprofundada, que o(a)s atletas possuem um entendimento sobre a igualdade de gênero, no entanto, percebe-se ainda, a necessidade de conceber maiores informações acerca da equidade de gênero. Segundo Alves (2016), equidade é um conceito mais amplo, remete à justiça e à construção de políticas específicas que garantam esse equilíbrio.

Para o(a)s atletas, o corfebol ajuda na promoção da igualdade de gênero no contexto esportivo. Segundo 50% d(a)os atletas, no corfebol, o(a)s jogado(a)res atuam em igualdade de condições e as diferenças entre os gêneros não prevalecem e sim, o respeito, a cooperação e a inclusão, devido às suas regras. Pode-se corroborar esse fato, nas falas do(a)s atletas:

“[...] por ser o único esporte de quadra que seja misto por regra e obrigatório, pode sim promover a igualdade por conta disso”. (Atleta 12).

“[...] pois é oficialmente misto então homens precisam das mulheres jogando assim como o contrário, o que faz com que haja um respeito de ambos os lados”. (Atleta 9).

“[...] o corfebol visa a cooperação e a inclusão entre jogadores, todos dependem de todos para ganhar, não dependendo do jogador que sobressai, assim se tem um jogador que é mais fraco, o time precisa fortalece-lo [...]. E como jogam homens e mulheres tendo as mesmas funções dentro do jogo, é necessário a interação dos dois de uma forma positiva para sair vitorioso”. (Atleta 10).

Outros 41,66% d(a)os atletas afirmaram que o corfebol se mostra como um espaço no qual as mulheres podem mostrar suas capacidades sem serem discriminadas. Essa questão pode ser evidenciada na fala de uma entrevistada:

“[...] o corfebol proporciona a possibilidade de as mulheres mostrarem seu potencial sem segregação, diferente do que acontece na maioria dos esportes” (Atleta 8).

Raj (2020) atesta as informações d(a)os atletas, evidenciando uma perspectiva positiva acerca da igualdade de oportunidades entre os gêneros no esporte, em um futuro próximo. O autor cita a Agenda 2020 sobre a igualdade de gênero no esporte proposta pelo Comitê Olímpico Internacional (COI). No entanto, algumas barreiras ainda precisam ser superadas. O autor listou seis obstáculos que ainda contribuem para essa disparidade. A desigualdade em termos de salários e premiações, as diferenças biológicas, o retorno financeiro diferenciado, no que tange a receita gerada, a cobertura midiática, os papéis sociais designados à homens e mulheres e a gravidez. Romper essas barreiras se fazem necessárias, por meio de elaboração de políticas públicas para acabar com o preconceito de gênero, acesso à educação e suporte financeiro à projetos que versam sobre a inclusão da mulher no esporte.

Empoderamento feminino na visão do(a)s atletas está relacionado à participação ativa da mulher na sociedade, fazendo valer sua voz, seus valores, seus direitos. Esse entendimento vai ao encontro do que Brauner (2015) e Stromquist (1995) enfatizaram acerca do empoderamento. Para os autores, ao empoderar um

indivíduo, ao dar voz ativa e visibilidade, contribui-se para a sua emancipação e fortalecimento. Esses elementos influenciam suas ações.

E quando questionado(a)s sobre a relação corfebol e empoderamento feminino, 50% do(a)s atletas ressaltaram que a modalidade enfatiza à igualdade entre os gêneros e, a mulher, empodera-se e assume seu espaço por direito dentro das quadras, quer seja como atleta, técnica ou arbitra. Essa questão pode ser evidenciada em uma fala de um(a) entrevistado(a):

“[...] muitas vezes as mulheres perdem espaço para os homens no esporte em geral mas no corfebol as mulheres tem um papel importante em conjunto com os homens o que faz com que as mulheres se valorizem mais, assim como, os homens tb”. (Atleta 9).

Outros 41,66% do(a)s atletas afirmaram que, trata-se de um esporte no qual a presença da mulher é essencial desde a sua origem, tem seu espaço garantido. E devido a isso, a mulher já está empoderada. Esse fato pode ser atestado na fala de um(a) entrevistado(a):

“[...] é nítido nas escolas os meninos jogarem e participarem das aulas de educação física, enquanto as meninas ficam sentadas. Em um esporte que é necessário a participação dos dois, ambos precisam se esforçar para que a menina seja boa, assim ocorre o incentivo da participação feminina no esporte e até mesmo seu empoderamento porque uma porta se abre para sua participação”. (Atleta 10).

A fala do(a) atleta 10 pode ser corroborada no estudo de Khan e Khan (2020), no qual os autores fomentaram a existência de programas que promovem o empoderamento feminino por meio das práticas esportivas e atividades físicas. Os autores enfatizaram que algumas estratégias advindas de programas como o “*Woman Win*” (primeira organização internacional que visa empoderar meninas e mulheres por meio do esporte) geram efeitos positivos na população feminina. O esporte é um potencializador na capacitação de meninas e mulheres, no âmbito econômico e social.

Acerca da difusão do corfebol no Brasil e as possíveis maneiras de difundir a modalidade, constatou-se que 75% do(a)s atletas evidenciaram que o esporte não é popular no Brasil devido ao desconhecimento, desinformação e preconceito, como também a valorização dos esportes tradicionais em detrimento das novas

modalidades, pois o corfebol difere dos esportes tradicionais devido às suas regras. Essa questão pode ser corroborada na fala do(a) atleta:

“O Brasil tem uma cultura esportiva com maior quantidade de contato físico e geralmente ocorrendo a segregação dos gêneros. O formato do corfebol as vezes frustra novos participantes por conta de desinformação e preconceito”. (Atleta 8).

No entanto, essa situação poderia ser revertida na visão do(a)s atletas. De acordo com 50% destes, ações como cursos de formação/capacitação de profissionais em diferentes estados do Brasil e a inserção no ensino superior, em cursos de Educação Física poderiam contribuir efetivamente para a difusão da modalidade. Outros 41,66% do(a)s entrevistado(a)s afirmaram a inserção do corfebol nas escolas, em aulas de Educação Física ou em campeonatos escolares. Essas questões podem ser corroboradas nas falas de alguns atletas:

“[...] nas aulas de Educação Física na faculdade. Porque aí os professores iam conhecer o esporte e ajudar na divulgação”. (Atleta 3).

“[...] cursos em diferentes estados para que todos conheçam a modalidade”. (Atleta 1).

“Escolas, sem dúvida... não há melhor modalidade para ser trabalhada na realidade escolar, com meninas e meninos juntos nas aulas de Educação Física”. (Atleta 4).

Acerca de conteúdos novos no âmbito das aulas de Educação Física e o rompimento de preconceito quanto às modalidades menos tradicionais, podem ser visualizadas no estudo de Tucunduva e Bortoleto (2019). Os autores discorreram sobre a inserção de uma prática corporal, no caso, o circo, no âmbito dos cursos de formação de professores em Educação Física, no sentido de se acrescentar conteúdos novos, para além das modalidades tradicionais. Essa reflexão corrobora a visão d(a)os atletas acerca da difusão do corfebol por meio de cursos de capacitação de professores.

Assim, Gubby (2018) salienta que, ao inserir práticas esportivas nas aulas de Educação Física, que promovam a vivência coletiva de meninos e meninas jogando juntos, como é o corfebol, podem contribuir para o rompimento da hegemonia masculina no contexto esportivo, auxiliando na promoção da igualdade de gênero. E

no contexto da BNCC (Base Nacional Comum Curricular, 2020), o a modalidade esportiva corfebol é tido como um jogo de invasão, e o esporte está centrado como uma unidade temática da Educação Física e classificado sob vários critérios, dentre eles a cooperação, uma das premissas do corfebol.

Com relação à **categoria 2**) Interfaces entre o corfebol e o *Facebook*, procurou-se discorrer sobre as interfaces entre o corfebol e o *Facebook*, na visão do(a)s atletas brasileiros de corfebol. Este eixo temático foi subdividido em duas subcategorias: o papel do *Facebook* na difusão/disseminação do conhecimento sobre o corfebol e o *Facebook* como espaço de compartilhamento de conteúdo sobre gênero e empoderamento no corfebol.

Concernente a primeira subcategoria, pode-se perceber que 83,33% do(a)s atletas se mostraram ativos na rede social *Facebook* de alguma maneira, seja curtindo, postando ou compartilhando conteúdos relacionados à modalidade, ajudando assim, na difusão do corfebol. Essas informações podem ser visualizadas em algumas falas:

“Sim, pois sou jogador e quero difundir o esporte que eu pratico”.
(Atleta 1).

“Sim. Os jogos oficiais da IKF são transmitidos no YouTube, o que permite compartilhar no Facebook e possibilitar que olhos curiosos conheçam o esporte, assim como fotos, resultados de jogos etc.”
(Atleta 5).

Segundo a pesquisa de Achen et al (2020), o uso inteligente das diferentes redes sociais, no caso do estudo, o *Twitter* e o *Facebook*, pode ajudar na promoção dos conteúdos difundidos pelos clubes esportivos, favorecendo positivamente a disseminação, por parte dos fãs e usuários das redes sociais, do esporte o qual é fã. Essa construção de relacionamentos evidenciada pelos autores, levando em consideração a tríade, fãs, atletas e mídias sociais, tende a alcançar, globalmente, milhares de pessoas, contribuindo assim, para a propagação do esporte. Pode-se assim constatar que o *Facebook* se mostrou eficaz, haja vista que essa eficiência se deve às suas ferramentas de curtir, comentar e compartilhar conteúdo. A fala de um(a) atleta, corrobora esta questão:

“[...] é um esporte que chama a atenção, e as redes sociais atingem números grandes em pouco tempo” (Atleta 4).

Nesta perspectiva, uma matéria publicada por Gough (2020) no *site Statista*, a autora cita uma pesquisa realizada pela Capgemini, empresa que presta serviços de consultoria, e os dados revelaram que os conteúdos esportivos têm sido consumidos por meio das diferentes mídias sociais, dentre elas, tem-se o *Youtube*, *Twitter* e *Facebook*, as quais possuem plataformas de *streaming*, que transmitem jogos ao vivo, como também disseminam outros conteúdos.

Quanto à subcategoria relacionada ao *Facebook* enquanto espaço de compartilhamento de conteúdo concernente à igualdade de gênero, 41,66% do(a)s atletas afirmaram que suas postagens abordam esse tema. Os *posts* versavam sobre as diferenças entre o futebol (salário, contratos, cargos de gestão e arbitragem) e o corfebol (promove à igualdade em todos os sentidos). A fala do(a) atleta pode corroborar essa questão:

“Sim, fiz uma comparação com o futebol, que historicamente é tido como um “esporte masculino”, altamente agressivo e exclui as mulheres de sua prática, mesmo esse cenário estando mudando hoje. O corfebol, ao contrário, permite que todos joguem de igual para igual e incentiva a prática de ambos os gêneros e o Fair Play” (Atleta 8).

Segundo Pereira e Brito (2020), ao usarmos os espaços das redes sociais como território de práticas sociais e o *Facebook*, oferece esse espaço, tem-se a formação de coletivos de pessoas que se organizam a partir de valores partilhados socialmente comuns a todos. Pode-se assim aferir que as falas do(a)s atletas são permeados por valores os quais acreditam, o corfebol como espaço de igualdade de oportunidades entre os gêneros. Outras falas também evidenciam conteúdos relacionados as essas questões:

“Sim, como o esporte é misto, sempre que fala sobre inclusão, cooperação entre os jogadores eu compartilho, porque acredito que é um dos objetivos principais do esporte” (Atleta 10).

“Sim. Também publicações explicando o que é corfebol e fala sobre igualdade de gênero”. (Atleta 11).

“(…) já postei entrevistas de alguns atletas que já foram para a seleção brasileira falando sobre como o Corfebol mudou a cabeça deles em relação a como ver a igualdade de gênero”. (Atleta 12).

Outros 33,33% do(a)s atletas enfatizaram não postar conteúdos ligados à essa temática.

Acerca das postagens, as quais relacionavam o corfebol com o empoderamento feminino, pode-se constatar que 50% da amostra não publica conteúdos sobre essa temática. Uma possível justificativa para corroborar esse número pode ser evidenciado na fala de Berth (2018), quando a autora fomenta um esvaziamento na forma que se utiliza o tema nos dias atuais assim como a falta de entendimento e compreensão acerca de um conceito tão complexo acerca do que seja o empoderamento. Outra justificativa centra na tímida produção científica sobre empoderamento feminino relacionado ao corfebol (Silva; Schwartz, 2020).

Outros 41,66% afirmaram que postam sobre o assunto. Algumas falas do(a)s atletas podem corroborar:

“Sim, sobre alguns jogos em que as mulheres foram as maiores pontuadoras da partida”. (Atletas 5).

“Sim, já compartilhei fotos e vídeos da campeonatos lá fora de atletas mulheres que foram consideradas “melhor do campeonato” que concorriam de igual para igual com os homens”. (Atleta 12).

O estudo de Jagtap (2020) vai ao encontro dos depoimentos do(a)s atletas e aponta que o esporte é considerado uma ferramenta que amplifica as vozes femininas e contribui para a superação das barreiras de gênero. Quando inseridas no contexto do esporte, segundo o autor, estas trazem para o campo de jogo da vida, a liderança, a estratégia, a força que as direciona rumo a igualdade de gênero nos diferentes setores sociais. A noção de empoderamento da mulher no campo esportivo está relacionada ao fato de se sentir livre para assumir novas identidades, como também assumir responsabilidades no que tange a serem agentes de mudança, desconstruindo valores enraizados na sociedade nos diferentes níveis social e pessoal (Wellard, 2016).

Acerca do questionamento sobre ser o *Facebook* uma rede social que ajuda na difusão do corfebol de maneira global, como também, nas questões de igualdade de gênero e do empoderamento feminino no esporte, 83,33% do(a)s entrevistados afirmaram que a plataforma pode vir a ser utilizada para esse fim. Algumas falas corroboram essas informações:

“O Facebook pode sim ajudar, pois ele é uma rede global muito conhecida, onde são difundidos muitos assuntos” (Atleta 1).

“Com certeza. É uma rede social que por si só tem o potencial de espalhar qualquer tipo de informação”. (Atleta 2).

“[...] , pois foi através do facebook que pude conhecer vários outros atletas de outros países e também conheci outros campeonatos tbm que tive o prazer de jogar” (Atleta 12).

“Não só o Facebook, mas hj o Instagram também tem esse poder. De massificar e divulgar assuntos que antes eram poucos procurados e assim abrir os olhos de muita gente para novos esportes e também para atitudes e posicionamentos ultrapassados com relação ao universo feminino”. (Atleta 4).

“Sim, porque muitos estão conectados no facebook. Assim tanto nosso time consegue informações sobre ações que ocorrem no mundo sobre corfebol para se inspirar e participar, como a divulgação para nossos amigos e familiares”. (Atleta 10).

De acordo com Marx (2018), o *Facebook* é multifacetado, podendo ser considerado um espaço de difusão de conteúdos variados como também formativos. Trata-se, na visão da autora, de um ambiente que possibilita a construção do conhecimento de forma colaborativa. Assim, as informações ali postadas são passíveis de sofrer alterações, estas são

“[...] construídas em conjunto com sua rede, renovadas constantemente e difundidas, pois nas práticas de navegação, as pessoas interagem, ressignificam seus conceitos e percepções de mundo, agregam novas informações ao seu repertório e têm a oportunidade de aprender na relação com o outro”. (Marx, 2018, p.38).

Outros 16,66% do(a)s atletas afirmaram ser o *Facebook* uma importante ferramenta que pode ajudar a divulgar a modalidade:

“Sim. o Facebook é uma ferramenta de comunicação em massa. Tudo o que é postado pode atingir um certo público, apesar de o sistema limitar propositalmente. Mas para quem pode investir dinheiro, o público a ser atingido pode ser enorme”. (Atleta 5).

“Sim, pois é uma plataforma de livre acesso a todos”. (Atleta 6).

Ou seja, pode-se perceber que a plataforma é vista como um equipamento de comunicação, de alcance mundial e milhões de pessoas estarem conectadas, consumindo os mais diferentes conteúdos.

Considerações Finais

O presente estudo procurou analisar o papel do *Facebook* na difusão dos conteúdos relacionadas à igualdade de gênero e o empoderamento feminino, na visão de atletas de corfebol do Brasil. Sendo assim, os dados foram analisados e discutidos à luz da literatura, dando voz as falas do(a)s atletas acerca das temáticas em questão.

Com base nas duas categorias criadas, pode-se perceber que, em relação à primeira, “corfebol, igualdade de gênero e empoderamento feminino” os atletas enfatizaram que, devido as características intrínsecas da modalidade esportiva analisada, assim como, dos princípios e regras que a norteia, o corfebol tende a ser uma das modalidades mais apropriadas no que tange a fomentar práticas que favorecem igualmente ambos os gêneros. O fato de os dois gêneros jogarem em pé igualdade, tende a equalizar as diferenças entre homens e mulheres em campo de jogo.

No que tange a questão do empoderamento feminino no corfebol, o(a)s atletas enfatizaram que o fato de ser obrigatório a presença da mulher na equipe, demonstra o quanto a modalidade valoriza a presença da mulher no esporte desde a sua origem. Dentre os princípios incitados pela modalidade, como a cooperação, a não violência, alternância de funções e a coeducação, estes tendem a promover o empoderamento feminino, pelo de encorajar o rompimento com estereótipos de gênero no âmbito esportivo, dando a voz a mulher no campo de jogo.

Com relação a segunda categoria analisada, a qual fez relação às interfaces entre o corfebol e o *Facebook*, procurou-se analisar o papel da rede social na disseminação do conhecimento sobre a modalidade esportiva, assim como espaço de difusão de conteúdos sobre gênero e empoderamento no corfebol. Pode-se perceber que o *Facebook* representa uma importante fonte de difusão de conteúdos relativos ao corfebol, por ser uma plataforma dinâmica e atingir uma camada considerável da população usuária da rede. A Federação Internacional de Corfebol (IKF) faz uso da rede social para divulgar os mais diferentes assuntos relativos a modalidade esportiva, como reportagens, vídeos de partidas ou melhores momentos, informações sobre alterações de regras, arbitragem, etc. As federações presentes em cada país onde a modalidade é jogada também fazem uso do *Facebook* no que tange, além dos

elementos acima expostos, a promover o esporte e as interfaces com os conteúdos sobre gênero e a valorização da mulher no esporte.

O(a)s atletas brasileiros também afirmaram fazer uso do *Facebook* como forma de divulgar assuntos pertinentes ao universo do corfebol. Este(a)s enfatizaram que utilizam a rede para compartilhar eventos e competições esportivos de seus clubes como também, de outras equipes brasileiras e de outros países. As postagens também fazem relação igualdade de gênero no âmbito esportivo.

Percebeu-se que os conteúdos relativos ao empoderamento da mulher no corfebol e de forma geral não são postados pelo(a)s atletas com frequência. Isso pode estar atrelado ao fato de não haver um certo entendimento ou falta de conhecimento sobre a temática, como abordado nas discussões ou simplesmente não o relacionar com a mulher no esporte e todo o processo de luta e superação de barreiras que a mulher teve que ultrapassar para conquistar seu espaço.

No entanto, o estudo possui algumas limitações, dentre elas o número de atletas, o qual limitou-se à 12, sendo uma amostra maior, os dados poderiam gerar outros resultados acerca das temáticas analisadas. Mas pelo fato de ainda ser uma modalidade pouca conhecida no Brasil, houve uma dificuldade de captar o(a)s atletas os quais ainda se mantêm ativos. Outra limitação faz relação a uma única plataforma analisada, o *Facebook*. Talvez uma análise de outra rede social poderia confrontar os dados encontrados e incrementar as discussões.

Referências

ABBAS, Rana; MESCH, Gustavo S. Do rich teens get richer? Facebook use and the link between offline and online social capital among Palestinian youth in Israel. **Information, Communication & Society**, Abingdon, v. 21, n. 1, p. 63-79, dez. 2016. DOI: 10.1080/1369118X.2016.1261168

ACHEN, Rebecca M. *et al.* Comparing organizational content and fan interaction on Twitter and Facebook in United States professional sport. **Managing Sport and Leisure**, Abingdon, v. 25, n. 5, p. 358-375, 2020. DOI: 10.1080/23750472.2020.1723432

ALVES, José Eustáquio Diniz. Desafios da equidade de gênero no século XXI. **Revista Estudos Feministas**, Campinas, v. 24, n. 2, p. 629-638, 2016. DOI. 10.1590/1805-9584-2016v24n2p629.

ARAÚJO, Ellen Thallita Hill *et al.* Utilização de redes sociais para coleta de dados em produções científicas na área da saúde: revisão integrativa da literatura. **Aquichan**, Cundinamarca, v. 19, n. 2, p.1-12, 2019. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7073151>. Acesso em: 20 ago. 2020.

BARBOSA, Cristiane; SOUSA, Jorge Pedro. Comunicação da ciência e redes sociais: um olhar sobre o uso do Facebook na divulgação científica. in: PIRES, H. et al. **Cibercultura: circum-navegações em redes transculturais de conhecimento, arquivos e pensamento**. Braga: Edições Húmus, 2017. p. 279-289. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/229420747.pdf>. Acesso em: 12 set. 2020.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2017.

BERTH, Joice. **O que é empoderamento?** Belo Horizonte: Letramento, 2018.

BNCC. Base Nacional Comum Curricular. **Educação Física**. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/#fundamental/educacao-fisica>. Acesso em: 02 set. 2020.

BRAUNER, Vera Lúcia. Desafios emergentes acerca do empoderamento da mulher através do esporte. **Movimento**, Porto Alegre, v. 21, n. 2, p. 521-532, 2015. DOI:10.22456/1982-8918.48156

BUZZI, Maria Cláudia *et al.* Facebook: a new tool for collecting health data? **Multimedia Tools and Applications**, New York, v. 76, n. 8, p. 10677-10700, jan. 2016. DOI: 10.1007/s11042-015-3190-4.

COOKY, Cheryl; ANTUNOVIC, Dunja. “This Isn’t Just About Us”: Articulations of Feminism in Media Narratives of Athlete Activism. **Communication & Sport**, Thousand Oaks, 2020. DOI: 10.1177/2167479519896360.

COSTA, Barbara Regina Lopes. Bola de Neve Virtual: o uso das redes sociais virtuais no processo de coleta de dados de uma pesquisa científica. **Revista Interdisciplinar de Gestão Social**, Salvador, v. 7, n. 1, p. 15-37, jan./abril, 2018. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/rigs/article/view/24649/16131>. Acesso em: 20 set. 2020.

DELUCHI, Grazielle Baldo. **O empoderamento feminino através do esporte: posicionamento da Always Brasil na campanha #TipoMenina no Facebook**. 2016. 93f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Relações Públicas) - Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

FERNANDEZ-RIO, Javier; BERNABE-MARTÍN, Javier. Facebook and sport education: mirroring the model at home to promote parental involvement. **Sport, Education and Society**, Abingdon, v. 23, n. 1, p. 1-14, mai. 2018. DOI: 10.1080/13573322.2018.1470971.

GARCIA, David *et al.* Analyzing gender inequality through large-scale Facebook advertising data. **Proceedings of the National Academy of Sciences/Pnas**, Whashington, v. 115, n. 27, p. 6958–6963, jul. 2018. Disponível em: <https://www.pnas.org/content/pnas/115/27/6958.full.pdf>. Acesso 09 out. 2020.

GOUGH, Christina. **Best sports stadium experiences using new technology 2019**. Statista, 2020. Disponível em: <https://www.statista.com/statistics/1100540/sports-stadium-experience-technology/>. Acesso em: 26 set. 2020.

GUBBY, Laura. Can korfbal facilitate mixed-PE in the UK? The perspectives of junior korfbal players. **Sport, Education and Society**, Abingdon, v. 24, n. 9, p. 994-1005, 2018. DOI: 10.1080/13573322.2018.1519506.

GUBBY, Laura; WELLARD, Ian. Sporting equality and gender neutrality in korfbal. **Sport in Society**, Abingdon, v. 19, n. 8/9, 2016. p. 1171-1185. DOI: 10.1080/17430437.2015.1096261

INCE, Jelani; ROJAS, Fabio; DAVIS, Clayton A. The social media response to Black Lives Matter: how Twitter users interact with Black Lives Matter through hashtag use. **Ethnic and racial studies**, Abingdon, v. 40, n. 11, p. 1814-1830, 2017. DOI: 10.1080/01419870.2017.1334931.

IOSIFIDIS, Petros; NICOLI, Nicholas. The battle to end fake news: A qualitative content analysis of Facebook announcements on how it combats disinformation. **International Communication Gazette**, Thousand Oaks, v. 82, n. 1, p. 60-81, 2019. DOI: 10.1177/1748048519880729.

JAGTAP, Sandeep. Empowerment of woman through sports, **Our Heritage**, Kolkata, v. 68, n. 50, p. 224-226, 2020.

KAPLAN, Andreas M.; HAENLEIN, Michael. Users of the world, unite! The challenges and opportunities of social media. **Business Horizons**, Amsterdam, v. 53, n. 1, p. 59-68, 2010. DOI: 0.1016/j.bushor.2009.09.003.

KEMP, Simon. **Social media users pass the 4 billion mark as global adoption soars**. Wearesocial, 2020. Disponível em: <https://wearesocial.com/blog/2020/10/social-media-users-pass-the-4-billion-mark-as-global-adoption-soars>. Acesso em: 26 out. 2020.

KHAN, Amanullah; KHAN, Rizwan. Empowering girls and women through sport and physical activity. **Our Heritage**, Kolkata, v. 68, n. 35, p. 260-264, 2020.

LINHARES, Ronaldo Nunes; CHAGAS, Alexandre Meneses. Conectivismo e aprendizagem colaborativa em rede: o facebook no ensino superior. **Revista Lusófona de Educação**, Campo Grande, v. 29, n. 29, p. 71-87, jun. 2015. Disponível em: <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/reducacao/article/view/5095>. Acesso em: 20 set. 2020.

LINKER, Jenny Mae *et al.* Physical Education gym class heroes, try-hards, and all-stars: an analysis of facebook comments. **Physical Educator**, Champaign, v. 75, n. 3, p. 414-437, jan. 2018. DOI: 10.18666/TPE-2018-V75-I3-7882

LOISEAU, Estelle; NOWACKA, Keiko. **Can social media effectively include women's voices in decision-making processes?** OECD Development Centre, 2015, p.1-5. Disponível em: https://www.oecd.org/dev/development-gender/DEV_socialmedia-issuespaper-March2015.pdf. Acesso em: 17 set. 2020.

MARX, Ana Paula Mendes. **O potencial das redes sociais digitais para a construção e difusão do conhecimento**: o Facebook no projeto PM e escolas na corrente do bem. 2018. 129f. Dissertação (Mestrado em Educação e Contemporaneidade) – Departamento de Educação, Universidade do Estado da Bahia, Salvador. Disponível em: <http://200.128.3.80:8080/bitstream/20.500.11896/1110/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20Ana%20Paula%20Mendes%20Marx.pdf>. Acesso em: 23 ago. 2020.

MESCH, Gustavo S. Race, ethnicity and the strength of Facebook ties. **Journal of Youth Studies**, Abingdon, v. 21, n. 5, p. 575-589, out. 2017. DOI: 10.1080/13676261.2017.1396303.

OLIVEIRA, Priscilla Pellegrino. A quarta onda do feminismo na literatura norte-americana. **Palimpsesto-Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 30, p. 67-84, 2019. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/palimpsesto/article/view/42952/31239>. Acesso em: 10 nov. 2020.

PEDROSO, Matheus *et al.* Desenvolvimento e validação de um questionário sobre uso do Facebook voltado para praticantes de atividades físicas em academias. **Revista Brasileira de Atividade Física & Saúde**, Florianópolis, v. 22, n. 4, p. 382-395, jul. 2017. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/194925/001091681.pdf?sequence=1>. Acesso em: 10 out. 2020.

PEREIRA, Danielle Ketley de Sousa; BRITO, Mariza Angélica Paiva. Interação polêmica nos comentários da página do facebook "Quebrando o Tabu". **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 10, n. 2, e1849, p. 1-22, maio-ago/2020. DOI: 10.22168/2237-6321-21849.

PEREZ, Olívia Cristina; RICOLDI, Arlene Martinez. A quarta onda feminista: interseccional, digital e coletiva. In: CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE CIÊNCIA POLÍTICA (ALACIP), 10., 2019, Monterrey. **Anais ...** Monterrey, 2019. p.1-22. 2019. Disponível em: <https://alacip.org/cong19/25-perez-19.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2020.

PESSOA, Ana Paula Simões; PANIAGO, Maria Cristina Lima. Interactions in the social networking Facebook between teachers in education process. **Interações**, Campo Grande, v. 19, n. 2, p. 429-438, abr./jun. 2018. DOI: 10.20435/inter.v19i2.1620.

RAJ, N. Sundar. Influence of gender challenges and it's consequences in women sports. **Our Heritage**, Kolkata, v. 68, n. 1, p. 4166-4177, 2020.

RICHARDSON, Robert Jarry. **Pesquisa Social: Métodos e Técnicas**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2017.

RODRIGUES, Rita Abreu. "**Femvertising**: empowering women through the hashtag? A comparative analysis of consumers' reaction to feminist advertising on twitter". 2016. 57f. Dissertação (Mestrado em Marketing) - Instituto Superior de Economia e Gestão, Universidade de Lisboa, 2016. Disponível em: <https://www.repository.utl.pt/bitstream/10400.5/12754/1/DM-RAR-2016.pdf>. Acesso em: 10 set. 2020.

ROMEIRO, Nathália; SILVA, Franciéle Carneiro Garcês. A Folksonomia das hashtags como instrumento de militância contra o assédio sexual no Facebook: Avaliação da hashtag #MexeuComUmaMexeuComTodas. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 215-232, mai./ago. 2018.

SILVA, Renata Laudares; SCHWARTZ, Gisele Maria. Interfaces de gênero e empoderamento da mulher no Corfebol: uma revisão descritiva. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 58, ago. 2020. DOI: 10.1590/18094449202000580009.

STROMQUIST, Nelly. P. The theoretical and practical bases for empowerment. in: MEDEL-ANONUEVO, Carolyn *et al.* (Ed). **Women, education, and empowerment: Pathways towards autonomy**. Germany: Unesco, 1995. p. 13-22.

TUCUNDUVA, Bruno Barth Pinto; BORTOLETO, Marco Antônio Coelho. O circo e a inovação curricular na formação de professores de educação física no Brasil. **Movimento**, Porto Alegre, v. 25, p. e25055, jan./dez. 2019. DOI: 10.22456/1982-8918.88131

WELLARD, Ian. **Gendered performances in sport: an embodied approach**. Palgrave Communications, v. 2, n. 1, p. 1-7, mar. 2016. DOI: 10.1057/palcomms.2016.3.

7.5 Artigo 5

O quinto artigo, intitulado “Tecnologia e esporte: a utilização das *hashtags* sobre igualdade de gênero e empoderamento feminino no *Facebook* na visão de atletas de corfebol”, cujo objetivo foi analisar, na visão de atletas de corfebol do Brasil, como este(a)s utilizam a *hashtag* no *Facebook* na difusão da modalidade e se este(a)s postam *hashtags* com as temáticas da igualdade de gênero e do empoderamento feminino no corfebol, **foi submetido, aceito e publicado** no periódico *Coleção e Pesquisa em Educação Física*, v. 20, n. 1, suplemento do V Congresso Internacional de Psicologia do Esporte, Desenvolvimento Humano e Tecnologias, VIII Congresso Nacional e XI Seminário de Psicologia da Motricidade Humana, Esporte, Recreação e Dança, 2021, ISSN 1981-4313. Avaliação Capes/Qualis – Educação Física – B4 e Interdisciplinar – B4. Disponível em: <https://fontouraeditora.com.br/periodico/home/viewArticle/1541>

TECNOLOGIA E ESPORTE: A UTILIZAÇÃO DAS HASHTAGS SOBRE IGUALDADE DE GÊNERO E EMPODERAMENTO FEMININO NO FACEBOOK NA VISÃO DE ATLETAS DE CORFEBOL

Renata Laudares Silva¹
Giselle Helena Tavares²
Afonso Antônio Machado¹

¹Universidade Estadual Paulista – DEF - UNESP – Rio Claro/SP
²Universidade Federal de Uberlândia - FAEFI-UFU – Uberlândia/MG

Resumo:

O presente estudo, de natureza qualitativa, procurou analisar, na visão de atletas de corfebol do Brasil, como este(a)s utilizam a *hashtag* no *Facebook* na difusão da modalidade e se este(a)s postam *hashtags* com as temáticas da igualdade de gênero e do empoderamento feminino no corfebol. Um questionário elaborado via *Google Forms* foi aplicado à 12 atletas da seleção brasileira de corfebol e os dados foram analisados por meio da Técnica de Análise de Conteúdo. Os resultados demonstraram que o(a)s atletas utilizam *hashtags* na marcação dos *posts* quando estes fomentam informações sobre o esporte e que as *hashtags* sobre as temáticas de gênero e empoderamento também são utilizadas em suas publicações. Este(a)s relataram que a ferramenta funciona no âmbito do *Facebook*.

Palavras-chave: Corfebol. Facebook. Hashtag. Gênero.

TECHNOLOGY AND SPORTS: THE USE OF HASHTAGS ON GENDER EQUALITY AND FEMALE EMPOWERMENT ON FACEBOOK FROM THE VIEW OF CORFEBOL ATHLETES

Abstract:

The present study, of a qualitative nature, sought to analyze, in the view of korfbal athletes in Brazil, how they use the hashtag on Facebook in the dissemination of the sport and whether they post hashtags with the themes of equality of gender and women's empowerment in korfbal. A questionnaire prepared via Google Forms was applied to 12 athletes from the Brazilian korfbal team and the data were analyzed using the Content Analysis Technique. The results showed that athletes use hashtags to mark posts when they promote information about the sport and that hashtags on gender and

empowerment themes are also used in their publications. This (s) reported that the tool works under Facebook.

Keywords: Korfball. Facebook. Hashtag. Gender.

INTRODUÇÃO

A sociedade conectada, que faz uso das tecnologias em todas as dimensões. Nessa conjuntura tecnológica, encontram-se as redes sociais, as quais, de maneira onipresente, preenchem espaços nos diferentes discursos, tanto acadêmicos, quanto em outras instâncias. Assim, o sucesso das redes sociais se concentra na imensa oferta de possibilidades de partilha da informação e de conteúdos que, de maneira colaborativa, representam inovadoras formas de oportunidades pessoais, profissionais e educativas (BARBOSA; SOUZA, 2017).

Dentre uma série de *sites* de rede social, o *Facebook* se destaca e este têm sido considerado uma das maiores plataformas de interação social da atualidade (CLEMENT, 2020), fornecendo aos seus usuários, infinitas possibilidades de compartilhamento de imagens, ideias e fatos do cotidiano, como também, de dar visibilidade à esses conteúdos, gerando possivelmente, engajamento, graças às funções fornecidas pela rede social, como os botões de curtir, comentar ou compartilhar (BERTO; GONÇALVES, 2011).

O *Facebook* também disponibiliza uma outra ferramenta, as *hashtags*. Estas agrupam conteúdos comuns e podem ser resgatadas em um período posterior a sua publicação. Ao se criar uma *hashtag*, esta gera um *hiperlink* que possibilitará o direcionamento e a visualização, de maneira rápida, dos conteúdos e grupos de pessoas, as quais se interessam por determinados tópicos ou assuntos (ALMEIDA, 2017). Sendo assim, diferentes grupos sociais tem-se utilizado desse mecanismo no sentido de divulgar informações e gerar discussões, promovendo debates sobre os mais diferentes conteúdos.

Diferentes campos de atuação (ou áreas) vem utilizando as # como forma de aumentar ou promover o engajamento dos usuários, sendo o campo do esporte um potencial espaço para disseminação desses conteúdos. A Federação Internacional de Corfebol (IKF) vem realizando campanhas nas redes sociais, no sentido de torná-lo cada vez mais conhecido e elevando o *status* da modalidade, único esporte coletivo misto, que tem sua origem em 1902 (GUBBY, WELLARD, 2016).

No que concerne ao Brasil, a divulgação do Corfebol no território brasileiro se deu na década de 1980. Um grupo de professores de Educação Física, formados pela Universidade Gama Filho, do Rio de Janeiro, em viagem à Holanda, descobriu um esporte, no qual as equipes eram formadas por homens e mulheres, trabalhando a cooperação e contribuindo para a igualdade de gênero no esporte. Diante do inusitado esporte, resolveram difundir-lo no Brasil (BORTOLETO, 2018).

As equipes de corfebol são compostas de oito jogadores cada, sendo dois homens e duas mulheres no ataque e dois homens e duas mulheres na defesa. A marcação se dá por gênero, reduzindo assim, as vantagens esportivas tradicionais (força, altura, velocidade). O objetivo é arremessar uma bola, que possui 68 a 71 cm de circunferência e pesa entre 425/475 gramas, em um cesto, cujo formato mede 25 cm de altura e um diâmetro entre 39 a 41 cm, preso a um poste que se encontra a uma altura de 3,5 metros do chão. Dois postes são fixados, um em cada lado da quadra. O campo de jogo é retangular e mede 40X20 metros, dividido em duas partes iguais e ganha o jogo quem mais cestas fizer. Muda-se de zona de ataque, quando dois gols forem marcados, mudando, também, a função dos jogadores. O jogo consiste em 2 tempos, cada um com duração de 25 minutos de tempo real, separados por um intervalo de 10 minutos (BORTOLETO, 2018).

O corfebol, por ter sido criado com o intuito de mesclar os gêneros em suas equipes, regras que prezam pela igualdade de oportunidades entre o(a)s atletas, tornou-se um esporte diferenciado, contribuindo para a implementação de conceitos referentes ao respeito, à coeducação e não violência (BORTOLETO, 2018). Sendo assim, algumas campanhas realizadas no *Facebook* pela IKF, fazendo uso das *hashtags* #korfballsEquality #ThisGirlCan #MixedGenderSport foram postadas, elevando assim as discussões concernentes a presença e valorização da mulher no esporte, como também as questões de gênero.

O esporte está presente nos cinco continentes. Tem-se duas federações em território brasileiro. Uma localizada no Rio de Janeiro, que é a representante da IKF no Brasil e a federação paulista, localizada na cidade de Americana. De acordo com a IKF, mesmo estando presente em todos os continentes, vários obstáculos ainda precisam ser superados para que esteja seja conhecido globalmente. Os aspectos culturais são um exemplo, os quais ainda proíbem a participação da mulher no esporte (FRANSOO, 2003). Outro fator ainda desconhecido faz relação a real contribuição do(a)s

atletas na divulgação do esporte em suas contas pessoais, postando, compartilhando ou curtindo conteúdos acerca do corfebol. Neste sentido, diante do possível potencial das redes sociais em disseminar informações de forma rápida, promover a difusão de informações e empoderar os usuários por meio da disseminação de conhecimento, não se sabe ao certo de maneira o(a)s atletas fazem uso dessas redes sociais, no caso específico, o *Facebook* e a ferramenta *hashtag*. Portanto, o objetivo deste estudo é analisar, na visão de atletas de corfebol, como este(a)s utilizam a *hashtag* no *Facebook* na difusão da modalidade e se este(a)s postam *hashtags* com as temáticas da igualdade de gênero e do empoderamento feminino no corfebol.

METODOLOGIA

Para atingir o objetivo proposto, optou-se por uma abordagem qualitativa e o estudo foi desenvolvido fazendo uso das pesquisas descritiva e exploratória (RICHARDSON, 2017). Como instrumento para coleta de dados, utilizou-se de um questionário, o qual passou por uma banca de juízes avaliadores, formada por professores doutores, no sentido de se assegurar a sua aplicabilidade na coleta do dados. O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) sob o parecer de número: 2.318.775.

Aproveitou-se um evento esportivo ocorrido na cidade de Americana, interior de São Paulo, o Campeonato Brasileiro de Corfebol 2018, no qual se encontrava jogadores da seleção brasileira de corfebol de São Paulo e Rio de Janeiro e, neste momento, foi feito o convite aos atletas. Foi explicado do que se tratava a pesquisa e 12 atletas aceitaram participar do estudo, sendo seis homens e seis mulheres e, todos assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). O questionário em si, contém no total, 16 questões, no entanto, para este estudo, foram utilizadas questões que versaram especificamente sobre as temáticas abordadas nesta pesquisa. Os dados coletados foram analisados de maneira descritiva e analisados por meio da Técnica de Análise de Conteúdo (BARDIN, 2017).

O questionário foi desenvolvido no *Google Forms*, o qual foi enviado para o(a)s atletas de corfebol via *WhatsApp*. A coleta dos dados se deu no período de março à outubro de 2019. As respostas resultantes do questionário foram agrupadas sob duas categorias temáticas elaborados *à priori*. A saber, categoria um, corfebol, igualdade de gênero e empoderamento feminino e a categoria dois, interfaces entre o corfebol e o *Facebook*.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

De posse dos dados, os quais resultaram do questionário submetido aos atletas, pode acontecer de aparecer mais de uma opção nas respostas, tornando-se, neste caso, necessário evidenciar os números brutos que elas representam, para fins de esclarecimentos de dúvidas quanto ao cálculo do resultado apresentado, como também, torna-se importante enfatizar que algumas questões obtiveram mais de uma resposta por entrevistada, alterando, dessa forma, a apresentação percentual.

Ao investigar se o(a)s atletas tinham o hábito em postar/e ou compartilhar conteúdos no *Facebook* fazendo uso das *hashtags* #Corfebol #IgualdadeDeGenero #EmpoderamentoFeminino, percebeu-se que 66,66% da amostra informaram usar a *tag* #Corfebol na marcação de seus *posts*. Outros 41,66% disseram que marcam suas postagens com a *tag* #IgualdadeDeGenero e 16,66% marcam seus *posts* com a *tag* #EmpoderamentoFeminino.

A *tag* #Corfebol foi a mais evidenciada pelo(a)s atletas. É interessante esse fato pois denota que o(a)s atletas fazem uso da ferramenta e mostra a importância em se marcar as *posts* com a *hashtag* com o nome do esporte em português assim como em outros idiomas, pois ajuda na divulgação da modalidade de maneira global. Um conjunto de *tags* (#korfball, #korfbal, #corfebol, #korfbol, #corfbol), é utilizado em todas as postagens emitidas pela IKF na sua página no *Facebook*, assim como pelas federações e equipes esportivas presentes nos países que jogam a modalidade. Essa liberdade do usuário em elaborar *tags* e em número infinito em suas postagens é conhecido como *Folksonomia* segundo Moura e Mandaji (2014). Trata-se de uma taxonomia popular, na qual a indexação de conteúdos é mais flexível.

Pode-se destacar que as motivações do(a)s atletas em marcar suas postagens com as *hashtags* acima descritas vão ao encontro das motivações evidenciadas no estudo de Rauschnabel, Sheldon e Herzfeldt (2019). O estudo dos autores descobriram 10 motivações que levam os usuários a usar as *hashtags* em suas postagens e que, de acordo com os autores, vai além de simplesmente usá-las para estruturar conteúdos nas redes sociais. O *tageamento* em *posts* tendem a enfatizar a projeção do esporte globalmente, dando visibilidade ao mesmo, no caso da *tag* #Corfebol, como

também inspirar e endossar o reconhecimento do corfebol como um esporte que enfatiza a igualdade de gênero, segundo item mais citado pelo(a)s atletas com 41,66%.

A *tag* #EmpoderamentoFeminino foi citada menos vezes pelos atletas, 16,66%. Percebe-se que o(a)s atletas de corfebol ainda não se percebem como importantes disseminadores dos assuntos relacionados ao empoderamento feminino. Mas a motivação incitada por meio dessa *tag* remete à uma tendência atual que relacionar o empoderamento feminino ao universo esportivo. No entanto, Rauschnabel, Sheldon e Herzfeldt (2019) defendem a ideia de que essas *hashtags* são dotadas de significados e tornaram-se elementos complementares relacionados a comunicação contemporânea por meio das diferentes mídias sociais.

Segundo Simonard e Santos (2017), as *hashtags*, além de servir para agrupar conteúdo, estas tendem a atuar como símbolos de determinada comunidade. As *tags* possibilitam aos usuários das redes sociais a identificação e a participação em grupos com assuntos comuns. Os autores expõem a sensação de pertença e revela que

O sentimento de pertencimento une os sujeitos em torno de objetivos comuns, confortáveis em determinado local e, nesse sentido, a Internet, prioritariamente as mídias sociais, pode ser considerada espaço para que nela os indivíduos naveguem e produzam sentido, seja simbólico, social ou afetivo. (SIMONARD; SANTOS, 2017, p.15).

Outros 33,33% do(a)s atletas evidenciaram não fazer uso de *tags* nas postagens ou desconhecem o assunto. Pode-se aferir com esses dados a liberdade de fazer uso da *hashtag* nas redes sociais. Mas é fato que, ao adotarem essas posturas, essa parcela de atletas não se compromete em ajudar na difusão da modalidade no âmbito do *Facebook*.

O(a)s atletas foram questionados sobre a *hashtag* no *Facebook* assim como a sua efetividade acerca do corfebol e suas relações com as questões de gênero e empoderamento feminino no âmbito da referida rede social. Para 66,66% da amostra, o uso da *hashtag* no *Facebook* funciona, ou seja, a sua função de agrupar os assuntos e depois recuperá-los foi atestada pelo(a)s atletas.

Esse resultado pode ser corroborado no estudo de Mulyadi e Filtriana (2018), quando os autores enfatizam a usabilidade da *hashtag* no *Facebook*, tanto no contexto *online* e *off-line*. A migração da ferramenta de seu local de origem, o *Twitter* para outras redes sociais, *Instagram*, *Google+* e *Facebook* foi positiva. Os autores enfatizam que, o uso no contexto *off-line* é bastante utilizada, a saber, na marcação de conteúdos variados, como os movimentos sociais.

Neste sentido, o(a)s atletas também relataram a sua funcionalidade quando relacionada às mais diversas causas, dentre estas, as que promovem o fortalecimento de lutas, como a da igualdade de gênero e do empoderamento feminino no esporte, assim como na divulgação da modalidade, são efetivas. Algumas falas podem corroborar essas questões:

“Sim, pois pode relacionar causas e fortalecer a luta pela igualdade de gênero”. (ATLETA6). “Sim, pois as pessoas procuram as *hashtags* que as mais interessam e procurando as de Corfebol, vão ver assuntos relacionados a igualdade de gênero sempre e empoderamento feminino”. (ATLETA12). “Sim. A maioria das postagens feitas ao redor do mundo contam com as *hashtags* #Corfebol em várias línguas [...]”. (ATLETA4).

De acordo com Reis (2017) e Xiong, Cho e Boatwright (2019), por meio de *hashtags*, pode-se mobilizar determinados setores da sociedade por meio de campanhas criadas para conscientizar, como também pressionar o poder público no que tange a tomada de decisão. Alguns exemplos de campanhas são #MeToo, #HeForShe, #LikeAGirl e #MeuCorpoMinhasRegras entre outras. Segundo os autores, as mídias sociais, como *Facebook*, *Twitter* e *Instagram* têm sido utilizadas com frequência por diferenciados grupos e comunidades virtuais, fazendo circular informações e gerando mobilização e dando visibilidade a diferentes causas. Essas campanhas, por meio das redes sociais, atingem um público amplo e chegam a diferentes partes do mundo de forma rápida.

Outros 33,33% do(a)s atletas afirmaram não fazer uso da *hashtag* no *Facebook*, desconhecem sua função ou as utiliza em outras redes sociais. Talvez por desconhecimento da ferramenta nesta rede social em específico, que passou a adotar essa ferramenta em um período posterior às outras redes, no caso, o *Twitter* e o *Instagram* e, nos quais essa ferramenta já se encontra consagrada. Esses fatos podem ser corroborados nas falas de atletas:

“Não sei, porque não sou de usar *hashtag*”. (ATLETA10). “Não sei, não costumo entrar nas *hashtags*, apesar de ainda marcar algumas postagens com elas”. (ATLETA8). “Sim. Eu uso bastante no *Instagram* a *hashtag* [...]”. (ATLETA3).

A *hashtag* é uma ferramenta poderosa e pode ser utilizada de diferentes formas, no entanto, compreender sua função se torna imprescindível para que se obtenha resultados positivos. A construção de *hashtags* podem variar, sendo curtas, longas ou mistas, o importante é sua escrita promover a comunicação adequada nas redes sociais e atingir o objetivo das mesmas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da análise dos dados, pode-se constatar que o(a)s atletas de corfebol da seleção brasileira são usuário(a)s ativo(a)s do *Facebook*, afirmaram fazer uso das *hashtags* #Corfebol, com 66,66%, #IgualdadeDeGenero, com 41,66% e #EmpoderamentoFeminino com 16,66% na marcação das postagens na rede social *Facebook*. Sendo assim, pode-se deduzir que este(a)s ajudam no processo de divulgação da modalidade esportiva e que acreditam no potencial dessa ferramenta no que tange a disseminar conteúdos relativos ao esporte e suas interfaces com as questões de gênero e empoderamento da mulher no contexto esportivo. No entanto, uma pequena parcela da amostra alegou não utilizar a ferramenta, desconhecer sua real função ou usá-la em outras redes sociais.

Sendo assim, torna-se importante frisar que aprender sobre o funcionamento da *hashtag* no âmbito do *Facebook* estar-se-á ajudando a plataforma a se fortalecer para que se possa obter o máximo de benefícios desta ferramenta. No entanto, independente da rede social utilizada, as *hashtags* podem ser rastreadas, gerar engajamento e contribuir para a promoção de diálogos e disseminar conhecimento. Diante dessas premissas, constatou-se o quanto as *hashtags*, no *Facebook* ainda podem ser exploradas e utilizadas para fins variados.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A. Q. #Girlswithtattoos: o corpo como território social. 2017. 86f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Linguagens) – Departamento de Comunicação e Linguagem, Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, 2017.

BARBOSA, C; SOUSA, J. P. Comunicação da ciência e redes sociais: um olhar sobre o uso do Facebook na divulgação científica. In: PIRES, H. *et al.* **Cibercultura: circum-navegações em redes transculturais de conhecimento, arquivos e pensamento.** Braga: Edições Húmus, 2017. p. 279-289. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/229420747.pdf>. Acesso em: 12 set. 2020.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo.** Lisboa: Edições 70, 2017.

BERTO, M.; GONÇALVES, E. Diálogos online: intersemioses do gênero Facebook. C-Legenda - Revista do Programa de Pós-graduação em Cinema e Audiovisual da Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, v. 2, n. 25, p.100-110, out. 2011. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/ciberlegenda/article/view/36887>>. Acesso em: 18 nov. 2020.

BORTOLETO, L. Minicurso Corfebol. In: SEMANA DE ESTUDOS DA EDUCAÇÃO FÍSICA, 30., 2018, Rio Claro. **Apostila...** Rio Claro: FCESP/Federação de Corfebol do Estado de São Paulo, 2018. p. 1-18.

CLEMENT, J. Facebook: number of monthly active users worldwide 2008-2020. Disponível em: <<https://www.statista.com/statistics/264810/number-of-monthly-active-facebook-users-worldwide/>>. Acesso em: 24 nov. 2020.

FRANSOO, J. Korfball and the World. In: TROOST, F. (ed.) **“And I went on a voyage to Sweden”** – five reflections on 100 years of korfball. Utrecht: Royal Dutch Korfball Association, 2003. p. 169-186.

GUBBY, L.; WELLARD, I. Sporting equality and gender neutrality in korfball. **Sport in Society**, Abingdon, v. 19, n. 8/9, 2016. p. 1171-1185. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/17430437.2015.1096261?casa_token=Nt5yMBrdjgAAA%3AHSZVhcgqsPfJbxDSKjJSLWQ4B32HHcX9piWOia3PH_LQlcEbf7bKE-1itAhDD6LKqV5tsTXsj5yfQ>. Acesso em: 15 set. 2020.

MOURA, K. F.; MANDAJI, C. F. S. A relação das hashtags com as palavras de ordem presentes nas Manifestações Brasileiras de 2013. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUL, 15., 2014, Palhoça. **Anais...** Palhoça: UNISUL, 2014. p. 1-14.

MULYADI, U.; FITRIANA, L. Hashtag (#) as Message Identity in Virtual Community. **Jurnal the Messenger**, Semarang v. 10, n. 1, p. 44-54, 2018. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/323115344_Hashtag_as_Message_Identity_in_Virtual_Community>. Acesso em: 29 nov. 2020.

RAUSCHNABEL, P. A.; SHELDON, P.; HERZFELDT, E. What motivates users to hashtag on social media?. **Psychology & Marketing**, Nova Jersey, v. 36, n. 5, p. 473-488, 2019. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/full/10.1002/mar.21191?casa_token=fgnUySQ8ZcwAAAAA%3AgDvr_YNIRnx_WtrL6gcvCbepzYI1RU53DylyU8MCB5zBQGI6YNUgIPf1yY3allaxytRQ_5lhp-9xfzHt>. Acesso em: 12 set. 2020.

REIS, J. Feminismo por hashtags: as potencialidades e riscos tecidos pela rede. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO; WOMEN'S WORLDS CONGRESS, 11º; 13º, 2017, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: UFSC, 2017. p. 1-13.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa Social: Métodos e Técnicas**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2017.

SIMONARD, P.; SANTOS, A. R. V. Identidade, pertencimento e engajamento político nas mídias sociais. **Revista Internacional Interdisciplinar INTERthesis**, Florianópolis, v. 14, n. 3, p. 14-31, 2017.

XIONG, Y.; CHO, M.; BOATWRIGHT, B. Hashtag activism and message frames among social movement organizations: Semantic network analysis and thematic analysis of Twitter during the# MeToo movement. **Public relations review**, Amsterdã, v. 45, n. 1, p. 10-23, 2019. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0363811118302303?casa_token=ri5XHz9E_DoAAA:lpb6pm9tBRmyRLpbnQ2wxrNPG-OP9Jbu3Ow5BEbiopX70xHsj32CeOdKysnbCovUYqpNFooCpqY>. Acesso em 10 set. 2020.

Endereço:

Av. 84A, n. 280, apto 65, Torre 2, Condomínio Parque das Árvores, Bairro: Jardim Parque Residencial, Rio Claro, SP, Cep: 13506-121

Apoio financeiro

“O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001”.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS DA TESE

Considerando os objetivos traçados nesta Tese, sobre analisar a rede social *Facebook* como um recurso na difusão de valores de igualdade de gênero e empoderamento feminino no corfebol, único esporte coletivo misto no mundo, observou-se que, a produção de conhecimento científico referente às interfaces de gênero e empoderamento da mulher no corfebol que nenhum artigo abordava todos os assuntos simultaneamente. As questões relativas à igualdade de gênero foram evidenciadas nos esportes de alto rendimento, assim como, no âmbito das aulas de Educação Física, no entanto, elementos relativos ao empoderamento feminino não foram encontrados na literatura analisada pelo presente estudo. Pode-se constatar nos artigos analisados, uma interessante evolução dos elementos que permeiam as discussões de gênero no âmbito das práticas esportivas. No entanto, poucos estudos têm direcionado seu foco para o corfebol.

Quanto ao fato de o *Facebook* vir a representar uma importante fonte de difusão de conteúdos relativos ao corfebol, constatou-se por meio da análise dos dados que, por tratar-se de uma plataforma dinâmica e poder atingir uma camada considerável da população usuária da rede, esta plataforma possui atualmente mais de bilhões de usuários ativos, tornando-se assim, uma importante aliada na difusão de variados temas, inclusive, as temáticas abordadas nesta Tese. Por meio do *Facebook*, tem-se a possibilidade de criar um perfil, que pode ser pessoal ou uma *Fan Page*, promover a interação entre as pessoas as quais se encontram conectadas ao *site*, trocar mensagens, compartilhar os mais diversos conteúdos e curtir postagens realizadas pelos usuários. Outras funções são disponibilizadas pelo *Facebook*, como a criação ou participação em grupos, cujo as afinidades e os interesses são comuns aos usuários logados na rede social. Uma outra ferramenta interessante fornecida pelo *site* é a busca ou campo de pesquisa, no qual, de maneira rápida, tem-se acesso à diferentes informações. Por fim, tem-se uma plataforma que pode ser usada para fins de entretenimento como também, uma ferramenta de trabalho e pesquisas acadêmicas, como foi o caso deste estudo.

Os conteúdos postados no *Facebook* rapidamente são dispersados e compartilhados graças a tríade CCC, ou seja, os botões de comentar, de curtir e compartilhar as atualizações das páginas. No âmbito das redes sociais, são estabelecidas conexões associativas entre os usuários, que podem ser pessoas, grupos ou mesmo, instituições. Essas conexões associativas estão intimamente ligadas à dinâmica das redes sociais e aos laços sociais ali construídos e reconstruídos, aos quais denominou de laços fortes e laços fracos (GRANOVETTER, 1973).

Os laços fortes remetem às conexões e interações sociais entre os usuários com maiores vínculos emocionais e que possuem maior grau de intimidade e confiança, como família e amigos.

Os laços fracos fazem relação às pessoas cujo círculo remete a “conhecidos” ou “amigo de amigos”. Os vínculos emocionais e o grau de intimidade são mais baixos. Segundo o Granovetter (1973), os laços fracos seriam responsáveis pelas “pontes” ou interconexões e a sua responsabilidade na circulação da informação é maior do que o poder dos laços fortes. Têm-se muito mais pessoas presentes no círculo de “conhecidos” ou “amigo de amigos”, sendo que, quantitativamente, o número de pontes é maior, o que amplia o número de pessoas que podem ver, curtir e compartilhar determinadas mensagens ou informações.

Um conteúdo publicado nas redes sociais tende a permanecer arquivado, no entanto, pode ser encontrado, por meio de ferramentas presentes nos *sites* de redes sociais e pode ser reproduzido e replicado por usuários presentes na lista de contatos, mesmo que os atores sociais não se encontrem no modo *online*. Essas informações tornam-se públicas e são difundidas via as “pontes” entre os mais diversos grupos que se encontram em universos socialmente distantes (FIALHO, 2014). Diante desse fato, pode-se acreditar que a rede social *Facebook* representa um espaço híbrido e heterogêneo, no qual os actantes, humanos e não-humanos estabelecem elos associativos de sociabilidade, assim como, compartilham experiências e constrem textualidades, conforme expõe a Teoria TAR e um importante aliado na divulgação de conteúdos relativos as temáticas abordadas na presente Tese, pensando nas infinitas possibilidades de pontes criadas entre os usuários.

Um das dessas ferramentas viabilizadas pelo *Facebook* faz relação as *hashtags*. Ao se criar uma *hashtag*, esta é transformada em *hiperlink*, o qual possibilitará o direcionamento e a visualização, de maneira rápida, dos conteúdos e grupos de pessoas, as quais se interessam por determinados tópicos ou assuntos (ALMEIDA, 2017). Isto contribui para aglutinar pessoas em torno de temas comuns.

Ao investigar as *hashtags* no *Facebook* no agrupamento e identificação dos conteúdos relativos às temáticas de empoderamento feminino, gênero e corfebol, pode-se perceber que essa ferramenta é uma importante aliada no que tange a agrupar as informações e que ajuda a divulgar o esporte e suas interfaces com as referidas temáticas. Pode-se constatar que, nas postagens e em seus diversos formatos (imagem, vídeo, *texto/link*), prevaleceram os conteúdos relativos às questões relativas à temática da igualdade de gênero, no entanto, as informações pertinentes ao universo do empoderamento feminino não foram evidenciadas nos *posts*.

No entanto, pode-se afirmar que o empoderamento de meninas e mulheres foi percebido em diferentes contextos, com base nas imagens analisadas. Alguns *posts* enfatizaram essas questões. Como o *post* 14 e 73, quando foca-se a presença feminina em funções ou cargos de comando no esporte. Outras formas de empoderamento foram detectadas, como à ida de técnicos à regiões carentes e afastadas. Essas imersões levam à aprendizagem de esportes com características

diferenciadas, as quais fomentam valores que promovem a equidade de gênero. Muitas vivências são realizadas junto às comunidades ou escolas que abrem as portas para que os futuros difusores do corfebol possam aplicar seus conhecimentos e habilidades (*post 50, post 2*). Nessas vivências, percebeu-se o empoderamento de crianças e jovens, os quais aparecem nas imagens dos *posts*.

De acordo com Berto e Gonçalves (2011), no âmbito digital, principalmente via o *Facebook*, são diversas as maneiras de se promover a comunicação e, dentre os recursos disponíveis, têm-se as imagens, os vídeos e os textos. A associação desses elementos garante a interação e a facilitação do diálogo entre os usuários, assim, estas podem vir a ser interpretadas e reinterpretadas engrandecendo o processo comunicacional no âmbito do ciberespaço. Neste sentido, tanto a Federação Internacional de Corfebol (IKF) quanto as federações espalhadas nos cinco continentes, têm feito uso dessa ferramenta, criando *tags* ou conjunto de *tags* quando são postados conteúdos concernentes ao corfebol e igualdade de oportunidades entre os gêneros, no *Facebook*. Por mais que nas outras redes sociais, como o *Twitter* e o *Instagram*, essa ferramenta já se encontra efetivada e utilizada com maior assiduidade, o *Facebook* se mostrou um espaço fértil para divulgação de saberes e conhecimentos, como também um espaço propício para se realizar pesquisas científicas. Precisa-se valorizar a ferramenta *hashtag* neste canal, assim como trazer à tona, a importância de se saber utilizá-la em pesquisas acadêmicas, que foi a pretensão deste estudo.

Na tentativa de identificar o papel do *Facebook* na disseminação das temáticas relacionadas à igualdade de gênero e empoderamento feminino, na visão de atletas de corfebol do Brasil, pode-se aferir que o(a)s atletas possuem conhecimento acerca das questões de gênero e empoderamento feminino no âmbito da prática do corfebol. Para o(a)s atletas, as experiências proporcionadas pelo corfebol modificam a forma de compreender as práticas esportivas coletivas. Por ser o único esporte coletivo misto jogado em todo o mundo desde 1902, ou seja, antes mesmo de das discussões acerca da participação da mulher no esporte, o corfebol já incentivava a presença da mulher no âmbito esportivo. Sendo assim, a mulher já empoderava desse espaço como seu de direito.

No entanto, é necessário tecer alguns questionamentos acerca da modalidade criada no início dos anos 1900 e ainda manter a tradição, fato este que não acontece com a maioria dos esportes de alto nível, sempre acompanhando os principais acontecimentos políticos, sociais e culturais. Os processos ligados à esportivização, globalização e comercialização ainda não corroeram as estruturas e alicerces sobre os quais o corfebol ainda se sustenta (BOTTENBURG; VERMEULEN, 2011). Anteriormente a segunda guerra mundial, várias modalidades esportivas, como o basquete aterrissaram em solos americanos, de países da América Latina e o

corfebol se fixou ao continente europeu. Sendo assim, mesmo com tantas mudanças relacionadas à perspectiva de gênero e a própria compreensão do movimento feminista, talvez a modalidade precisa rever alguns pontos em relação às suas regras, as quais fomentam a participação de homens e mulheres na formação das equipes, haja vista as questões relativas à diversidade de gênero, como os atletas cuja orientação sexual diverge da população heterossexual.

No que tange a utilizar a rede social *Facebook* e fazendo uso da ferramenta *hashtag* para divulgar a modalidade e suas premissas, o(a)s atletas relataram o hábito de postar e compartilhar postagens. Ficou evidenciado que os *posts* contendo assuntos pertinentes às questões de gênero são realizados com mais frequência em relação às questões sobre o empoderamento feminino no âmbito do corfebol. Talvez uma justificativa para corroborar esse número apequenado de postagens esteja relacionado ao não entendimento do conceito do tema, como apontou Berth (2018) ou na produção científica ainda escassa sobre os temas corfebol e empoderamento (SILVA; SCHWARTZ, 2020). Ou também no fato de não circular conteúdos sobre esses dois temas advindos da própria IKF e com isso, levando ao desconhecimento por parte do(a)s atletas e entusiastas da modalidade.

É fato que o *Facebook* é tido como espaço de comunicação no qual circulam conteúdos variados, no entanto pensar sobre o fato de as notícias que ali transitam contribuir efetivamente para o empoderamento de meninas e mulheres, ainda não se pode afirmar com certeza absoluta, mas é um grande passo rumo à promoção do conhecimento sobre a temática. Sabe-se que a visibilidade de atletas mulheres nos diferentes canais comunicacionais, como mídias, meios de comunicação e nos *sites* de redes sociais contribuem positivamente para a construção de referências femininas no âmbito do esporte. Empodera-se por meio da possibilidade de sonhar que um dia você pode chegar lá... no esporte amador ou de alto nível, no lugar mais alto do pódio.

8.1 Limitação do estudo

As principais limitações encontradas no presente estudo foram em relação às formas de coleta de dados: no âmbito das bases de dados, sendo o número de artigos capturados foi bastante reduzido, uma vez que, alguns artigos estavam em idiomas diferentes do inglês, como em holandês, chinês, alemão, entre outros, decorrentes de países que possuem uma ligação forte com o corfebol na atualidade. Quanto à busca das informações no âmbito do *Facebook*, percebeu-se que o recorte temporal relacionado à coleta dos dados na rede social poderia ser

ampliado, para que, possivelmente um número maior de *posts* foi acrescido também. Outra limitação faz relação a forma de coleta dos dados, que foi manual. Tem-se atualmente, ferramentas de análise de mídia social, usadas no rastreamento de *hashtags*, o que facilita a análise do material capturado.

Quanto a análise das *hashtags* no âmbito do *Facebook*, ficou notório que, em outras redes sociais, como *Instagram* e *Twitter*, estas funcionam de maneira mais eficaz. Talvez pelo fato de serem essas redes sociais, as pioneiras no que tange a promover engajamento via o uso dessas ferramentas. Acerca da coleta realizada com o(a)s atletas, o número foi limitado à 12, talvez sendo uma amostra maior, os dados poderiam gerar outros resultados acerca das temáticas analisadas. Mas pelo fato de ainda ser uma modalidade pouca conhecida no Brasil, houve uma dificuldade de captar o(a)s atletas os quais ainda se mantêm ativos.

8.2 Sugestão para novos estudos

Pesquisar com maior diversidade de pessoas, como por exemplo, não atletas, aspirantes ou entusiastas do esporte. Fechar com atletas de corfebol, perde a subjetividade do corfebol como modelo de diversidade de gênero. Analisar outras redes sociais, como o *Twitter* e pesquisar com profissionais de educação física que ensinam a modalidade nos ambientes formais e não formais. Promover uma discussão mais aprofundada acerca das discussões da diversidade de gênero e a população LGBT no corfebol.

REFERÊNCIAS DA TESE

ABBAS, R.; MESCH, G. Do rich teens get richer? Facebook use and the link between offline and online social capital among Palestinian youth in Israel. *Information, Communication & Society*, Abingdon, v. 21, n. 1, p. 63-79, dez. 2016.

ALMEIDA, A. Q. *#Girlswithtattoos: o corpo como território social*. 2017. 86 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Linguagens) – Departamento de Comunicação e Linguagem, Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, 2017.

ALVES, J. E. D. Desafios da equidade de gênero no século XXI. *Revista Estudos Feministas*, v. 24, n. 2, p. 629-638, 2016.

ALVES, S. *Facebook mostra seus princípios de privacidade antes de lei restritiva da Europa entrar em vigor*. 29 jan. 2018. Disponível em: <<https://www.b9.com.br/85727/facebook-mostra-seus-principios-de-privacidade-antes-de-lei-restritiva-da-europa-entrar-em-vigor/>>. Acesso em: 09 ago. 2018.

AMPER. *We Are Social e HootSuite - Digital 2021* [Resumo e Relatório Completo]. 25 fev. 2021. Disponível em: <<https://www.amper.ag/post/we-are-social-e-hootsuite-digital-2021-resumo-e-relat%C3%B3rio-completo>>. Acesso em: 23 set. 2021.

APARECIDA, M. *Igualdade e Equidade*. 07 ago. 2020. Disponível em: <<https://jornalatal.com.br/2019/06/07/igualdade-e-equidade/>>. Acesso em: 13 set. 2021.

ARAUJO, C. T. M.; SILVA, F. C. O. As funções sociais e discursivas da *hashtag* em gêneros digitais: uma reflexão. In: JORNADA INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA APLICADA CRÍTICA, 1., 2018, Brasília. *Anais...* Brasília: Universidade de Brasília, 2018. p. 85-98.

ARAÚJO, J. C. A conversa na Web: um estudo da transmutação em um gênero textual. In: MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. S. (Ed.) *Hipertexto e Gêneros Digitais*: novas formas de construção do sentido. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004. p. 91-109.

ARAUJO, E. T. H. *et al.* Utilização de redes sociais para coleta de dados em produções científicas na área da saúde: revisão integrativa da literatura. *Aquichan*, v. 19, n. 2, p.1-12, 2019. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7073151>>. Acesso em: 20 ago. 2020.

ARONI, A. L. *et al.* *Os esportes e as novas tecnologias*. São Paulo: Hipótese, 2018. 193p. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1EGWqJ_G5O3_pTG2D3cWaZR0QomsHquED/view>. Acesso em: 19 set. 2018.

AYMANN, C.; FOERSTER, J.; GEORG, CP. Fake news in social networks. *arXiv:1708.06233*, v. 1, 2017. Disponível em: <<https://arxiv.org/pdf/1708.06233.pdf>>. Acesso em: 20 ago. 2019.

BALAGUÉ, N. *et al.* Sport science integration: An evolutionary synthesis. *European Journal of Sport Science*, Champaign, v. 17, n. 1, p. 51-62, ago. 2016.

BAQUERO, R.V. A. Empoderamento: instrumento de emancipação social? Uma discussão conceitual. *Revista Debates*, Porto Alegre, v. 6, n.1, p.173-187, jan./abr. 2012.

BARBOSA, C.; SOUSA, J. P. Comunicação da ciência e redes sociais: um olhar sobre o uso do Facebook na divulgação científica. In: PIRES, H. *et al.* *Cibercultura*: circum-navegações em redes transculturais de conhecimento, arquivos e pensamento. Braga: Edições Húmus, 2017. p. 279-289. Disponível em: <http://revistacomsoc.pt/index.php/cecs_ebooks/article/view/2803/2710>. Acesso em: 12 set. 2018.

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2017.

BASHINGWA, M. Role of Social Media during the Global Pandemic: The Case Study of Facebook and Instagram in prevention of the Covid-19. *The Journal of Academic Social Science ASOS*, Akademik Sosyal Araştırmalar Dergisi, v. 8, n. 107, 2020, p. 409-422. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.29228/ASOS>>. Acesso em: 01 nov. 2020.

BAUER, M.W.; GASKELL, G. (Ed.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som*. 10. ed.

Rio de Janeiro: Vozes, 2012.

BE INVOLVED. *Korfball Canterbury*. Disponível em: <<http://www.korfballcanterbury.co.nz/be-involved.html>>. Acesso em: 27 ago. 2018.

BERTH, J. *O que é empoderamento?*. Belo Horizonte: Letramento, 2018.

BERGEN, C. J. A.; REILINGH, M. L.; DIJK, C. N. Tertiary osteochondral defect of the talus treated by a novel contoured metal implant. *Knee Surgery, Sports Traumatology, Arthroscopy*, New York, v. 19, n. 6, p. 999-1003, mar. 2011.

BLEASE, C. R. Too many 'friends,' too few 'likes'? Evolutionary psychology and 'Facebook depression'. *Review of General Psychology*, Washington, v. 19, n. 1, p. 1-13, mar. 2015.

BOICHÉ, J. *et al.* Social antecedents and consequences of gender-sport stereotypes during adolescence. *Psychology of Women Quarterly*, Thousand Oaks, v. 38, n. 2, p. 259-274, fev. 2014.

BODROZA, B.; JOVANOVIĆ, T. Validation of the new scale for measuring behaviors of Facebook users: Psycho-Social Aspects of Facebook Use (PSAFU). *Computers in Human Behavior*, v. 54, p. 425-435, 2016.

BORTOLETO, L. Minicurso Corfebol. In: SEMANA DE ESTUDOS DA EDUCAÇÃO FÍSICA, 30., 2018, Rio Claro. *Apostila...* Rio Claro: FCESP/Federação de Corfebol do Estado de São Paulo, 2018. p. 1-18.

BOTTENBURG, M. Van; VERMEULEN, J. Local korfbal versus global basketball: A study of the relationship between sports' rule-making and dissemination. *Ethnologie Française*, Paris, v. 41, p. 633-643, 2011.

BOYD, D.; ELLISON, N. B. Social network sites: Definition, history, and scholarship. *Journal of Computer-Mediated Communication*, Inglaterra, v. 13, n. 1, p. 210-230, dez. 2007. Disponível em: <<https://academic.oup.com/jcmc/article/13/1/210/4583062>>. Acesso em: 08 ago. 2018.

BRASIL. *Presidência da República*. Casa Civil. Lei n. 9.417, de 20 de junho de 2018. Transfere a Secretaria Nacional de Políticas para Mulheres e o Conselho Nacional dos Direitos da Mulher da Secretaria de Governo da Presidência da República para o Ministério dos Direitos Humanos. Brasília, DF, 2018. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2018/Decreto/D9417.htm>. Acesso em: 13 set. 2018.

BRASIL. *Presidência da República*. Secretaria de Políticas para as Mulheres. Plano Nacional de Políticas para as Mulheres. Brasília: Secretaria de Políticas para as Mulheres, 2013. 114 p. Disponível em: <<http://www.spm.gov.br/assuntos/pnpm/publicacoes/pnpm-2013-2015-em-22ago13.pdf>>. Acesso em: 06 dez. 2017.

BRAUNER, V. L. Desafios emergentes acerca do empoderamento da mulher através do esporte. *Movimento*, Porto Alegre, v. 21, n. 2, p. 521-532, 2015.

BRUNO, F. Rastros digitais sob a perspectiva da teoria ator-rede. *Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia*, v. 19, n. 3, p. 681-704, 2012.

BUCHER, T. The friendship assemblage: Investigating programmed sociality on Facebook. *Television & New Media*, v. 14, n. 6, p. 479-493, 2013.

BUZZI, M. C. *et al.* Facebook: a new tool for collecting health data? *Multimedia Tools and Applications*, New York, v. 76, n. 8, p. 10677-10700, jan. 2016.

CAHUÊ, F. L. C. *Corfebol* – proposta de inclusão de conteúdo em grades curriculares de escolas para integração de gêneros. 2008, 26f. Monografia (Licenciatura em Educação Física) - Escola de Educação Física e Desportos, Centro de Ciências da Saúde, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

CALLON, M.; LATOUR, B. Unscrewing the big leviathan: how actors macro-structure reality and how sociologists help them to do so. In: KNORR-CETINA, K.; CICOUREL, A.V. *Advances in social theory and methodology, toward an integration of micro and macrosociologies*. Boston: Routledge & Paul Kegan, 1981. p.277-303.

CAMILLIS, P. K. Seguindo os Atores e Construindo a Teoria Ator-Rede como Método: Algumas Possibilidades. In: Encontro de Estudos Organizacionais da ANPAD, 7., 2012. Curitiba. *Anais...* Curitiba: Anpad, 2012. Disponível em: <http://www.anpad.org.br/abrir_pdf.php?e=MTQyOTI=>. Acesso em: 12 ago. 2019.

CAMPOS, R. C. *et al.* Gênero e empoderamento: um estudo sobre mulheres gerentes nas universidades. *Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero*, Ponta Grossa, v. 8, n. 2, p. 97-115, ago./dez 2017.

CAPRANICA, L. *et al.* The gender gap in sport performance: equity influences equality. *International Journal Sports Physiology Performance*, Champaign, v. 8, n. 1, p. 99-103, jan. 2013.

CARMO, M. R. B. Corfebol (korfbal – bola ao cesto): uma proposta para minimizar os conflitos entre gêneros nas aulas de Educação Física. In: *Os professores PDE e os desafios da escola pública paranaense*. Produção didático-pedagógica: Secretaria de Educação, v. 2, p. 1-44, 2012. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2012/2012_uel_edfis_pdp_miriam_regina_barrotto_do_carmo.pdf>. Acesso em: 23 ago. 2018.

CARVALHO, A. B. *Facebook infection: marketing de conteúdo e fatores que geram o envolvimento dos utilizadores*. 2014. 180f. Mestrado (Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Marketing e Publicidade) - Escola de Comunicação, Arquitetura, Artes e Tecnologias de Informação da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa, Portugal, 2014. Disponível em: <https://recil.ensinolusofona.pt/jspui/bitstream/10437/6851/1/Disserta%20c3%a7%20c3%a3o_Andrezza%20Carvalho.pdf>. Acesso em: 2 out. 2019.

CARVALHO, L. A. *et al.* O uso de tecnologias para a qualificação da assistência de enfermagem: uma revisão integrativa. *Journal of Nursing and Health*, Pelotas, v. 8, n. 1, p. 1-20, jan./jul. 2018.

CASTELLS, M. A *Galáxia da Internet*. Reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

CASTELLS, M. Internet e Sociedade em Rede. In: MORAES, D. de (Org.). *Por uma outra Globalização: mídia, mundialização cultural e poder*. Rio de Janeiro: Record, 2003. p. 255-287.

CAVALCANTE, R. B. *et al.* A teoria ator-rede como referencial teórico-metodológico em pesquisas em saúde e enfermagem. *Texto & Contexto-Enfermagem*, v. 26, n. 4, 2017.

CAVALHEIRO, G. *Brazilian Korfball panorama*. 26 outubro 2017. Disponível em: <https://bacapdf.com/download/brazilian-korfball-panorama_59f1a3dbd64ab2a47ddd8b8_pdf>. Acesso em: 21 ago. 2018.

CERRETTO, C.; De DOMENICO, S. M. R. Mudança e Teoria Ator-Rede: humanos e não humanos em controvérsias na implementação de um centro de serviços compartilhados. *Cadernos Ebape.br*, v. 14, p. 83-115, 2016.

CHAGAS, V. A febre dos memes de política. *Revista FAMECOS*, Porto Alegre, v. 25, n. 1, p. 1-26, jan./abr. 2018.

CHALABAEV, A. *et al.* The influence of sex stereotypes and gender roles on participation and performance in sport and exercise: Review and future directions. *Psychology of Sport and Exercise*, Amsterdam, v. 14, n. 2, p. 136-144, mar. 2013.

CONDON, J. A. "*Being "like a girl" in the twenty-first century: branding and identity through cultural conversation*". 2014. 27f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Artes) – Departamento Estudos da Mídia, Scripps College, Califórnia, 2014. Disponível em: <http://scholarship.claremont.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1550&context=scripps_theses> Acesso em: 09 ago. 2018.

COSTA, B. R. L. Bola de neve virtual: o uso das redes sociais virtuais no processo de coleta de dados de uma pesquisa científica. *Revista Interdisciplinar de Gestão Social*, Salvador, v. 7, n. 1, p. 15-37, jan./abr. 2018.

COSTA, D. R.; SILVA, O. O. N. Análise das políticas públicas e gestão de esportes no Brasil. *Revista Digital/EFDeportes.com*. Ano 18, n.187, Buenos Aires, dez. 2013. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd187/politicas-publicas-de-esportes-no-brasil.htm>>. Acesso em: 09 dez. 2016.

CRUM, B. *Conceitos de Corfebol*. Holanda: KNKV, 2014.

CRUM, B. A Critical Analysis of Korfball as a " Non-Sexist Sport". *International Review for the Sociology of Sport*, Thousand Oaks, v. 23, n. 3, p. 233-241, set. 1988.

CUNNINGHAM, G. B. Departamentos atléticos inclusivos LGBT como agentes de mudança social. *Journal of Intercollegiate Sport*, v. 8, n. 1, p. 43-56, 2015.

CURSINO, A. G. *Contribuições das tecnologias para uma aprendizagem significativa e o*

desenvolvimento de projetos no Ensino Fundamental I. 2017. 141f. Dissertação (Mestrado profissional em projetos educacionais de ciências) - Escola de Engenharia de Lorena, Universidade de São Paulo, Lorena, 2017.

DELGADO, A. K. C.; DE ANDRADE, J. A. Teoria ator-rede (TAR) como instrumento de pesquisa em turismo: buscando aproximações e contribuições. *Turismo-Visão e Ação*, v. 21, n. 1, p. 144, 2019.

DELUCHI, G. B. *O empoderamento feminino através do esporte: posicionamento da Always Brasil na campanha #TipoMenina no Facebook*. 2016. 93f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Relações Públicas) - Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

DER DOES, H. T. D. *et al.* Injury risk is increased by changes in perceived recovery of team sport players. *Clinical journal of sport medicine*, New York, v. 27, n. 1, p. 46-51, jan. 2017.

DHAYAL PARVEEN, T.; ASHOK, K. A comparative study on personality level of national and international Korfball players. *International Journal of Behavioural Social and Movement Sciences*, Bagla/Rahya Suchani, v. 2, n. 4, p. 52-55, 2013.

DIAS, P. C.; CASTILLO, J. A. G.; CASTILLO-LÓPEZ, A. G. Preditores do uso do Facebook pelos adolescentes: Contributos de um estudo exploratório. *Actualidades en Psicología*, San José, v. 31, n. 123, p. 31-42, ago. 2017.

DORNELLES, P. G.; POCAHY, F. Prendam suas bezerras que o meu garrote está solto! Interseccionando gênero, sexualidade e lugar nos modos de subjetivação regionais. *Educar em Revista*, Curitiba, v. 30, n. 1, p.117-133, mai. 2014.

DOSSIER DE KORFBAL. *Departament D`Educació Física IES Joan Coromines*. Disponível em: <<http://blocs.xtec.cat/castells/files/2008/03/dossier-korfbol.pdf>>. Acesso em: 15 dez. 2018.

DRUBSCKY, L. *Entenda o que é hashtag (#) para que elas servem e como utilizá-las*. 12 agosto de 2019. Disponível em: <https://rockcontent.com/blog/o-que-e-hashtag/>. Acesso em: 24 set 2019.

DUARTE, R.; TELES, A. Seguindo os caminhos do turismo por meio da teoria do ator-rede. In: Seminário Anual da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo, 14., 2017. São Paulo. *Anais...* São Paulo: Anptur, 2017. Disponível em: <<https://www.anptur.org.br/anais/anais/files/14/879.pdf>> Acesso em: 12 set. 2019.

FACEBOOK. *Princípios de privacidade do Facebook*. 2018. Disponível em: <<https://www.facebook.com/about/basics/privacy-principles>>. Acesso em: 09 ago. 2018a.

FACEBOOK. *Statistics*. 2018. Disponível em: <<http://newsroom.fb.com/company-info/>> Acesso em: 08 ago. 2018b.

FCERJ. *Comunicado 001 FCERJ*. 2013. Disponível em: <<http://www.fcerj.com.br/2013/03/comunicado-001-fcerj.html>>. Acesso em: 23 ago. 2018a.

FCERJ. *Federação de Corfebol do Estado do Rio de Janeiro*. Disponível em: <<http://www.fcerj.com.br/p/historia-da-fcerj.html>>. Acesso em: 23 ago. 2018.

FCESP. *Federação de Corfebol do Estado de São Paulo*. Disponível em: <<https://pt-br.facebook.com/FCESP>>. Acesso em: 17 ago. 2018.

FERNANDEZ-RIO, J.; BERNABE-MARTÍN, J. Facebook and sport education: mirroring the model at home to promote parental involvement. *Sport, Education and Society*, Abingdon, v. 23, n. 1, p. 1-14, mai. 2018. Disponível em: <<https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/13573322.2018.1470971>>. Acesso em: 13 ago. 2018.

FERNANDO, C. [*Cevcorfebol*]. 2006. Re: Perguntas Entrevista. Marcelo Soares. Disponível em: <<http://listas.cev.org.br/cevcorfebol/2006-January/000101.html>>. Acesso em: 23 ago. 2018.

FERRATTI, G. M.; FERREIRA, A. S.; NETO, M. S. Análise de redes sociais e teoria ator-rede: convergências e embates entre visões interacionistas. In: Congresso de Administração, Sociedade e Inovação, 10., 2018. Petrópolis: FMP-FASE, 2018. Disponível em: <<https://www.even3.com.br/anais/xcasi/62994-ANALISE-DE-REDES-SOCIAIS-E-TEORIA-ATOR-REDE---CONVERGENCIAS-E-EMBATES-ENTRE-VISOES-INTERACIONISTAS>>. Acesso em: 29 abr. 2019.

FIALHO, J. M. R. Análise de redes sociais: princípios, linguagem e estratégias de ação na gestão do conhecimento. *Perspectivas em Gestão & Conhecimento*, João Pessoa, v. 4, n. 1, p. 9-26, out. 2014.

FORTUNA, M. B. S. *Korfebol como perspectiva de socialização entre os gêneros nas aulas de Educação Física do segundo segmento do ensino fundamental*. 2008. 18f. Monografia (Licenciatura em Educação Física) – Curso de Licenciatura Plena em Educação Física, Centro Universitário Augusto Motta/UNISUAM, Rio de Janeiro, 2008.

FRANCO, N. Gênero e esporte: masculinidades e feminilidades na escola. *Revistas Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 24, n. 2, mai./ago., 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2016000200665>. Acesso em: 05 dez. 2016.

FRANSOO, J. Korfball and the World. In: TROOST, F. (ed.) “*And I went on a voyage to Sweden*” – five reflections on 100 years of korfball. Utrecht: Royal Dutch Korfball Association, 2003. p. 169-186.

FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. 11. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

GALVÃO, T. F.; PEREIRA, M. G. Revisões sistemáticas da literatura: passos para sua elaboração. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, Brasília, v. 23, n. 1, p. 183-184, jan./mar. 2014.

GARCIA, D. *et al.* Analyzing gender inequality through large-scale Facebook advertising data. *Proceedings of the National Academy of Sciences/PANAS*, Washington, mai. 2018, p. 1-6. Disponível em: <<http://www.pnas.org/content/pnas/early/2018/06/12/1717781115.full.pdf>>.

Acesso 09 ago. 2018.

GARCIA, J. L.; SEPULVEDA, D. O Corfebol e a equidade entre os gêneros na escola. *Revista Brasileira de Desenvolvimento*, Curitiba, v.7, n.8, p.85549-85566, ago. 2021.

Disponível em: <

<https://www.brazilianjournals.com/index.php/BRJD/article/view/35196/pdf>>. Acesso em: 24 set. 2021.

GIL, A. C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2016.

GINZBURG, C. *Mitos, emblemas, sinais*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989

GINZBURG, C. *O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GOHN, M. G. Empoderamento e participação da comunidade em políticas sociais. *Saúde e sociedade*, São Paulo, v. 13, n. 2, p. 20-31, mai./ago. 2004.

GOIS TINOCO, R. *et al.* Resenha do livro gênero, masculinidades e diversidade: educação física, esporte e identidades masculinas. *Movimento*, Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 671-676, 2016.

GOLDENBERG, M. *A arte de pesquisar*. Rio de Janeiro: Record, 2015.

GOMES, I. S.; CAMINHA, I. O. Guia para estudos de revisão sistemática: uma opção metodológica para as Ciências do Movimento Humano. *Movimento*, Porto Alegre, v. 20, n. 1, p. 395-411, jan./mar. 2014.

GONZALES, Z. K.; BAUM, C. Desdobrando a teoria ator-rede: reagregando o social no trabalho de Bruno Latour. *Revista Polis e Psique*, v. 3, n. 1, p. 142, 2013.

GRANOVETTER, M. The strength of weak ties. *The American Journal of Sociology*, Chicago, v. 78, n. 6, p. 1360-1380, 1973. Disponível em:

<<https://www.cs.cmu.edu/~jure/pub/papers/granovetter73ties.pdf>>. Acesso em: 12 ago. 2018.

GUBBY, L. Embodied practices in korfbal. In: WELLARD, I. *Researching Embodied Sport: Exploring Movement Cultures*. Routledge: Abingdon, v. 48, n. 1, p. 86-99, 2015.

GUBBY, L. *Can sport provide a space for gender equality? A qualitative study of children who play korfbal*. 2016. 327f. Tese (Doutorado em Filosofia) - Sport Science, Tourism and Leisure, Canterbury Christ Church University, Kent, 2016.

GUBBY, L.; WELLARD, I. Sporting equality and gender neutrality in korfbal. *Sport in Society*, Londres, v. 19, n. 8-9, p. 1171-1185, 2015.

HAMANN, R. *Em quais redes sociais há mais mulheres que homens?* [Infográfico]. 2013. Disponível em: <<https://www.tecmundo.com.br/redes-sociais/46330-em-quais-redes-sociais-ha-mais-mulheres-que-homens-infografico-.htm>>. Acesso em: 14 mar. 2017.

HAMLIN, C.; PETERS, G. Consuming like a girl: subjectivation and empowerment in ads

targeting women. *Lua Nova: Revista de Cultura e Política*, São Paulo, v.1, n. 103, p. 167-202, jan./abr. 2018. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-64452018000100167&script=sci_arttext>. Acesso em: 13 ago. 2018.

HANCOCK, M.; LYRAS, A.; HA, J. Sport for development programmes for girls and women: A global assessment. *Journal of Sport for Development*, Washington, v. 1, n. 1, p. 15-24, abr. 2013.

HARGREAVES, J. *Heroines of Sport: The Politics of Difference and Identity*. New York: Routledge, 2000.

HIVELY, K.; EL-ALAYLI, A. You throw like a girl: The effect of stereotype threat on women's athletic performance and gender stereotypes. *Psychology of Sport and Exercise*, Amsterdam, v. 15, n. 1, p. 48-55, jan. 2014.

HOLANDA, A. F. C. *Traduzindo o Jornalismo para Tablets com a Teoria Ator-Rede*. 2014. 310 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas, Comunicação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/25181/1/Andr%c3%a9%20Holanda.pdf>>. Acesso em: 30 abr. 2019.

HOROCHOVSKI, R. R.; MEIRELLES, G. Problematizando o conceito de empoderamento. In: SEMINÁRIO NACIONAL MOVIMENTOS SOCIAIS, PARTICIPAÇÃO E DEMOCRACIA, 2., 2007, Florianópolis. *Anais...* Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2007. p. 485-506.

HSU, CHUNG-KUE. Femvertising: State of the art. *Journal of Brand Strategy*, Londres, v. 7, n. 1, p. 28-47, jan. 2018. Disponível em: <https://www.henrystewartpublications.com/sites/default/files/Femvertising_State%20of%20the%20art_Chung-Kue%20%28Jennifer%29%20Hsu.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2018.

IKF. *IKF Members*. Disponível em: <<https://ikf.org/ikf-members/>>. Acesso em: 17 ago. 2018a.

IKF. *IKF Statutes 2011*. Disponível em: <<https://ikf.org/wp-content/uploads/2015/10/IKF-Statutes-2011-final-revised-version.pdf>>. Acesso em: 17 ago. 2018.

IKF. *IKF Joins Olympic Channel*. 2018. Disponível em: <<https://ikf.org/ikf-joins-olympic-channel/>>. Acesso em: 18 Jul. 2018b.

INFORME REGIONAL. *Trabajo decente e igualdad de género*. Políticas para mejorar el acceso y la calidad del empleo de las mujeres en América Latina y el Caribe Santiago, CEPAL, FAO, ONU Mujeres, PNUD, OIT. 2013. Disponível em: <http://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/@americas/@ro-lima/@sro-santiago/documents/publication/wcms_233161.pdf>. Acesso em: 06 dez. 2017

JURNO, A. C.; D'ANDREA, C. Agenciamentos e redes textuais no Facebook: uma cartografia do feed de notícias. *Revista Comunicare*, v. 15, n. 2, p. 22-36, 2015.

KANG, J. A volatile public: The 2009 Whole Foods boycott on Facebook. *Journal of*

Broadcasting & Electronic Media, v. 56, n. 4, p. 562-577, 2012.

JOLY, M. *Introdução à análise da imagem*. Campinas: Editora Papirus, 2017.

KEMP, S. *Digital 2020: 3.8 billion people use social media*. 2020. Disponível em: <<https://wearesocial.com/blog/2020/01/digital-2020-3-8-billion-people-use-social-media>>. Acesso em: 04 fev. 2020.

KIRKBY, R. *Gender equity survey shows positive results*. 2016. Disponível em: <<http://ikf.org/wp-content/uploads/2016/05/GenderRelationsSurveyReport-2016.pdf>>. Acesso em: 11 jan. 2017.

KLEBA, M. E.; WENDAUSEN, A. Empoderamento: processo de fortalecimento dos sujeitos nos espaços de participação social e democratização política. *Saúde e sociedade*, São Paulo, v. 18, n. 1, p. 733-743, jan. 2009.

KOK, H.; KLAASSEN, R.; BACKX, F. Effort thrombosis: A case report on a professional korfbal player. *Sport en Geneeskunde*, Utrecht, v. 44, n. 3, p. 20-25, ago. 2011.

KOO, L. O papel da WEB 3.0 no consumo contemporâneo. *Pensamento & Realidade*, São Paulo, v. 24, n. 2, p. 109-124, jan./abr. 2009.

LATOURETTE, B. *Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora*. São Paulo: UNESP, 2000.

LATOURETTE, B. *Reassembling the social: An introduction to actor-network-theory*. New York: Oxford University Press, 2005.

LAVILLE, C.; DIONNE, J. *A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas*. Porto Alegre: Penso, 2016.

LAZZARI, P. R. Corfebol: estratégias metodológicas na integração de gêneros. In: *Os professores PDE e os desafios da escola pública paranaense*. Produção didático-pedagógica: Secretaria de Educação, v. 1, p. 1-19, 2012. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2012/2012_unicentro_edfis_artigo_paulo_roberto_lazzari.pdf>. Acesso em: 05 set. 2018.

LAZZARI, P. R. Corfebol: uma possibilidade metodológica para integrar meninos e meninas na aula de educação física. In: *Os professores PDE e os desafios da escola pública paranaense*. Produção didático-pedagógica: Secretaria de Educação, v. 2, p. 1-34, 2012a. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2012/2012_unicentro_edfis_pdp_paulo_roberto_lazzari.pdf>. Acesso em: 05 set. 2018.

LAW, J. *A sociology of monsters, essays on power, technology and domination*. London: Routledge, 1991.

LEAL, M. A.; OLIVEIRA, F. F. *O Corfebol nas aulas de Educação Física*. 2006. Trabalho de Conclusão de Curso - (Graduação em Educação Física) - Centro Universitário Augusto Motta, Rio de Janeiro, 2006. Disponível em:

<<http://www.cdof.com.br/gifs/koferbol/O%20CORFEBOL%20NAS%20AULAS%20DE%20EDUCA%C7%C3O%20F%CDSICA.doc>>. Acesso em: 05 set. 2018.

LEMOS, A. *A comunicação das coisas: Teoria Ator-Rede e cibercultura*. São Paulo: Annablume, 2013.

LÉVY, P. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 2010.

LIGHT, B.; McGRATH, K. Ethics and social networking sites: a disclosive analysis of Facebook. *Information Technology & People*, v. 23, n. 4, p. 290-311, 2010.

LIM, S. Y.; DIXON, M. A. A conceptual framework of sport participation and women's empowerment. *Managing Sport and Leisure*, Abingdon, v. 22, n. 5, p. 400-413, jul. 2018.

LIM, S.; Y. *Examining women's experiences of sport participation and (dis) empowerment*. 2015. 120f. Tese (Doutorado em Filosofia) – Departamento de Cinesiologia, Educação e Saúde, The University of Texas, Austin, 2015. Disponível em: <<https://repositories.lib.utexas.edu/bitstream/handle/2152/31474/LIM-DISSERTATION-2015.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 10 set. 2018.

LIMA, M. A. Q. *Hashtags de cunho racista: efeitos de sentido e formas-sujeito em comentários e relatos em redes sociais*. 2017. 131f. Dissertação (Mestrado em Estudo de Linguagens) - Departamento de Ciências Humanas, Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2017.

LINHARES, R. N.; CHAGAS, A. M. Conectivismo e aprendizagem colaborativa em rede: o facebook no ensino superior. *Revista Lusófona de Educação*, Lisboa, v. 29, n. 29, p. 71-87, jun. 2015.

LINKER, J. M. *et al.* Physical Education gym class heroes, try-hards, and all-stars: an analysis of facebook comments. *Physical Educator*, Michigan, v. 75, n. 3, p. 414-437, jan. 2018.

LOISEAU, E.; NOWACKA, K. *Can social media effectively include women's voices in decision-making processes?* OECD Development Centre, March 2015, p.1-5. Disponível em: <https://www.oecd.org/dev/development-gender/DEV_socialmedia-issuespaper-March2015.pdf>. Acesso em: 17 mar 2017.

MACHADO, A. C. T. Novas formas de produção de conhecimento: utilização de ferramentas da WEB 2.0 como recurso pedagógico. *Revista Udesc Virtual*, Florianópolis, v. 1, n. 2, p. 1-18, jan. 2008.

MACKAY, S.; DALLAIRE, C. Skateboarding Women and Self-formation as Ethical Subjects. *Sociology of Sport Journal*, Champaign, v. 30, n. 2, p. 173-196, jun. 2013.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. *Fundamentos de metodologia científica*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MARINHO, P. A. S.; GONÇALVES, H. S. Práticas de empoderamento feminino na América Latina. *Revista de estudios sociales*, Bogotá, v. 1, n. 56, p. 80-90, abr. 2016.

MARRES, N.; GERLITZ, C. Interface Methods: Renegotiating relations between digital social research, STS and sociology. *Sociological Review*, v. 64, n. 1, p. 21-46, 2016. Disponível em: <<https://journals.sagepub.com/doi/10.1111/1467-954X.12314>>. Acesso em: 10 dez. 2018.

MARTINO, L. M. S. *Teorias das mídias digitais: linguagens, ambientes e redes*. Petrópolis: Vozes, 2014.

MARTINS, J. S. *Sociologia da fotografia e da imagem*. São Paulo: Contexto, 2008.

MATIAS-PEREIRA, J. *Manual de Metodologia da Pesquisa Científica - 4ª Ed.* Campos Elíseos: Atlas, 2016.

MELO, M. F. A. Q.; MORAES, M. O. Ludicidade, tecnologias e teoria ator-rede: agregando contribuições. *Athenea digital*, v. 16, n. 3, p. 189-205, 2016.

McCORD, B.; RODEBAUGH, .T. L.; LEVINSON, C. A. Facebook: Social uses and anxiety. *Computers in Human Behavior*, v. 34, p. 23-27, 2014.

McEWAN, B. *et al.* Development and validation of a Facebook relational maintenance measure. *Communication Methods and Measures*, v. 8, n. 4, p. 244-263, 2014.

MACKENZIE, D.; WAJCMAN, J. Introductory essay: the social shaping of technology. In: MACKENZIE, D.; WAJCMAN, J. (orgs.), *The Social Shaping of Technology*. Maidenhead: Open University Press, 1999.

McPHERSON, S. *Empowering women and girls, one hashtag at a time*. 2014. Disponível em: <<https://www.forbes.com/sites/susanmcperson/2014/05/27/empowering-women-and-girls-one-hashtag-at-a-time/#d05aee058aca>>. Acesso em: 17 mar. 2017.

McRAE, S. Sex and Gender in International Sports: Athletes and the Social Construction of Sex. In: HALTINNER, K.; PILGERAM, R. (Orgs.) *Teaching Gender and Sex in Contemporary America*. Switzerland: Springer International Publishing, 2016. p. 3-13.

MEIER, E. P.; GRAY, J. Facebook photo activity associated with body image disturbance in adolescent girls. *Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking*, v. 17, n. 4, p. 199-206, 2014.

MESCH, G. S. Race, ethnicity and the strength of Facebook ties. *Journal of Youth Studies*, Abingdon v. 21, n. 5, p. 575-589, out. 2017.

MEZZADRI, F. M. *et al.* Sport Policies in Brazil. *International Journal of Sport Policy and Politics*, Abingdon, v. 7, n. 4, p. 655-666, ago. 2014.

MIRANDA, F. S.; ROCHA, D. G. O uso do Facebook na promoção da saúde: uma revisão bibliográfica sobre empoderamento e participação popular. *Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde*, Manguinhos, v. 12, n. 2, p. 232-243, abr./jun. 2018.

MORO, V. L. *et al.* Detalhamento do método. In: SANTOS, S. G. (Org.) *Métodos e técnicas de*

pesquisa quantitativa aplicada à Educação Física. Florianópolis: Tribo da Ilha, 2011. p. 191-208.

NASSI-CALÒ, L. *Teses e dissertações: prós e contras dos formatos tradicional e alternativo*. 2016. Scielo em Perspectiva. Disponível em: <<http://blog.scielo.org/blog/2016/08/24/teses-e-dissertacoes-pros-e-contras-dos-formatos-tradicional-e-alternativo/>>. Acesso em: 10 jan. 2018.

NAVARRO, J. G. Brazil: Facebook audience distribution 2020, by gender. 6 julho de 2020. Disponível em: <<https://www.statista.com/statistics/199239/distribution-of-users-on-facebook-brazil-gender/>>. Acesso em: 4 fev 2020.

NICOLINO, A. S.; PARAÍSO, M. A. Escolarização da sexualidade: o silêncio como prática pedagógica da Educação Física. *Movimento* (ESEFID/UFRGS), v. 24, n. 1, p. 93-106, 2018.

NCB. *Núcleo de Corfebol de Benfica: desde 1993... na Escola Secundária José Gomes Ferreira*. Disponível em: <<http://ncbcorfebol.wixsite.com/ncbenfica/historia>>. Acesso em: 22 ago. 2018.

OLIVEIRA, V. *Além das hashtags: a análise de imagens postadas por atletas no Instagram® e as diferenças relacionadas ao sexo*. 2016. 80f. Mestrado (Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Humano e Tecnologias) – Departamento de Educação Física da Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2016.

OLIVEIRA, K. E. J.; PORTO, C. M. *Educação e Teoria Ator-Rede: fluxos heterogêneos e conexões híbridas*. Ilhéus, BA: Editus, 2016.

ONU-MULHERES. *Princípios de Empoderamento de Mulheres*. Empresa. Disponível em: <<http://www.onumulheres.org.br/referencias/principios-de-empoderamento-das-mulheres/>>. Acesso em: 08 fev. 2020.

PARÉ, G.; KITSIOU, S. *Methods for Literature Reviews*. In: LAU, F.; KUZIEWSKY, C. *Handbook of eHealth Evaluation: An Evidence-based Approach [Internet]*. Victoria (BC): University of Victoria, 2017. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/books/NBK481583/>>. Acesso em: 16 set. 2021.

PARPART, J. L. *Choosing silence: Rethinking voice, agency and women's empowerment*. In: RYAN-FLOOD, R.; GILL, R. *Secrecy and Silence in the Research Process*. Abingdon: Routledge, 2013. p. 34-48.

PARTHUN, N. *London 2012: the Title IX Olympics*. 8 de agosto 2012. Disponível em: <<http://www.peoplesworld.org/article/london-2012-the-title-ix-olympics/>>. Acesso em: 06 dez. 2016.

PASSINI, G. K.; MATTHIESEN, S. Q. Sobre a produção de material didático para o ensino do atletismo na escola com auxílio das tecnologias da informação e comunicação. *Arquivos em Movimento*, Rio de Janeiro, v. 12, n. 2, p. 52-63, jun./dez. 2017.

PAUL, J.; STEINLAGE, C.; BLANK, S. Sport and bodily empowerment: female athletes experiences with roller derby, mixed martial arts and rugby. *Journal of Alternative*

Perspectives in the Social Sciences, Delray Beach, v. 6, n. 4, p. 402-438, abr. 2015.

PAUL, P. L. *Comparação crítica dos aplicativos microsoft excel e google formulários, na execução de uma pesquisa com alunos de curso técnico*. 2016. 57f. Monografia (Especialização em Educação na Cultura Digital) – Programa de Especialização da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

PEDROSO, M. *et al.* Desenvolvimento e validação de um questionário sobre uso do Facebook voltado para praticantes de atividades físicas em academias. *Revista Brasileira de Atividade Física & Saúde*, Pelotas, v. 22, n. 4, p. 382-395, jul. 2017. Disponível em: <<http://rbafs.org.br/RBAFS/article/download/9968/pdf>>. Acesso em: 10 ago. 2018.

PEREIRA, A. M. S.; RAMALHO, R. A.; PAIVA, C. C. Cultura participativa e marketing viral no YouTube e Redes Sociais. *Revista Temática*, João Pessoa, v. 9, n. 8, p.1-14, ago. 2013.

PERKINS, D. D.; ZIMMERMAN, M. A. Empowerment theory, research, and application. *American Journal of Community Psychology*, New Jersey, v. 23, n. 5, p. 569-579, jan./fev. 1995.

PESSOA, A. P. S.; PANIAGO, M. C. L. Interactions in the social networking Facebook between teachers in education process. *Interações*, Campo Grande, v. 19, n. 2, p. 429-438, abr./jun. 2018.

PINTO, E. L.; ANDRADE JUNIOR, H.; LUZ, R. P. Pró-Equidade de Gênero: incorporando políticas de ação afirmativa no mundo do trabalho. *Revista do Serviço Público*, Brasília, v. 60, n. 4, p. 401-413, out./dez. 2014.

PRAUDE, C. C. *Arte Computacional e Teoria Ator-Rede: actantes e associações intersubjetivas em cena*. 2015. 247 f. Tese (Doutorado em Artes) - Universidade de Brasília, Brasília, 2015. Disponível em:< <http://repositorio.unb.br/handle/10482/19018>>. Acesso: 1 jun. 2016.

PRIMO, A. Interações mediadas e remediadas: controvérsias entre as utopias da cibercultura e a grande indústria midiática. In: PRIMO, A. (Org.) *Interações em Rede*. Porto Alegre: Editora Sulina, 2013.

PRIMO, A. O que há de social nas mídias sociais? Reflexões a partir da teoria ator-rede. *Contemporânea: Comunicação e Cultura*. Salvador, v. 10, n. 3 (set./dez. 2012), p. 618-641, 2012. Disponível em: < <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/166331/001047723.pdf?sequence=1>>.

PUCIHAR, A. *et al.* Can Sport and Wellness Technology be My Personal Trainer? Teenagers and Digital Coaching. In: BLED ECONFERENCE: DIGITAL TRANSFORMATION: MEETING THE CHALLENGES, 31., 2018, Slovenia. *Anais...* Slovenia: University of Maribor, 2018. p. 463-476. Disponível em: < <http://press.um.si/index.php/ump/catalog/view/343/309/555-1>>. Acesso em: 15 ago. 2018.

RAPPAPORT, J. Terms of empowerment/exemplars of prevention:toward a theory for community psychology. *American Journal of Community Psychology*, New Jersey, v. 15, n. 2, p. 121-148, 1987. Disponível em:

<<https://onlinelibrary.wiley.com/doi/pdf/10.1007/BF00919275>>. Acesso em: 14 ago 2018.

RECUERO, R. *A Conversação em Rede*. Porto Alegre: Sulina, 2012.

RECUERO, R. Curtir, compartilhar, comentar: trabalho de face, conversação e redes sociais no Facebook. *Verso e Reverso*, São Leopoldo, v. 28, n. 68, p. 117-127, mai./ago. 2014.

RECUERO, R. *Redes Sociais na Internet*. Porto Alegre: Sulina, 2009.

REZENDE, N.; NICOLAU, M. Hashtags na publicidade: a relação do #Vemprarua #Ogiganteacordou com as manifestações de junho/julho no Brasil. *Revista Temática*, João Pessoa, v. 10, n. 5, p. 219-227, mai. 2014.

RIBEIRO, S. J. T.; ALVES, M. P.; MARTINS, C. Rede sociotécnica e a formação do professor de educação física. CIET:EnPED, [S.l.], jun. 2018. ISSN 2316-8722. Disponível em: <<http://cietenped.ufscar.br/submissao/index.php/2018/article/view/498>>. Acesso em: 29 abr. 2019.

RICHARDSON, R. J. *Pesquisa Social: Métodos e Técnicas*. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2017.

RODRIGUES, L. M.; LUVIZOTTO, C. K. Feminismo na internet: o caso do coletivo marcha das vadias e sua página no facebook. *Colloquium Humanarum*, Presidente Prudente, v. 11, n. 1, p. 367-375, jul./dez. 2014.

RODRIGUES, N. H. Tecnologias virtuais e análise videográfica: o YouTube® como recurso de pesquisa para compreensão sobre a imagem do idoso brasileiro. 2015. 154f. Mestrado (Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Humano e Tecnologias) – Departamento de Educação Física, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2015.

RODRIGUES, R. A. "*Femvertising*: empowering women through the hashtag? A comparative analysis of consumers' reaction to feminist advertising on twitter". 2016. 57f. Dissertação (Mestrado em Marketing) - Instituto Superior de Economia e Gestão, Universidade de Lisboa, 2016. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10400.5/12754>>. Acesso em: 10 ago. 2018.

ROGERS, M. J. A. *Cashing in on girl power*: The commodification of postfeminist ideals in advertising. 2017. 96f. Tese (Mestrado em Artes) – Departamento de Jornalismo, Universidade do Missouri, Columbia, 2017.

ROMEIRO, N.; SILVA, F. C. G. A Folksonomia das hashtags como instrumento de militância contra o assédio sexual no Facebook: Avaliação da hashtag #MexeuComUmaMexeuComTodas. *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 215-232, mai./ago. 2018.

ROSE, G. *Visual methodologies*: an introduction to the interpretation of visual materials. California: Sage Publications, 2001.

ROY, K. *What hashtag culture teaches us about gender equity*. 16 abril 2016. Disponível em: <<https://medium.com/@katicaroy/what-hashtag-culture-teaches-us-about-gender-equity-d4b13a367d46>>. Acesso em: 21 ago. 2018.

RUBIO, K. *et al.* Women and sport in Brazil. In: D'AMICO, R. L.; BENN, T.; PFISTER, G. (Org.). *Women and Sport in Latin America*. 1 ed. New York: Routedge, 2016. p. 69-80.

SAMIE, S. F. *et al.* Voices of empowerment: women from the Global South re/negotiating empowerment and the global sports mentoring programme. *Sport in Society*, Londres, v. 18, n. 8, p. 923-937, jan. 2015.

SANTAELLA, L. *Comunicação e pesquisa: Projetos para Mestrado e Doutorado*. São Paulo: Hacker, 2001.

SANTAELLA, L. Intersubjetividade nas redes digitais: repercussões na educação. In: PRIMO, A. (org). *A Internet em rede*. Porto Alegre: Sulina, 2013. p. 33-50.

SANTAELLA, L.; LEMOS, R. *Redes sociais digitais. A cognição conectiva do Twitter*. São Paulo: Editora Paulus, 2010.

SARRUGE, C. S. L. *Compreensão da lógica do jogo na iniciação do voleibol: a contribuição das novas tecnologias*. 2018. 159f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Humano e Tecnologias) - Departamento de Educação Física, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2018.

SCHWARTZ, G. M.; SILVA, R. L. Videogames e atividades aquáticas. [Palestra]. In: Congresso Nordeste de Atividades Aquáticas, Congresso Internacional de Atividades Aquáticas, 1, 1., 2017, Guanambi. *Anais...* Guanambi: Universidade do Estado da Bahia, 2017.

SEAL, E.; SHERRY, E. Exploring Empowerment and Gender Relations in a Sport for Development Program in Papua New Guinea. *Sociology of Sport Journal*, Champaign. 1-36, jan 2018. Disponível em: <<https://journals.humankinetics.com/doi/pdf/10.1123/ssj.2017-0166>>. Acesso 13 ago 2018.

SILVA, J. B. *et al.* Tecnologias digitais e metodologias ativas na escola: o contributo do Kahoot para gamificar a sala de aula. *Revista Thema*, Pelotas, v. 15, n. 2, p. 780-791, 2018a. Disponível em: <<http://revistathema.ifsul.edu.br/index.php/thema/article/view/838/791>>. Acesso em: 15 ago. 2018.

SILVA, T. Uso e desenvolvimento de aplicativos sociais: perspectiva da teoria ator-rede. *Razón y Palabra*, v. 16, n. 76, 2011.

SILVA, M. T. C.; SALGADO, P. F. P. Redes sociais, em especial o Facebook, na interpretação das possibilidades de ações das práticas docentes no ensino. Uma ferramenta capaz de agir diretamente no processo didático-pedagógico. In: SIED: ENPED/SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA E ENCONTRO DE PESQUISADORES EM EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA, 3., 2016, São Carlos. *Anais...* São Carlos: Universidade Federal de São Carlos, 2016. p. 1-24.

SILVA, P. *et al.* Estratégias de resistência e empoderamento de treinadoras brasileiras e portuguesas. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Brasília, edição online, 2017a. Disponível em: <<https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0101328915300226>>. Acesso em: 08 ago. 2018.

SILVA, R. L. *et al.* Corfêbol, empoderamento feminino e igualdade de gênero: perspectiva de treinadores do Brasil e de Portugal. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA E MOTRICIDADE HUMANA, SIMPÓSIO PAULISTA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, 10, 15., 2017, Rio Claro. *Anais...* Rio Claro: Universidade Estadual Paulista, 2017b. p. 1-2.

SILVA, R. L. *et al.* A mulher nos esportes de aventura: notas sobre o empoderamento feminino. *Revista Hipótese*, Itapetininga, v. 4, n. 3, p. 156-174, ago. 2018b.

SILVA, R. L.; SCHWARTZ, G. M. *As emoções das atividades físicas de aventura na natureza e a resignificação do papel feminino*. 2004. 190f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Motricidade) – Departamento de Educação Física, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2004. Disponível em: < <https://novo.cev.org.br/biblioteca/as-emocoes-das-atividades-fisicas-aventura-natureza-e-ressignificacao-papel-feminino/>>. Acesso em: 04 dez. 2018.

SILVA, R. L.; SCHWARTZ, G. M. *Gênero, Discriminação, Homossexualidade Feminina e Lazer*. 2000. 98f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Educação Física) – Departamento de Educação Física, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2000. Disponível em: < <https://novo.cev.org.br/biblioteca/genero-discriminacao-homossexualidade-feminina-e-lazer/>>. Acesso em: 04 dez. 2018.

SILVERMAN, R. E. Empowertise me! Understanding marketplace feminism through deconstructing advertisements. *Communication Teacher*, Abingdon, v. 32, n. 1, p. 48-53, out. 2017.

SILVESTRE, A. L. *Análise de dados e estatística descritiva*. Lisboa: Escolar Editora, 2007.

SIMARD, S.; LABERGE, S.; DUSSEAUT, M. Empowerment revisited: How social work integrated into a sports programme can make a difference. *Journal of Sport for Development*, Washington, v. 2, n. 3, p. 1-13, set. 2014.

SOARES, C. L. *Imagens da educação no corpo*. 3ª ed. Campinas: Autores Associados, 2005.

SPEECHLYS, C. R. *Sports Governance Update – New Code for Sports Governance* published. Reino Unido, 2 de novembro 2016. Disponível em: <<http://www.lexology.com/library/detail.aspx?g=599a1128-6995-40cb-9be6-31e8d1344f8d>>. Acesso em: 06 dez. 2017.

STATISTA. *Leading countries based on number of Facebook users as of July 2018 (in millions)*. Disponível em: <<https://www.statista.com/statistics/268136/top-15-countries-based-on-number-of-facebook-users/>>. Acesso em: 09 ago. 2018b.

STATISTA. *Number of monthly active Facebook users worldwide as of 2nd quarter 2018 (in millions)*. Disponível em: <<https://www.statista.com/statistics/264810/number-of-monthly-active-facebook-users-worldwide/>>. Acesso em: 09 ago. 2018a.

STROMQUIST, N. P. The theoretical and practical bases for empowerment. In: MEDEL-AFIONUEVO, C. (Ed). *Women, education, and empowerment: Pathways towards autonomy*. Germany: Unesco, 1995. p. 13-22.

SUMMERFIELD, K.; WHITE, A. Korfball: A model of egalitarianism? *Sociology of Sport Journal*, Champaign, v. 6, n. 2, p. 144-151, jun. 1989.

TEIXEIRA, A. F. *et al.* A Rede Social Facebook e suas possibilidades pedagógicas em diferentes níveis de ensino: uma Revisão Sistemática da Literatura. *Revista Espacios*, Caracas, v. 38, n. 5, p. 1-11, set. 2017. Disponível em: <<http://www.revistaespacios.com/a17v38n05/17380514.html>>. Acesso em: 10 ago 2018.

THOMAS, J. R.; NELSON, J. K.; SILVERMAN, S. J. *Métodos de pesquisa em atividade física*. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 2012.

THOMPSON, S.; FINNIGAN, J. Egalitarianism in Korfball is a Myth. *New Zealand Journal of Health, Physical Education & Recreation*, Waikato, v. 23, n. 4, p. 7-11, 1990

TITTLE IX. *Faces of Tittle IX*. Disponível em: <<http://www.tittleix.info/Resources/News-Articles/40th-Anniversary-of-Title-IX-The-Next-Generation.aspx>>. Acesso em: 06 dez 2017.

TOM, T.; PRAVEEN, T. Sports as a catalyst in women empowerment. *Asian Journal of Multidimensional Research (AJMR)*, Nova Delhi, v. 7, n. 2, p. 719-724, fev. 2018. Disponível em: <<http://www.indianjournals.com/ijor.aspx?target=ijor:ajmr&volume=7&issue=2&article=112>>. Acesso em 12 ago 2018.

TRIVIÑOS, A. N. S. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. 1ª Ed. 18ª Reimpressão – São Paulo: Atlas, 2009.

TSEKERIS, C. Industry 4.0 and the digitalisation of society: Curse or cure? *Homo Virtualis*, v. 1, n. 1, p. 4-12, 2018.

TSEKERIS, C. Surviving and thriving in the Fourth Industrial Revolution: Digital skills for education and society. *Homo Virtualis*, v. 2, n. 1, p. 34-42, 2019.

TURNER, S. G.; MASCHI, T. M. Feminist and empowerment theory and social work practice. *Journal of Social Work Practice*, Londres, v. 29, n. 2, p. 151-162, mar. 2015.

UCHOA, A. G. F.; GODOI, C. K. Metodologias qualitativas de análise de imagens: origem, historicidade, diferentes abordagens e técnicas. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS, 4., 2016, Porto Alegre. *Anais...* Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2016. p. 1-7.

VAN PEBORGH, E. *Odisea 2.0: las marcas e lós medios sociales*. Buenos Aires: La Crujía, 2010.

VAZ, A. F. Esporte: encontro entre corpo, técnica e tecnologia. *Cadernos de Formação RBCE*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, p. 88-96, set 2016.

VENTURINI, T.; MUNK, A.; JACOMY, M. Ator-rede versus Análise de Redes versus Redes Digitais: falamos das mesmas redes? *Galáxia* (São Paulo, online), n. 38, mai-ago., p. 5-27, 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/1982-2554236645>

VIANNA, C. *Políticas de educação, gênero e diversidade sexual: breve história de lutas, danos e resistências*. Autêntica, Belo Horizonte, 2018.

VIEIRA, E. F. A sociedade cibernética. *Cadernos Ebape. BR*, v. 4, n. 2, p. 01-10, 2006. Disponível em: < <https://www.scielo.br/pdf/cebape/v4n2/v4n2a08.pdf>>. Acesso em: 2 fev. 2021.

VIEIRA, I. *Mulheres na Rio 2016: futuro no esporte é feminino*, diz vice-presidente do COI. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/rio-2016/noticia/2016-08/mulheres-na-rio-2016-futuro-no-esporte-e-feminino-diz-vice-presidente-do>>. Acesso em: 15 dez 2017.

WE ARE SOCIAL/HOOTSUÍTE. *Digital 2021*. Disponível em: < <https://wearesocial.com/digital-2021>>. Acesso em: 23 set. 2021.

WELLARD, I. Gendered performances in sport: an embodied approach. *Palgrave Communications*, Basingstoke, v. 2, n. 1, p. 1-7, mar. 2016. Disponível em: <<http://www.palgrave-journals.com/articles/palcomms20163>>. Acesso em: 09 ago. 2018.

WOOD, Z. C.; GARN, A. C. Leveling the playing field? Perspectives and observations of coed intramural flag football modifications. *Sociology of Sport Journal*, Champaign, v. 33, n. 3, p. 240-249, set. 2016.

ZIMMERMAN, M. A. Empowerment theory: Psychological, organizational and community levels of analysis. In RAPPAPORT, Julian; SEIDMAN, Edward. (Eds.), *Handbook of Community Psychology*. New York: Kluwer Academic/Plenum Publishers, 2000. p. 43-63.

ZIMMERMAN, M. A. Psychological empowerment: Issues and illustrations. *American Journal of Community Psychology*, New Jersey, v. 23, n. 5, p. 581-599, out. 1995.

APENDICE A – Instrumento – Questionário aplicado aos atletas de corfebol

Facebook®, Igualdade de Gênero e Empoderamento

Prezado(a):

Gostaria de convidá-lo(a) para participar da minha Tese intitulada: Facebook®, Igualdade de Gênero e Empoderamento Feminino no Corfebol, a qual tem por objetivo analisar o papel do Facebook® como um recurso na difusão de valores de igualdade de gênero e empoderamento feminino no Corfebol. Este trabalho é desenvolvido por mim, Renata Laudares Silva, sob a supervisão da Prof.^a Dr.^a. Gisele M. Schwartz, do Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Humano e Tecnologias, do Departamento de Educação Física, da Universidade Estadual Paulista/UNESP, Campus de Rio Claro/SP.

Gostaríamos muito de contar com a sua percepção sobre essas questões respondendo o questionário. O tempo médio para responder o questionário é de 20 minutos.

Caso existam dúvidas no preenchimento ou necessite de esclarecimentos, favor contatar-nos pelo e-mail: renata.laudares@gmail.com

Desde já agradecemos pela disponibilidade e atenção e esperamos receber sua valiosa contribuição.

Parte 1 - Caracterização da Amostra:

Gênero:

- Feminino
- Masculino
- Outro

Idade:

Estado Civil:

- Solteiro(a)
- Casado(a)
- Divorciado(a)
- Amasiado(a)
- Viúvo(a)

Escolaridade:

- Analfabeto (a)
- Ensino Fundamental Incompleto
- Ensino Fundamental Completo
- Ensino Médio Incompleto
- Ensino Médio Completo
- Ensino Superior Incompleto
- Ensino Superior Completo
- Pós Graduação Incompleta
- Pós Graduação Completa


Renda em salários

- Sem renda
- De 1 a 2 SM
- De 3 a 4 SM
- Acima de 5 SM

Profissão/Ocupação:**Há quanto tempo pratica Corfebol:****Com qual frequência você pratica Corfebol:****Parte 2 - Questionário**

1. O que você entende por igualdade de gênero?
2. O que você entende por empoderamento feminino?
3. Como é a experiência de jogar em uma equipe mista? Explique sua resposta.
4. O Corfebol pode ajudar na promoção da igualdade de gênero no contexto esportivo? Explique sua resposta.
5. O Corfebol pode contribuir na promoção do empoderamento feminino no contexto esportivo? Explique sua resposta.
6. Por que o Corfebol ainda é um esporte pouco conhecido e difundido em relação à outras modalidades esportivas no Brasil? Explique sua resposta.
7. Em sua opinião, como o Corfebol pode ser difundido?
8. O que você sugere para melhorar a difusão deste esporte no Brasil?
9. Você compartilha mídias (imagem, vídeos, textos) no Facebook® sobre o Corfebol com seus colegas de equipe, amigos e/ou familiares? Explique sua resposta.
10. Você tem o hábito de acompanhar publicações no Facebook® sobre o Corfebol? Explique sua resposta.
11. Você interage (curte, compartilha e/ou marca amigos) com as publicações do Facebook® sobre o Corfebol? Explique sua resposta.
12. Você já postou, curtiu, compartilhou algum post sobre igualdade de gênero relacionado ao Corfebol no Facebook®? Em caso afirmativo, cite sobre o que ela narrava.
13. Você já postou, curtiu, compartilhou algum post sobre empoderamento feminino relacionado ao Corfebol no Facebook®? Em caso afirmativo, cite sobre o que ela narrava.
14. Você costuma postar e/ou compartilhar no Facebook® hashtags relacionadas:
 - () Ao corfebol
 - () À igualdade de gênero
 - () Ao empoderamento feminino
 - () Não faço uso de hashtag e/ou desconheço o assunto
15. A função da hashtag no Facebook® é agrupar os assuntos por temas e depois facilitar a localização desses conteúdos. Você acha que essa ferramenta funciona acerca do Corfebol e suas
16. Você acha que o Facebook® é uma rede social que ajuda na difusão do Corfebol globalmente, assim como nas questões de igualdade de gênero e do empoderamento feminino no esporte? Explique sua resposta.

APÊNDICE B – Carta Convite aos juízes convidados a comporem a comissão de avaliação dos instrumentos da pesquisa

	<p>UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO” DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA LEL - LABORATÓRIO DE ESTUDOS DO LAZER</p>
---	--

Carta convite - Comitê de avaliadores

Prezado senhor (a),

Meu nome é Renata Laudares Silva, sou aluna do Curso de Doutorado no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Humano e Tecnologias (PPGDHT – UNESP, Rio Claro), linha de pesquisa Tecnologia, Corpo e Cultura, sob orientação da Professora Dra. Gisele Maria Schwartz. Meu projeto de tese intitulado *Facebook*, Igualdade de Gênero e Empoderamento Feminino no Corfebol tem por objetivo analisar o papel da rede social *Facebook* como um recurso na difusão de valores de igualdade de gênero e empoderamento feminino no corfebol, único esporte coletivo que possui equipes mistas e preza pela igualdade de gêneros no contexto esportivo. Para tanto, gostaria de convidá-lo(a) para compor o comitê de juízes, o qual, de acordo com Pasquali (2010), será responsável por ajuizar cada questão do questionário.

Manual para a avaliação do instrumento:

O presente manual tem por objetivo explicar detalhadamente as questões que compõem o instrumento, a fim de facilitar a análise. Em um primeiro momento, solicita-se que o juiz indique uma nota de 1 a 5 para cada questão, baseando-se em dois critérios: clareza e relevância.

As definições de cada critério, de acordo com o que se quer avaliar, encontram-se a seguir:

1. Clareza: espera-se que o avaliador identifique se a questão está formulada de forma objetiva e compreensível.
2. Relevância: espera-se que o avaliador identifique se a questão é significativa para atingir o objetivo proposto (objetivo: analisar o papel do *Facebook* como um recurso na difusão de valores de igualdade de gênero e empoderamento feminino no corfebol).

Em seguida, será necessário compreender a definição das duas categorias de análise, a saber:

1. Corfebol, igualdade de gênero e empoderamento feminino - refere-se à compreensão dos elementos relacionados às interfaces desse esporte e a igualdade de oportunidades entre os gêneros e a perspectiva de empoderamento feminino.
2. *Facebook* e conteúdos sobre corfebol, igualdade de gênero e empoderamento feminino - refere-se à análise do *Facebook* e o seu potencial papel na difusão de conteúdos relacionando o corfebol e as questões de gênero e empoderamento feminino.

A partir desses esclarecimentos, o(a) senhor(a) marcará com um “x” a categoria na qual cada questão se adequa. Ao avaliar as questões que compõem o roteiro do questionário, solicita-se que o juiz faça suas

observações e sugestões de alterações, quando estas forem necessárias. Todas as sugestões poderão melhorar a qualidade deste instrumento.

1.Caracterização da mostra:

Gênero:

Idade:

Escolaridade:

() Ens. Fundamental () Ens. Médio () Superior incompleto () Superior Completo () Pós-Graduação

Profissão:

Tempo de prática no Corfebol:

Competidor: () Sim () Não

(Objetivo: analisar o papel do *Facebook* como um recurso na difusão de valores de igualdade de gênero e empoderamento feminino no corfebol – APENAS PARA O JUIZ)

1	Inadequado
2	Pouco adequado
3	Aceitável
4	Adequado
5	Muito Adequado

APÊNDICE C: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) - Atletas**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - (TCLE)
(Conselho Nacional de Saúde, Resolução 466/2012).**

Convidamos o(a) senhor(a), a participar de uma pesquisa intitulada: “REDES SOCIAIS: NOTAS SOBRE O EMPODERAMENTO FEMININO E O CORFEBOL” (PROVISÓRIO). O projeto é de responsabilidade de, Renata Laudares Silva, RG: 7.737.544, aluna de doutorado da Pós-Graduação da UNESP, sob a orientação da Profa. Dra. Gisele Maria Schwartz. O objetivo principal deste estudo é investigar as potencialidades da rede social *Facebook*®, no auxílio à difusão de valores de igualdade de gênero e empoderamento feminino, na visão de atletas de Corfebol do Brasil. Único esporte que possui equipes mistas e preza pela igualdade de gêneros no contexto esportivo.

Caso o(a) senhor(a) aceite participar desse estudo, esclarecemos que a sua participação na pesquisa consistirá em responder um questionário, o qual consiste em um roteiro com questões fechadas, elencadas em uma sequência lógica e aplicadas de maneira uniforme a todos os entrevistados, permitindo a captação dos saberes e ideias dos indivíduos a serem pesquisados. Caso haja dúvidas, quanto aos instrumentos de coleta dos dados, a pesquisadora será capaz de esclarecer todas as dúvidas existentes.

A participação é voluntária e a eventual recusa em participar, seja em qualquer momento da pesquisa, não lhe provocará nenhum dano ou punição. Sua participação nesta pesquisa não irá gerar nenhum gasto e também não haverá remuneração pela sua participação, sendo esta, totalmente voluntária. Quaisquer dúvidas que o(a) senhor(a) tenha, poderão ser esclarecidas em qualquer momento desta pesquisa, mesmo após o seu término.

Conquanto os riscos de sua participação sejam pequenos e que esse instrumento (questionário) não devem lhe trazer nenhum tipo de constrangimento, há um pequeno risco que isso ocorra, desta forma, para minimizar esses riscos serão tomadas as providências e precauções, como proporcionar a liberdade ao senhor(a) de a qualquer momento se negar a responder qualquer pergunta, que não lhe seja conveniente ou que esteja desconfortável em respondê-la, além da realização do preenchimento do questionário ser de total privacidade e individualmente, beneficiando a sua particularidade, além disso, as questões poderão deixar de ser respondidas.

Esclarecemos também que, outro procedimento para minimizar ainda mais esses riscos é o de manter sob amplo, absoluto e irrestrito sigilo, durante e após o término do estudo, todos

os dados que o(a) identifique e todas as informações pessoais coletadas. Os dados serão confidencialmente utilizados somente para fins de pesquisa e científicos, serão apresentados em congressos, na forma de resumos e/ou artigos e submetidos a revistas científicas sob a forma de artigos, e também na forma de tese de doutorado. O material com as suas informações (questionário) ficará guardado sob a responsabilidade da pesquisadora, responsável com a garantia de manutenção do sigilo e confidencialidade. Os benefícios decorrentes da participação na pesquisa, incluem o acesso que o senhor(a) terá sobre os resultados das avaliações realizadas, assim como a pesquisa permitirá ampliar o conhecimento sobre essa temática de gênero e do empoderamento feminino no contexto do Corfebol, beneficiando, assim, as discussões acadêmicas, e conseqüentemente, abrindo caminho para novos olhares sobre a participação da mulher no esporte.

Após as explicações e leitura deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, se alguma dúvida persistir ou se o senhor(a) julgar necessária informações adicionais sobre qualquer aspecto deste projeto de pesquisa, sinta-se à vontade para perguntar. Se o senhor(a) se sentir suficientemente esclarecido sobre essa pesquisa, seus objetivos, eventuais riscos e benefícios, convido-o(a) a assinar este Termo, que será enviado via *Google Docs* por e-mail. O presente Termo será elaborado em duas vias, sendo que uma ficará com o senhor(a), com a assinatura da pesquisadora e outra, assinada pelo senhor(a) que deverá ser devolvida a pesquisadora.

Local/Data

Assinatura do Participante da Pesquisa

**Doutoranda Renata Laudares Silva
Pesquisadora Responsável**

Dados sobre a Pesquisa

Título do projeto (provisório): **“REDES SOCIAIS E AS QUESTÕES DE GÊNERO: NOTAS SOBRE O EMPODERAMENTO FEMININO E O CORFEBOL”**

Pesquisador responsável: Renata Laudares Silva.

Cargo/função: Aluna de Pós Graduação em Desenvolvimento Humano e Tecnologias
Departamento de Educação Física – LEL – Laboratório de Estudos do Lazer.

Instituição: Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP – Campus de Rio Claro/SP.

Endereço: Avenida 24A, 1515, Bela Vista, Rio Claro/SP – CEP: 13506-900

Telefone: (19)98154-5665

E-mail: renata.laudares@gmail.com

Orientadora: Profa. Dra. Gisele Maria Schwartz

Cargo/função: Professora Adjunta na Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Departamento de Educação Física – LEL – Laboratório de Estudos do Lazer.

Instituição: Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP – Campus de Rio Claro/SP.

Endereço: Avenida 24A, 1515, Bela Vista, Rio Claro/SP – CEP: 13506-900

Telefone: (19) 3526-4335.

E-mail: schwartz@rc.unesp.br

CEP-IB/UNESP-RC

Comitê de Ética em Pesquisa - Prédio da Administração.

Endereço: Av. 24A, nº 1515 – Bela Vista – 13506-900 – Rio Claro/SP.

Telefone: (19) 3526-9678/3526-9605/3526-4105.

E-mail: cepib@rc.unesp.br ou staib@rc.unesp.br

Horário de Funcionamento: 13:30 às 17:00h.

Dados sobre o participante da pesquisa:

Nome: _____

Documento de Identidade: _____

Gênero: _____ Data de Nascimento: ____ / ____ / ____

Endereço: _____

Telefone para contato: _____

ANEXO A – COMPROVANTE DE APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA

UNESP - INSTITUTO DE
BIOCIÊNCIAS DE RIO CLARO
DA UNIVERSIDADE ESTADUAL



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: REDES SOCIAIS: NOTAS SOBRE O EMPODERAMENTO FEMININO E O

Pesquisador: RENATA LAUDARES SILVA

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 70233717.9.0000.5465

Instituição Proponente: Instituto de Biociências de Rio Claro/ Universidade Estadual Paulista -

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.318.775

Apresentação do Projeto:

Trata-se de uma pesquisa de doutorado de Renata Laudares Silva, sob a orientação da Profa. Dra. Gisele Maria Schwartz no programa de pós-graduação em Ciências da Motricidade do Departamento de Educação Física, Instituto de Biociências, Unesp, Campus de Rio Claro. O tema da pesquisa é: "REDES SOCIAIS: NOTAS SOBRE O EMPODERAMENTO FEMININO E O CORFEBOL"

Objetivo da Pesquisa:

Os objetivos da pesquisa são:

"Investigar as potencialidades da rede social Facebook®, no auxílio à difusão de valores de igualdade de gênero e empoderamento feminino, na visão de atletas e treinadores de Corfebol do Brasil e de Portugal, único esporte que possui equipes mistas e preza pela igualdade de gêneros no contexto esportivo."

"- Identificar como esses conteúdos estão contidos e se há diferenças nos depoimentos dos atletas e treinadores da modalidade Corfebol, expressos no Facebook® e por intermédio de questionário online.- Investigar o poder das hashtags na organização e identificação dos conteúdos relativos às temáticas de empoderamento, gênero e Corfebol."

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Sobre os riscos:

Endereço: Av.24-A n.º 1515
Bairro: Bela Vista **CEP:** 13.506-900
UF: SP **Município:** RIC CLARO
Telefone: (19)3526-9678 **Fax:** (19)3534-0009 **E-mail:** cepib@rc.unesp.br

UNESP - INSTITUTO DE
BIOCIÊNCIAS DE RIO CLARO
DA UNIVERSIDADE ESTADUAL



Continuação do Parecer: 2.318.775

"Conquanto os riscos de sua participação sejam pequenos e que esse instrumento - questionário - não deve lhe trazer nenhum tipo de constrangimento, há um pequeno risco que isso ocorra, desta forma, para minimizar esses riscos serão tomadas as providências e precauções, como proporcionar a liberdade ao senhor(a) de a qualquer momento se negar a responder qualquer pergunta, que não lhe seja conveniente ou que esteja desconfortável em respondê-la, além da realização do preenchimento do questionário ser de total privacidade e individualmente, beneficiando a sua particularidade, além disso, as questões poderão deixar de ser respondidas. Esclarecemos também que, outro procedimento para minimizar ainda mais esses riscos é o de manter sob amplo, absoluto e irrestrito sigilo, durante e após o término do estudo, todos os dados que o(a) identifique e todas as informações pessoais coletadas. Os dados serão confidencialmente utilizados somente para fins de pesquisa e científicos, serão apresentados em congressos, resumos e artigos, e também na forma de tese de doutorado. O material com as suas informações (questionário) ficará guardado sob a responsabilidade da pesquisadora, responsável com a garantia de manutenção do sigilo e confidencialidade."

Sobre os benefícios:

"Os benefícios decorrentes da participação na pesquisa, incluem o acesso que o senhor(a) terá sobre os resultados das avaliações realizadas, assim como a pesquisa permitirá ampliar o conhecimento sobre as temáticas de gênero, empoderamento feminino e esporte no contexto do Desenvolvimento Humano e Tecnologias, beneficiando, assim, as discussões acadêmicas, e conseqüentemente, abrindo caminho para novos olhares sobre a participação da mulher no esporte."

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

- Trata-se de um estudo de abordagem qualitativa com revisão sistemática sobre os temas propostos e uma pesquisa exploratória.

- A pesquisa exploratória será desenvolvida no ciberespaço, para tanto, fará uso da Netnografia. "Para se proceder à coleta de dados da pesquisa, primeiramente, serão enviados e-mails à Federação Brasileira de Corfebol, apresentando a pesquisa e seus objetivos e solicitando a autorização para o envio do questionário para as equipes. De posse dessa autorização, serão solicitados os contatos por e-mail dos membros das equipes, referentes a atletas, para que o questionário possa ser enviado.

Endereço: Av.24-A n.º 1515
Bairro: Bela Vista CEP: 13.506-900
UF: SP Município: RIO CLARO
Telefone: (19)3526-9678 Fax: (19)3534-0009 E-mail: cepib@rc.unesp.br

UNESP - INSTITUTO DE
BIOCIÊNCIAS DE RIO CLARO
DA UNIVERSIDADE ESTADUAL



Continuação do Parecer: 2.318.775

- Os instrumentos a serem utilizados para a coleta de dados são referentes a ao uso de questionário - o qual consiste em um roteiro com questões fechadas, elencadas em uma sequência lógica e aplicadas de maneira uniforme a todos os entrevistados.

- Quanto aos procedimentos metodológicos concernentes a coleta dos dados no campo virtual, será criado um protocolo de análise, contendo critérios que se configuram em um "kit de ferramentas", que conduzirão à captação mais precisa dos dados a serem analisados. Estas categorias foram criadas com base nos estudos de Oliveira (2016), sendo referentes a: Pessoas/coisas presentes nas fotos; Pessoas/coisas presentes nos vídeos; Local; Momento; Presença dos patrocinadores nas imagens e vídeos; Uso das hashtags. Torna-se premente enfatizar que, com o decorrer da análise, outras categorias poderão ser acrescentadas, caso haja necessidade de redistribuir os conteúdos, enfatizando a melhor compreensão dos dados.

- Outra ferramenta importante no que tange à captação de dados a ser utilizada, são os downloads das comunicações de dados julgados pertinentes ao estudo e o diário de campo.

- Participantes: 20 participantes, sendo atletas de Corfebol do Brasil, que se dispuserem a participar do estudo.

- Para a coleta de dados no ambiente virtual, os conteúdos a serem captados e analisados das páginas do Facebook® serão, em princípio, delimitados pelo uso das hashtags, as quais conduzirão aos arquivos dos conteúdos pretendidos pelo estudo. Pelo fato de a rede social Facebook® disponibilizar a publicação de fotos, estas serão analisadas com base na Sociologia Visual, pois, a imagem é detentora de significados e fonte de transmissão de importantes dados nas pesquisas sociais.

- Forma de análise dos dados: Técnica de Análise de Conteúdo. Para tanto, as respostas provenientes da entrevista serão categorizadas em eixos temáticos elaborados a priori, como prevê essa técnica de Análise de Conteúdo. Os resultados obtidos serão representados e distribuídos de formas percentual e por frequência.

- A pesquisadora apresenta um protocolo de avaliação contendo os questionários fechados para

Endereço: Av.24-A n.º 1515
Bairro: Bela Vista CEP: 13.506-900
UF: SP Município: RIO CLARO
Telefone: (19)3526-9678 Fax: (19)3534-0009 E-mail: cepib@rc.unesp.br

UNESP - INSTITUTO DE
BIOCIÊNCIAS DE RIO CLARO
DA UNIVERSIDADE ESTADUAL



Continuação do Parecer: 2.318.775

os participantes da pesquisa (atletas e treinadores).

- Em arquivo intitulado Cronograma , no projeto de pesquisa e nas IBPs a pesquisadora informa que iniciará a coleta de Julho a Dezembro de 2018.

- A pesquisadora apresenta um TCLE endereçado a seus participantes.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Em parecer anterior o CEP indicou uma lista de inadequações, as quais foram atendidas, como segue:

- a pesquisadora esclarece como se constituirá o contato com os participantes da pesquisa.

- a assinatura da orientadora foi retirada como sugerido.

- O título do projeto foi corrigido no final do texto do TCLE.

- a informação errônea sobre o CEP no corpo do TCLE foi retirada.

- a pesquisadora decidiu retirar a participação de atletas de Portugal, considerando apenas os atletas do Brasil. Essa alteração foi realizada em todos os documentos, como necessário.

Recomendações:

Não há

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

O CEP REFERENDA O PARECER DO RELATOR:

"Recomendo a aprovação".

Considerações Finais a critério do CEP:

O projeto encontra-se APROVADO para execução. Pedimos atenção aos seguintes itens:

- 1) De acordo com a Resolução CNS nº 466/12, o pesquisador deverá apresentar relatório final.
- 2) Eventuais emendas (modificações) ao protocolo devem ser apresentadas, com justificativa, ao CEP de forma clara e sucinta, identificando a parte do protocolo a ser modificada.

Endereço: Av.24-A n.º 1515
Bairro: Bela Vista CEP: 13.506-900
UF: SP Município: RIO CLARO
Telefone: (19)3526-9678 Fax: (19)3534-0009 E-mail: cepib@rc.unesp.br

UNESP - INSTITUTO DE
BIOCIÊNCIAS DE RIO CLARO
DA UNIVERSIDADE ESTADUAL



Continuação do Parecer: 2.318.775

- 3) Sobre o TCLE: caso o termo tenha DUAS páginas ou mais, lembramos que no momento da sua assinatura, tanto o participante da pesquisa (ou seu representante legal) quanto o pesquisador responsável deverão RUBRICAR todas as folhas , colocando as assinaturas na última página.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_899863.pdf	04/10/2017 20:34:50		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETODEPESQUISALAUDARES04102017.pdf	04/10/2017 20:34:11	RENATA LAUDARES SILVA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLELAUDARES04102017.pdf	04/10/2017 20:32:33	RENATA LAUDARES SILVA	Aceito
Cronograma	CRONOGRAMALAUDARES04102017.pdf	04/10/2017 20:30:18	RENATA LAUDARES SILVA	Aceito
Brochura Pesquisa	PROTOCOLOAVALIACAOLAUDARES04102017.pdf	04/10/2017 20:29:22	RENATA LAUDARES SILVA	Aceito
Folha de Rosto	folhaDeRostoRenataLaudares.pdf	23/06/2017 07:53:55	RENATA LAUDARES SILVA	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

RIO CLARO, 06 de Outubro de 2017

Assinado por:
Flávio Soares Alves
(Coordenador)

Endereço: Av.24-A n.º 1515
Bairro: Bela Vista CEP: 13.506-900
UF: SP Município: RIO CLARO
Telefone: (19)3526-9678 Fax: (19)3534-0009 E-mail: cepib@rc.unesp.br

